

Diários Design e Materialidades

O projeto editorial como estratégia poética de
publicação de diários íntimos

Victor Silva Morais Furtado

Universidade Federal do Ceará
Centro de Tecnologia
Curso de Design



Universidade Federal do Ceará
Curso de Design

Victor Silva Morais Furtado

Diários, Design e Materialidades

O projeto editorial como estratégia poética de publicação de diários
íntimos

Fortaleza
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F989d Furtado, Victor Silva Morais.

Diários, design e materialidades : o projeto editorial como estratégia poética de publicação de diários íntimos / Victor Silva Morais Furtado. – 2021.
194 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, Curso de Design, Fortaleza, 2021.

Orientação: Profa. Dra. Claudia Teixeira Marinho.

1. Diários íntimos. 2. Design. 3. Materialidade. 4. Quarto de despejo. 5. Arte urbana. I. Título.

CDD 658.575

Victor Silva Morais Furtado

Diários, Design e Materialidades

O projeto editorial como estratégia poética de publicação de diários íntimos

Trabalho apresentado à Universidade Federal do Ceará, como parte das exigências para a plena realização do Trabalho de Conclusão de Curso.

Fortaleza, ____ de _____ de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Claudia Teixeira Marinho
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Aléxia Carvalho Brasil
Convidada interna

Prof^a. Dr^a. Gabriela Frota Reinaldo
Convidada externa

“Tudo é produção: produção de produções, de ações e de paixões; produções de registros, de distribuições e de marcações; produções de consumos, de volúpias, de angústias e de dores. Tudo é de tal modo produção que os registros são imediatamente consumidos, consumados, e os consumos são diretamente reproduzidos. Tal é o primeiro sentido de processo: inserir o registro e o consumo na própria produção, torná-los produções de um mesmo processo.”

-Deleuze & Guatarri

Resumo

O trabalho parte da definição conceitual de diferenciação da ‘obra textual’ e da ‘obra livro’. Dessa forma, a materialidade do livro é entendida como um projeto em que o designer se configura enquanto autor, diferente da ‘obra textual’ que toma o escritor para sua autoria. De maneira similar, a bibliografia escolhida configura os diários íntimos como um local de apropriação de diversas materialidades em sua composição física e autoral. Para além de serem constituídos pela escrita, os diários carregam recortes, colagens, fotografias, post-its, desenhos, bilhetes, entre outras intervenções que constituem os processos intersemióticos de comunicação destes artefatos. À vista disso, e tomando o projeto editorial como um lugar experimental de poética do próprio designer, este trabalho se dispõe a refletir sobre as diferentes autorias e subjetividades que cruzam os diários íntimos quando estes passam pelo processo de editoração e publicação. Sob uma abordagem qualitativa e exploratória, a pesquisa se utiliza de uma bibliografia que traça caminhos entre Arte, Design e Literatura, por meio de uma metodologia que parte do Metadesign e do Metaprojeto como maneira de abarcar, categorizar e refletir sobre as temáticas investigadas. Tomando como objeto de pesquisa o livro ‘Quarto de despejo: diário de uma favelada’ de Carolina Maria de Jesus, investigamos maneiras de pensar esta obra literária enquanto corpo a um projeto editorial, tendo em vista o campo do Design como um ambiente experimental e poético à prática de projeto. Como resultado da pesquisa, obteve-se uma série de intervenções urbanas em formato de murais e lambe-lambes que servem à reflexão do processo de editoração de diários íntimos e ao designer enquanto conformador importante aos processos editoriais.

Palavras-chave: Design; Diários íntimos; Arte urbana; Materialidade; Quarto de despejo.

Abstract:

The paper starts from the conceptual definition of differentiation of the 'textual work' and the 'book work'. In this way, the book materiality is understood as a project in which the designer configures himself as author, different from the textual work that takes the writer for its authorship. Similarly, the chosen bibliography configures the diaries as a site of appropriation of several materialities in its physical and authorial composition. Besides being constituted by writing, diaries carry clippings, collages, photographs, post-its, drawings, notes, among other interventions that constitute the intersemiotic processes of communication of these artifacts. In view of this, and taking the editorial project as an experimental place of poetics of the designer himself, this paper aims to reflect on the different authorships and subjectivities that cross the intimate diaries when they go through the process of editing and publishing. Under a qualitative and exploratory approach, the research uses a bibliography that traces paths between Art, Design and Literature, through a methodology that is based on Metadesign and Metaproject as a way to encompass, categorize and reflect on the investigated themes. Taking as research object the book 'Quarto de despejo: diário de uma favelada' by Carolina Maria de Jesus, we investigate ways of thinking this literary work as the body of an editorial project, having in mind the field of Design as an experimental and poetic environment to the project practice. As a result of the research, we obtained a series of urban interventions in the format of murals and 'lambe-lambes' that serve to reflect on the publishing process of intimate diaries and the designer as an important shaper to editorial processes.

Keywords: Design; Diaries; Urban art; Materiality; Child of the dark.

Agradecimentos

À minha mãe e ao meu pai, por terem sempre apoiado minhas decisões e caminhos, mesmo aqueles onde nem eu mesmo sabia o destino.

À Universidade Federal do Ceará, que me proporcionou durante anos os mais diversos aprendizados. É uma honra ter feito parte dessa instituição sentindo na pele dia após dia as maravilhas que o ensino público brasileiro tem a oferecer pro mundo.

À professora Claudia Marinho, por sua paciência, seus questionamentos e seus incentivos em relação a tudo que eu queria estudar. Obrigado por ter me ensinado que toda e qualquer revolução é possível.

À professora Aléxia Brasil, por todas as suas contribuições. Obrigado por trazer sempre a intuição e o desenho como modos de se relacionar com a realidade.

À professora Gabriela Reinaldo, por seu aceite e atenção para com este trabalho. Obrigado por mostrar que, após tudo, sempre haverá a Poesia.

Ao grupo inteiro da Metadisciplina, por todos os momentos inexplicáveis de plena fruição com a vida, com a universidade e com a sociedade. Com vocês, pude me reconectar ao mundo.

Ao Adson, por todas as elucidações que você me mostrou afetiva e profissionalmente.

À Alessandra, por todo tipo de instiga e de VIAGI que embarcamos juntos. Suas ideias e sua perseverança em realizar tudo que é seu por direito vai mudar o mundo.

Ao Alexander, por todas as ágoras que vão do surgimento dos hominídeos à morte dos cyber-deuses.

À Alline, por todas as inquietações, leituras, filmes e experiências trocados. Foi muito bom partilhar contigo tantos momentos ao longo da graduação.

À Lya, por ter me trazido tanta arte e compaixão como algo intrínseco à existência das coisas. Se ter você como parceira de monitoria já foi incrível, te reencontrar como professora será inexplicável.

À Marina, por todos os incentivos possíveis nessa reta final do nosso ciclo juntos. Sem a sua existência eu não poderia ter ido tão longe o quanto fui. Obrigado por me abrir os olhos a coisas sobre mim que nem eu sabia.

À Rafa, por mostrar que a melhor forma de me expressar é entendendo minhas vulnerabilidades e pondo em xeque meus próprios questionamentos sempre.

À Renata, por todas as crônicas filosóficas que pude vivenciar sempre que tenho o prazer de estar contigo.

À Vitoria, por todas as formas de olhar com tanta leveza para a vida.

Ao professor Eduardo, por me mostrar a beleza de andar pelos meus próprios labirintos como um aventureiro.

E um agradecimento especialíssimo à professora ~~Anna-Lúcia~~ Lilu, por ter me acolhido como monitor, pesquisador e amigo. Além de tudo isso, por ter me mostrado a força que as paixões exercem em tudo que tocamos.

À Glenda e à Gabriela, por serem minhas eternas amigas e musas.

A todos os amigos, parcerias, companhias, histórias, e idas e vindas que esse percurso inteiro proporcionou.

A todos os Tudos, todos os Nadas e todos os Deuses.

Ao início, ao fim e ao meio.

Lista de Figuras

Figura 1 - Organismo - Décio Pignatari.....	21
Figura 2 - Cenas de ‘Alice no país das maravilhas’ ilustradas por John Tenniel.....	22
Figura 3 - Boîte-en-valise - Marcel Duchamp.....	23
Figura 4 - Fragmento do poema ‘Un coup des dés’ de Mallarmé.....	26
Figuras 5 e 6 - Fragmento dos manuscritos de Lima Barreto.....	35
Figura 7 - Capa de ‘Quarto de despejo’.....	48
Figuras 8 e 9 - Capa e nota dos editores da edição de 2014 pela editora Ática.....	49
Figura 10 - Diagrama da análise de Quarto de Despejo.....	55
Figura 11 - Diagrama da produção do projeto.....	60
Figuras 12 e 13 - Recortes de anúncios residenciais.....	61
Figura 14 - Colagem de Vida.....	62
Figura 15 - Colagem de Morte.....	62
Figura 16 - Colagem de Despejo.....	63
Figura 17 - Colagem de Deleite.....	63
Figura 18 - Colagem de Revolução.....	64
Figura 19 - Diagrama da leitura do projeto.....	66
Figura 20 - Digitalização do registro de 5 de Dezembro de 1958.....	67
Figura 21 - Reprodução digital da letra <Q> maiúscula.....	67
Figura 22 - Experimentações tipográficas a partir da caligrafia de Carolina.....	69
Figura 23 - Comparativo dos ajustes de legibilidade.....	70
Figura 24 - Ajustes feitos a tornar a forma da imagem mais fluida.....	70
Figura 25 - Fragmentos dos manuscritos de Carolina.....	71
Figura 26 - Palavra ‘revolução’ sob os devidos ajustes.....	71
Figura 27 - Colagens com suas respectivas palavras.....	72
Figura 28 - Elementos a comporem o mural de Vida.....	73
Figura 29 - Exemplos de formas de composição contendo os mesmos elementos.....	74
Figura 30 - Etiqueta com o título do livro e o nome da autora.....	75
Figura 31 - QR Code e endereço eletrônico do blog.....	76
Figura 32 - Colagem pronta de ‘Vida’.....	78
Figura 33 - Colagem pronta de ‘Morte’.....	79
Figura 34 - Colagens prontas de ‘Deleite’ e ‘Despejo’.....	80
Figura 35 - Colagem pronta de ‘Revolução’.....	81
Figura 36 - Composição com duas categorias juntas.....	83

Figura 37 - Composição 'Vida' distribuída em folhas A4.....	84
Figura 38 - Captura de tela da página inicial do blog.....	85
Figura 39 - Montagem analógica do mural aplicado I.....	86
Figura 40 - Montagem analógica do mural aplicado II.....	87
Figura 41 - Captura de tela do local de aplicação.....	88
Figura 42 - Aplicação do mural I.....	89
Figura 43 - Aplicação do mural II.....	90

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Listagem das letras reproduzidas digitalmente.....	68
--	----

Sumário

Parte I

Apresentação.....	15
Pergunta de pesquisa.....	16

Fundamentação I

1.Livros como abertura a proposições poéticas.....	17
1.1.O livro como artefato.....	17
1.2.A leitura como fruto da materialidade do livro.....	19
2.Projetos editoriais como local de atuação do Design.....	23
2.1.O legado das vanguardas à materialidade gráfica.....	24
2.2.Práxis e tecnologias.....	27
3.Objetivo Geral e Objetivos específicos.....	28
4.Justificativa.....	29

Fundamentação II

5.Fundamentos do projeto.....	30
6.Objeto.....	32
6.1.Diários íntimos como meta-materialidade.....	32
6.2.‘Quarto de despejo: diário de uma favelada’ de Carolina Maria de Jesus.....	37
6.2.1.Quem é Carolina.....	37
6.2.2.O que é ‘Quarto de despejo’.....	40
6.2.3.Por que ‘Quarto de despejo’.....	40
7.Metodologia de pesquisa.....	42
7.1.Diretrizes de projeto.....	44

Parte II

8.Introdução.....	46
9.Metodologia de projeto.....	46
10.Fazendo morada em Quarto de despejo.....	47

10.1.As diferentes efemeridades carolínicas.....	49
10.2.As formas do momentâneo escrito.....	52
10.3.Escolha dos momentos.....	56
11.O papel como escritura.....	58
12.Artifícios de Design na comunicação urbana.....	66

Parte III

13.Resultados.....	78
14.Aplicação.....	85
15.Considerações finais.....	91
16.Referências bibliográficas.....	93
17.Anexos.....	96
17.1.Anexo A - ‘O processo’, diário de projeto.....	96
17.2.Anexo B - Citações categorizadas de ‘Quarto de despejo’.....	180
17.3.Anexo C - Dimensões dos componentes das proposição de mural.....	187
17.4.Anexo D - Compilado de fotos da aplicação do mural.....	190

Apresentação

O modo experimental e intuitivo de realizar projetos sempre foi a maneira com a qual mais me familiarizei. Ao me propor a agir por meio da despreensão de um resultado específico, vi nas tentativas experimentais uma maneira de lidar com os acasos e com as transformações de um projeto não como obstáculos, mas como uma forma de conversar com o próprio processo de produção. A experimentação subverte o que se entende por tentativa e erro ao transformar esses dois elementos em um ‘algo’ comum. Aquilo que poderia ser considerado erro é absorvido como processo, e isso não coloca o resultado previsto ao canto, no lugar do descarte, e sim o incorpora como uma forma de dar continuidade ao que se pretende descobrir fazer.

A experiência dentro da universidade me abriu ainda mais os olhos para isso. Comecei a enxergar a absorção dos acasos pelo processo a cada dia que ia assistir minhas aulas. Passei a construir os meus trajetos não objetivando o que eu mais queria aprender, mas deixando que os próprios caminhos me dissessem aquilo que estavam dispostos a me ensinar.

Quando processos são feitos desse modo, suas descobertas e seus conhecimentos incorporados funcionam como tesouros, como joias, como achados. Como encontrar um livro que anteriormente nem se procurava numa ida despreensiva a um sebo. Como encontrar uma companhia ao ir sozinho ao bar. Como descobrir uma cidade nova ao mudar a rota do caminho corriqueiro. A experimentação torna o espaço-tempo dos momentos de projeto um ponto-chave ao entendimento de criação, em vez de tomá-los apenas como registro processual de um resultado futuramente desejado.

É assim que este trabalho se inicia. Sua feitura deu-se diariamente, e grande parte sem saber qual seria o resultado. Aquilo que pude fazer enquanto designer e propositor desta pesquisa foi investigar, anotar e relacionar as reflexões vistas/obtidas e seguir investigando. Dessa forma de viver e projetar, acredito que é possível tornar o acaso um elemento de linguagem às práticas que me proponho. Devido a isso, abordaremos o fazer do design neste trabalho como um ato complexo e carregado de subjetividades, em contrário à corrente de pensamento modernista, industrial e linear ainda muito presente na área.

Apesar do nascimento deste trabalho se relacionar com muitos acasos, o ponto de partida das temáticas aqui tratadas se dão por interesses e vivências pessoais de certa forma

bem sedimentadas. O aprofundamento na produção de diários sob um olhar acadêmico manifestou-se em mim especificamente em 2018 com minha entrada no grupo de pesquisa em Metadisciplina, no qual o uso de diários configura-se como uma técnica poética, didática e projetual instigante ao espaço educacional.

Participando da Metadisciplina enquanto pesquisador e diarista, pude ver como os diários me instigavam de maneira curiosa. Junto a isso, estava o meu fascínio em ler diários de escritores que muito me interessavam, pois via em seus diários íntimos uma meta-forma de se pensar obras literárias. O foco inicial deste trabalho modificou-se com o tempo em decorrência da pandemia de COVID-19. No entanto, o presente momento pandêmico incorporou-se aos rumos e temáticas que eu já queria estudar e tornou possível analisar novos aspectos do ato de fazer diários íntimos que não foram pensados inicialmente. Sendo assim, para guiar a leitura do que será tratado, propomos a seguinte pergunta-problema concernente à pesquisa:

Qual compreensão do Design emerge a partir da ideia de projeto gráfico como experimentação poética-formal?

Tomaremos o estudo das publicações editoriais de diários íntimos como foco para articularmos a questão proposta. Para tanto, iremos investigar a expressão por meio de livros e suas inter-relações de produção para com o campo da Arte, do Design e da Literatura. Partiremos então do estudo da materialidade como meio de comunicação, a fim de refletir acerca do posicionamento autoral do designer/conformador perante a produção e publicação de livros.

A organização das temáticas tratadas pelo projeto e pelo encaminhamento de seus processos são contempladas respectivamente pelas seguintes abordagens conceituais do Design: O Metaprojeto, por Dijon de Moraes; e o Metadesign, por Caio Adorno Vassão. Em se tratando especificamente do objeto de pesquisa, optamos pelo livro ‘Quarto de despejo: diário de uma favelada’ de Carolina Maria de Jesus, cujo qual será contextualizado em sua produção, conteúdo e repercussão, constituindo-se como ponto de partida ao pensar uma proposição de publicação.

Fundamentação I

1. Livros como abertura a proposições poéticas

O vasto corpo teórico existente ao redor do livro como objeto de pesquisa estabelece de maneira clara o fascínio e a importância deste objeto para a sociedade. Resulta-se disso o entendimento notório de que o livro e os elementos de sua produção configuram-se como uma forma material de atuação simbólica no mundo. Concernente a estas formas de atuação, o campo do Design abarca o livro como uma de suas possibilidades de produção.

Devido a isso, o livro torna-se um resultado de projeto, já que a linguagem projetual é uma das maneiras mais características de criação em design. Por se colocar como um mediador entre significações e, neste caso, dentro também de um mediador de significações potentes, a projeção editorial adiciona camadas àquilo que se entende por autoria. Por isso, para entendermos o projeto experimental como produtor de livros, partiremos de duas concepções: A primeira compreende o livro como um artefato, algo separado à obra textual e que diz respeito às múltiplas autorias em sua concepção. Já a segunda, compreende a leitura como uma rede complexa de diferentes processos, sendo esta rede mediada pela leitura que o livro em si possui enquanto forma de linguagem.

1.1 O livro como artefato

Para iniciarmos nossa discussão, coloca-se um pequeno fragmento de Silveira (2008) e sua relação com os livros, que proporciona diferentes questionamentos acerca daquilo que produzimos enquanto designers:

“Gosto de observar as ilustrações, de perceber a trama da retícula de impressão, de encontrar um desajuste nas cores: descobrir o magenta e o amarelo por detrás do vermelho. Gosto de contar os seus cadernos, ver como são costurados e quantas páginas há em cada um. E gosto de suas marcas de tempo: as páginas amareladas, manchas de uso, anotações nas margens, os nomes em esferográfica de seus donos. Tudo evidenciando que *um livro¹ é um objeto*. Ele *não* é a obra literária. A obra literária é de escritores, pesquisadores, publicadores.

¹ Todos os grifos do trecho citado estavam presentes na obra original.

O livro é de artistas, artesãos, editores [e de designers]. É de conformadores.”
(SILVEIRA, P., 2008, p.13)

A dificuldade de se entender enquanto autor não é uma característica externa aos designers, mas sim quase intrínseca a nós, considerando a visão modernista comumente encontrada no mercado de trabalho do fazer design como um resolutor [rápido] de problemas, o que reduz toda a laboração da área a um campo onde dificilmente há possibilidade de proposições.

Em se tratando do espaço concernente à produção editorial, o trabalho exercido pelo designer é muitas vezes tido como um suporte adicional e meramente estético² à publicação de livros, em vez de ser entendido como uma articulação complexa de materiais e processos heterogêneos de projeto que se relacionam com o fruidor da obra. Faz-se necessário destacarmos que este exemplo desconsidera outros diversos níveis a serem levados em conta paralelamente à produção de livros, como a distribuição, o número de exemplares, o orçamento disponível, etc. Em resumo, a atividade do designer é entendida como um trampolim ao trabalho de outrem(ns) que não o seu e, por mais presente que o(a) designer seja, seu trabalho é entendido como algo simples e remanejável dentro do processo de criação.

Isso resulta na visão de que o Design é um modo de auxílio a projetos de terceiros em vez de área de conhecimento propositora de atuação concreta³. Sendo assim, tratamos aqui de autoria como a noção de produtor da obra ou, em se tratando de livros, da noção de co-autoria junto a escritores na publicação de artefatos editoriais, já que estes artefatos são resultados de projeto.

² O estético neste caso não é entendido como o campo filosófico, e sim como a ideia encontrada no jargão que diz que “a função dos designers é embelezar as mais diversas coisas”.

³ A esse fato, pode-se relacionar suas consequências individuais e coletivas àquilo que David Graeber coloca como “Bulshit Jobs” (‘Trabalhos de merda’ em tradução livre). Onde muitas vezes os trabalhadores se entendem como facilmente descartáveis em seu emprego e/ou entendem que seu trabalho não faz diferença alguma ao funcionamento da sociedade, sendo este um outro patamar da alienação do trabalho sob o olhar marxista. Muito embora alguns paradigmas da visão industrial continuem praticamente os mesmos em se tratando de lucro, a atividade do designer coloca-se de maneira complexa e irregular dentro deste sistema já que, pelo menos no Brasil, a profissão ainda não possui legitimação institucional. Tal fato contribui ainda mais ao não entendimento da atuação profissional da área por parte dos próprios designers.

A seguir, discutiremos uma das maneiras de como é possível entendermos de modo mais detalhado a importância do designer enquanto conformador de ideias, conceitos e subjetividades em objetos concretos. Nossas ideias serão postas de modo a fazer entender que designers também trabalham de modo Estético.

1.2 A leitura como fruto da materialidade do livro

O historiador Roger Chartier (1994) investiga a **leitura de textos como um fenômeno complexo**. Utilizando um excerto de Michel de Certeau⁴, Chartier ilustra-nos como a leitura é um ato efêmero porém rico em interpretações. Para o autor, a escrita é um objeto estático e fixo, já a leitura é uma fonte de inesgotáveis compreensões. Aquilo que é entendido pela leitura de um texto modifica-se entre leitores individuais e comunidades de leitores, haja vista as diferenças culturais e intelectuais de cada leitor. No entanto, Chartier deixa claro que o contato com a leitura passa sempre pela mediação de uma materialidade que é imprescindível às significações possíveis de interpretação de determinado texto. Dessa forma, assim como Silveira, o autor também compreende a diferença entre a obra textual e a obra material sob a qual encontra-se a produção do artefato ‘livro’.

“Seja o que quer que façam, os autores não escrevem livros. Os livros não são absolutamente escritos. Eles são fabricados por copistas e outros artífices, por operários e outros técnicos, por prensas e outras máquinas.” (STODDARD, 1987 apud CHARTIER, 1994, p.17)

Para R. Chartier, devemos salientar a importância de “separar dois conjuntos de dispositivos frequentemente confundidos: os procedimentos de produção de textos de um lado, e os de produção de livro de outro” (CHARTIER, 1994, p.95). Partindo destas diferenciações, seria possível considerarmos o livro de artista como um exemplo material consideravelmente tensor aos preceitos que rondam aquilo que se entende classicamente como ‘livro’. No entanto, faremos uma aproximação desta temática sob um olhar

⁴ “[...] os leitores são viajantes: eles circulam sobre as terras de outrem, caçam, furtivamente, como nômades através de campos que não escreveram [...]. A escrita acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar, e multiplica sua produção pelo expansionismo da reprodução.” In Michel de Certeau. **L’invention du quotidien I**.

vetorialmente inverso mas não contrário: não partiremos do estudo do livro de artista como principal aporte teórico, mas sim o estudo de artistas que produziram livros.

Tal decisão não é feita somente em decorrência da necessidade de direcionamento à área de conhecimento sob a qual este trabalho se insere, mas advém também como uma maneira de instigar uma aproximação ao campo da Arte por meio da linguagem projetual tão característica do design. Apesar da inversão mencionada, esta ótica projetual sob artefatos artísticos se constitui como uma potência formal às proposições editoriais, ela não se coloca de maneira oposta ao entendimento dos livros de artista, mas sim de maneira complementar.

A assimilação do livro como uma linguagem é feita de maneira categórica por Julio Plaza (1982, p.6). De acordo com o autor, o livro é uma estrutura espaço-temporal própria onde é possível inserir diferentes linguagens. Parte-se do ponto que os livros são matrizes de uma linguagem sensível. Sendo assim, a criação artística possibilita uma crítica ao formato tradicional do livro e da leitura. Nesta abordagem, a tradição formal dá espaço à tradução criativa, tomando assim o livro como montagem de signos.

Em seu artigo, Plaza contextualiza as relações histórico-sociais que dizem respeito às artes e à tecnologia dos anos 60 e 70 para entender como estas afluem ao surgimento da prática de criação de livro de artista como meio crítico e criativo. Para o autor, não coincidentemente, estes artefatos são criados como objetos de design. Isso é justificado pelo fato de que em sua produção, os autores de livros de artista preocupam-se tanto com o conteúdo quanto com a forma do resultado de sua criação. A essa conformação, o autor chama de ‘forma-significante’.

Dentre as condições explanadas, está o surgimento da sociedade de massas que põe à teste a quantidade como qualidade da obra de arte (PLAZA, 1982 *apud* BENJAMIN, 1953, p.45-52). Junto a isso, estão as diferentes formas de reprodução dos novos meios de comunicação que inserem-se no campo da arte como uma maneira de questionar a visão tradicional de privilégio às artes visuais. Em meio a estas reproduções comunicacionais está o livro que, para J. Plaza, deve ser encarado por meio de uma concepção semiótica.

Iniciando a estrutura categórica proposta, diferencia-se as três montagens possíveis aos trabalhos da arte: A montagem sintática; A montagem semântica; e A montagem

pragmática ou bricolagem. De maneira resumida, a montagem sintática diz respeito à mensagem estética em si e é predominantemente autoreferente, sua organização dá-se por meio da ambiguidade de significados decorrentes de sua autoreferência (Figura 1)⁵.



Figura 1: Organismo - Décio Pignatari

Fonte: Enciclopédia virtual Itaú Cultural

O poema de Décio Pignatari exprime uma montagem sintática pois há uma subversão nos diferentes significados à leitura da obra mesmo que sua forma não se modifique. A obra é categorizada por Julio Plaza como um poema-livro, tendo em vista sua composição em páginas.

A segunda, mesmo ao privilegiar a semelhança, tende à diferenciação. Dessa forma, a montagem semântica favorece a similaridade de significado e não a forma deste, o livro ilustrado é um dos exemplos dados por Julio Plaza deste tipo de montagem (Figura 2)⁶.

⁵ Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra33541/organismo> ; acesso em out. 2020

⁶ Disponível em: <https://darksidede.blog.br/perfil-quem-era-john-tenniel-o-ilustrador-de-alice-no-pais-das-maravilhas/> ; Acesso em out. 2020.

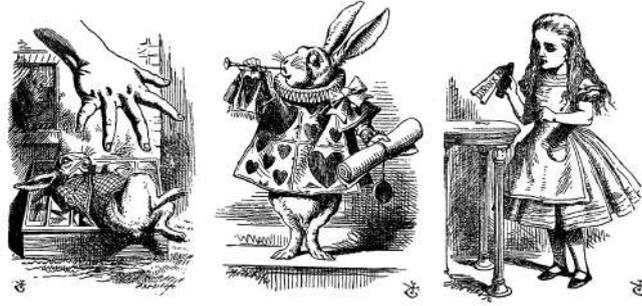


Figura 2: Cenas de ‘Alice no país das maravilhas’ ilustradas por John Tenniel

Fonte: Editora Darkside - Dark Blog

As ilustrações de John Tenniel para a obra clássica de Lewis Carroll configuram-se como uma montagem semântica, já que as imagens funcionam como complementos ao texto (PLAZA, 1982). Tenniel retrata aquilo que era descrito dentro da linguagem verbal como uma autorreferência da própria mensagem. Mídias diversas carregam então uma similaridade de significado mesmo sob formas representativas diferentes.

Por fim, no terceiro tipo de montagem reside a tendência à mistura e à junção de elementos provenientes de outras estruturas estéticas. Faz-se necessário pontuar que as divisões dos modos de montagem configuram-se como uma forma de compreensão qualitativa sem constituir uma categoria valorativa.

A definição ‘Livro Inter-Media’ é dada a um dos tipos de livros que são produzidos por meio da montagem pragmática (PLAZA, 1982). Este tipo de publicação caracteriza-se por seus atritos semióticos, já que contém diferentes produções artísticas em seu conteúdo, o que torna comum encontrarmos livros inter-media que possuem um caráter coletivo de autores. Tal artefato não estrutura uma síntese dos códigos artísticos aos quais se refere, e sim permite um diálogo polifônico entre seu caráter de pensamento inacabado (Figura 3)⁷.

⁷ Disponível em:

https://www.moma.org/interactives/exhibitions/1999/muse/artist_pages/duchamp_boite.html ; acesso em out. 2020



Figura 3: Boîte-en-valise - Marcel Duchamp

Fonte: Acervo digital do Museu de Arte Moderna, Nova York

A intersemiose presente nos livros inter-media configura uma perspectiva potencialmente poética e inovadora às maneiras de realização de projetos, algo que, se incorporado aos projetos editoriais de design, abre novos horizontes aos modos de produção da área.

2.Projetos editoriais como local de atuação do Design

Estabelecidas as possíveis diferentes autorias entremeadas à criação de livros e à atuação do designer neste processo, faz-se necessário aproximar a discussão aos entendimentos que o campo do Design historicamente possui em se tratando da articulação de materialidades gráficas. Para isso, discutiremos acerca de questões ligadas às origens da área tanto sob suas características técnicas quanto suas características conceituais.

A diferenciação de características é aqui feita apenas como uma maneira de introduzir o assunto, já que um aspecto funciona complementarmente ao outro. Esta afinidade é bem explorada ao pensarmos o funcionamento da área voltado às suas questões e origens artísticas, pois estas assimilaram, e ainda assimilam, a materialidade como linguagem.

2.1 O legado das vanguardas à materialidade gráfica

Entendimentos unânimes que dizem respeito à área do design não são de maneira alguma comuns. Ao nos aprofundarmos em diferentes campos de conhecimento, facilmente podemos nos encontrar abarcados por esta situação, porém, em se tratando de design, as dúvidas e incertezas conceituais são postas desde o estabelecimento de onde se daria o local e a data de origem da área deste tipo de conhecimento. Isso não é coincidência, o design em sua dinamicidade é composto por constantes tensões em seu interior. Frequentemente encontra-se em sua atuação um jogo entre subjetividade e objetividade, entre razão e intuição, entre o entendimento a questões relacionadas à exterioridade e à expressão individual (SOUZA LEITE, 1997).

Sob o ponto de vista mais técnico, para Meggs (2009), a profissão de designer gráfico consiste na desembocadura de diversos aspectos históricos, sociais e tecnológicos de diferentes civilizações. Sumariamente, o exercício profissional de designer gráfico herdou em sua formação aspectos do trabalho de escribas sumérios, artesãos egípcios, iluminadores e impressores medievais, e muitos outros trabalhadores que se relacionavam direta ou indiretamente às artes gráficas e à escrita. As atividades desempenhadas por todos estes indivíduos evoluíram de maneira íntima juntamente às possibilidades tecnológicas de suas respectivas épocas. Dessa forma, estruturaram-se as conformações de criação, produção e publicação de diferentes tipos de artefatos gráficos. Tais conformações realizam-se até hoje como resultado da amálgama histórico-social das atividades passíveis de serem realizadas por designers gráficos. Parte das discussões contemporâneas da área estão bastante voltadas a investigar possibilidades de exploração e conformação técnica e estética de proposições gráficas junto aos novos meios de comunicação digitais e analógicos.

Avante à concepção técnica, o design gráfico é uma atividade que envolve também o social e as significações do contexto sob o qual está inserido (GRUSZYNSKI, 2008). Desse modo, aquilo que é produzido pelo design gráfico se constitui como uma articulação entre signos visuais que tem por objetivo a produção de determinada mensagem considerando-se seus aspectos informativos, estéticos e persuasivos. Em certo contraponto à perspectiva de

Meggs, para Gruszynski o entendimento do design como área de atuação profissional é um resultado próprio da modernidade⁸.

Muito embora existam grandes relações entre o design e o funcionamento do sistema capitalista, existem também as relações da área que podem ser vistas sob o ângulo das artes de vanguarda. A crítica vanguardista surge como ruptura em meio às crescentes transformações do mundo moderno. Para além de transmitir o emocional em sua produção, a arte agora passa a ser constitutiva da realidade concreta e provocadora de realidades implícitas (BÜRGER, 1974 *apud* CAPARELLI, GRUSZYNSKI & KMOHAN, 2008, p.68). A constituição epistemológica das vanguardas possui sua produção de sentido ao não separar-se o projeto estético do projeto teórico (*Ibid*, p.69).

Dessa forma, a produção artística passa a buscar novas dimensões da poesia que era cerceada pela divisão modernista dos processos tecnológicos ao colocar a expressão subjugada aos processos industriais, voltando-se aos aspectos materiais da composição de objetos artísticos capturados pelo cientificismo e pela economia moderna. Dentre os exemplos fornecidos por Caparelli *et al* (2008, p.70) está o uso de tipos e de letras em suas materialidades. De maneira inovadora, as letras deixam a forma rígida e gramatical da composição do texto escrito e libertam-se adquirindo um caráter imagético e ressignificado dentro da comunicação visual (Figura 4)⁹.

⁸ Para a autora, esta concepção se dá temporalmente com a ocorrência da Revolução Industrial no séc. XVIII e sua mudança nos modos de produção de maneira tecnológica.

⁹ Disponível em: <<http://www.see-this-sound.at/files/784/original/original.jpg>> ; acesso em out. 2020

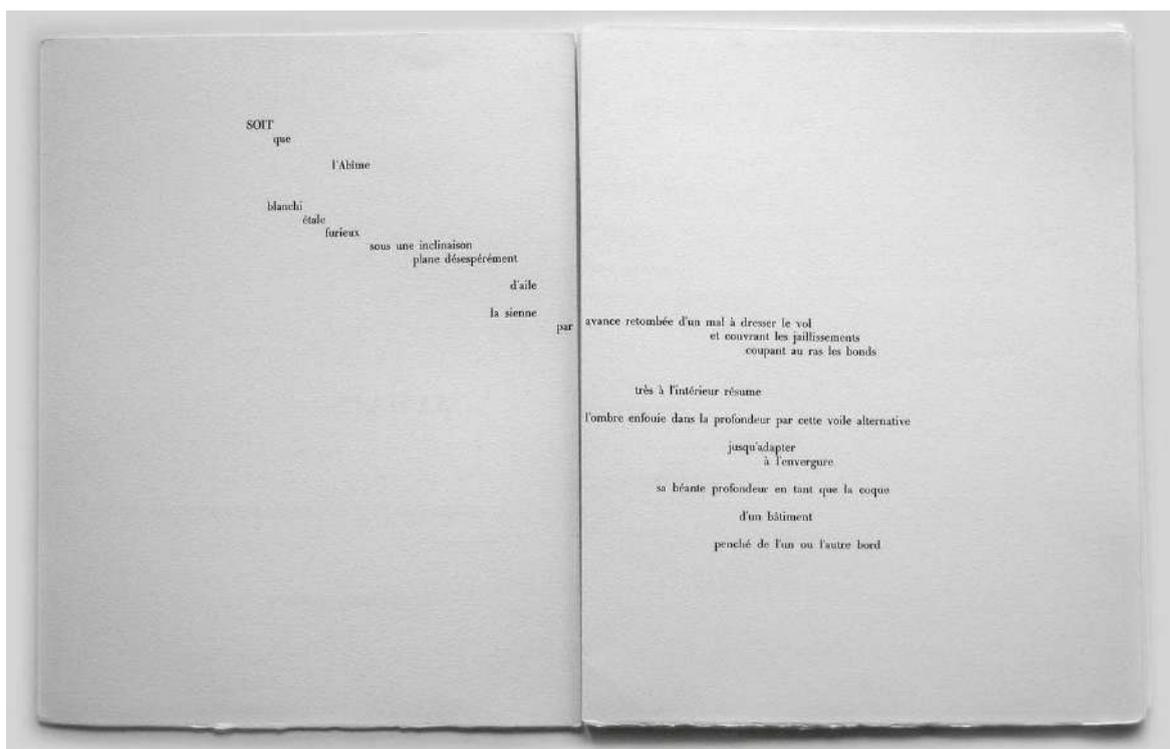


Figura 4: Fragmento do poema 'Un coup des dés' de Mallarmé

Fonte: See this sound Webarchiv

Esse encontro à rigidez da linguagem evidencia a tendência à abstração da natureza vanguardista que, contrariamente à visão clássica de totalidade e unicidade da obra, parte de uma visão fragmentária da unidade.

Essa fragmentação do modo de pensar a arte e suas materialidades dizia respeito não só à matéria-prima dos objetos artísticos, mas também ao seu pensamento ideológico e seus espaços de funcionamento. A articulação material de conceitos e de realidades, no caso das vanguardas, transformava os modos de mediação daquilo que era passível de ser comunicado. O mesmo raciocínio operava nas conformações do design sob a ótica de adequação ao propósito do objeto por meio de sua forma (CARDOSO, 2000).

Entendendo direcionalmente os funcionamentos contemporâneos da sociedade, e relacionando-os às questões de produção de materialidade, Cardoso (2012, p.14) dedica-se a investigar quais elementos são constituintes daquilo que tomamos como “forma” dos artefatos. Para além de tratar as questões formais apenas por meio do binômio *forma x função* historicamente característico do campo do Design, o autor nos apresenta uma

perspectiva onde o uso feito pelos artefatos, sendo satisfatório ou não, é que poderia dar vazão ao entendimento daquele artefato enquanto funcional. No entanto, como afirma Cardoso, a constituição complementar da forma dos artefatos advém de um processo que se constrói culturalmente por meio de camadas complexas e interligadas.

Para Cardoso, a divisão de constituição de “forma” dos artefatos projetados dá-se por meio de três componentes principais: 1) aparência: o aspecto visível e perceptível ao olhar; (2) estrutura: referente à construção e constituição do objeto; e (3) configuração: referente à composição e arranjo das partes. A complexidade desta “forma” constitutiva dos artefatos coloca em xeque o dogma de que “Forma segue a função”, pois a forma, em sua comunicação, advém de aspectos culturais de interpretação de significados que os próprios objetos emanam.

A articulação destes aspectos estruturais de constituição de artefatos gráficos funciona como uma perspectiva conceitual e provocativa de se realizar projetos, considerando as imensas contradições que, de maneira complementar e também oposta, definem os espaços de tensões de atuação do designer.

2.2 Práxis e tecnologias

Ainda sob um ponto de vista conceitual, a práxis do design gráfico já era em certos aspectos delimitada até antes do estabelecimento do sistema industrial, mas, como toda prática de design, a vertente gráfica se estabelece como indispensável à área sob a legitimação do sistema moderno de produção (FETTER, 2011). Ainda em Meggs (2009), o autor evidencia que o termo *graphic design*, adotado em 1922 por William Addison Dwiggings, denomina a estruturação e o ordenamento visual de um impresso em papel destinado a ser reproduzido em série. Em sintonia com esta definição, Villas-Boas (1999) delimita a área do designer gráfico como lugar de uma prática de ordenação de elementos visuais, sejam eles textuais ou não, possuindo um objetivo expressamente comunicacional.

A relação comum ao resultado impresso dentro do que é passível de produção por meio do design gráfico advém da sua relação muito próxima com as técnicas tipográficas de

reprodução, não obstante é que a reprodução por meio da Galáxia de tipos móveis¹⁰ até hoje é fonte de diversos estudos para a área. Tal paradigma passa por um crescente processo de transformação quando o surgimento da rede mundial de computadores se propõe como um espaço onde os designers podem usufruir enquanto campo de atuação (FETTER, 2011).

Ao investigar marcos históricos do design gráfico por meio da lógica de estilos visuais ligados à tipografia, Bomeny (2009) analisa como os projetos intermediados por artefatos do design gráfico carregam não só as tendências visuais, como também as tendências ideológicas de sua época. Dessa forma, é dentro dos diferentes ideais políticos, tecnológicos e estéticos de cada época que os designers exploram a direção de seus trabalhos.

Sendo assim, podemos entender que o designer gráfico articula diferentes materialidades ao projetar. À vista disso, ao se colocar enquanto conformador da articulação destas materialidades, o designer exerce função significativa no que diz respeito a potencializar ou não certos significados dos aspectos sob os quais encontra-se qualquer que seja o projeto em desenvolvimento. Ademais, o espaço de atuação do trabalho do designer não é de maneira alguma neutro, tendo em vista os aspectos sociais e políticos intrínsecos ao pensarmos processos de projeto. Tendo isso em mente, é possível afirmarmos a importância do designer enquanto profissional em relação ao que este se propõe produzir e, em se tratando do ramo editorial e de projetos gráficos, podemos conferir ao designer sua categoria enquanto autor das obras que o próprio desenvolve.

3.Objetivo geral e objetivos específicos

Tendo em vista o corpo bibliográfico escolhido pela pesquisa e a pergunta-problema, concebe-se nosso **Objetivo geral** como: Investigar o projeto de design como experimentação poética formal explorando e relacionando as materialidades do livro e da escrita para o desenvolvimento de produtos editoriais de diários íntimos.

¹⁰ Comumente encontramos esta definição como 'Galáxia de Gutenberg'. No entanto, optamos pela definição de 'tipos móveis' por este nome não atribuir à técnica um criador específico, já que existem evidências do uso do mesmo mecanismo tipográfico consideravelmente anteriores a Gutenberg.

Para uma realização satisfatória do objetivo geral, traçamos os seguintes **Objetivos específicos**:

1. Identificar aspectos do processo editorial relacionados à atuação dos designers que qualifiquem o entendimento do livro como um resultado de projeto;
2. Qualificar a materialidade da escrita dos diários íntimos e elencar quais seriam as principais características destes artefatos;
3. Relacionar os conceitos de forma e conteúdo no âmbito do design editorial ao investigar como diários íntimos são publicados;
4. Propor estratégias de experimentação poético-formal para o desenvolvimento de projetos editoriais vinculados às materialidades dos diários íntimos;
5. Contribuir para a discussão acerca de modos mais poéticos e experimentais de se fazer projetos de design que lidam com a publicização de subjetividades, inclusive a do próprio designer.

4. Justificativa

A justificativa deste trabalho surge inicialmente como um interesse pessoal do autor enquanto leitor e diarista assíduo. A curiosidade pessoal aliou-se à visão do pesquisador e assim resultou na possibilidade de aprender mais sobre as temáticas aqui discutidas como um ambiente rico de possíveis intervenções criativas. Em se tratando de relevância, a pesquisa se justifica pela carência de *corpus* teórico dentro da área do Design que estude a literatura de diários íntimos enquanto artefatos editoriais, mesmo que o campo do Design adote comumente os diários gráficos como objeto de estudo.

Os principais *sites* de busca de referencial teórico para todo este trabalho foram os seguintes: SCIELO Brazil - *Scientific Electronic Library Online*; Repositório da Universidade Federal do Ceará; RCAAP - Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal; ATTENA - Repositório Digital da Universidade Federal de Pernambuco; Repositório da Universidade de Lisboa; e Google Acadêmico.

As buscas foram realizadas utilizando-se as palavras-chave do presente trabalho em diferentes ordens de relevância e/ou por diferentes agrupamentos em duplas ou trios destas mesmas palavras-chave. Em nenhum dos resultados pesquisados foi possível encontrar

trabalhos diretamente do campo do Design que tratassem da publicação de diários íntimos. Em contrapartida, alguns aspectos relevantes a este trabalho foram bem explorados no campo da Literatura, o que foi de extrema importância à realização satisfatória desta pesquisa. É importante também mencionar que optamos preferencialmente por utilizar como referencial teórico trabalhos originalmente escritos em português ou que foram traduzidos, recorrendo-se ao uso de textos em idiomas estrangeiros somente em casos onde não foi possível encontrar traduções disponíveis.

Sendo assim, ao aliarmos a falta de aporte teórico diretamente do campo do Design às temáticas já familiares à área, é possível que se proponha uma discussão inovadora às proposições de projeto de design que tratem de diários íntimos, o que torna esta pesquisa também um experimento de entremeios de reflexão acerca dos assuntos pesquisados.

Fundamentação II

5.Fundamentos do projeto

A partir da relação entre as pesquisas bibliográficas escolhidas, e tomando suas concepções enquanto ponto de partida para o estabelecimento daquilo que estrutura o projeto em si, o que será melhor detalhado no capítulo dedicado à metodologia da pesquisa, faz-se necessário refletir sobre de que maneira se conforma esta monografia quando categorizada por projeto de design. Em outras palavras, é importante conceituar como decorrerá o processo de projeto para além da conformação teórica inicial que construímos.

Para isso, utilizaremos a abordagem de projeto denominada como ‘Arquitetura livre’. A ‘Arquitetura livre’ surge como um artifício conceitual para relacionar elementos de grande complexidade dentro de projetos de design (VASSÃO, 2008, p.95). Suas ponderações nascem de uma análise feita por Vassão ao estudar aspectos tecnológicos contemporâneos de complexidade e como estes se relacionam em forma e conteúdo a outras áreas de conhecimento, compondo assim uma rede de elementos que funcionam entre si. Esta rede é então uma forma de se pensar as interações dentro do processo de projeto identificada como o ‘Metadesign’.

O autor revisita a proposição de Metadesign inicialmente colocada pelo designer Andries Van Onck objetivando explicitar uma visão mais abrangente e abstrata do Design. Dessa forma, Vassão atualiza os conceitos propostos por Van Onck, tendo em vista as mudanças urbanas e tecnológicas que formam nossa sociedade atual, bem como nossa forma de pensar. Para a presente pesquisa, interessa pontuar que a abertura a diferentes elementos de composição do processo de projeto permite que a ação de projetar abarque “considerações filosóficas mais amplas, sofisticadas e complexas” (*Ibid*, 2008, p.95).

Ou seja, o Metadesign torna-se bastante pertinente a este trabalho tendo em vista a visão experimental e a abertura a diferentes processos em sua conformação, já que:

“Um modo coerente de compreender esse ‘projeto do processo de projeto’ é como o projeto de *processos* e não do produto acabado, em si. Não que se despreze a concretização em um produto unitário que possa ser identificado como tal, ou que o metadesign promova uma ainda maior alienação, em uma espécie de projeto de conceitos em detrimento da realização. É justamente o contrário: reconhecer que o projeto do processo é tão uma criação, uma realização, quanto a efetivação de um processo de projeto em um objeto finalizado.” (VASSÃO, C.; 2008, p.100).

Para tanto, os diferentes elementos e entidades a comporem a visualização rizomática do processo de projeto devem ser identificados e diferenciados para que assim possa ser possível estabelecer os mecanismos que compõem o sistema proposto como um todo. Vassão (2010) decupa o entendimento da complexidade proposta em um acúmulo gradual de entidades simples, recomendando que o pensamento projetual seja feito em níveis e/ou camadas, sendo estes níveis e/ou camadas um modo de representação do sistema de relações.

O autor sugere também que as representações feitas pelo entendimento de sistemas complexos, mesmo que funcionem de maneira a objetivar o funcionamento do processo de projeto, constituem-se como um ato criativo e subjetivo deste mesmo processo, já que as mais complexas representações passam por simplificações no conteúdo de seus elementos que possuem em si seus próprios elementos e representações. Devido a isso, o Metadesign enquanto proposição possui um caráter ontológico àquilo que é observado e à sua própria realidade inicial e realidade “final” ao decorrer do projeto.

Complementar a isso, Vassão propõe que a construção da complexidade seja feita sob um vetor ascendente e não descendente, em outras palavras, primeiro são definidos os elementos mais simplificados e suas relações individuais, para que assim cheguemos à forma das grandes entidades do sistema. Dessa maneira, a abstração ocorre de modo progressivo, o

que configura uma importância imprescindível da materialidade como ponto de partida à constituição de complexidades. O Metadesign como fundamento aos processos de projeto será necessário ao desenvolvimento de maneiras de atuação deste trabalho, bem como à conformação das diretrizes projetuais.

6.Objeto

Em se tratando de pesquisa, a delimitação de um objeto específico de estudo é também fundamental. Tendo em vista o direcionamento à investigação do livro como projeto, a Literatura coloca-se como um terceiro campo de conhecimento a somar aos conceitos previamente aqui levantados que dizem respeito à Arte e ao Design.

Devido a isso, foi necessário elencarmos um título específico concernente à escrita de diários íntimos com o objetivo de melhor clarificar as reflexões propostas. À vista disso, escolhemos ‘Quarto de despejo: diário de uma favelada’ de Carolina Maria de Jesus como objeto específico de estudo por acreditarmos não só que esta seja uma obra significativa à literatura nacional, mas também por enxergarmos consideráveis potências poéticas em seu conteúdo.

Como mencionado anteriormente, a definição por diários íntimos como gênero literário de análise dá-se a partir das escolhas pessoais e dos acasos do surgimento deste trabalho. No entanto, para além da subjetividade, e, consoante às temáticas conceituais estudadas, a composição de diários íntimos é aqui analisada sob sua materialidade. Esta materialidade não funciona de forma alheia à feitura dos diários, e é de suma importância não só para o diarista, mas também para o designer que pretende propor uma publicação editorial de diário íntimo. De maneira a destrincharmos mais detalhadamente estes assuntos, estudaremos a seguir quais características intrínsecas à concepção, produção e leitura de diários íntimos são perceptíveis ao nosso ângulo de pesquisa e como estas se transformam ao serem pensadas em produtos editoriais.

6.1 Diários íntimos como meta-materialidade

A escrita diarística é uma prática antiga, sua ocorrência data de tempos longínquos. Quando falamos na escrita de diários, estamos falando de um fenômeno cultural cujos

primeiros aparecimentos vinculam-se a um âmbito público e comunitário, como exemplificado pelas tábuas de argila encontradas na Suméria datadas aproximadamente de 3000 a.C. funcionando como diários (OLIVEIRA, 2002). Já o caráter mais íntimo dos diários, apesar de ter-se constituído como um vasto objeto de estudos somente no último século, surge no Japão durante o século X como livros de cabeceira das mulheres da corte de Heian (*Ibid*, 2002).

Apesar de seu atual crescente reconhecimento enquanto importante artefato histórico, os diários íntimos foram durante muitos séculos designados como uma categoria inferior no âmbito literário sob o olhar científico e artístico. Para Lejeune (2011), isso é resultado de um fator cultural sexista, já que a escrita de diários íntimos dentro da sociedade moderna funciona como uma atividade primordialmente delegada às mulheres. Dessa forma, em se tratando de uma escrita despretensiosa de diários íntimos, a presença feminina é marcadamente mais comum.

Contudo, a designação histórica da escrita de diários íntimos ao sexo feminino concedeu a estes objetos o poder de carregar narrativas, histórias e experiências sob diferentes perspectivas femininas que, se não fossem por estes artefatos, cairiam no esquecimento. Para além de recontar histórias, os diários também constituem um importante meio de comunicação passível de entendimento e construção identitária (ANDRADE, 2008).

Deve-se a isso e à ascensão do homem moderno, condições para uma ‘narrativa de si’ que, marcada pela crença no sujeito, pela atitude confessional e pelo desejo de acumular um capital de vivências, funcionou como fomento de interesses de diferentes tipos ao que estas narrativas tinham para contar (BRITO, 2011). Tal contexto é considerado fator decisivo ao surgimento do diário íntimo como gênero literário. Esta gênese, encontrada historicamente entre o fim do séc. XVIII e início do séc. XIX, relaciona-se a diversos tópicos de organização em sociedades modernas, tais como o forte interesse ao racionalismo, o pensamento científico progressista e os avanços tecnológicos (MONTEIRO, 1997 apud TEIXEIRA, 2008, p.66).

Em se tratando de forma, os diários íntimos podem se apresentar de maneiras diversificadas. Para Maurice Blanchot (1971), essa liberdade advém nas diferentes

experiências subjetivas que podem ser retratadas desde sonhos e ficções, até afazeres rotineiros e acontecimentos de extrema importância para a vida do autor. Apesar dessa abertura de conteúdos, para Blanchot o diário possui também uma série de, no termo do autor, *contratos*. Um deles está nas condições temporais: o diarista deve respeitar o calendário pois este é seu vigilante, provocador e demônio.

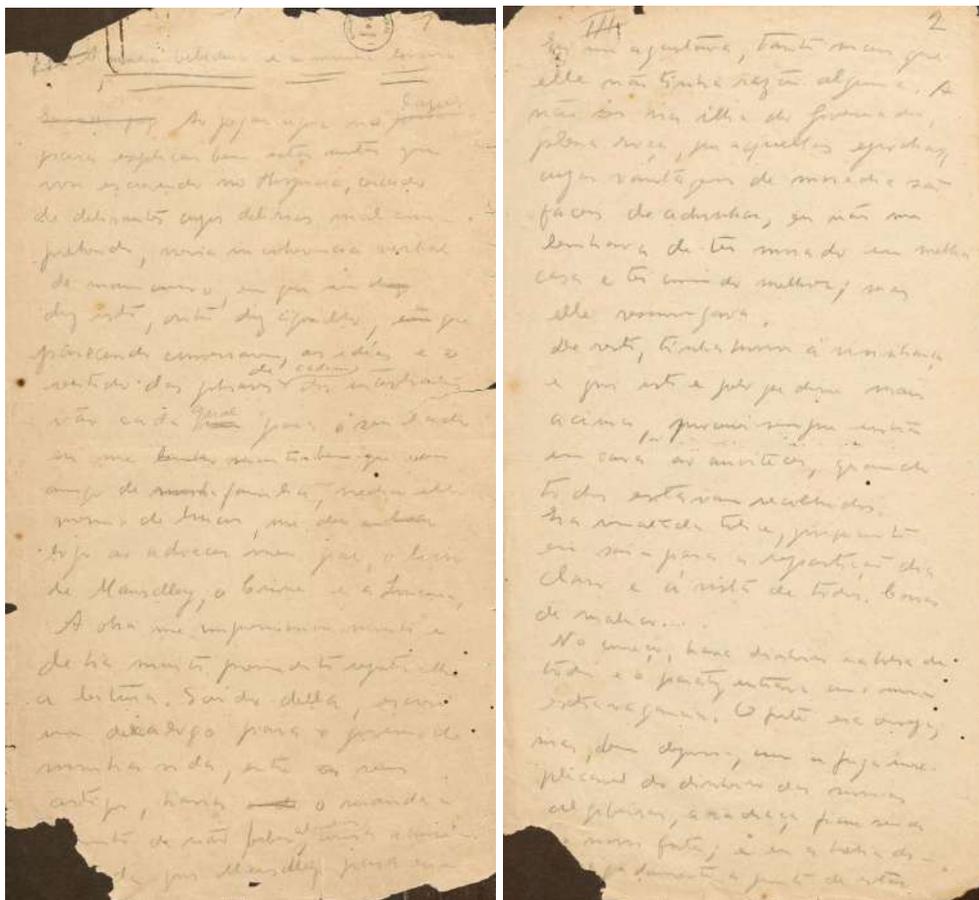
Para Cunha (2007, p.46), a construção ao longo do tempo também é o que caracteriza o artefato ‘diário’ como tal. Na composição de suas páginas se configura uma tentativa de captura do passar do tempo. De maneira fragmentada, descontínua e sem elaboração prévia, a escrita de diários conforma aquilo que a autora trabalha conceitualmente como *escrita ordinária*¹¹. A escrita íntima sob o ponto de vista da pesquisadora Béatrice Didier também é caracterizada pelo seu fracionamento contínuo e falta de elaboração (DIDIER, 1991, apud BRITO, 2011, p.66). De acordo com a pesquisadora, a escrita de diários dá vazão predominante aos sentimentos e sensações internas, o que muitas vezes rejeita uma organização formalmente rígida. Os diários seriam então registros descontínuos do efêmero.

É imprescindível lembrarmos que ao conceituar a ‘escrita’ do artefato diário íntimo, leva-se em conta não só o ato de escrever propriamente como a escritura deste parágrafo. Considera-se também diferentes formas de intervenção, entre elas: o acréscimo de fotos, de recortes de jornal, de rascunhos para outros textos e até mesmo contas financeiras (DIDIER, 1996, p.38). Ademais, a abertura a diferentes tipos de execução proporciona interessantes provocações acerca da própria definição do que seria um diário íntimo. O mesmo artefato pode ser tomado como diário íntimo para o escritor e também pode ser tomado como caderno de croquis para o pintor (DIDIER, 1996, p.43).

Portanto, diários íntimos são entendidos como tal por meio de sua feitura. Este artefato convoca em sua criação de forma e conteúdo a incorporação de diferentes materialidades. Somente sob o crivo subjetivo de seu autor àquilo que será incorporado, a forma-significante é um elemento de linguagem próprio aos diários íntimos. De maneira

¹¹ Nas palavras de Cunha (2007): “As **escritas ordinárias** ou sem qualidades são aquelas realizadas pelas pessoas comuns e que se opõem aos escritos prestigiados, elaborados com vontade específica de ‘fazer uma obra’ para ser impressa.” FABRE, Daniel . In *Par écrit. Ethnologie des écritures quotidiennes*. Paris: Editions de la Maison des Sciences del’ Homme, 1993. Todos os grifos do trecho citado estavam presentes na obra original.

geral, a materialidade original do diário configura um potente meio de expressão e de contextualização, como no caso das escritas diarísticas de Lima Barreto. Quando fora internado em uma instituição psiquiátrica, sua escrita passou a ser feita em condições adversas por meio de fragmentos de papéis e folhas cujos quais eram achados no local onde o autor se encontrava¹² (Figura 5 e 6)¹³.



Figuras 5 e 6: Fragmento dos manuscritos de Lima Barreto para ‘Diário do hospício & O cemitério dos vivos’

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional

A forma-significante da obra pode ser também desafiante ao entendimento clássico do que se toma por ‘diário íntimo’. Podemos ver este fato no caso do diário de José

¹² In **Diário do hospício & O cemitério dos vivos** (2017), Companhia das Letras, organização por Augusto Massi e Murilo Marcondes Moura.

¹³ Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1428160/mss1428160.pdf ; acesso em mar. 2021

Leonilson, onde as memórias e registros não eram feitos em um caderno de maneira escrita, mas em formato de áudio em gravações caseiras feitas pelo próprio artista¹⁴.

Dessa forma, para além da mudança do suporte tradicional dos diários mencionados, a tradução desses materiais em livros, documentários, exposições, etc. configura a produção de uma obra diferente, uma segunda obra, já que para isso exige-se uma série de mudanças e tratamentos na “matéria-prima” original. Tais mudanças dizem respeito também aos diários íntimos mais tradicionais.

Um exemplo disso está nas diferentes versões publicadas do diário de Anne Frank. A primeira versão, popularmente conhecida como versão ‘A’ foi escrita de maneira espontânea por Anne quando sua família estava escondida dos nazistas em Amsterdã. A segunda versão, popularmente conhecida como versão ‘B’, trata-se do período que a própria Anne revisou e reescreveu partes de seu diário com o intuito de futuramente publicá-lo como um texto jornalístico sobre o sofrimento dos judeus durante o período de guerra. Por fim, há uma terceira versão popularmente conhecida como versão ‘C’ que trata-se da versão editada pelo próprio pai da autora, único sobrevivente da família, cujo qual suprimiu os trechos que continham os pensamentos de Anne acerca de sua puberdade e dos obstáculos que rondavam o casamento de seus pais. A versão ‘C’ do diário de Anne Frank contém partes misturadas das versões ‘A’ e ‘B’, e foi também a primeira versão de todas a ser publicada.

Um outro exemplo é a publicação do livro *‘A Writer’s Diary: Being Extracts from the Diary of Virginia Woolf’* editado pelo então viúvo da escritora, Leonard Woolf. Neste livro, são publicados fragmentos dos diários de Virginia Woolf que, nas palavras de Leonard, dizem respeito à “atuação profissional” da escritora. Desta forma, seu conteúdo se constitui pelas reflexões que Virginia traçava em relação às suas obras e às obras de outrem. O foco de *‘A Writer’s Diary’* volta-se às ponderações de Woolf enquanto crítica literária, aos exercícios de escrita praticados pela autora, e aos comentários a respeito de suas leituras na época, o que não configura uma publicação que contém os pensamentos mais “íntimos” de Virginia acerca de seu cotidiano.

¹⁴ In **A paixão de JL** (2015), documentário do Itaú Cultural e direção de Carlos Nader, Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sNUy1un51w>> acesso em jan. 2020

A tradução de diários íntimos em publicações editoriais trata-se de complexas transformações que partem dos aspectos mais qualitativos do material original até chegarem às intenções e posições políticas de seu(sua) tradutor(a)/editor(a)/conformador(a). Em outras palavras, a conformação de diários em livros resulta de “decisões de editores ou de limitações impostas por oficinas impressoras” (CHARTIER, 1994, p.17). Acrescenta-se a isso o público-alvo destinado à obra produzida, o que pode gerar resultados com diferentes apelos emocionais e comerciais. Em casos extremos, ocorrem até descontextualizações acerca dos pensamentos de seus autores originais.

É por meio deste olhar sobre a publicação de diários íntimos que apresentaremos a obra de Maria Carolina de Jesus. Buscaremos entender como se deu a assimilação dos conceitos anteriormente vistos à feitura dos diários de Carolina, e a importância destas relações às potências que ‘Quarto de despejo’ nos evoca enquanto leitores. Para tanto, é necessário traçarmos um panorama da vida da autora entendendo as condições sob as quais seu livro foi produzido e publicado, e quais temáticas foram primordialmente abordadas. Dessa forma, será possível entendermos melhor quais foram os vínculos importantes da escrita desta obra com as dinâmicas sociais e afetivas da autora.

6.2 ‘Quarto de despejo: diário de uma favelada’ de Carolina Maria de Jesus

6.2.1. Quem é Carolina?

Carolina Maria de Jesus foi uma mulher e escritora negra, nascida na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, no ano de 1914. A escritora lidou por toda sua vida com sua condição marginalizada devido à sua classe social e à cor de sua pele. Durante a infância, Carolina teve pouquíssimas oportunidades de contato institucional com a educação. Apesar disso, o pouco tempo que estudou foi o bastante para que aprendesse a ler e a escrever (ALVES.SANTOS, 2015, p.51) não só por obrigação, mas como um interesse pessoal que lhe causava encanto.

Em sua adolescência, mudou-se junto com a mãe para o município de Franca, no interior de São Paulo. Durante esta época, Carolina trabalhou na Santa Casa de Misericórdia. Em 1937 sua mãe veio a falecer. Pouco tempo depois deste fato, Carolina

migrou para a cidade de São Paulo aos 33 anos em busca de ofertas de trabalho e melhores condições de vida.

Durante este período era crescente um fluxo migratório rural em direção às cidades jamais visto até então em solo brasileiro. A cidade de São Paulo em especial era atraente a diversos cidadãos que viam no discurso moderno e nas promessas do progresso uma solução às dificuldades sociais. Até os anos 30 a urbanização popular da grande São Paulo era provida pela iniciativa privada por meio de vilas operárias de empresas (FERREIRA, 2005). As vilas eram incentivadas pelo poder público, no entanto, apenas uma parcela da população do segmento de classe média baixa tinha acesso a esse tipo de moradia. Enquanto isso, às áreas abandonadas pelo Estado, restava o surgimento de cortiços habitados pela população em extrema pobreza.

É neste contexto que, herdeira do sistema opressor imposto pela modernidade às populações mais vulnerabilizadas, Carolina vagou pelas ruas da grande São Paulo chegando a dormir debaixo de viadutos até se instalar onde localizava-se na época a favela do Canindé, às margens do rio Tietê. A favela era constituída por moradores que encontravam-se comumente na mesma situação que a escritora, eram migrantes que vieram à cidade de São Paulo em busca de oportunidades melhores de vida. Eram pessoas movidas não só por seus desejos, como também por seus fracassos (ALVES.SANTOS, 2015, p.52).

Foram nestes conturbados atravessamentos de sua trajetória que Carolina Maria de Jesus se fez como escritora. Inicialmente trabalhando como empregada doméstica, teve que abdicar deste trabalho ao engravidar do primeiro de seus três filhos. Desempregada e mãe, tornou-se catadora de lixo para ter alguma fonte de renda e de alimento. Mesmo sob o olhar tirano da sociedade, Carolina catou papéis, escreveu e conseguiu criar seus filhos. Sozinha, traduziu seus dias e seus pensamentos em palavras por meio de folhas, cadernos e agendas que encontrava no lixo ao catar os restos de cidade que lhe era permitido ter acesso.

A partir do hábito de escrever seu diário pessoal após sua jornada de trabalho, a autora de 'Quarto de despejo' começou a alimentar seu desejo em escrever um livro por meio do qual denunciaria a situação de extrema miséria em que vivia. Carolina via o campo da Literatura não só como o local de seu maior sonho profissional, mas também como um

meio de se manifestar política e publicamente acerca do descaso social vivido pela população favelada da qual fazia parte.

Mantendo o exercício da escrita constantemente, Carolina tentou algumas vezes por conta própria fazer com que seus textos fossem publicados tanto por editoras brasileiras quanto por editoras norte-americanas, sem, no entanto, conseguir êxito algum. Apesar disso, no ano de 1958, o jornalista da *Folha de São Paulo* Audálio Dantas, ao fazer uma reportagem na extinta favela do Canindé, chamou-lhe a atenção uma mulher que brigava com os moradores do local sob a ameaça de colocá-los em seu livro. Curioso acerca daquela ameaça, o jornalista então acaba questionando Carolina acerca de que livro seria este. É desse modo que Audálio entra em contato pela primeira vez com os manuscritos que futuramente resultariam em ‘Quarto de Despejo’. A partir deste acontecimento, o sonho de finalmente achar uma maneira de conseguir publicar seus textos ganha forma e, com a ajuda de Audálio, Q.D. consegue ser publicado.

É imprescindível deixarmos claro que, apesar de figura importante, a atuação de Audálio na editoração dos manuscritos de Carolina não foi imparcial em certos aspectos. Como estudado no capítulo anterior, a editoração se constitui por um crivo ideológico e por cotejos feitos pelos responsáveis pela publicação do livro na preparação do material “adequado” à recepção por parte do público. O caso de ‘Quarto de despejo’ não é diferente. Ao preparar o texto para publicação, o jornalista optou por substituir palavras e frases eliminando parte do que havia de erudição na linguagem de Carolina ao fazer substituições por termos mais populares (PERPÉTUA, 2011).

Além disso, parte das supressões feitas excluem uma quantidade expressiva dos manuscritos de Carolina, contendo um dos cadernos 400 páginas de conteúdo inédito (Ibid, 2011). Para Audálio Dantas, as supressões decorriam do fato de que muito do conteúdo se repetia diariamente na escrita de Carolina, tamanha era a assiduidade da escritora. No entanto, como analisado por Perpétua, o que mais perdeu-se no corte de parte tão expressiva dos manuscritos foram as filosóficas reflexões sobre a vida feitas pela autora; a riqueza discursiva de sua descrição do dia a dia; os pensamentos e opiniões em relação à política nacional e internacional; e o seu humor. Soma-se às supressões parte da revolta que Carolina tinha por seus vizinhos, descrevendo-os de maneira violenta e por vezes preconceituosa (Ibid, 2011). Dessa forma, para além da conformação do texto em uma ‘obra

livro’, põe-se em discussão de quem seria a autoria da ‘obra textual’ que é concebida em ‘Quarto de despejo’.

6.2.2 O que é ‘Quarto de despejo’?

‘Quarto de despejo: diário de uma favelada’ foi como se chamou o livro composto por parte dos diários de Carolina Maria de Jesus. Publicado pela primeira vez em 1960, o livro começa com uma entrada que data do dia 15 de julho de 1955 e tem seu último registro em 1º de janeiro de 1960. Na leitura do livro nos deparamos com a descrição de Carolina sobre sua dura realidade enquanto mulher, mãe e favelada.

Apesar do grande conteúdo que o livro nos oferece, os manuscritos de Carolina configuram-se também como uma fonte de matéria-prima rica para entremeios de reflexão acerca do assunto ‘projeto experimental’, não só devido à carga poética experienciada por meio da escrita da autora, como também na conformação material dos próprios diários já que, enquanto artefatos, a feitura destes dava-se por um intenso processo de apropriação.

Ao encontrar seus suportes de expressão no lixo, Carolina tornava-os mais uma vez objetos passíveis de receber significado e de fomentar novas significações. Onde havia o descarte, o lixo e o despejo, Carolina via uma possibilidade de tela em branco para sua expressão. Evidentemente não seria prudente adotarmos esta visão apenas como uma escolha poética dos escritos de Carolina. Seus diários são claramente joias raras à literatura nacional, ao passo que também são um reflexo cru das milhares de vidas brasileiras que até hoje sofrem das mesmas condições adversas de vida e, sem margem de opção, são renegadas ao estado de poderem apenas recolher as sobras de tudo aquilo que não é mais desejado, consumível e aproveitável para o resto da sociedade.

6.2.3 Por que ‘Quarto de despejo’?

A obra literária em questão possui um considerável e crescente volume de análises no campo acadêmico em diferentes áreas do conhecimento. O livro parte naturalmente do campo da Literatura, mas consegue facilmente relacionar seu conteúdo a diferentes temáticas tais como: feminismo, estudos sociais e urbanismo. Na busca por referencial teórico do presente trabalho, foi possível encontrar diferentes pesquisas que já relacionaram a obra ‘Quarto de

despejo’ a aspectos anteriormente mencionados, como a editoração, a publicidade ao redor do livro, a transformação de diários em artefatos comerciais, entre outras diferentes abordagens.

Em contrapartida, nenhuma das pesquisas mais direcionadas ao campo da Comunicação contava com uma perspectiva vinda propriamente da área do Design como aqui é proposto, onde se procura relacionar a materialidade do livro e da escrita junto à composição de um processo de projeto cujo qual permita que a ação de projetar abarque considerações subjetivas aos seus desdobramentos.

Neste caso, ao partirmos das materialidades e reflexões que envolvem os objetos que retratam os modos de viver da autora, seus pensamentos mais íntimos, suas dúvidas e suas alegrias, toma-se as características e conteúdos dos diários íntimos como elementos diretamente impactantes às compreensões do design acerca daquilo que ele mesmo projeta. Dessa maneira, contrapõe-se a atuação do projeto apenas como ‘organizador’ e pensa-se um design, e um designer, afetado pelo conteúdo e pela forma daquilo que é projetado.

Em se tratando especificamente de materialidade, dimensão que delineamos aqui como intrínseca ao design, relacionam-se as classificações de Carolina. Foi por meio da materialidade do papel que a poeta se colocou como ponte entre mundos. Por meio do papel Carolina entendia-se, ou era entendida, enquanto catadora e/ou enquanto escritora. Devido a isso, a forma-significante de seu trabalho constitui uma fonte semiótica de estudos bastante rica.

Além da escrita e do conteúdo notáveis da obra, o sucesso comercial do livro encontra-se numa posição de destaque dentro do ramo editorial brasileiro até hoje. Devido ao volume significativo de vendas, Q.D. conseguiu uma projeção internacional como produto editorial. Para além disso, como consequência de sua considerável contribuição à literatura brasileira, Carolina Maria de Jesus foi contemplada no ano de 2021 com o título de Doutora *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A importância de Carolina de Jesus à poesia e à luta antirracista brasileira é indubitável, sendo assim, a ausência de estudos de Design que tratem de uma autora tão significativa torna clara a necessidade de pesquisas acadêmicas da área que reconheça na obra escrita de Carolina de Jesus uma considerável potência a se relacionar aos debates que o campo do Design pode articular.

É a partir de todas as disposições conceituais feitas acerca do papel do designer, da expressão de diários íntimos e da poética de ‘Quarto de despejo’ que será possível dar o

devido prosseguimento a uma proposição projetual de design. A seguir, entenderemos mais claramente como as reflexões levantadas até o presente momento são organizadas de acordo com as categorias clássicas de trabalhos acadêmicos. Ademais, será melhor explicada a articulação entre as metodologias de design previamente mencionadas; como estas se colocam enquanto conformadoras do volume de informações estudado; e como se apresentam enquanto propulsoras à construção da comunicação mais prática de ideias.

7. Metodologia de pesquisa

Tendo em vista a investigação que resultou nos objetivos de pesquisa e a opção por contemplá-los por meio de resoluções projetuais de design, podemos classificar a abordagem metodológica aqui presente como teórico-prática. Por trabalharmos em uma amálgama conceitual de métodos, iremos dissertar neste tópico inicialmente sobre as características teóricas do *modus operandi* do trabalho e, em seguida, trataremos do lado mais prático concernente à maneira de pensar projeto que adotamos. É importante ressaltar que uma vertente não exclui a outra, pois entende-se que há prática na teoria e há teoria no exercício prático. A divisão aqui feita aos moldes mais clássicos, pelo menos no que concerne à esfera teórica, tem por objetivo uma explicação mais detalhada do método proposto.

Por tratarmos de aspectos de cunho reflexivo, tais como a preocupação com o processo e não só com o resultado; a não predominância de mensurações numéricas; e a importância dada ao significado do resultado de projeto, podemos categorizar a pesquisa como qualitativa (TRIVIÑOS, 1987). Além disso, ao adotarmos o aprimoramento de ideias e/ou a descoberta de intuições como aspectos constituintes do objetivo geral podemos categorizá-la, de acordo com Gil (1991), como exploratória também.

Para Bogdan (1982), a pesquisa qualitativa concebe o seu espaço de análise ao se debruçar sob o entendimento do contexto em que está inserida. Dessa forma, é comum a busca pela compreensão histórica das ações, dos objetos e dos movimentos que constituem as temáticas colocadas em questão. É a partir desta série de análises que torna-se viável a assimilação de significações possíveis daquilo que é estudado. Já a pesquisa exploratória, segundo Severino (2000), é o que torna possível o levantamento de informações sobre um determinado objeto. Ela funciona como um meio de delimitação do(s) campo(s) de trabalho. Para Gil (1991), este tipo de pesquisa permite a interação entre diferentes áreas de

conhecimento em sua composição. Dentre as áreas principais de diálogos estabelecidos por esta monografia estão o campo da Arte, do Design e da Literatura.

Voltando nosso olhar de maneira mais próxima às metodologias projetuais do Design, soma-se ao funcionamento deste trabalho as contribuições que se dão por meio do metaprojeto. O metaprojeto evidencia o entendimento de que as relações metodológicas contemporâneas sofreram diferentes transformações ao longo da história da modernidade (MORAES, 2010, p.64). Tais transformações refletem-se nas maneiras inovadoras de atuação do fazer design. Assim sendo, este método coloca-se como uma alternativa de pensamento que foge à linearidade e à objetividade do pensamento positivista.

Desse modo, a natureza transversal e multidisciplinar do design possibilita proposições e reflexões inovadoras que concernem ao modelo complexo de sociedade que adotamos. Ao falarmos complexidade, não nos referimos apenas às mediações proporcionadas por artefatos tecnológicos, mas também à lida de diferentes conteúdos e suas interrelações dentro do processo de projeto.

Posto isso, entende-se o metaprojeto como uma maneira de mediar os significados e mensagens que se sobrepõem em cenários complexos (Ibid, 2010). Conhecida como “o projeto do projeto”, esta metodologia propõe o entendimento dos diferentes conteúdos, bem como suas relações, dentro do cenário de análise escolhido, explorando o caráter holístico do design e seus resultados de projeto não como ações pontuais para resolução de problemas fragmentados, mas como articulações complexas de diferentes sistemas como maneira de se guiar no decorrer do processo projetual (MORAES, 2010).

Como suporte aos diferentes métodos, está a utilização da técnica de revisão bibliográfica. Dessa maneira, será possível circunscrever e aprofundar os entendimentos conceituais dialogados pelo presente estudo.

Para sua plena execução, o metaprojeto se utiliza de uma plataforma sob a qual a articulação dos conceitos trabalhados é armazenada, relacionada e apreendida. No caso deste trabalho, a organização das informações está dividida em mídia “física” e em mídia virtual sob diferentes categorias. Virtualmente são utilizados diferentes arquivos na plataforma ‘Google docs’ divididos da seguinte maneira:

1. Chamado “O definitivo”, que contém o texto da monografia redigido na íntegra e em sua forma final;

2. Chamado “O processo”, que funciona como diário de projeto contendo *insights*, ideias, dúvidas, e impressões pessoais acerca do andamento deste trabalho;

3. Chamados “Sobre diários íntimos”; “Sobre design, emoções e subjetividades”; “Estudos Carolínicos”; e “Quarto de despejo”; que funcionam como fichamentos da literatura estudada.

Soma-se aos arquivos virtuais o uso de um diário íntimo físico feito por mim onde não são levadas diretamente só as impressões acerca do desenvolvimento do trabalho, mas também minhas impressões pessoais acerca do cotidiano. Sendo assim, por meio dos processos metodológicos adotados, será possível nos valermos de um pensamento reflexivo e poético no decorrer do projeto.

Estabelecida a conformação dos suportes que funcionam como mediadores dos diversos assuntos estudados, fez-se necessário observar as relações entre os diferentes conteúdos explorados e elencar as diretrizes projetuais que servirão como um direcionamento mais prático da execução do projeto.

7.1. Diretrizes de projeto

As diretrizes reúnem de maneira resumida quais encaminhamentos devem ser primordialmente feitos na lida para com a produção de nosso resultado mais prático de projeto, são elas:

1. Aprofundar-se mais ao estudo do livro ‘Quarto de despejo’, com o objetivo de entender a linguagem e o modo de escrita de Carolina Maria de Jesus enquanto materialidade do projeto;

2. Utilizar características intersemióticas dos diários íntimos enquanto meio de comunicação como aspectos da forma-significante do resultado de projeto;

3. Utilizar as ferramentas e estratégias do Metadesign e do Metaprojeto como uma maneira de visualizar as relações entre os diferentes elementos do trabalho e de analisar os resultados obtidos.

Com as diretrizes de projeto elaboradas junto às técnicas de projeto de design será possível dar início à execução mais prática do presente trabalho.

8.Introdução

Esta segunda parte do trabalho descreve o processo de materialização do projeto de uma publicação independente e experimental da obra ‘Quarto de despejo: diário de uma favelada’, devidamente baseado nos aspectos de Design e nas diretrizes elencadas anteriormente. O objetivo desta divisão está em registrar o andamento prático do projeto e garantir que os conhecimentos relacionados anteriormente incorporem-se ao resultado final.

Faz-se necessário ressaltar que na correlação entre as duas partes do trabalho não há qualquer sobreposição ou subordinação de uma parte pela outra. O vínculo entre a primeira, a segunda e a terceira parte do trabalho é caracterizado pela construção mútua destas mesmas partes, sendo uma a guia da outra. Dessa maneira, a diferença primordial está no modo de articular e lidar com os conceitos estudados. Enquanto na parte I os conhecimentos são trabalhados de maneira majoritariamente teórica, a parte II concentra-se em trabalhar de maneira mais prática, funcionando de modo mais intuitivo no que diz respeito ao processo de produção do presente trabalho. Por fim, a parte III atua na reunião dos resultados e das devidas conclusões obtidas.

O resultado final desta pesquisa é a tentativa de uma investigação integrada aos estudos de materialidades sob os aspectos anteriormente estudados que encontramos no campo da Arte, da Literatura e do Design por meio da junção entre os âmbitos teóricos e práticos do processo de projeto. Visando clarificar a construção deste trabalho, a parte II será composta pelo relato dos processos e das decisões projetuais de maneira a detalhar as investigações testadas e as reflexões adquiridas.

9.Metodologia de projeto

Os próximos subcapítulos concentrar-se-ão em descrever as análises de ‘Quarto de despejo’ feitas por meio de um olhar intuitivo sobre a obra, a fim de descrever como o seu conteúdo foi integrado a moldes propositivos de design. O percurso feito durante o projeto prático funcionou como um processo onde, ao investigarmos mais profundamente o objeto de estudo, mais indicações eram dadas sobre como melhor expressar as formas e potências de ‘Quarto de despejo’. Em outras palavras, objetivou-se traçar uma conversa com a obra e com sua autora, de modo a pensar o resultado da pesquisa não como um produto editorial em seus

formatos clássicos, mas como um meio de refletir sobre o processo de criação e publicização de ‘Quarto de despejo’ por meio das materialidades poéticas de Carolina.

O andamento criativo do projeto teve grande parte de seu registro nos suportes virtuais de *Google docs*, principalmente no *docs* intitulado ‘O processo’. Em ‘O processo’ está narrado boa parte dos acontecimentos e pontos de virada desta pesquisa e, funcionando como um espaço de registro de *insights*, seus frutos encontram-se nas interrelações entre os diferentes *docs* criados, alguns destes arquivos *docs* surgiram justamente por causa de reflexões dentro d’O processo. O uso dos arquivos *docs* também foi proveitoso ao processo criativo por servir de consulta aos fichamentos de leitura feitos, e servir como registro do contato profundo com a leitura de ‘Quarto de despejo’.

De maneira geral, as reflexões proporcionadas pela interação entre os diferentes *docs* foram motores a sugerir as possibilidades de experimentações que advieram como uma maneira prática de realizar e compreender melhor os conceitos estudados. Pode-se dizer que esse *modus operandi* serviu como ponte entre os aspectos teóricos e os aspectos práticos deste trabalho. Antes, depois, e entre as partes I, II e III está ‘O processo’. É neste ponto de união que residem os resultados práticos do uso do Metaprojeto e do Metadesign em nossa maneira de refletir sobre os conceitos articulados.

Apesar da importância dos intercâmbios proporcionados pelo suporte de criação, no que diz respeito à estrutura necessária à realização deste trabalho, não seria prudente reproduzirmos todos os *docs* no corpo do texto. Por isso, o relato de projeto aqui presente se configura como um resumo daquilo que foi registrado, procurando transmitir as informações da maneira mais clara e objetiva possível. Posto isso, colocamos todo ‘O processo’ como anexo ao trabalho devido a sua importância a esta pesquisa, e caso seja de interesse dos leitores (Anexo A).

10. Fazendo morada em Quarto de despejo

A seguir, será descrito o encadeamento de nossas reflexões ao pensarmos como será a estratégia de publicação de ‘Quarto de despejo’ partindo daquilo que a própria obra nos evoca enquanto materialidade. Pontuamos aqui que a edição utilizada para o desenvolvimento deste trabalho foi a 9ª edição, conhecida como edição popular pela editora Francisco Alves (Figura

7)¹⁵. Como elementos paratextuais, a edição em questão possui uma apresentação feita pelo próprio jornalista Audálio Dantas falando sobre o processo de produção do livro e quais eram suas impressões acerca da obra; ilustrações que retratam cenas do cotidiano escrito por Carolina; e, ao fim, há uma entrevista redigida com a própria autora discutindo o seu processo de escrita e quais eram suas principais reflexões após a publicação e o sucesso de ‘Quarto de despejo’.

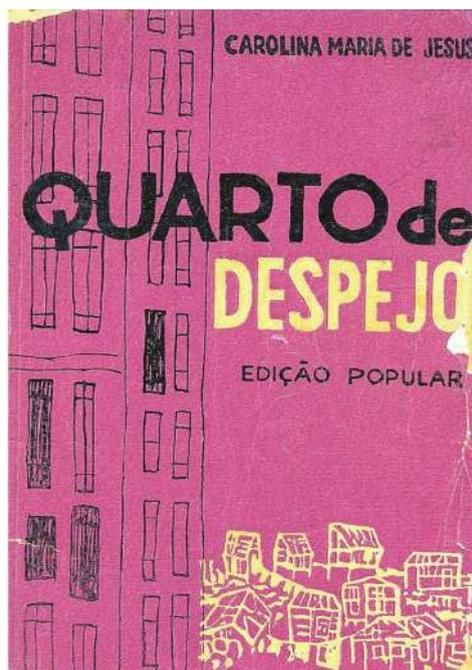


Figura 7: Capa de ‘Quarto de despejo’

Fonte: Universidade Federal do Pampa

De maneira geral, as edições de Q.D. procuram sempre clarificar o desejo em retratar os relatos de Carolina de Jesus da forma mais próxima possível ao formato original dos manuscritos da autora. Em alguns casos, são acrescentadas notas dos editores de modo a explicar as decisões editoriais que foram tomadas e que podem modificar as interpretações dos leitores em contato com a obra. Por exemplo, a edição de 2014 pela editora Ática optou pela reprodução da linguagem bastante coloquial da escritora, que muitas vezes contraria a gramática brasileira tanto em grafia quanto em acentuação. Tal decisão foi tomada como uma das formas de, sob a visão do corpo editorial, transmitir ‘Quarto de despejo’ o mais próximo

¹⁵ Disponível em:

<<https://sites.unipampa.edu.br/lehl/2018/10/21/uma-analise-sobre-a-obra-quarto-de-despejo-de-carolina-maria-de-jesus-por-rafael-barbosa/>> Acesso em: jan.2021

possível da matéria-prima original, de modo a retratar os manuscritos de Carolina com o menor dos retoques (Figura 8 e 9)¹⁶.

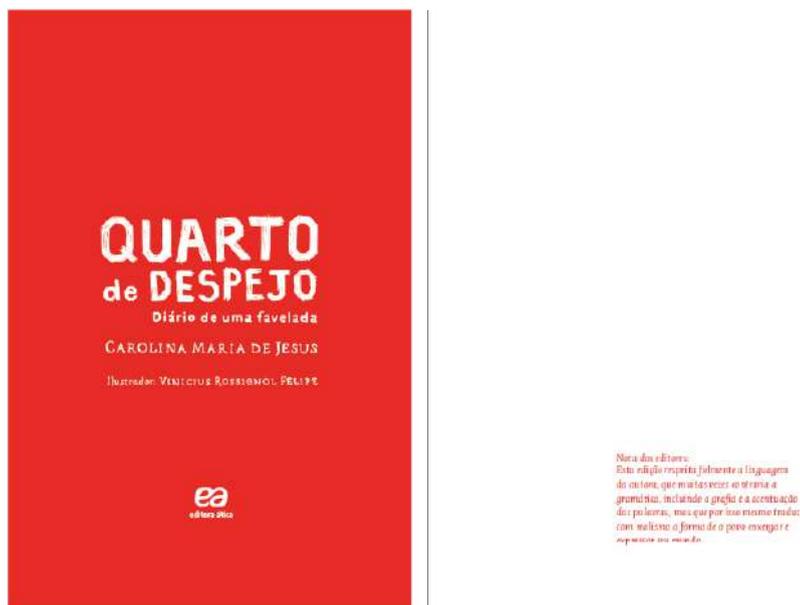


Figura 8 e 9: Capa e nota dos editores¹⁷ da edição de 2014 pela editora Ática

Fonte: Coletivo leitor

O desejo expresso por um retrato próximo das impressões originais de Carolina configura o anseio de olhares que buscam compreender cada vez mais as complexidades que perpassam toda a obra da escritora. Se antes ‘Quarto de despejo’ era por vezes julgado como uma invenção de Audálio Dantas que supostamente inventara a alcunha ‘Carolina de Jesus’, atualmente os diversos estudos que giram em torno da gênese do livro reclamam a autoria indiscutível da autora ao retratar de maneira tão única e expressiva seus próprios sentimentos.

10.1.As diferentes efemeridades carolínicas

Apesar das escolhas gramaticais tomadas, sejam elas orientadas pela grafia original; pela datilografia de Audálio Danta; ou por quaisquer outras redações, a escrita de Carolina consegue se apresentar de maneira muito única, tanto em forma quanto em conteúdo, em qualquer que seja o caso. Ao longo de ‘Quarto de despejo’, a autora se utiliza

¹⁶ Disponível em:

<<https://www.coletivoleitor.com.br/wp-content/uploads/2019/11/quarto-de-despejo.pdf>> Acesso em: jan. 2021

¹⁷ A nota diz: “Esta edição respeita fielmente a linguagem da autora, que muitas vezes contraria a gramática, incluindo a grafia e a acentuação das palavras, mas que por isso mesmo traduz com realismo a forma de o povo enxergar e expressar seu mundo.”

majoritariamente de períodos curtos e de uma transmissão objetiva, clara e poética de seus pensamentos. Parte desse formato pode ser atribuída às características de diários íntimos em si, a partir de sua descrição do efêmero e da abertura a uma expressividade muito subjetiva. Porém, o eu-poético sob o qual funciona Carolina coloca-se como um complexo diferencial no que diz respeito ao próprio funcionamento das escritas diarísticas em si, tendo em vista a condição de existência momentânea da autora por entre os espaços urbanos.

O estado vagante de Carolina coloca-se como parte integrante do nascimento, da manifestação, e da impressão de seus escritos, o que remete à poética do *flâneur*¹⁸, que, segundo Walter Benjamin inspirado pela poesia de Baudelaire, é onde se estabelece uma relação de troca mútua, sendo a existência do vagante alimentada pela existência do espaço urbano e vice-versa (BESSA, 2006, p.5). Dessa forma, assim como para o *flâneur*, a cidade se desdobra diante de Carolina e coloca-se para a escritora como paisagem.

Por ser colocada como um espaço de poética dentro do meio urbano, a *flânerie* permeia este cenário em diferentes níveis, chegando a um âmbito estético. No que concerne à escrita de Carolina, boa parte de suas impressões foram obtidas por meio de suas reflexões ao vagar pela cidade, e o seu ato de vagar era uma consequência da estrutura social do sistema moderno. O próprio trabalho de catadora corrobora tal afirmação, colocada como resultado das matérias e dos corpos despejados, a necessidade de indivíduos que vagam e/ou catam pela cidade é consequência do funcionamento urbano.

Destarte, as percepções de Carolina eram praticamente todas atravessadas pelo seu estado vagante. Assim como o *flâneur*, a autora toma a cidade como lugar potente de observação de narrativas, de conversas e de situações cujas quais nenhuma lhes escapa. Atribuímos isso ao fato de que a existência da poeta-catadora é, em partes, costurada com a existência do meio urbano. Nada escapa ao vagante pois a cidade é a sua existência, o andar é o seu espaço e o momento é o seu tempo. Sendo assim, colocamos Carolina como alguém que está para além do *estar* na cidade, ela *é* na cidade.

Essa lógica de pensamento é expressa de certa maneira em ‘Quarto de despejo’. A escritora por vezes deixa clara sua relação com o estado de eterna observadora vagante da cidade, como nos seguintes trechos de 7 e 21 de junho de 1955, respectivamente:

¹⁸ O termo advém do substantivo francês *flâneur* e significa “errante”, “vadio”, “caminhante”, “observador”.

“Eu tenho a mania de observar tudo, contar tudo, marcar os fatos.” (JESUS, p.48, 1960).

“Todos os dias é a mesma luta. Andar igual um judeu errante atrás de dinheiro, e o dinheiro que se ganha não dá pra nada.” (JESUS, p.60, 1960).

Ao cruzarmos esta perspectiva de existência que Carolina tinha na cidade com o tipo de escrita que a autora produziu, encontramos uma sobreposição de entendimentos que adiciona camadas à complexidade da produção de ‘Quarto de despejo’. Há uma ‘meta-efemeridade’ recheada de mistérios na escrita de Carolina Maria de Jesus. Em posse do livro, fica evidente que, além de termos em mãos um diário com registros do efêmero, temos o registro do efêmero de um *alguém* que também era, em partes, efêmero, em decorrência de sua relação de existência vagante pelo espaço urbano.

Devido ao estabelecimento desse tipo de relação da autora com a cidade, e como isso se reflete em seu trabalho escrito, principiei por indagar qual seria a materialização da existência do projeto, e como esta poderia se relacionar ao meio urbano. De certa forma, esta pesquisa poderia ser um indicativo ao entendimento de Carolina-*flâneur*, mas sob qual forma essa leitura deveria se apresentar? Como seria possível plasmar um instante, tendo como base essa experiência de vivência fugaz na cidade? Para articular essa pergunta, dando prosseguimento ao entendimento desse ‘alguém’ efêmero, fomos às suas produções. Dessa maneira, seria possível entendermos mais apropriadamente a escrita de Carolina, bem como quais imagens e momentos ela nos oferece.

Optamos por observar a captura do passar do tempo, a predominância dos sentimentos e sensações internas, e os pensamentos fragmentados na tentativa de serem registrados. Por esse viés de leitura de ‘Quarto de despejo’, nosso principal interesse com a obra não reside nas descrições objetivas de ações diárias, mas sim na descrição do estado subjetivo momentâneo que, no caso de Carolina, se modifica freneticamente em razão de sua dificultosa realidade de ser na cidade. A própria autora reconhece que seu estado de espírito possui um certo “prazo de validade” sendo renovado dia após dia:

“Hoje eu estou cantando. Estou alegre e já pedi aos vizinhos para não me aborrecer. Todos nós temos nosso dia de alegria. Hoje é o meu!” (JESUS, 1960, p.20)

“Estou sem ação com a vida. Começo a achar a minha vida insípida e longa demais. Hoje o sol não saiu. O dia está triste igual minha alma.” (JESUS, 1960, p.79)

“Hoje eu estou alegre. Eu estou procurando aprender viver com o espírito calmo. Acho que é porque estes dias eu tenho tido o que comer.” (JESUS, 1960, p.108)

Por vezes seu estado de espírito é definido pelo dia, se conseguiu dinheiro ou se conseguiu comer, dificilmente há períodos de estabilidade emocional. É fato que, devido a sua dificultosa vida, compreendemos por que tão comumente a poeta se encontrava em diferentes apreensões diárias. O que chamamos atenção aqui é que, um estado emocional tão diariamente mutável, junto de uma realidade na qual a existência de alguém funciona de maneira tão efêmera dentro dos espaços físicos onde este mesmo alguém trabalha e vive, cria-se uma relação muito potente quando tamanha disposição de vida relaciona-se à escrita diarística. Para além de sua existência, a subjetividade de Carolina Maria de Jesus era também forçada a se ‘efemerar’ em razão de sua realidade com o mundo. Diante disso, não é difícil pensar na escrita de diários como uma forma de entendimento de diferentes aspectos tão mutáveis.

Se a necessidade de entendermos nossa subjetividade enquanto seres afetivos, seres ativos e seres vivos é imprescindível à vida, como fazer para agarrar a própria subjetividade e a própria existência se estas passam tão rapidamente? É como se o ato de escrever diários não fosse coincidência à expressão de Carolina de Jesus e sim uma necessidade poética dos momentos da autora querendo se fazer entender.

10.2.As formas do momentâneo escrito

Percebendo o momentâneo enquanto possibilidade subjetiva do estado vagante de Carolina, fez-se necessário entender sua materialização no decorrer do livro por meio da forma de escrita de ‘Quarto de despejo’. Como dito anteriormente, a poeta faz uso de períodos curtos à sua expressão, resultando em uma articulação de palavras que promove uma leitura rápida, clara e poderosa à evocação de imagens e sentimentos.

Por meio de poucas palavras, as linhas e os períodos carolínicos convidam-nos à entrada a um estado de reflexão profunda. A leitura de seu texto pode ser fisicamente rápida em decorrência de seu modo tão lícido de se comunicar, mas as imagens evocadas são tão marcantes que não se deixam passar despercebidas. Soa como se Carolina soubesse disso e precisasse relatá-las em tão poucas palavras a fim de nos tornar preparados para recebê-las.

Devido a rapidez sob a qual a obra nos cativa a um estado de contemplação, há uma relação de criação de momentos na forma como a autora compartilha seus próprios momentos com seu leitor. Essa relação de contemplação entre leitura e leitor por meio de poucos, ou até mesmo um único tópico frasal, estabelece uma experiência semelhante à leitura haicais.

De acordo com Blyth (1963), o haicai surge como uma modalidade de poesia advinda de outras formas poéticas japonesas: 1.Chôka, 2.Sedôka, 3.Tanka. As três modalidades diferenciam-se basicamente pela quantidade de versos que comportam, bem como pela quantidade de sílabas. A relação do tanka com o haicai está inicialmente em sua métrica comumente dividida em duas estrofes, onde a primeira tinha tradicionalmente três versos e a segunda, dois. A popularidade deste tipo de poesia foi bastante alta entre a aristocracia japonesa por volta do período Kamakura (1186-1339) (MACHADO, 2012, p.16). Em decorrência das estrofes possuírem autores diferentes, as duas partes de um mesmo poema acabavam por serem independentes entre si. Ao atingir as camadas mais populares, esse gênero literário passou a carregar diferentes aspectos em sua composição, por vezes demonstrado em seu tom às vezes humorístico, às vezes cômico, irreverente e até mesmo erótico.

Segundo Machado (2011), somente no século XVII temas mais sérios são introduzidos nessa forma mais livre de poesia pela autoria de Matsuo Bashô. Bashô e seus discípulos se baseavam no zen budismo para escreverem seus versos e, com a popularidade que esta forma de escrita ganhou, Bashô tornou-se um dos maiores representantes do haicai tradicional, dando ênfase ao âmbito reflexivo hoje tão reconhecido da poesia de haicais.

A partir disso e da abertura japonesa para o Ocidente na segunda metade do século XIX, pudemos entrar em contato mais diretamente com os costumes culturais que o Japão possuía. De acordo com Franchetti (2008), a despeito daqueles que viam na literatura japonesa um exotismo e uma pobreza lírica, estavam aqueles que viam mais especificamente na literatura de haicais um campo rico de expressão de sensações diversas.

A partir da análise de Franchetti, os poetas brasileiros que começaram a estudar e escrever haicais acabaram por inaugurar duas modalidades de produção deste tipo de poesia:

1. Seguindo de maneira mais rígida a métrica tradicional;

2. Seguindo os aspectos mais livres em relação à forma, mas mantendo partes da influência tradicional em seu conteúdo.

Dentre os principais autores analisados por Franchetti estão: Guilherme de Almeida e Haroldo de Campos como adeptos da primeira modalidade, onde havia um interesse em manter as dezessete sílabas como forma e a distribuição das palavras em tópicos frasais; e Paulo Leminski e Millôr Fernandes como adeptos da segunda modalidade, onde era possível encontrarmos grande influência de um modo de vida zen e de aspectos da filosofia japonesa, bem como tons mais humorísticos.

Apesar das diferentes propostas, todos os autores tinham interesse comum em explorar o aspecto momentâneo proporcionado pela escrita de haicais. Desde a temática elencada até a escolha minuciosa de palavras na construção de pequenas frases, a expressão rápida do haikai é evocada pela sua forma e conteúdo.

É devido a isso que estabelecemos uma aproximação entre a obra aqui estudada e este gênero poético pois, de maneira semelhante à leitura de haicais, a disposição textual do conteúdo de ‘Quarto de despejo’ coloca-se como uma maneira curta e poderosa de remeter à descrição momentânea.

No entanto, se estamos a analisar a forma sob a qual a escrita de Q.D. se coloca, resta-nos entender de que maneira uma característica importantíssima da escrita diarística se relaciona ao raciocínio aqui construído: o uso de datas.

Se por um lado a leitura de haicais se coloca como uma descrição momentânea do presente, a marcação que o uso de datas proporciona à leitura dos trechos de Q.D. coloca-se como um diferencial ao pensarmos uma evocação dos momentos. À primeira vista, pode ser que isso soe paradoxal, pois a demarcação numérica de datas é um veredito à definição eterna de um espaço-tempo passado. No entanto, a mistura desse elemento ao pensamento tão ‘haicanesco’ da poética de Carolina coloca-se como uma provocação rica aos momentos de nosso tempo presente.

A expressão dos momentos no corpo do livro já é evidente de maneira isolada. Porém, o fato de constar uma data específica atribuída a estes mesmos momentos evidencia o poder e a importância que a escrita de Carolina tem consigo até hoje. Os medos, os sonhos, os desejos

e as inquietudes da autora provindos de sua situação enquanto despejada continuam vivos em considerável parte da população e espalham-se por todas as cidades. As datas junto aos textos de Carolina não funcionam como demarcações de momentos que já aconteceram, funcionam como uma maneira de discriminar o tempo de permanência das existências de todos estes mesmos momentos e as subjetividades que levaram a impressão destes ao papel. A datação de entradas, elemento intrínseco à escrita diarística, adquire uma atualização de significado quando colocada junto ao texto de Q.D.

As revoluções, os problemas, as conquistas, as perdas que atravessavam Carolina e atravessam a tantas outras pessoas é que torna mais presente, necessário e atual sua obra para nossa sociedade. Se os momentos são espaços-tempo que já foram antes de terem sido e que serão quando já foram, a percepção de aspectos tão únicos à ‘Quarto de despejo’ faz com que ocorra o mesmo com a escrita de Carolina. A escritora foi, é e será. Se a sua existência era uma consequência viva da relação com o meio urbano e o funcionamento da sociedade moderna, enquanto este mesmo modelo social perdurar, ditando e despejando corpos e subjetividades, Carolina estará viva.

O momentâneo coloca-se como ponto-chave da análise feita de ‘Quarto de despejo’. Primeiramente, por partir do modo de existência vagante da autora pelo espaço urbano, um alguém que existe de maneira fugaz pelos momentos em que *é* na cidade. Em seguida, este mesmo alguém traduz seus momentos vividos em formato textual que, por fim, resultam em uma leitura próxima à interpretação de haicais (Figura 10):

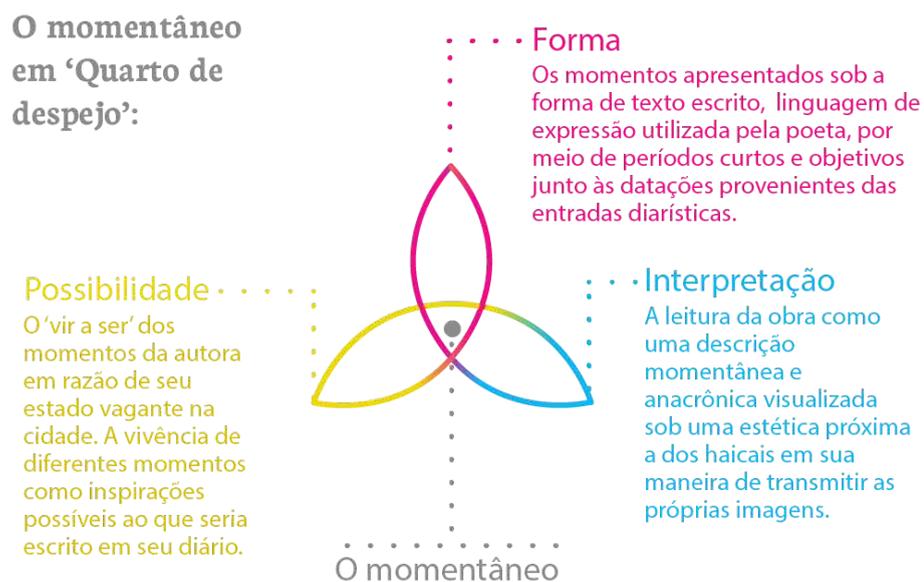


Figura 10: Diagrama da análise de ‘Quarto de despejo’

Fonte: O autor

Compreendendo melhor as relações das possibilidades de expressão, das formas impressas e das provocações de interpretação na escrita de Q.D., estabeleceu-se que o momentâneo configurava um caminho de pensar uma abstração à interpretação da obra que poderia dar continuidade de maneira rica aos desdobramentos do projeto. A estrutura triádica proposta foi aplicada também de maneira a pensar o momentâneo na produção e na leitura do projeto como será visto mais a frente.

10.3. Escolha dos momentos

A seleção de trechos a serem utilizados buscou partes do corpo textual de ‘Quarto de despejo’ onde fosse possível encontrar características identificadas no subcapítulo anterior, que dessem margem a uma interpretação ‘haicinesca’ da obra, atualizando a escrita dos momentos a uma espécie de anacronismo proporcionado pela união das datas ao conteúdo dos diários. Devido a isso, boa parte dos trechos escolhidos possuem um tamanho reduzido e tratam de impressões bastante íntimas de Carolina para com o mundo, em vez das descrições assíduas da autora acerca de suas ações rotineiras.

De modo a propor relações internas entre os trechos selecionados, bem como qualificá-los melhor enquanto grupamento e material de projeto, delineamos categorias conceituais para que, deste jeito, todos os assuntos sob os quais os trechos escolhidos tratam fossem abarcados. Para além de servir como classificação das diferentes temáticas, a categorização conceitual dos trechos funcionou como estratégia criativa, pois, por meio das categorias qualitativas, adveio uma importante divisão às disposições materiais a serem trabalhadas pelo projeto.

A quantidade de categorias deu-se de forma livre objetivando relatar as temáticas que colocavam-se como mais pertinentes aos encaminhamentos desta pesquisa, são elas:

1. Vida

Por entendermos que os obstáculos de Carolina fugiam da sua possibilidade de escolher ou não enfrentá-los, por exemplo, comumente encontramos na obra a dolorosa fome que a autora precisou conhecer frente a frente. No entanto, os enfrentamentos de Carolina indo de encontro à dura realidade eram reveladores de um desejo intenso de se ter o direito a viver. Há uma fome de vida nas impressões da autora.

2.Morte

Complementar à Vida, reside aqui os momentos de encontro com o outro lado da moeda da existência. Carolina entende que, nas situações em que se encontrava, a morte e o desejo pela mesma se colocava como uma opção. Muito embora a recorrência de pensamentos suicidas fossem comuns, parte do entendimento de Morte em Carolina adquire novas faces, por exemplo ao tratar do perdão como morte de sentimentos. É possível identificar também o entendimento da autora de que a morte faz parte da vida, mas é a forma sob a qual a Morte se apresenta que a sociedade julga, celebra, odeia ou ignora partes de si mesma.

3.Deleite

Em Deleite encontram-se os registros de Carolina onde a poeta coloca claramente a descrição de seus sonhos e de seus devaneios. É quando podemos observar os momentos de respiro da autora. Em Deleite pode-se presenciar mais claramente a forma que a poeta tinha de alimentar a si própria e suprir as necessidades de sua existência por meio das imagens do processo de criação de sua literatura.

4.Despejo

Em Despejo há espaço para o espaço. É quando entramos em contato com as reflexões da autora sobre sua existência dentro do espaço urbano e como os diferentes "cômodos", seguindo a metáfora do título da obra, se relacionam com a autora ao formar a casa-metrópole. Em paralelo à existência que a cidade dá à Carolina e vice-versa, está a percepção que a poeta tinha da cidade como um ser vivo.

5.Revolução

Em Revolução encontram-se os gritos que clamam por maneiras transformadoras de lidar com a realidade. É quando lemos o olhar de Carolina sobre as injustiças sociais da sociedade brasileira como um todo, no que termina com seu poder aquisitivo e começa na cor de sua pele. Ao mesmo tempo, é onde vemos a manifestação da autora com afetividade e amorosidade ao seu corpo e ao dos injustiçados. Para além dos gritos, há ternura na revolução de Carolina ao olharmos para o outro.

É preciso reiterar que estas não são todas as temáticas passíveis de serem observadas ao longo de 'Quarto de despejo'. Nosso objetivo não era esgotar as possibilidades de olhar a

obra, mas sim propor uma estrutura categórica condizente ao raciocínio construído pela pesquisa. Tal fato é que, por vezes, alguns trechos dão margem a estarem em duas categorias ao mesmo tempo. Isso não é visto como empecilho à pesquisa, pelo contrário. Vemos a multiplicidade de relações entre partes do trabalho como uma maneira criativa de pensar as estruturas a comporem conversas dentro do próprio projeto.

Definido e categorizado, o material editorial de ponto de partida da nossa publicação estava pronto (Anexo B). Dessa maneira, foi necessário estabelecer qual forma seria utilizada como suporte à matéria-prima da publicação. A seguir, será relatado quais foram e como se deram esses processos.

11.O papel como escritura

Dentre os caminhos que poderiam ser tomados acerca da maneira de expressão do trabalho, elencou-se o papel como meio de intervenção à materialização do resultado da pesquisa não só pela aproximação que os processos editoriais têm com este material, mas também pelas relações simbólicas que o papel estabelece entre Carolina de Jesus e sua obra.

Neste momento é importante mencionar mais uma vez a situação pandêmica que vivemos durante o processo de produção desta pesquisa. Objetivando um desenvolvimento satisfatório e seguro do projeto prático, optou-se pela procura de material de trabalho que estivesse ao alcance da minha cidade natal, Pacajus-CE, de modo a evitar grandes deslocamentos à capital e possíveis contatos de risco à contaminação do vírus da Covid-19. Embora este contexto tenha reduzido as possibilidades de aquisição de diferentes tipos específicos de papéis, foi também o que deu vazão a um caminho que se aproximou de maneira conceitual e concreta aos temas estudados.

De maneira geral, os papéis mais comuns possíveis de se encontrar eram papel sulfite branco ou colorido; papéis usados; e papéis já descartados no lixo. Preferi o caminho que partia dos papéis já descartados tendo em vista que, por se tratar de um volume considerável, seria possível encontrar um leque maior de variedades de tipos de papel do que o que era oferecido comercialmente na cidade. A compra de papéis via internet foi cogitada, porém devido ao fato de que este material seria tão importante à composição do resultado do projeto, um contato direto com as cores, texturas e gramaturas dos papéis era imprescindível à seleção de materiais.

Além disso, tomando papéis descartados como matéria-prima do projeto, colocamos as lentes que os catadores usam para enxergar a cidade de modo a encontrar e ressignificar aquilo onde julgou-se não haver quase nenhum significado: no lixo. Deve-se explicitar algumas diferenciações nesse processo, já que o lixo onde busquei meu material não foi necessariamente o que espalhava-se pela cidade.

O principal ponto de coleta de materiais para este trabalho foi por meio de uma empresa local de reciclagem. Por medidas de segurança, apenas uma única visita foi feita, e com agendamento prévio. Dessa forma, tive contato com uma grande quantidade de papéis possíveis de serem assimilados à matéria-prima de projeto e pude fazer o processo de catação de maneira isolada, respeitando o distanciamento social.

Apesar das singularidades do meu processo, é possível dizer que, na procura por material de trabalho, a ressignificação por meio do olhar do catador sobre a existência e a funcionalidade dos objetos descartados permanece a mesma. A postura de designer enquanto conformador se aproxima e se mescla à postura de Carolina enquanto poeta, não pelo gesto simplório de me colocar como catador, mas por enxergar o “achar papel” como escritura do projeto, como uma produção de significados relacionados àquilo que foi escolhido. Assim como Carolina via em restos de agendas e de folhas uma tela em branco à impressão de seus pensamentos, vimos nos papéis catados nossa tela em branco à impressão do projeto.

À vista disso, o processo de experimentação se vale do acaso como produção de sentido, já que não sabíamos quais papéis seriam selecionados, nem como este material seria utilizado até então. O critério de escolha do que poderia ser usado contou com o acaso, tendo sempre em mente os conceitos estudados anteriormente e as imagens que os trechos categorizados evocavam. Posto isso, para a ocorrência deste acaso como campo de possibilidades de produção de sentido, é exigido um tempo-espço específico. Neste caso, trata-se do momento em que o conformador/trapeiro se encontra com a matéria de descarte e atribui a ela uma nova relação de significado para consigo mesmo e para com o mundo.

Sendo assim, o momentâneo é tomado como elemento de linguagem à produção do projeto por ser imprescindível à abertura ao campo de nossa criação, já que as possibilidades de papéis eram incertas e aleatórias, sendo necessário ir até elas para saber quais proposições poderiam surgir; ao encontro do material escolhido, pois tratava-se do momento em que os papéis encontrados foram julgados pertinentes a comporem as

experimentações gráficas; e às possíveis interpretações a serem obtidas por meio dos papéis selecionados, pois estes mudavam conforme haviam ou não outros encontros com materiais interessantes à composição do projeto (Figura 11).

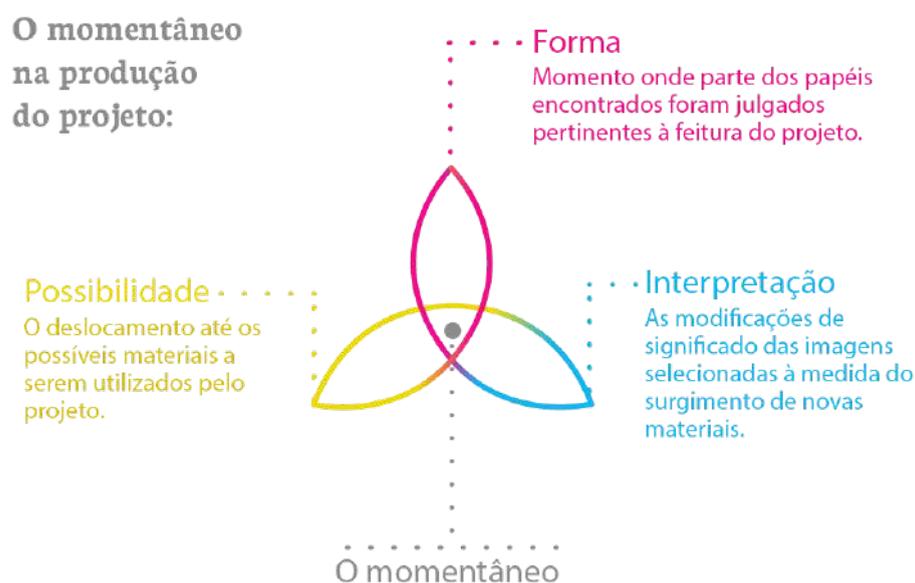


Figura 11: Diagrama da produção conceitual do projeto

Fonte: O autor.

No que diz respeito aos conteúdos investigados sobre diários íntimos, a escolha de diferentes papéis para a proposta gráfica do trabalho incorpora a ‘forma-significante’ diarística que extrapola a comunicação escrita como único meio de produção de diários, indo em direção ao acréscimo de diferentes intervenções como característica intrínseca à expressão destes artefatos. Ao utilizar fragmentos de papéis, colocamos um desprendimento sobre a rigidez formal clássica do que é entendido pelas páginas de um livro.

Dessa forma, é permitida uma vazão às interpretações muito próprias dos atritos semióticos que os livros Inter-Media (PLAZA, 1982) propõem ao abrigarem diálogos polifônicos entre os diferentes meios de comunicação encontrados em sua composição. Como resultado desse tipo de escolha projetual está também a incorporação da ‘meta-materialidade’ do modo de feitura dos diários íntimos (DIDIER, 1996) dentro de uma proposta de publicação também de um diário íntimo.

De modo a conformar o conjunto de papéis fracionados, nos valem da técnica de colagem. Por permitir uma abertura a elementos gráficos fragmentados em sua composição, a colagem resulta em uma união destes pedaços de imagens em um trabalho experimental

que muitas vezes recontextualiza a matéria-prima utilizada ao modificar mensagens e significados inicialmente atribuídos àquele mesmo material (Figuras 12 e 13).

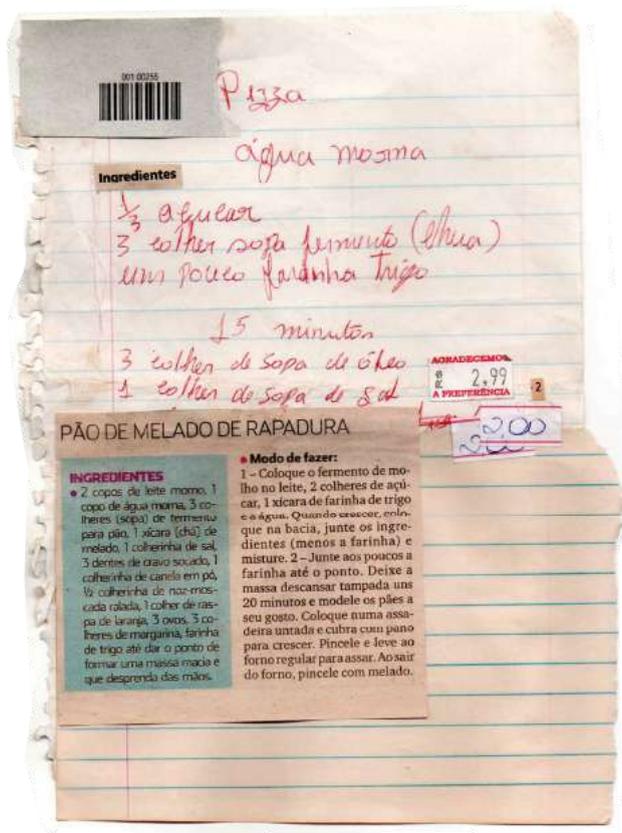


Figura 12 e 13: Recortes de diferentes anúncios residenciais

Fonte: O autor

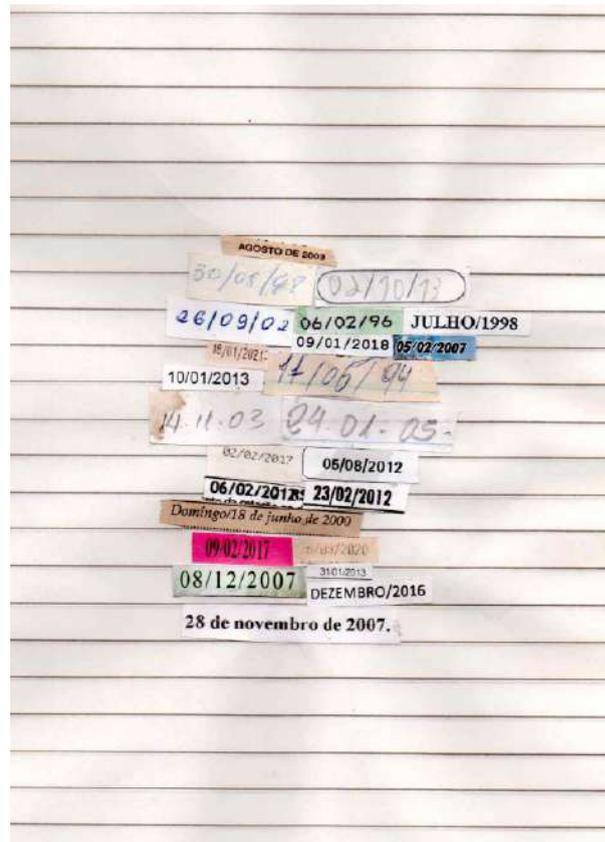
Em outras palavras, a ordem e a somatória dos fragmentos alteram de maneira significativa o resultado. As diferentes formas de sobrepor as mesmas imagens no exercício de colagem constitui um campo rico de ressignificação da matéria-prima utilizada pois esta passa a conformar novas mensagens.

As colagens funcionaram como uma maneira inicial de trazer à tona uma visualidade do projeto e resultaram em cinco proposições de ilustração das categorias temáticas dos trechos de ‘Quarto de despejo’ elencadas anteriormente:



(i) Figura 14: Colagem de Vida

Fonte: O autor



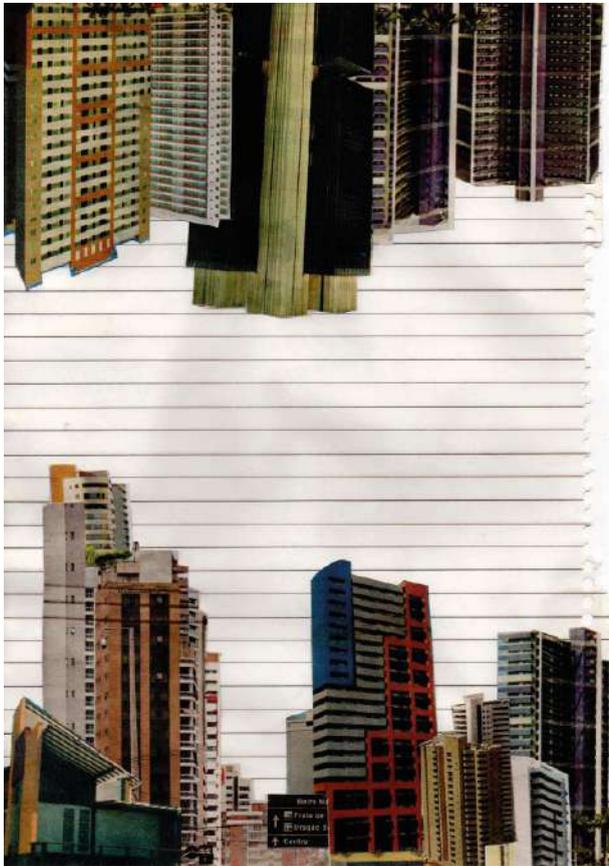
(ii) Figura 15: Colagem de Morte

Fonte: O autor

(i) Na criação da colagem para a categoria Vida, buscou-se mesclar as diferentes necessidades que Carolina retrata em seu texto. O uso da imagem de receitas, de etiquetas de preços e do código de barras representa não só a sombra constante da fome a observar a autora, como também a sua dificultosa situação financeira. Em contraposição a essas imagens, as sobreposições de folhas em branco pautadas estão mais relacionadas a remeter o espaço da literatura como um local onde a poeta se expressava e supria sua fome de vida.

(ii) A colagem de Morte reúne diferentes datas e números amontoados ao centro da peça de modo a representar a persistência dos pensamentos que se relacionavam à morbidez em diferentes dias por diversas vezes. A mistura entre datas postas lado a lado coloca-se como referência aos olhares de Carolina acerca de tantos outros corpos despejados, pois, quando colocados de maneira tão amontoada no âmbito de Morte, os números criam uma considerável mancha gráfica que visualmente perde o *status* de datas. A mistura de dias se

confunde com o número de despejos chegando ao ponto de não ser mais possível distingui-los. Assim como vemos os números, a autora via a imensidão crescente de tantas pessoas que lidavam com a morte da mesma maneira que a sua.



(iii) Figura 16: Colagem de Despejo

Fonte: O autor

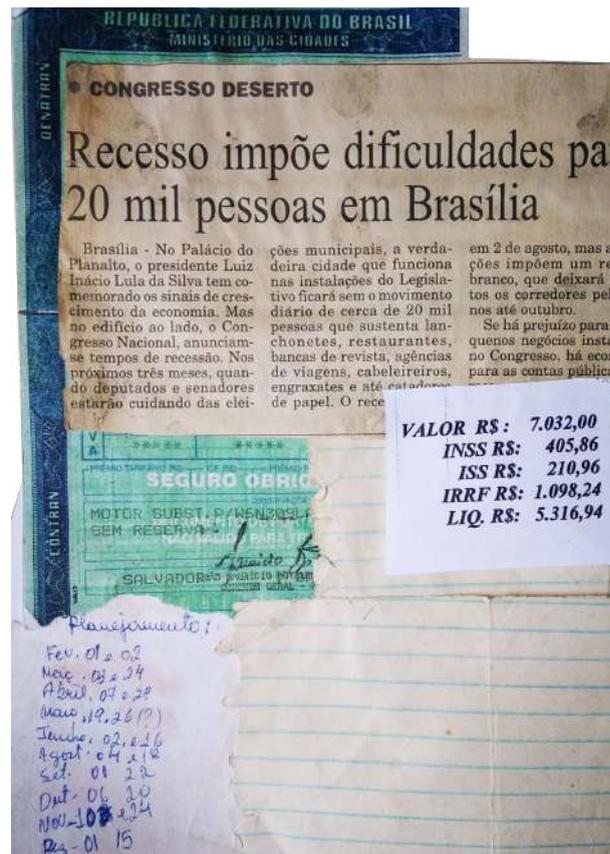


(iv) Figura 17: Colagem de Deleite

Fonte: O autor

(iii) A colagem de Despejo traz a sobreposição das imagens de diferentes prédios a formar uma evocação à imagem de selva de pedra, símbolo de grandes cidades. Compondo uma relação de figura-fundo entre as fotografias amontoadas e as pautas da folha de caderno, a colagem representa o contraste entre o espaço de existência da autora no meio urbano e sua possibilidade de atuação, intervenção e existência na cidade apenas no despejo da mesma. Os prédios invadem o espaço e, atravessando a folha pautada, forçam o ato ceder espaço.

(iv) Em Deleite há a sobreposição de desenhos e rabiscos de criança em folhas manchadas. As formas das imagens sobrepostas se dão de maneira livre, como sugestões indiciais do que podem representar como desenho. Por meio de cores vibrantes, a colagem de Deleite coloca-se como uma contraposição às imagens tão opacas e pouco vibrantes encontradas nas outras colagens. Além disso, a sua disposição coloca a menor das evidências nas linhas das folhas pautadas. É possível percebê-las, mas de maneira sutil, como lampejos de realidade que atravessavam os devaneios de Carolina.



(v) Figura 18: Colagem de Revolução

Fonte: O autor

(v) Em Revolução encontram-se imagens de manchetes e documentos rasgados, representando problemas sociais esquecidos e deteriorados. Reforçando a dificuldade nacional, encontram-se valores de diferentes impostos como indicador do funcionamento político. No canto inferior esquerdo encontra-se uma listagem de datas em diferentes meses como representante de um estado de preparação para lidar com aquela situação. No canto inferior direito residem mais uma vez as linhas de folhas pautadas como representante da

presença de Carolina naquele lugar também. O espaço da escritora se sobrepõe e invade a realidade social

A obtenção de uma representação visual das categorias foi uma maneira importante de trazer expressividade ao trabalho. Todos os resultados foram digitalizados e xerocados, pois só assim seria possível visualizar toda a colagem reproduzida em um suporte único de maneira a pensar a reprodutibilidade dos resultados visuais.

A partir desse processo de cópia das imagens, surgiu a ideia de reproduzir e distribuir o projeto por vias de expressão da arte urbana, pois as colagens, quando reproduzidas em xerox, poderiam funcionar visualmente bem em formato de cartazes. Além disso, afixar os escritos de Carolina dentro do espaço urbano constitui-se como uma característica singular à maneira do projeto pensar a reprodução de ‘Quarto de despejo’ e a sua partilha material com os possíveis leitores.

Adotar a arte urbana como forma de publicação desta obra foi a maneira julgada mais adequada a entender como a leitura do projeto ganharia complexidades e possibilidades de fruição por meio de sua própria materialidade, pois evocar a escrita diarística de Carolina por meio do espaço urbano proporciona uma leitura momentânea dos momentos, já que o contato do leitor com a publicação se daria pelos atravessamentos deste por meio da presença da obra em determinados espaços da cidade.

Sendo assim, a leitura do projeto exige uma existência na cidade e, assim como as diferentes efemeridades de Carolina, vai embora junto com o momento que a trouxe. Em outras palavras, a conformação física atribuída ao projeto sorve o momentâneo e o ato de vagar pela cidade como elemento integrante à provocação de leitura do conteúdo da obra literária, promovendo uma sobreposição ao tomar a necessidade de uma existência momentânea para a leitura da descrição das existências momentâneas da própria autora (Figura 19).

**O momentâneo
na leitura do
projeto:**

Possibilidade - - - -
Os leitores, distribuídos
pelo espaço urbano,
encontrando com
diferentes partes do
trabalho.

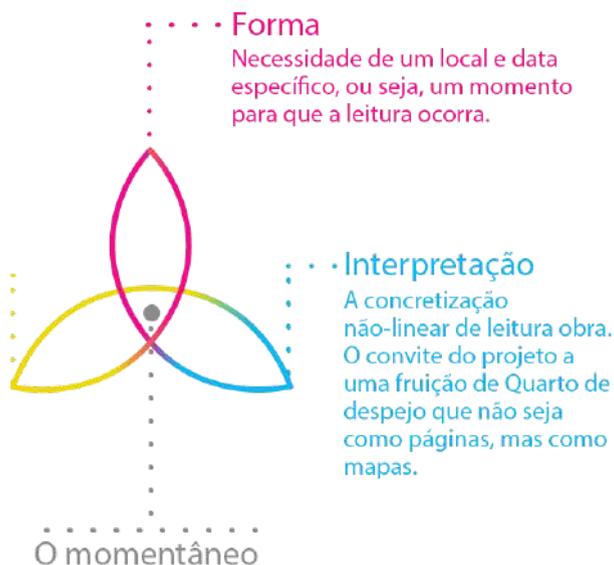


Figura 19: Diagrama de leitura do projeto

Fonte: O autor

A julgar pela reprodução das colagens como cartazes, a técnica de lambe-lambes seria adequada à proposição de nossa publicação-urbana. Tal técnica consiste na fixação de pôsteres ou cartazes na rua por meio da mistura de água e cola branca, ou cola caseira, por meio do auxílio de pincéis ou rolos de pintura.

No entanto, era necessário que houvesse uma melhor interrelação sistemática entre as próprias colagens. O uso da metáfora de linhas de folhas pautadas como símbolo do formato de expressão de Carolina foi uma das maneiras de construir este tipo de integração. O objetivo de reforçar ainda mais esse aspecto é tornar todas as peças graficamente mais coesas como grupo componente de uma mesma obra. Além disso, era também necessário pensar a integração dos trechos selecionados a este formato de proposição e, junto a tudo isso, pensar uma estratégia segura de aplicação dos lambes.

A partir disso, deu-se vazão às técnicas do Design como maneira de lidar com estas necessidades internas de projeto e melhorar a comunicabilidade do trabalho como um todo.

12. Artíficos de Design na comunicação urbana

Com o desenvolvimento do âmbito mais imagético, ficou clara a necessidade de integrar as produções de imagem ao material textual que tínhamos em mãos. Devido ao fato de que o trabalho de publicação aqui pretendido gira em torno de devolver a poética de Carolina de Jesus à cidade, foi necessário revisitar mais uma vez o conteúdo de ‘Quarto de

despejo', agora sob o olhar de pensar o texto como mancha visual a integrar de alguma maneira os lambes. Para isso, entramos em contato com reproduções digitalizadas de alguns manuscritos da poeta (Figura 20) e pudemos observar qual era a visualidade original de Q.D.

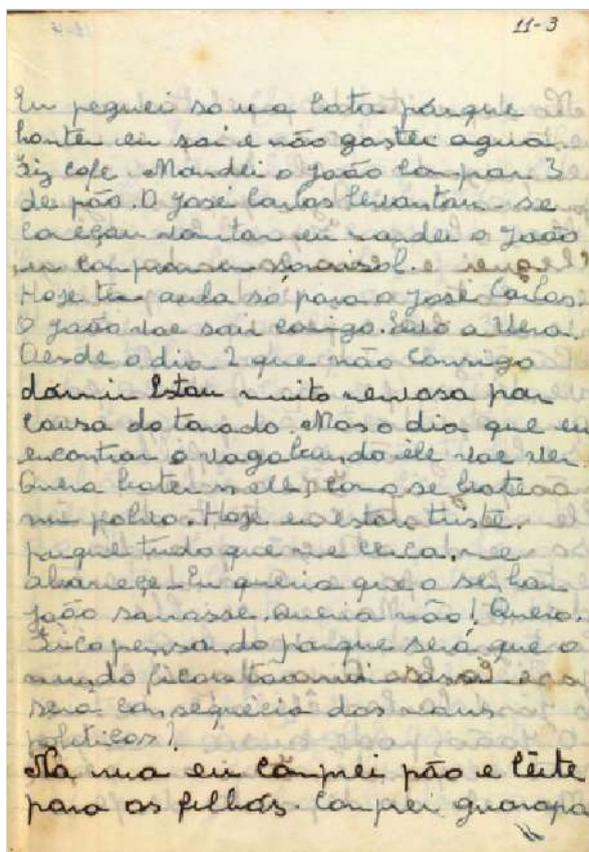


Figura 20: Digitalização do registro de 5 de Dezembro de 1958, página 3 do Caderno 11

Fonte: MARTINS, Letícia Guimarães (2017)

Utilizamos as versões digitalizadas dos manuscritos e o estudo feito por Martins (2017) acerca dos formatos caligráficos de Carolina para desenvolver reproduções tipográficas baseadas nas formas das letras da poeta (Figura 21).

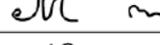


Figura 21: Reprodução digital da letra <Q> maiúscula

Fonte: Digitalização por MARTINS, Letícia Guimarães; Ilustração em rosa e preto pelo autor

As reproduções feitas se aproximam mais da ilustração do que da tipografia clássica em si, tendo em vista a maneira consideravelmente livre de obtenção destes textos-imagem, bem como seu objetivo de mimetizar de maneira apenas pontual a escrita de Carolina, e não projetar uma alfabeto completo seguindo à risca a série de regras que projetos tipográficos classicamente adotam. Devido a isso, nem todo o alfabeto passou pelo processo de ilustração (Tabela 1).

Tabela 1 - Listagem de letras reproduzidas

Letras reproduzidas		
caracteres	Letras manuscritas	Reproduções digitais
A, a		
B, b		
C, c		
D, d		
e		
F, f		
g		
H, h		
I, i		
J, j		
K		
l		
M, m		
N, n		
o		
P, p		
Q		
r		
s		
t		
u		

Fonte: Digitalizações por MARTINS, Leticia Guimarães; reproduções digitais pelo autor

A intenção do uso dessas ilustrações é trazer aspectos visuais da autoria de Carolina sobre a ‘obra-texto’ por meio de técnicas que concernem ao campo do Design dentro da ‘obra-livro’. Os caracteres reproduzidos digitalmente seguiram algumas regras a partir das diferentes formas que Carolina escrevia uma mesma letra. Por exemplo, a letra <o> e a letra <s> minúsculas eram escritas de maneiras diferentes a depender de sua posição no início, meio ou fim da palavra. As experimentações textuais feitas seguiram a aplicação destas mesmas regras (Figura 22).

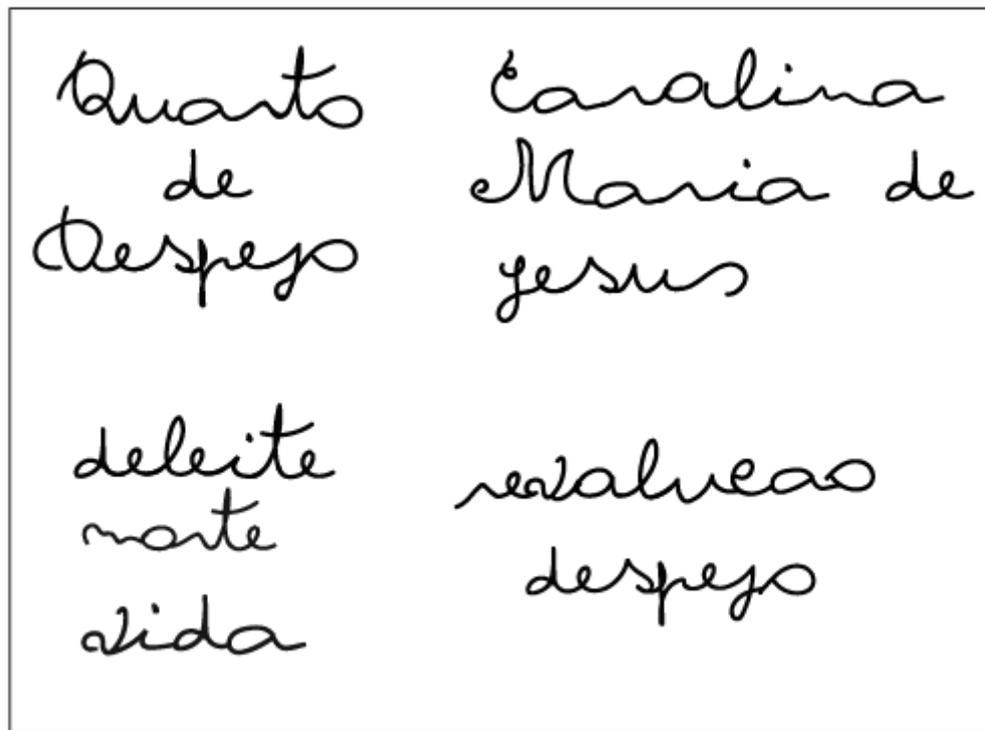


Figura 22: Experimentações tipográficas a partir da caligrafia de Carolina

Fonte: O autor

As variações de uma mesma letra por vezes comprometiam a leitura de algumas palavras. Para proporcionar uma leitura adequada aos leitores da obra, substituições foram feitas (Figura 23), e todas as letras foram modificadas de maneira a encaixarem com fluidez umas nas outras assemelhando-se a um gesto manuscrito (Figura 24).

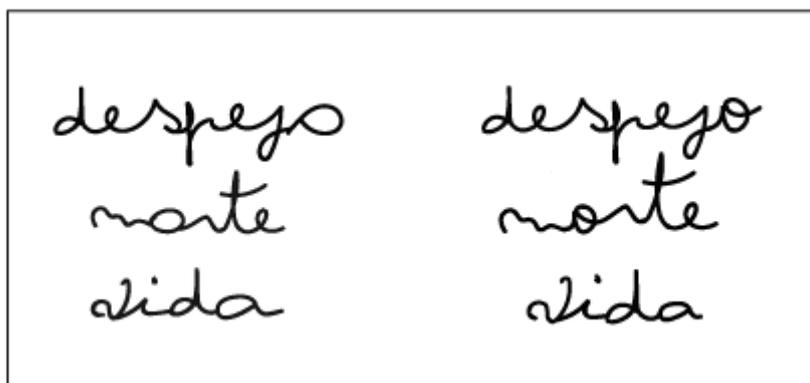


Figura 23: Comparativo entre a ausência e a presença dos ajustes de legibilidade

Fonte: O autor

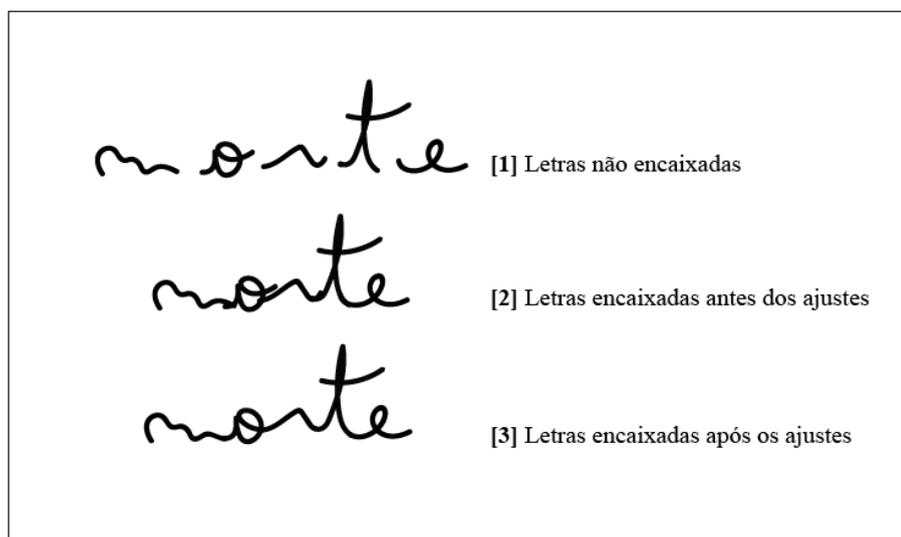


Figura 24: Ajustes feitos nas letras para tornar a forma da imagem mais fluida

Fonte: O autor

Para redigir a palavra 'revolução', acrescentou-se pequenos traços de maneira a funcionarem como os sinais diacríticos cedilha <ç> e til <~> também baseando-se nos

manuscritos da autora (Figura 25)¹⁹ e (Figura 26). Após isso, cada palavra foi acrescida à sua respectiva colagem (Figura 27).

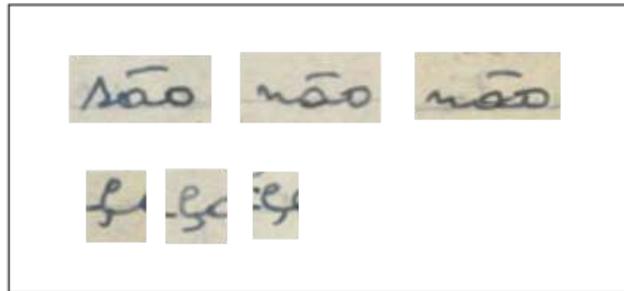


Figura 25: Fragmentos dos manuscritos de Carolina que continham a sua grafia dos sinais diacríticos

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional



Figura 26: Palavra 'revolução' sob os devidos ajustes

Fonte: O autor

¹⁹ Disponível em:

<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1352132/mss1352132.pdf> acesso em fev. 2021



Figura 27: Colagens com suas respectivas palavras

Fonte: O autor

A aplicação das palavras desenhadas em cada colagem une visualmente as cinco proposições, colocando ao leitor uma conversa entre as cinco partes. O estabelecimento desse tipo de relação é bastante importante, tendo em vista a fixação das diversas partes da obra em locais diferentes. A posição de cada palavra foi definida com base no local onde julgou-se ter o melhor ponto de legibilidade dentro da imagem, o que por vezes foram os espaços onde previamente adotamos como representação da presença da escritora: as folhas pautadas.

Espalhada sobre o corpo da cidade, a unidade de linguagem do projeto convida aos passantes espectadores da obra a montar uma ordem de leitura entre os fragmentos com os quais entre em contato. Em vez do passar de páginas, damos espaço à construção de mapas como modo de ler nossa publicação.

Com a maturação de uma forma de comunicação gráfica do projeto, era fundamental desenvolver a integração desta ao volume textual selecionado. Para isso, partiu-se da máxima de que o suporte ao texto deveria compartilhar o mesmo suporte às imagens do trabalho. Dessa forma, os trechos selecionados de cada categoria foram dispostos nas mesmas folhas pautadas que tomamos como suporte gráfico às colagens centrais. Além disso, a datação dos diários foi escrita por meio das reproduções tipográficas produzidas a partir da caligrafia da poeta, fazendo uso mais uma vez do texto-imagem como artifício de comunicabilidade entre os diferentes fragmentos de composição do projeto (Figura 28).



Figura 28: Elementos a comporem o mural de 'Vida'

Fonte: O autor

Experimentando formas de composição visual a partir da sobreposição de diferentes disposições dos lambe-lambes, a forma geral do projeto ganhou força, pois o aumento gradativo da dimensão do que seria a intervenção urbana acabou adquirindo um aspecto de mural quando imaginada sua aplicação no espaço urbano.

As possibilidades de composição trouxeram uma dinamicidade ao que era passível de se obter como aspecto final dos lambe-lambes. Devido a isso, a exploração da gramática da forma por meio da feitura dos diferentes murais se colocou como um recurso projetual de investigação das maneiras de composição dos resultados, já que a disposição escolhida dos elementos fragmentados se colocou como um modo de articular graficamente diferentes significados de cada categoria (Figura 29).

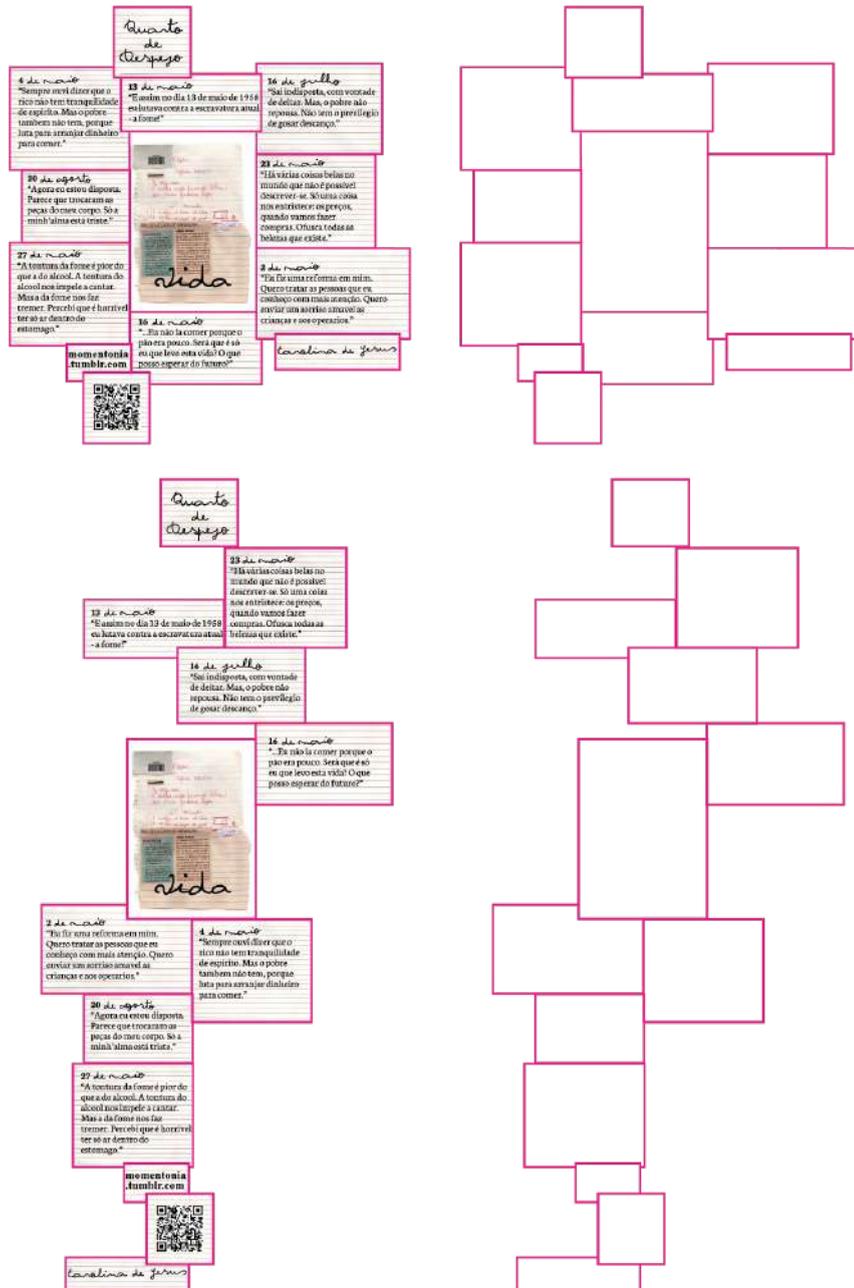


Figura 29: Exemplos de formas de composição contendo os mesmos elementos

Fonte: O autor

Tal fato se colocou também como singularidade à aplicação do projeto, tendo em vista que, a depender do local em que será fixado, o arranjo da posição dos elementos pode mudar e se adaptar a diferentes dimensões. A mistura das diferentes datas fazendo-as fugir de uma composição temporal linear é uma maneira de tensionar a leitura de lembranças de um momento passado dentro da leitura momentânea atual que será feita. A ideia é, paradoxalmente, criar um momento anacrônico.

A execução de todos os lambe-lambes foi pensada apenas por meio de folhas pautadas, pois trata-se de um volume considerável de papéis encontrados na visita à reciclagem. Por tomarmos os papéis descartados como matéria-prima, estes tornam-se telas em branco à pintura de nossa expressão, sendo assim, pensou-se que fazer uso da impressão dos lambes em papéis previamente achados no local de descarte serviria como potência do projeto a fazer refletir também sobre quais descartes seriam feitos em sua própria produção.

Assim sendo, objetivou-se utilizar o mínimo possível de papéis novos na impressão do trabalho, pois uma parte importante a projetos de design é pensar não só na produção de um artefato, mas também considerar qual será o seu descarte e custo financeiro e ambiental. Além disso, fazer uso de materiais anteriormente descartados e torná-los uma produção viva de expressão torna-se uma maneira proveitosa de pensar uma devolução dos despejos da cidade à própria cidade.

Por fim, como demandas de comunicabilidade do projeto, restava trazer à tona a autoria dos trechos e propor uma ponte de comunicação aos leitores interessados que desejam compreender melhor do que o trabalho se trata. Para isso, todos os trechos foram escritos fazendo o uso de aspas <“ > de maneira a indicar que tratam-se da fala de outrem e, como reforço a isso, adicionou-se aos lambes duas etiquetas constando o título da obra a qual o trabalho se refere, bem como sua autora (Figura 30).



Figura 30: Etiqueta com o título do livro e nome da autora

Fonte: O autor

Junto a isso, um QR Code ficou disponível aos leitores que se sentissem instigados a conhecer melhor o projeto (Figura 31). O código redireciona os leitores ao blog que foi desenvolvido como uma maneira de levar uma faceta da pesquisa a um campo onde mais pessoas pudessem interagir com a proposta do projeto.



Figura 31: QR Code e endereço eletrônico do blog

Fonte: O autor

Com a definição de todos os elementos pertinentes à aplicação dos lambes, bem como de sua forma de comunicabilidade, resta-nos mostrar os detalhes dos resultados do trabalho.

para, academia, padaria. Dentro desta ter
o local se enche de bebês e crianças!
trincando o sobrevivendo. Mas, avós e
paço pro
de car

entreter a futura geração
e corredores, buscando a saúde
nho, mas enorme em aqu
se massajinhos que,

praca
enche, ta
camin
corredo
buscando
do corpo,
n espaço
to é ara
n ta

Parte 3

do no
o inves
8% res
ão em rel
rever uma pe
er neste ano. Apesar de o
do País deve afetar o mer
mesmo a atual crise
destinados ao setor
investem em produ
faça a alegria de es
lugar global no r
der que o Brasil
o no País, não é
32,4 milhões dichg
s aos animais. Co
s dos privilegiados P
nração mais saudá
de beleza especializ
os. O furô para rel
sticação e luxo nos
no per alcançass
ação fez cor
ao aos se
ame

DAR
ARG
ROUÏET
ELEFAX:
Todos
grandes
de veiau
econheg
vem dar u
cidade de Fe
ilumina

A terceira e última parte desta monografia concentrar-se-á em reunir todos os resultados do projeto, descrevendo suas especificidades e tecendo as conclusões da pesquisa de maneira a observar quais objetivos propostos foram contemplados, para que seja possível encaminhar prospecções novas do trabalho visando uma continuidade às propostas aqui apresentadas.

13.Resultados

O principal resultado do trabalho foi a projeção dos murais das cinco categorias conceituais (Figura 32), (Figura 33), (Figura 34), (Figura 35).

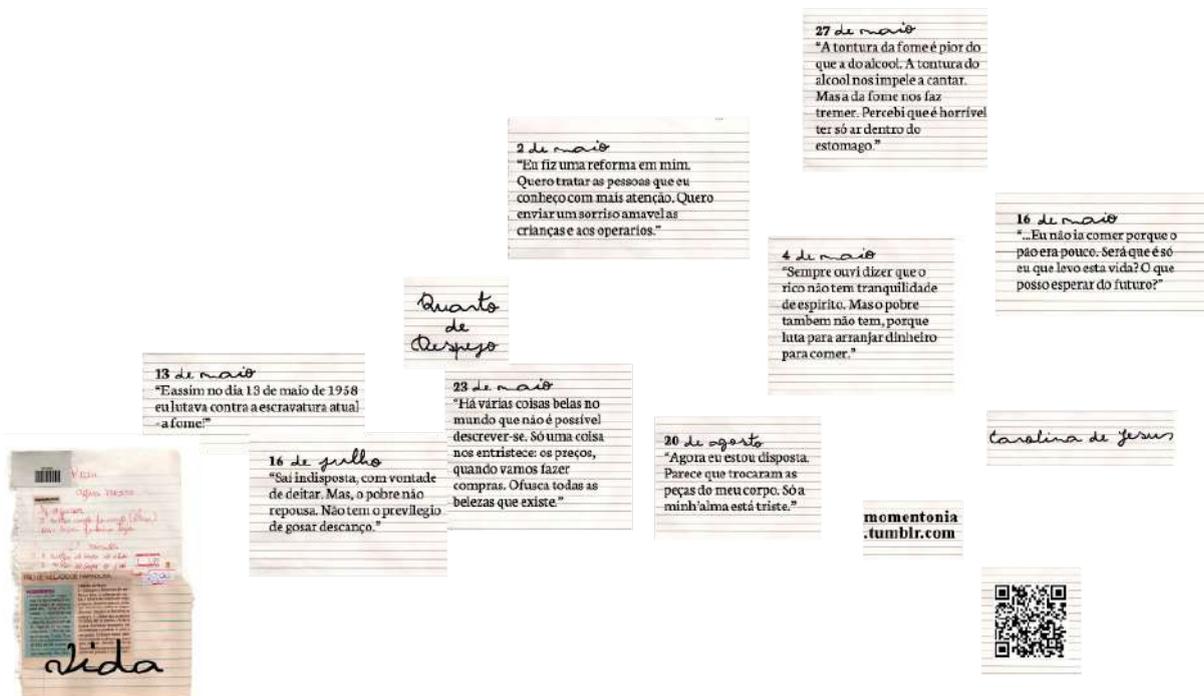


Figura 32: Colagem pronta de 'Vida'(i)

Fonte: O autor

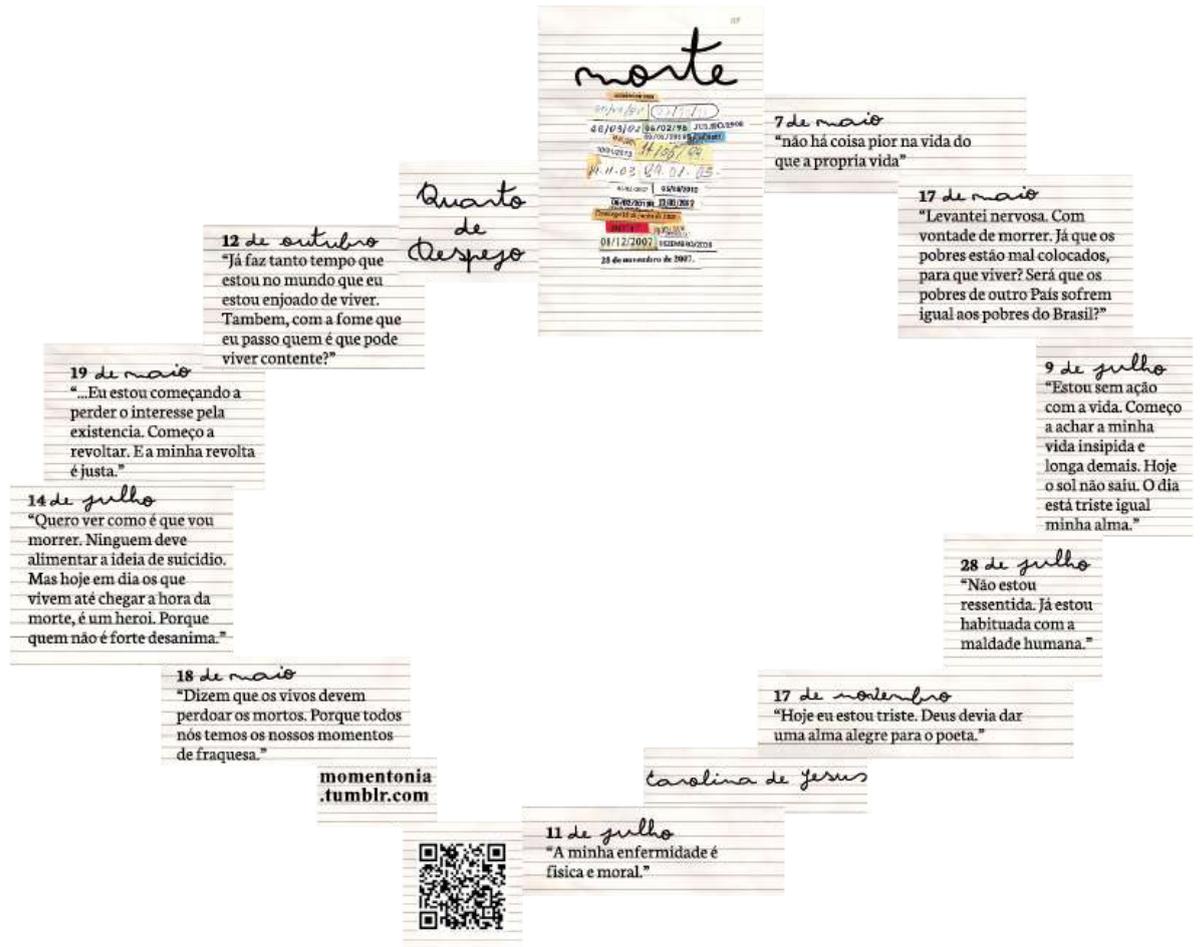


Figura 33: Colagem pronta de 'Morte' (ii)

Fonte: O autor

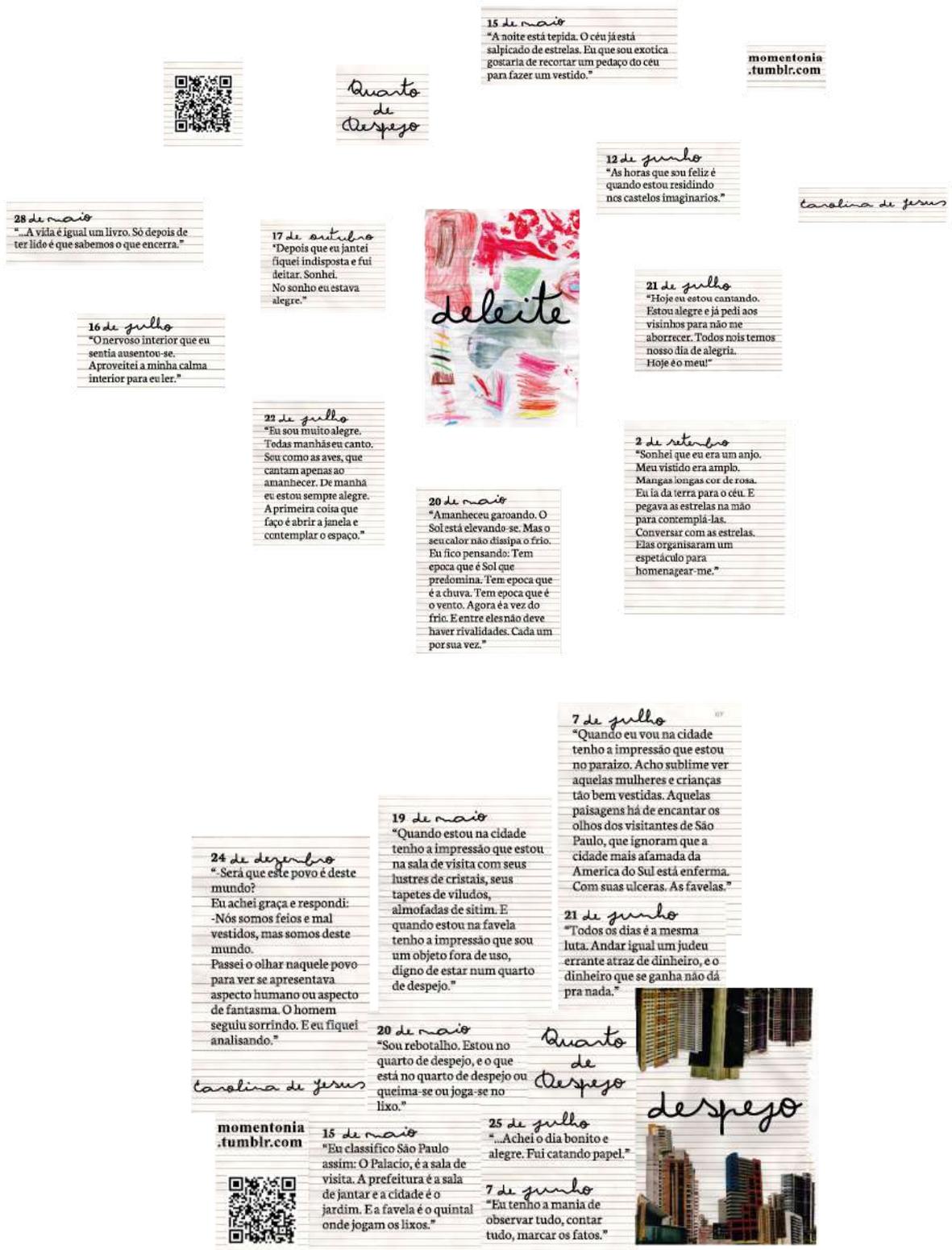


Figura 34: Colagens prontas de 'Deleite' (iii), e 'Despejo' (iv)

Fonte: O autor



Figura 35: Colagem de 'Revolução' (v)

Fonte: O autor

(i): O mural de Vida relaciona-se à realidade de possibilidades momentâneas sob as quais a poeta vivia. Seus trechos partem do canto superior direito onde possuem certa proximidade, e seguem um trajeto de dispersão entre si ao longo da dimensão do mural. Essa disposição busca evocar os caminhos tortuosos, possíveis e livres que Carolina podia tomar em seus trajetos de vida vagante pelo espaço urbano.

(ii): O mural de Morte se coloca como contraponto ao seu lado oposto-complementar. Se no mural de Vida os trechos são dispostos a remeter à abertura de possibilidades dos momentos da autora na cidade, o mural de Morte assume uma forma elíptica fechada, de modo a evocar as ideias por vezes mórbidas da autora de pensar em sua morte precoce como solução extremamente passível à resolução de sua vida. Morte coloca-se textualmente como o fechamento de um ciclo para Carolina, e aqui é reproduzida de maneira imagética da mesma forma: como um ciclo fechado. O mural assume um aspecto de portal ao outro lado da vida.

(iii): O mural de Deleite busca uma conformação não figurativa sobre aquilo que representa. Por se tratar do âmbito de 'Quarto de despejo' que trata do devaneio, do sonho e

da imaginação, seus fragmentos são dispostos de maneira dispersa, sem que haja uma explícita relação de forma entre os elementos da composição. A disposição espaçada funciona como evocação a um estado flutuante sob o qual Carolina se encontrava ao dispor suas ideias em textos.

(iv): O mural de Despejo funciona também como um contraponto, desta vez em relação à Deleite. Sua disposição apertada coloca-se como evocação a tudo e todos que eram, e ainda são, despejados dentro do espaço urbano. Os elementos amontoam-se da maneira mais estreita possível, remetendo aos objetos dos quartos de despejo da cidade. Espremidos em cortiços, os pensamentos de despejo da autora se mostram da forma mais aglomerada possível, como os amontoados daquilo que é descartado.

(v): O mural de Revolução coloca a categoria ao centro e todos os seus trechos dispostos ao redor. Remetendo ao formato de alvo, a peça firma o entendimento geral da atualidade sobre a obra da poeta. Nesta peça, coloca-se como centro o ponto-chave de todo o trabalho de Carolina Maria de Jesus, o desejo por uma sociedade transformada e transformadora, a prática das lutas feministas e antirracistas. O mural surge como atestado a todos os aspectos sociais importantíssimos que ‘Quarto de despejo’ traz consigo.

Por meio da gramática da forma estabelecida, e a depender da situação, duas ou mais categorias podem ser dispostas a interagir uma com a outra, o que pode ser utilizado como provocação à produção de novos significados emanados pela forma da composição (Figura 36).

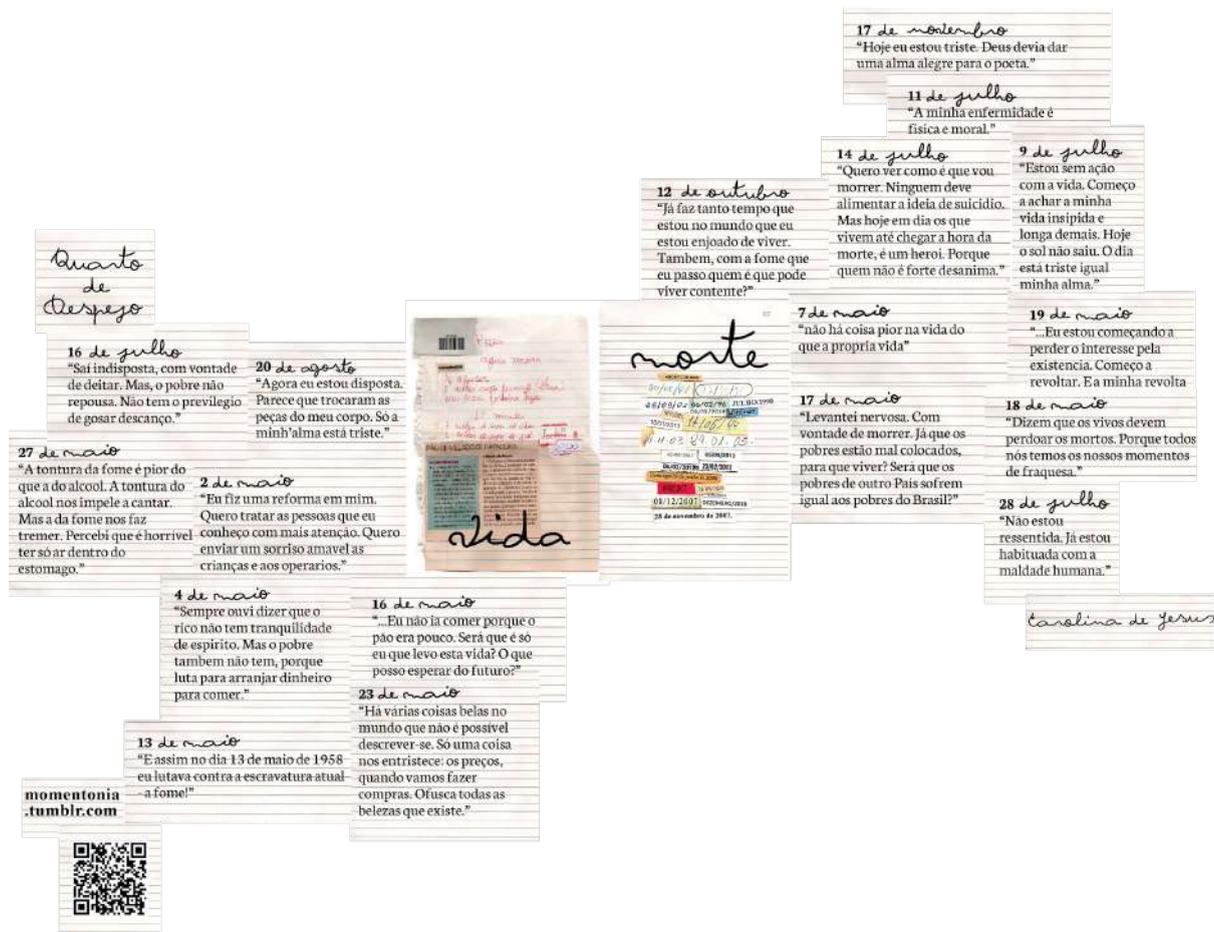


Figura 36: Composição com duas categorias juntas

Fonte: O autor

A reprodutibilidade dos lambes também é proposta de maneira a pensar diferentes dimensões na aplicação do trabalho. Os modelos iniciais e as proporções aqui apresentadas partem da impressão de folhas tamanho A4 comum (21 cm x 29,7 cm). Dessa forma, caso alguma aplicação em escalas maiores seja pensada, as proporções de cada mural podem ser facilmente recalculadas a saber as dimensões do padrão internacional ISO 216 (Figura 37) e (Anexo C).

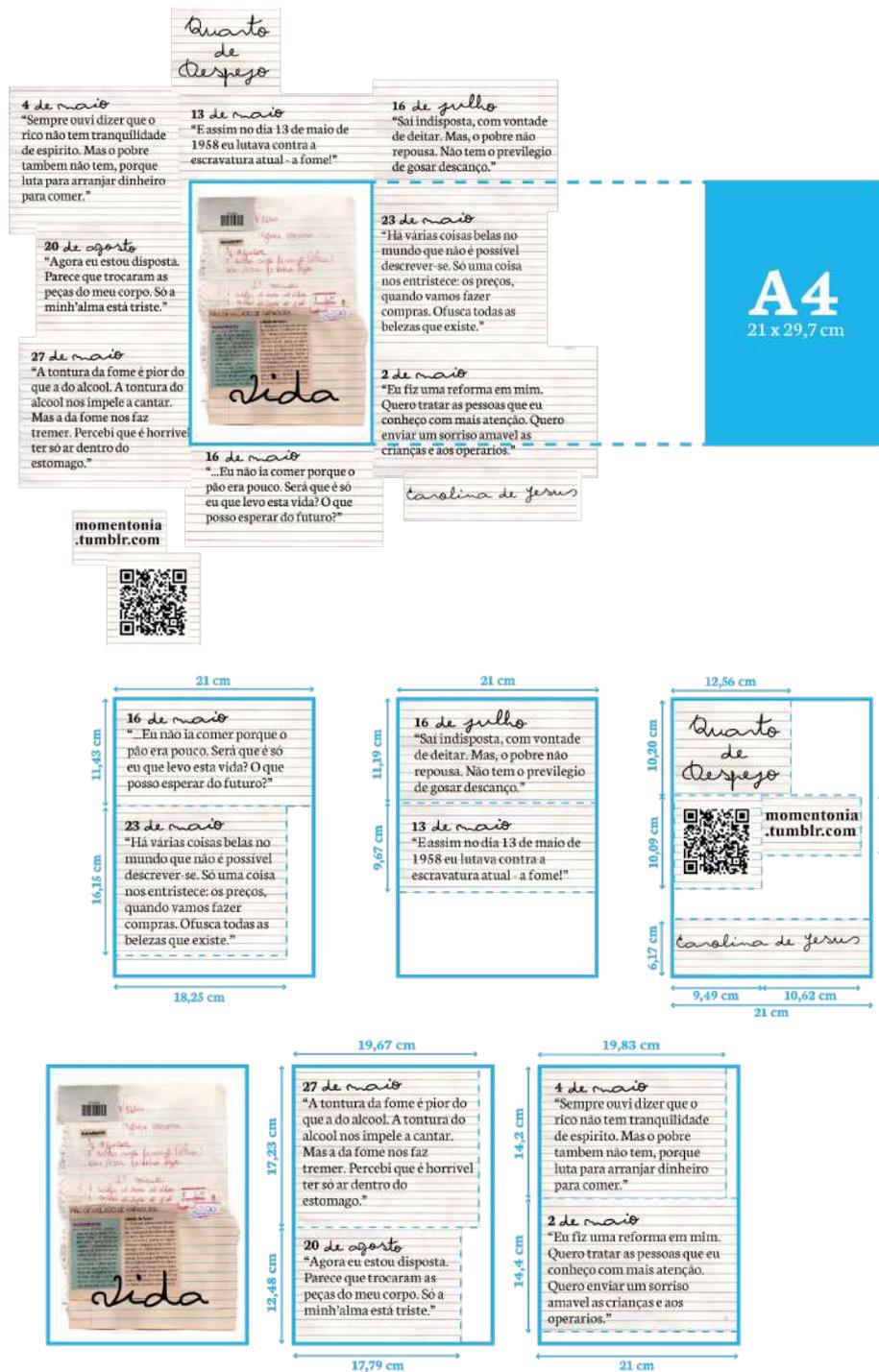


Figura 37: Composição 'Vida' distribuída em folhas A4

Fonte: O autor

Outro resultado decorrente deste trabalho foi o blog 'Momentonia' <<https://momentonia.tumblr.com/>> desenvolvido pelo autor. O blog tem como objetivo divulgar a pesquisa e ao mesmo tempo analisar a sua construção ao longo do tempo, já que o conteúdo das postagens do blog advém do diário de projeto 'O processo'.

Dessa forma, as postagens narram a construção da pesquisa por meio dos fichamentos, dos rabiscos e das anotações pessoais feitas durante todo o período de desenvolvimento deste trabalho. Funcionando como um espaço de compartilhamento mais descontraído e poético, o blog permite uma interação com outras pessoas que se interessem com as temáticas aqui abordadas e se propõe ao autor como um outro exercício de pensar os conteúdos que devem ou não serem publicados a partir de seu próprio diário (Figura 38)²⁰.



Figura 38: Captura de tela da página inicial do blog

Fonte: O autor

Apesar de se tratar de um resultado a princípio distante para com os murais, o ambiente virtual funciona como uma extensão aos conteúdos do projeto, o que estabelece uma relação complementar aos outros resultados. Além disso, por meio deste produto é possível proporcionar aos leitores inalcançáveis às aplicações no meio urbano um convite à leitura e interação com a obra.

A seguir será descrito o processo de aplicação de uma das proposições dos murais e quais estratégias foram tomadas em sua execução.

14. Aplicação

A aplicação do projeto deu-se de maneira reduzida, sem que fosse possível afixar todos os murais planejados. Apesar disso, a execução concretizada serviu como aplicação

²⁰ Disponível em: <<https://momentonia.tumblr.com/>> Acesso em mar. 2021

piloto a explorar as diferentes formas que o projeto futuramente pode vir a ter. O mural foi impresso nas dimensões A4, (Figura 39) e (Figura 40), de maneira a reproduzir a proposição da Figura 36. A disposição onde dois murais interagiam foi escolhida por se colocar de modo mais impactante em sua aplicação, já que tudo foi reproduzido em uma impressora caseira em decorrência da impossibilidade de nos valermos dos serviços de gráficas especializadas.



Figura 39: Montagem analógica do mural aplicado I

Fonte: O autor

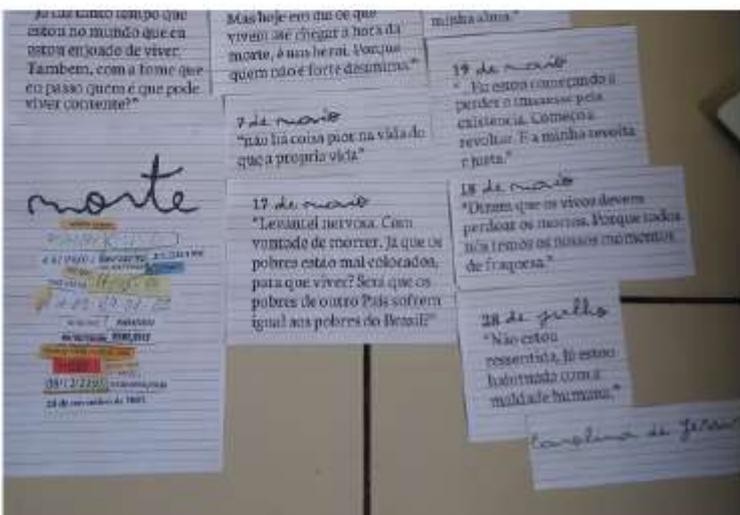
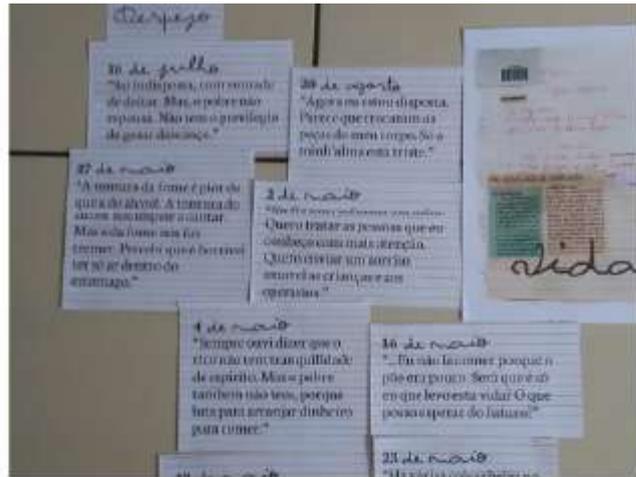
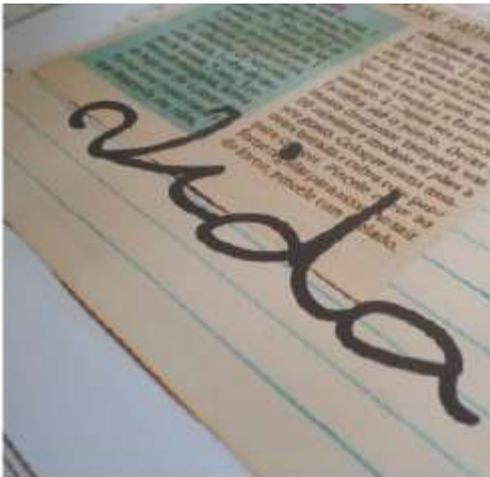


Figura 40: Montagem analógica do mural aplicado II

Fonte: O autor

O local de aplicação escolhido foi o muro onde encontra-se a secretaria de cultura da cidade de Pacajus. A escolha desta localização específica decorreu devido ao fato de que há um considerável espaço disponível à intervenção aqui proposta (Figura 41)²¹; devido a altura propícia a uma boa leitura; e devido ao fato de que as dependências da secretaria de cultura estão anexadas ao prédio da biblioteca municipal, local simbólico e estimulante à proposta aqui presente.



Figura 41: Captura de tela do local de aplicação

Fonte: Google Maps

A aplicação foi feita na manhã do dia 21/03/21 (Figura 42), (Figura 43) e (Anexo D). Por se tratar de uma manhã de domingo, o fluxo de pedestres e veículos estava consideravelmente reduzido. Junto a isso, os prédios públicos estavam todos fechados por se tratar de um horário fora de seus itinerários de funcionamento. Dessa forma, foi possível aplicar o mural sem contato ou proximidade com outros transeuntes.

²¹ O endereço em questão é a rua José Leite, número 897, Pacajus-CE.



Figura 42: Aplicação do mural I

Fonte:Acervo pessoal



Figura 43: Aplicação do mural II

Fonte: Acervo pessoal

15.Considerações finais

A disposição do trabalho e o modo de investigação das temáticas escolhidas configuraram-se como uma maneira de ampliar as compreensões acerca da atuação do designer no processo de projeto de artefatos gráficos. Por meio do estudo aprofundado acerca da produção e publicação de diários íntimos, foi possível estabelecer relações instigantes ao processo de projeto em decorrência das possibilidades de materialidade na conformação do objeto de pesquisa escolhido. A partir desta pesquisa, pudemos estabelecer uma relação singular do designer atuando enquanto autor importante no processo de publicação editorial.

A conformação dos estudos estabelecida por meio da metodologia e de suas técnicas foi passível de abarcar as temáticas estudadas e de encontrar pontos em comum que as relacionam sob diferentes óticas. Dessa forma, o desenvolvimento do trabalho deu-se de maneira inovadora por tratar-se de um resultado que busca apreender o ato de projetar de maneira intuitiva e expressiva. No decorrer do aprofundamento de conteúdos foi possível observar diferentes modos de dissertar acerca dos temas escolhidos, o que torna o presente trabalho apenas uma pequena contribuição a temáticas importantes e bem consolidadas pelos autores estudados.

Os resultados obtidos possuem uma forma incomum, porém muito expressiva de se pensar a publicação de diários íntimos. Fugindo da disposição clássica de livro, nos valem de uma experimentação formal que tem uma expressividade curiosa, de modo a unir sua forma e seu conteúdo em uma disposição única. No que diz respeito aos diários íntimos, colocamos o resultado da pesquisa como uma maneira de tornar sua meta-materialidade como parte significativa da comunicação da obra desde a sua concepção, passando pela produção, e resultando em sua percepção por parte dos leitores.

Junto a isso, está nossa amálgama autoral enquanto proposta de publicação com o trabalho potente de Carolina Maria de Jesus. O resultado obtido demonstrou como o processo de editoração/tradução de diários íntimos em um novo artefato pode modificar drasticamente a percepção dos leitores por meio da própria obra. Na experimentação aqui realizada, foi possível tensionar não só a forma de publicação de diários, como também investigar as mudanças até mesmo de gênero literário em decorrência de qual é o objetivo da publicação e seu público-alvo.

Com base nos conceitos investigados inicialmente e articulados de maneira prática, tomamos os objetivos estipulados como cumpridos. Apesar disso, existem caminhos possíveis de serem tomados de modo a dar continuidade ao trabalho, por exemplo, uma investigação mais aprofundada sobre as interrelações estabelecidas pelos suportes de expressão da metodologia que utilizamos; um aprimoramento da aplicação dos murais, buscando uma realização ideal e mais impactante; e o desenvolvimento de uma tradução ao espaço virtual da proposta obtida, tendo em vista a situação pandêmica atual que muito nos priva da ocupação do espaço urbano a médio e longo prazo.

Durante a evolução do trabalho, foi possível expandir meus conhecimentos e experimentá-los conforme ocorriam as decisões de abordagem sobre o objeto de estudo e sobre o funcionamento da proposta final do projeto. Deve-se pontuar também que não há nenhuma pretensão de esgotar as discussões aqui tomadas, pelo contrário, espera-se que este trabalho funcione como um estímulo a estudos sobre a Arte e a Literatura por meio da ótica do Design.

A pesquisa em si deve seus resultados à experimentação de conteúdos e de abordagens. É dessa forma que, para além da sua importância institucional como encerramento do ciclo de graduação, este trabalho também é entendido como um incentivo ao estudo de conteúdos que tanto me interessam enquanto designer, leitor de diários, e apreciador de arte. A necessidade de resultados mais aprimorados configura-se não como uma evidência de fracasso do projeto, mas como uma aproximação conceitual do trabalho com as suas temáticas de estudo, buscando sua própria feitura e reflexão dia após dia.

16.Referências bibliográficas

ANDRADE, M. J. D. **Diário de uma garota**. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa, 1985

BESSA, B. S. As experiências de Walter Benjamin. **Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, [S.l.], v. 5, n. 9, mar. 2015. ISSN 1676-2924. Disponível em: <<http://200.156.24.158/index.php/morpheus/article/view/4778>>. Acesso em: Jan. 2021.

BLANCHOT, M. “VIII - O diário íntimo e a narrativa”. In: **O livro por vir**. Martins Fontes, 2005. p. 271-278.

BLYTH, R. H. **A History of Haiku Volume One**, *The Haiku Foundation Digital Library*, accessed January 25, 2021, <https://www.thehaikufoundation.org/omeka/items/show/215>. Acesso em: Dez. 2020

BOGDAN, R. C. **Qualitative research for education: an introduction to theory and methods**. Boston, Allyn and Bacon, 1982. 253 p., p.1-5.

BOMENY, M. H. W.. **O panorama do design gráfico contemporâneo: a construção, a desconstrução e a nova ordem**. 2009. Tese (Doutorado em Design e Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/T.16.2009.tde-17112010-094224.

BRITO, I. Z.. **Cadernos íntimos diários publicados: um estudo das práticas da escrita de diários, no âmbito das práticas sociais disseminadas**. 2011. 89 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/90123>>. Acesso em: set. 2020

CAPARELLI, S.; GRUSZYNSKI, A. C.; KMOHAN, G. **Poesia visual, hipertexto e ciberpoesia**. Revista FAMECOS, v. 7, n. 13, p. 68-82, 10 abr. 2008.

CARDOSO, R. **Design para um mundo complexo**. São Paulo, SP: CosacNaify, 2012. 262p. ISBN 9788540500983 (Broch.).

_____ **Uma introdução à história do design gráfico**. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994

CUNHA, M.T. S. **Do Baú ao Arquivo: Escritas de si, escritas do outro**. Patrimônio e Memória (UNESP. Online), v. 3, p. 1-18, 2007. Disponível em: < <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/8/455> > Acesso em: set. 2020.

DIDIER, B. **El diario ¿forma abierta?**. Revista de Occidente, Madrid, n. 182-183, p. 39-46, 1996.

FERREIRA, J. S. W. **A cidade para poucos: breve história da propriedade urbana no Brasil**. SIMPÓSIO INTERFACES DAS REPRESENTAÇÕES URBANAS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO. Anais... Bauru: UNESP, 2005. Disponível em:

<<https://cidadesparaquem.org/textos-academicos/2005/8/21/a-cidade-para-poucos-breve-historia-da-proriedade-urbana-no-brasil>> Acesso em: set. 2020

FETTER, L. C. **Revistas, design editorial e retórica tipográfica: a experiência da revista Trip (1986 – 2010)**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. (Dissertação de Mestrado em Comunicação e Informação).

FRANCHETTI, P. **O Haicai no Brasil**. Alea, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 256-269, Dec. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2008000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em Jan. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo, SP: Atlas, 1991. 159p. ISBN 852240724X (broch.).

GRUSZYNSKI, A. **Design gráfico: do invisível ao ilegível**. São Paulo: Rosari, 2008.

JESUS, C. M. de. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2005.

LEJEUNE, P. **Diários de garotas francesas no século XIX: constituição e transgressão de um gênero literário**. Cadernos Pagu, Campinas, v. 8, n. 9, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1879/2000>> acesso em: set. 2020

MACHADO, D. dos S. **Haicai: uma análise da produção em língua portuguesa: tema, forma e conteúdo**, 2011. Dissertação (Mestrado em Literatura), Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/10992>> Acesso em: Jan. 2021.

MARTINS, L.G. **A gênese do Caderno II de Carolina Maria de Jesus**. Dissertação de Mestrado (2017). Universidade de Lisboa. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/30400/1/ulfl242147_tm.pdf> acesso em: jan.2021

MEGGS, P. **História do Design Gráfico**. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MORAES, D. **Metaprojeto: o design do design**. São Paulo: Blucher, 2010

_____ **O Metaprojeto como modelo projetual**. Strategic Design Research Journal, v. 3, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/sdrj/issue/view/348>> acesso em: out. 2020.

OLIVEIRA, R. M. C. **Diários públicos, mundos privados: Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade**. Dissertação de Mestrado (2002). Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meirediarios-publicos-mundos-privados.html>> acesso em: set. 2020.

PERPÉTUA, E.D. **Aquém do Quarto de despejo:** a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, (22), 63-83. (2011). Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/8944>> acesso em out. 2020

PLAZA, J. O livro como forma de arte (I). **Arte em São Paulo**, São Paulo, n.6, p.19-34, abr. 1982. Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/expos/2013/julio_plaza/textos.htm> Acesso em: out. 2020

_____. O livro como forma de arte (II). **Arte em São Paulo**, São Paulo, n.7, p.4-13, mai. 1982. Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/expos/2013/julio_plaza/textos.htm> Acesso em: out. 2020

SANTOS ALVES, L. G. **Carolina Maria de Jesus: Análise Identitária em Quarto de Despejo- Diário de uma favelada.** Orientador: Valdeci Rezende Borges. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás, UFG, Brasil, Catalão, 2015. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/570/o/Vers%C3%A3o_digital_DISSERTA%C3%87%C3%83O_LARA_GABRIELLA_ALVES_DOS_SANTOS.pdf>. Acesso em: set. 2020.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2000.

SILVEIRA, P. **A página violada;** da ternura à injúria na construção do livro de artista. Porto Alegre: UFRS, 2008.

SOUZA LEITE, J. de. **O Discurso do Design Gráfico Como Polifonia.** Estudos em Design, v. 5, n. 1. Rio de Janeiro: aend-br, 1997. p. 59-68.

TEIXEIRA, C. "Escrever-se" e/ou "outrar-se": escrita e revelação em Páginas do Diário Íntimo de José Régio, 2008. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/5047>> Acesso em: set. 2020.

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VASSÃO, C.A. **Arquitetura Livre:** Complexidade, Metadesign e Ciência Nômade. Orientador: Carlos Roberto Zibel Costa. 2008. 319 f. Tese (Doutorado em Design e Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

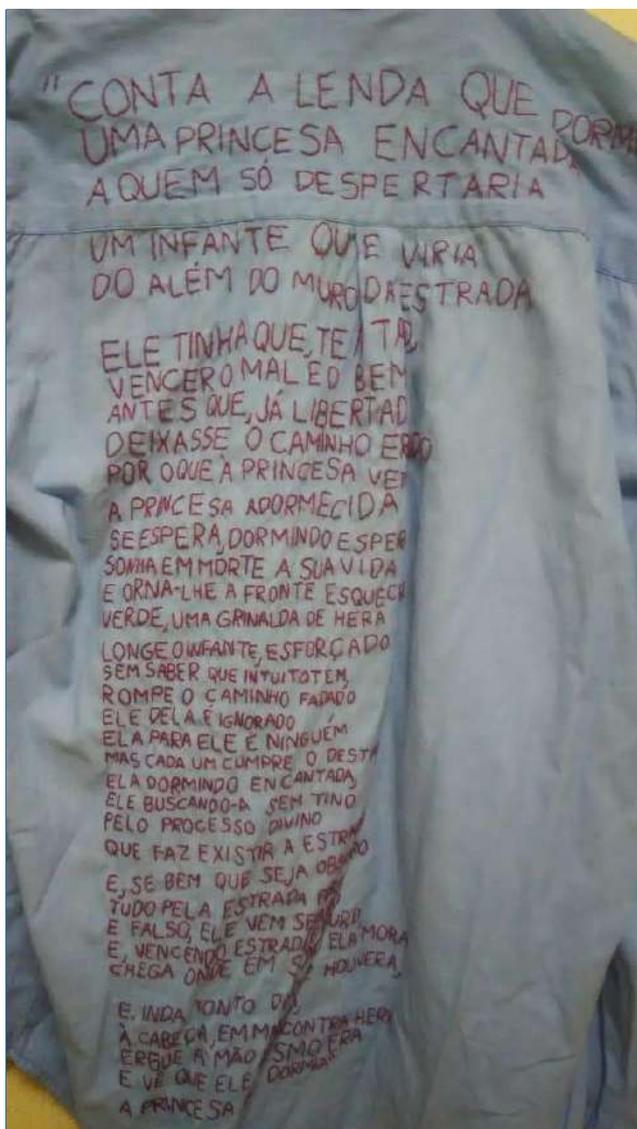
_____. **Metadesign:** ferramentas, estratégias e ética para a complexidade. São Paulo, SP: Blucher, 2010. 129 p. (Coleção Pensando o Design).

Anexo A - 'O processo', diário de projeto¹

ESTE É NÃO UM LINEAR PROCESSO

Comentado [1]: Gostei da inversão da linearidade. :)

¹ Parte dos comentários feitos são da professora Anna Lúcia dos Santos Vieira e Silva, e do professor Eduardo Américo Pedrosa Loureiro Junior que, no início do processo, eram os orientadores do trabalho.



19/06/20

Comente eu me vejo repensando sobre as mesmas coisas, os mesmos fatos, os mesmos acontecimentos da minha vida. Com a minha trajetória na faculdade não é

Comentado [2]: O uso da arte também é um bom mecanismo de não linearidade devido às múltiplas camadas de significação das obras artísticas.

Comentado [3]: :00 Na última orientação com a Lili, dia 19/06 ela falou algo parecido pois focando poeticamente em minhas produções eu posso tornar comunicável outras coisas para além daquilo que está escrito.

Pensando nisso e nesse seu comentário acabei me lembrando o que o Flusser fala sobre o "eterno retorno das imagens". Para ele, a leitura de uma imagem consiste em um lugar cuja noção de tempo não existe pois as imagens não comportam a concepção de tempo linear.

O leitor da imagem a vê por inteiro, mergulha em seus aspectos menores, seus detalhes e volta a analisar a imagem por inteiro e assim por diante, em um ciclo, pois imagens não tem início nem fim, são espaços de sonho e magia.

Apesar do pensamento de Flusser ser voltado pra imagens técnicas, mais especificamente a fotografia, gosto de levar esse pensamento quando estou produzindo meus desenhos...

Comentado [4]: ops, comentei com minha outra persona

diferente. É preciso dizer que tudo que me aconteceu nesse espaço veio rodeado de explosão, de descoberta, de vitória, de derrota, de parcimônia e de revolução. Poderia passar o resto da minha vida listando tudo que senti e vivi nesses bons anos que tive aqui dentro para lhe dar uma breve noção do que isso foi, mas não valeria a pena nem pra mim nem pra quem fosse ler. Mas em resumo é isso, explosões.

Por toda a minha vida eu estudei na mesma cidade, no mesmo município e praticamente com as mesmas pessoas. Vim estudar em Fortaleza por que eu tinha que fazer uma faculdade. Só aqui foi que me deparei com o mundo de coisas que sempre quis explorar a fundo mas não tinha dado o devido crédito. Aulas de maneira mais abrangente, pessoas com as mais diversas características e vivências, a possibilidade de impacto social, entre várias outras coisas. Tudo isso e muito mais contribuiu para minha relação de extremo amor com esse lugar.

Durante toda a graduação eu tinha que vir pra Fortaleza e voltar pra casa no mesmo dia. Devido a isso, passou a ser comum pra mim viajar entre mundos. Os desencontros que isso causava sempre foram ricos. Posso ter me queixado de alguns por na época não ter sabido como aproveitá-los, talvez hoje em dia eu ainda não saiba, faz parte do processo de rever.

Lembro de um dia específico que cheguei no DAUD, ainda DAU naquele ano, só para descobrir que minha aula havia sido cancelada dez minutos antes. Eram 13:50 de uma data que não faço mais nem ideia. Minha primeira reação foi simplesmente reclamar com o Universo sobre o desconforto que aquele dia seria. Eu só ia poder voltar pra casa dez horas da noite, horário em que o ônibus universitário voltaria pra Pacajus. Fiquei sem ter o que fazer mesmo e acabei me sentando no pátio, à espera do nada. Foi aí que me surgiu uma notificação no facebook de um evento que eu nem lembrava de ter inscrito. Iriam exibir "Dançando no escuro" no auditório da pedagogia. Sem opção do que fazer e com a vontade de finalmente poder assistir um filme que tanto me interessava, só fui. Tinham poucas pessoas no auditório. Pra ser exato só tinha eu, um grupo de três pessoas e as professoras que coordenavam o evento. Assisti o filme, chorei no final, discutimos depois da exibição relações de trabalho e perspectiva de vida, comi até pipoca de graça que serviram no meio da exibição. Depois que o filme acabou voltei normalmente pro meu departamento, como quem tinha acabado de chegar, e de fato eu tinha acabado de chegar mesmo.

Tenho vários outros exemplos sobre outros dias em que os acasos me pregaram peças tão maravilhosas e certamente tem vários outros que já esqueci. Apesar disso, todos em comum se deram nesse mesmo lugar: Na minha universidade. Não foi fácil admitir quando percebi, mas eu morei na minha universidade. Aqui foi onde tive todas as refeições, todas as aulas, todas as reuniões, todas as risadas e todos os choros do dia. Se em outro lugar tinha uma cama, cuja a qual eu passava cinco ou quatro horas dormindo por dia, eu não chamava de casa.

Então aprendi a amar esse acaso, essas explosões. Aprendi a deixar que o Universo me dissesse, que a Universidade me dissesse quais descobertas eu teria naquele dia. E chegamos então nos meus aprendizados. Conheci aqui conteúdos, formas e possibilidades que jamais imaginei. As áreas que mais me marcaram são as que norteiam agora tudo que eu faço: Semiótica, Comunicação e Design.

O que vem escrito a seguir nesse docs é como esse processo do TCC começou. Tal processo já se transformou várias vezes mas o cerne de tudo que quero fazer ainda está aqui. Ainda irei descobrir como vou organizar, se é que eu vou conseguir. Talvez para isso não seja possível contar apenas com o acaso, mas quem sabe eu só precise de mais um

Comentado [5]: Isso já pode ser uma boa indicação de forma: construir o texto como se fossem explosões.

Comentado [6]: Interessante pq eu estava tentando relacionar alguns conceitos que gosto de estudar com desenhos e estava imaginando eles como representações de um Cosmos, de geração de criaturas e de vida. A explosão me fez relacionar isso diretamente com a teoria do big bang Explico um pouco melhor na parte mais pra baixo que anexeí muitas figuras

Comentado [7]: Onde?

Comentado [8]: Pacajus, 46 quilômetros de Fortaleza

momento relembando o meu Tudo pra que o tudo do presente trabalho possa fazer algum sentido.

04/03/20

Hoje tive a primeira aula de ATC então oficialmente comecei o tcc. Tivemos orientações a principalmente nos mantermos calmos. Dentre alguns dos conselhos estava o de criarmos docs para começarmos o exercício da escrita então aqui estamos. Ao que parece serão dois e por que não três docs. Um contendo o texto na íntegra mesmo que compõe o trabalho e um segundo mais pessoal com anotações, insights e pirações.

Dessa forma, aqui estamos! Camila usou o termo "docs monstro" pra ilustrar o que este arquivo seria mas hoje tive muitas discussões sobre linguagem e memória algo que vai ter no tcc em si também, eu achei. Porém, achei mais adequado renomear o que este doc seria então pensando alto decidi nomear por aquilo que ele realmente me parece ser, e este é O processo. Talvez eu mude o nome, mas pessoalmente nomeá-lo assim me soa mais adequado e menos assustador até então.

Estudos de Peirce

Dedução, Indução, Retrodução e analogia como modos e tipos de raciocínios bem como suas "reduções" em "três tipos de signos indispensáveis ao 'raciocínio'" (icone, índice e símbolo).

O Peirce não começa a explicar semiótica "do começo", não achei essa a melhor abordagem, mas também não sei se isso se deve ao fato de que eu já tenha alguma ideia sobre o que é semiótica então semiotizo o processo de semiotizar, enfim. Uma das coisas que quero deixar claro é que meu tcc vai mais questionar do que responder.

signo → coisa significada → cognição

"A indeterminação é realmente o caráter do primeiro. Mas não a indeterminação da homogeneidade. O primeiro está cheio de vida e variedade. Todavia, essa variedade é apenas potencial, não está ali presente definitivamente." (p.14)

"Um sentir meramente passivo, que não atua e não julga, que tem todas as espécies de qualidades por que não procede nem a uma análise nem a uma comparação - eis um elemento de toda consciência à qual se deve se atribuir um título distinto." (p.14)

Em seguida o Peirce faz a ponte entre a tríade no raciocínio, na matemática, na psicologia e na metafísica comprovando que o número três diz respeito ao número irreduzível de processos em todo e qualquer tipo de raciocínio.

Peirce nos coloca a chave da lógica como uma análise daquilo que acontece no mundo. Tal mundo "~~reduzido a uma qualidade de sentimento não analisado" é a forma denominada como Primeiridade, Oriência ou Originalidade:

"Seria algo que é aquilo que é sem referência a qualquer outra coisa dentro dele, ou fora dele, independentemente de toda força e de toda razão"

Aqui a porra começa a ficar séria, quando ele analisa a percepção de tempo que nós temos como um processo esférico e não-linear. Um processo de contínua realização e de uma realização única mas eterna. Que ao meu ver é a semiose. Em seguida ele desenvolve ainda mais essa noção aplicando-a ao MÉTODO CIENTÍFICO. Algo que considero importante já que foi tão falado nessa aula de ATCD e quanto este trabalho é um processo também interno e de se ver. Eu estou dissociando do tempo linear como uma prática de projeto de Design.

Comentado [9]: O TCC como memória de um percurso. Outra boa ideia.

Comentado [10]: foi algo que pensei também! Me lembrou um termo que a Alessandra me falou de um projeto que ela estava planejando: "Oficinas de si"

Comentado [11]: O que quer dizer?

Comentado [12]: Atelier de Trabalho de Conclusão de curso, a disciplina de qualificação do TCC

Comentado [13]: O terceiro (ou primeiro...) pode ser de possibilidades poéticas, referências, imagens, poesias, uma composição caótica e aleatória...

Comentado [14]: A fusão dos dois, com alternâncias, também pode ser uma forma de romper a linearidade.

Comentado [15]: Pois é, no caso desse docs aqui eu vejo ele como uma fusão no sentido de "estou botando tudo dos meus pensamentos e acontecimentos aqui" mas não sei se isso é algo bom de se fazer. Pq acaba sendo difícil de me achar a partir dos conteúdos mas é uma boa forma de compilar o Tudo pois tem as datas e os horários se relacionando, o que não aconteceria em docs separados. Outra coisa que me ocorre sempre é que o docs, apesar dos seus links e inputs, ainda tem uma estrutura muito linear. De cima pra baixo. Divisão por páginas etc etc. Isso pode ser meio subvertido quando no decorrer do corpo de texto principal quando as datas se alternam mas ainda há uma amarra principal à estrutura linear de leitura dentro de uma estrutura maior de virtualidades e links. Como uma cápsula

Comentado [16]: O que não é linguagem e memória?

Comentado [17]: Gosto também da palavra

Comentado [18]: Interessante essa divisão. Fui

Comentado [19]: importante lembrar que o livro que

Comentado [20]: Uff collected papers pesadão

Comentado [21]: Por que certas passagens estão

Comentado [22]: Eu ainda não tenho uma

Comentado [23]: Essa construção da cognição é

Comentado [24]: Isso é literalmente a definição de

Comentado [25]: e é Amor em carne viva pra mim

Comentado [26]: Peirce se utiliza bastante em sua

Comentado [27]: Boa sorte!

Comentado [28]: Sinto que esse tipo de formulação

Comentado [29]: Veja esse exemplo de trabalho

Comentado [30]: Entendo.... No caso do Peirce ele

Comentado [31]: Consegui acessar! E estou em

Comentado [32]: O que é em si, antes de ser em

Comentado [33]: Não sei se compartilho desse seu

Comentado [34]: Conceito importante no que diz

Comentado [35]: Explica aí esse design de Deus?

——“O futuro não influencia o presente do modo direto, dualístico pelo qual o passado influencia o presente. Requer um instrumental, um meio” (p.25) ~~Aqui também ele justifica esta conceitualização com a seleção natural pois o Peirce era biólogo pra completar.~~

“Não constitui uma questão fácil saber como é que um conjunto, num certo grau de desajustamento com seu meio ambiente começa, imediatamente, a sofrer mutação, e isto não é de modo algum desordenado mas sim de uma forma que guarda alguma espécie de relação com a mudança necessária.”(p.25)

~~Após isso é nos dadas as definições de Secundidade ou Obsistência e de Terceiridade ou Transuação. A divisão destes três grandes campos na semiótica é o que há de mais visível a esta filosofia pela vortente peirceana. Porém, ainda estou um pouco confuso em quais ordens o Peirce começa seus estudos já que trata-se de analisar/explicar semiótica por meio da própria semiótica. Devido a isso, existem algumas classificações que demoro a entender ou sequer entendo algo, por exemplo: O que é a Primeiridade em seu aspecto Obsistencial?? Soria um índice??~~

Dessa forma somos apresentados aos graus de degenerência destas categorias fenomenológicas. “A mediação genuína é o caráter de um signo” (p.28)

“[Signo] é tudo aquilo que está relacionado com uma Segunda coisa, seu Objeto, com respeito a uma Qualidade, de modo tal a trazer uma Terceira coisa, seu Interpretante, para uma relação com o mesmo Objeto, e de modo tal a trazer uma Quarta para uma relação com aquele Objeto na mesma forma *ad infinitum*.” (p.28)

~~Após isso, é analisada as relações genuínas e degeneradas da Obsistência. Entende-se também que o signo genuíno é o Transuacional (símbolo) e que as outras classificações estão diretamente relacionadas com os níveis de degenerescência do próprio signo em Ícone e Índice.~~

——Em seguida pincelamos de modo extremamente rápido as definições dos três grandes campos da Lógica sendo estes:

1. Lógica Originaliana ou Gramática Especulativa: “é a doutrina das condições gerais dos símbolos e outros signos que têm o caráter signficante.” (p.29)
2. Lógica Obsistente ou Lógica Crítica: “é a teoria das condições gerais da referência dos Símbolos e outros Signos aos seus Objetos manifestos, ou seja, é a teoria das condições da verdade” (p.29)
3. Lógica Transuacional ou Retórica especulativa: “é a doutrina das condições gerais da referência dos Símbolos e outros Signos aos Interpretantes que pretendem determinar” (p.29)

Este é, de maneira bem grosseira, um resumo de até onde fui, ~~até o presente momento~~, nos estudos de Peirce. Não tive como passar por toda a estrutura semiótica e todas as suas nomenclaturas e estratificações na cadeia signica porém foi/é/será importante para abordar essa visão holística das coisas. Essa visão ainda não foi/é/será clara na minha mente, porém sinto muita conexão com outros tipos de leituras que tive,

Estudos de Levy

“O movimento de virtualização afeta não apenas a informação e a comunicação mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência” (p.11)

Pierre Levy contextualiza aquilo que ele chama de virtualização colocando este conceito de encontro com aquilo que é real. Porém, para Levy estes não são dois conceitos

Comentado [36]: !!!!

Comentado [37]: A metafísica de Peirce começa pela secundidade

Comentado [38]: A primeiridade “existe” como potência, não como existência. O índice é sempre segundo porque pressupõe a existência do signo em relação a seu objeto. O signo em primeiridade é mais “puro” como qualissigno, antecedendo sua manifestação, como ícone já se refere a algum existente por suas qualidades, já se “materializa” em similaridade. (Não sei se estarei alguma coisa com isso, mas foi o que me ocorreu com suas dúvidas)

Comentado [39]: Qual seu critério de riscar a frase?

Comentado [40]: Experimente fazer essa conexão de maneira não linear, sem ser nesse discurso de prosa coerente, mas com conexões múltiplas, fugazes, explosivas.

que se contrapõem mas que coexistem em um mesmo universo. O virtual se opõe ao atual e não ao real.

virtual → virtualis → virtus-força, potência

“Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato” (p.15)

Aquilo que é possível “é um todo constituído, mas permanece no limbo. O possível se realizará sem que nada mude em sua determinação nem em sua natureza. É um real fantasmagórico, latente. O possível é exatamente o real só lhe falta a existência.”(p.16) Esta conceitualização é baseada em Deleuze.

“O real assemelha-se ao possível; em troca, o atual em nada se assemelha ao virtual: responde-lhe.” (p.17)

A atualização é tida como “solução do problema não contido no enunciado. É criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades” (p.16)

Já a virtualização consiste em uma passagem do atual ao virtual. É o movimento inverso da atualização, a elevação à potência da entidade considerada. “[A virtualização] não é uma desrealização (transformação da realidade num conjunto de possíveis) mas é uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado.” (p.17)

“A virtualização reinventa a cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia” (p.21)

unidade de tempo → substituída pela interconexão

unidade de lugar → substituída pela sincronização

[...] em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma ‘solução’), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial no campo problemático” (p.18)

“Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mutar a entidade em direção a essa interrogação e em redefinir a atualidade de partida como resposta a uma questão particular” (p.18)

“A virtualização fluidifica as distinções instituídas, aumenta os graus de liberdade, cria um vazio motor.”

“Os operadores mais desterritorializados, mais desatrelados de um enraizamento espaço-temporal preciso, os coletivos mais virtualizados e virtualizantes do mundo contemporâneo são os da tecnociência, das finanças e dos meios de comunicação. São também os que estruturam a realidade social com mais força e violência.” (p.21)

Neste momento de minhas leituras foi que tive o primeiro insight de ter como temática de tcc a produção de diários, recursos didáticos e de produção e compartilhamento de conteúdos na abordagem em Metadisciplina como uma tradução intersemiótica entre projeto-processo-indivíduo. Tudo um só e um só que é tudo.

“A invenção de novas velocidades é o primeiro grau de virtualização” (p.23). A aceleração das comunicações é contemporânea de um enorme crescimento de mobilidade física.

Efeito Moebius: A desterritorialização entre a passagem do interior ao exterior, do privado ao público, do próprio e comum, subjetivo e objetivo, mapa e território, autor e leitor.

“As fronteiras nítidas dão lugar a uma fractalização das repartições. São as próprias noções de privado e de público que são questionadas.” (p.25)

Peirce - situação holística de tempo

Levy - situação holística de lugar e velocidade

Comentado [41]: “Seria o design sempre um processo de virtualização?” foi o que anotei no meu caderno, mas só deus sabe qual era a minha linha de raciocínio....

Tinha haver com as várias áreas que o design se apropria para poder realizar a si mesmo. Um olhar àquilo tudo que ‘é’ e questionar aquele mesmo ato de ‘ser’ para definir a si. Um constante exercício de atualização sendo a virtualização algo intrínseco à atuação do design em qualquer área que este esteja. Semiose

Comentado [42]: Eu entendo a virtualização como o movimento de uma terceiraidade que leva à primeiraidade, a cobra comendo o próprio rabo gestáltico. Então acho que o design é um processo de virtualização quando se expande, no metadesign, por exemplo, mas não sempre.

Comentado [43]: causas ou efeitos(?) de alguma coisa relacionada ao design que ainda não sei o que é mas tem bastante relação com a interconexão já que estou sempre considerando o designer como alguém que possui uma visão holística daquilo que está sendo feito/lido como design e sincronização pela justificativa de método científico do Peirce como uma metodologia co-temporal

Comentado [44]: 🤖 🤖 🤖 🤖 🤖

Comentado [45]: a relação que isso tem com o design e o exercício de atividades como designer que são possíveis de se ter, bem como suas causas e efeitos é tão forte que se dependesse de mim esse parágrafo seria meu tcc inteiro

Comentado [46]: por que se eu estou considerando o design como uma área de atuação nascida, desenvolvida e (até agora) perpetuada no ato de virtualização constante, os designers se tratam nem de operadores mais desterritorializados, mas de operadores que nunca tiveram território algum. Somos nômades de um espaço-nulo

Comentado [47]: Em ‘Novos espaços, novas velocidades’, Levy discorre:

“Assim que a subjetividade, a significação e a pertinência entram em jogo, não se pode mais considerar uma única extensão ou uma cronologia uniforme, mas uma quantidade de tipos de ...

Comentado [48]: “Somos nômades de um espaço-nulo” é extremamente poético

Comentado [49]: essas acelerações coexistem e não buscam anular uma a outra. Como o próprio autor fala, as novas tecnologias de comunicações não reduziram as interações físicas que os indivíduos têm, pelo ...

Comentado [50]: isso independente de se tratar ou não de design. Somos autores e leitores de tudo e de nós mesmos

Comentado [51]: consideração importante de se tomar em tudo que ronda o design: qual o interior e o exterior do projeto? da área? do designer? do que é? do que pode? do que existe?

Comentado [52]: Eu inventei “determinantes internas” e “determinantes externas” quando comecei a dar aulas de projeto em 97... acho que é por aí

???? - situação holística de aceleração

O trabalho de Pierre Levy em "O que é o virtual?" possui três âmbitos principais de estudo: filosófico, antropológico e socio-político. Sendo assim, classifiquei estes três âmbitos em qualidades, existências e significações respectivamente. Meu objetivo até então seria relacioná-los com os conceitos de projeto, projetista, aquilo que está sendo projetado etc conceitos que dizem bastante respeito ao design.

Dando continuidade ao processo de estruturar semioticamente os conceitos e partes que o meu trabalho terá era da seguinte maneira quando pensei que meu projeto seria sobre o ato de escrever sobre o processo de projeto:

Primeiridade → Projeto

Secundidade → Diário - O contato com os diários ficou bastante intensificado principalmente devido a leitura do texto de Elizei Clementino de Souza: "Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si" onde os autores discorrem sobre a importância de registrar processualmente através de diários um novo tipo de aprendizagem. Além disso, no texto também são expostas características históricas e características que o próprio meio em 'diário' em si tem.

Terceiridade → Design

Sempre que me refiro a trabalhar com diários é importante lembrar que o que considero diário é a técnica de compartilhamento de informações utilizados em disciplinas em Metadisciplina. Tal técnica funciona da seguinte maneira por meio do google docs: [escrever sobre isso]

Aprofundando então nesta técnica como temática, entrei em contato com "O sistema dos objetos" de Jean Baudrillard que discorre sobre análises mentais, físicas e sociais das relações que desenvolvemos com objetos. Como estes são vividos? Quais são suas necessidades de existência? Que estruturas mentais misturam-se às estruturas funcionais e as contradizem?

Michel Serres em seu livro Atlas → O abandono da presença já ocorria por meio da imaginação, da memória e do conhecimento antes da informatização

Após a explanação de Levy sobre seus grandes conceitos de virtualização e atualização, o autor parte então para discorrer sobre os diferentes tipos do que chamo de Grandes virtualizações: A virtualização do corpo, da memória, da economia e da inteligência.

"Correndo o risco de sermos redundantes, lembremos que essa virtualização é analisável essencialmente como mudança de identidade, passagem de uma solução particular a uma problemática geral ou transformação de uma atividade especial e circunscrita em funcionamento não localizado, dessincronizado, coletivizado. Contudo, o limite jamais está definitivamente traçado entre a heterogênesse e a alienação, a atualização e a reificação mercantil, a virtualização e a amputação." (Levy, p.33)

A virtualização do texto → "Desde suas origens mesopotâmicas, o texto é um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico."

"Ao mesmo tempo que o rasgamos pela leitura ou pela escuta, amarrotamos o texto. Dobramo-lo sobre si mesmo [...] costuramo-los juntos."(p.35)

"O espaço do sentido não preexiste à leitura. É ao percorrê-lo, ao cartografá-lo que o fabricamos, que o atualizamos enquanto o dobramos sobre si mesmo produzindo assim sua relação consigo próprio, sua vida autônoma, sua aura semântica, relacionamos também o texto a outros textos, a outros discursos, a imagens, a afetos, a toda imensa reserva flutuante de desejos e signos que nos constitui. Não é mais o sentido do texto que nos

Comentado [53]: Isso, traça paralelos. Mas na hora de desenvolver, de expôr, faz adequando a forma ao conteúdo. Nesse caso, dê caráter holístico ao texto que fala de situação holística.

Comentado [54]: $a=\Delta v/\Delta t=[m/s^2]$

Comentado [55]: Me tremi por dentro

Comentado [56]: Essas estruturas já se modificaram. Estou formando-a a partir das grandes áreas de conteúdos que irei trabalhar, ou que acho que irei. Decidi não colocar ainda aqui para me organizar melhor cronologicamente já que meu caderno.....

Comentado [57]: Legal!

De novo, se são três itens no processo, que tal fazer uma narrativa tríplice? Veja o exemplo da Helena Parente Cunha em "As doze cores do vermelho". A cada página que se abre, a gente tem três colunas (a do passado, a do presente e a do futuro). O leitor pode ler horizontalmente (passado, presente e futuro que estão na mesma página) ou verticalmente (ler apenas o passado de uma página e ir para o próximo passado da página seguinte).

Fiz uma versão interativa desse livro:
<http://www.patio.com.br/vermelhos/index.html>

Comentado [58]: MEU DEUS EDU Q FODAAAAA

Comentado [59]: Tu fez isso com HTML e CSS???

Comentado [60]: Isso tem tudo a ver com a estrutura de 'lógica' que falei no seu comentário sobre a semiótica do Peirce. Existe um pensamento não linear mas há uma estrutura que me guia em direções de descobertas de uma não-linearidade que tem lógica

Comentado [61]: "Tudo é o mesmo e ao mesmo tempo não é o mesmo. É diferente e não é diferente.

deveríamos nos abrir para uma nova maneira de produzir sentido, mais incerta e mais livre"

!!!!!!

Comentado [62]: Acho que nem sabia o que era CSS. :) Devo ter feito no Dreamweaver.

Comentado [63]: Extremamente passível de relacionar ao Meio é a mensagem de McLuhan

Comentado [64]: Bora escrever com Edu um artigo sobre isso?

Comentado [65]: não lembro se essa referência está em Levy ou Baudrillard mas achei interessante o pouco que li

Comentado [66]: Mas o abandono é em outro grau do que rola na informatização, né

Comentado [67]: Estou chamando-as assim para relacioná-las às grandes catástrofes do homem de Villém Flusser

Comentado [68]: não só costuramos, como também rasgamos, amarrotamos, torcemos e recosturamos. Fazemos isso para abrir um meio vivo no qual passa ...

ocupa, mas a direção e a elaboração de nosso pensamento, a precisão de nossa imagem do mundo, culminação de nossos projetos, o despertar de nossos prazeres, o fio de nossos sonhos”(p.36)

“Eventualmente, teremos relacionado um de seus fragmentos [do texto], investidos de uma intensidade especial, com determinada zona de nossa arquitetura mnemônica, um outro com determinado trecho de nossas redes intelectuais.” (p.37)

Portanto “escutar, olhar, ler equivale finalmente a construir-se. Na abertura ao esforço de significação que vem do outro, trabalhando, esburacando, amarrotando, recortando o texto, incorporando-o em nós, destruindo-o, contribuimos para erigir a paisagem de sentido que nos habita. O texto serve aqui de vetor, de suporte ou de pretexto à atualização de nosso próprio estado mental” (p.37)

“Hierarquizar e selecionar áreas de sentido, tecer ligações entre essas zonas, conectar o texto a outros documentos, arrumá-los a toda uma memória que forma como que o fundo sobre o qual ele se destaca e ao qual remete, são outras tantas funções do hipertexto informático” (p.37)

“Uma tecnologia intelectual, quase sempre, exterioriza, objetiva, virtualiza uma função cognitiva, uma atividade mental.” (p.38)

“O texto contemporâneo, alimentando correspondências on line e conferências eletrônicas, correndo em redes, fluido, desterritorializado, mergulhado no meio oceânico do ciberespaço [...] reconstitui, mas de outro modo e numa escala infinitamente superior, a copresença da mensagem e de seu contexto vivo que caracteriza a comunicação oral.” (p.39)

Neste momento tive um insight sobre como nomear melhor essa visão holística do processo de ser enquanto projetista e designer. Não é uma conduta de trabalho mas um exercício de provocação do pensamento, o que conseqüentemente reverbera na ação projetual.

Levy faz uma diferenciação importante entre a potencialização do texto e a virtualização deste. “O suporte digital (disquete, disco rígido, disco ótico) não contém um texto legível por humanos mas uma série de códigos informáticos que serão eventualmente traduzidos por um computador em sinais alfabéticos para um dispositivo de apresentação.” (p.39)

“Um hipertexto é uma matriz de textos potenciais, sendo que alguns deles vão se realizar sob o efeito da interação com um usuário.” (p.40)

“O virtual só eclode com a entrada da subjetividade humana no circuito, quando num mesmo movimento surgem a indeterminação do sentido e a propensão do texto a significar, tensão que uma atualização, ou seja, uma interpretação, resolverá na leitura.”(p.40)

“O computador é, portanto, antes de tudo um operador de potencialização da informação.” (p.41)

→ O hipertexto: Virtualização do texto e da leitura

“[...] um ato de leitura é uma atualização das significações de um texto, atualização e não realização, já que a interpretação comporta uma parte não eliminável de criação.” (p.41) potencialização e virtualização não são homogêneas

Comentado [69]: Literalmente como estou vendo o funcionamento do Design. Sua expansão para outros campos de conhecimento, seu pensar e criar a si mesmo, sua construção viva de si. Repare que Levy usa sempre o termo 'texto' e não 'hipertexto' pois para ele qualquer texto é um hipertexto pois quando lido é atravessado por todos estes processos citados.

A necessidade dos meios de comunicação cibernéticos para constituição de um hipertexto não é verdadeira. Porém, acho importante ressaltar que o instaurado de comunicação por meio de plataformas criadas por ferramentas de design que buscam produzir e pensar sobre o hipertexto é uma coisa diferente e, ao meu ver, é o objetivo da forma e do conteúdo do meu TCC

Comentado [70]: Todo esse texto tem uma relação extremamente próxima com a definição do que é e como funciona a cognição tida pelo Júlio Plaza no Tradução intersemiótica.

Comentado [71]: Aqui é quando Levy faz sua junção conceitual entre texto e hipertexto porém em seu discurso achei interessante quando é colocado como uma das funções deste tipo específico de hipertexto que a funcionalidade de virtualização tida como a forma com que vemos textos e conseqüentemente criamos a nós mesmos.

O que muda quando pensamos em um texto/discurso/plataforma que se constrói a partir disso e para isso? O que a sua existência por si só comunica?

Mais uma série de questionamentos que me fez pensar em ligar as tríades das grandes áreas de conhecimento com a Comunicação pois posso complementar essas perguntas com McLuhan e “O meio é a mensagem” como sera visto no meu questionamento mais adiante pois agora eu estou no futuro

Comentado [72]: pois agora eu estou no futuro

Comentado [73]: no caso do exemplo dado, a escrita

Comentado [74]: no caso do exemplo dado, a memória

Comentado [75]: Interessante pra utilizar na justificativa e relacionar à Prática Crítica e Design crítico e especulativo

Comentado [76]: Provoque o pensamento do leitor por meio do seu texto.

Comentado [77]: universo imenso mas ainda assim é inteiramente pré-contido, calculável

Comentado [78]: a subjetividade e a virtualidade como caminho à criação

Comentado [79]: Muito interessante o que o autor fala também da virtualização do Computador. Um objeto-ser de raio e centro indefinidos

Comentado [80]: McLuhan dando olé

Comentado [81]: Projetar é um ato de leitura do projeto!!!

Comentado [82]: Também?

sentidos, estes sendo as portas da estrutura de realidade que temos. Então qual sentido é usado para percebermos o design?

Não vemos em **categorias**, não se “vê” um Design. Quando se diz em relação a objetos que estes têm design, o seu “design” é mais uma forma de julgar o objeto ou separar suas dimensões com base em parâmetros definidos por um saber. Nós não conhecemos o Vermelho, nós vemos objetos que tem a cor vermelha. Então o Vermelho existe? O mesmo se aplica ao Design.

Dentro dessa perspectiva, é analisado o Design a partir da visão de Platão e da *téchne*. “Seria o Design uma ‘*téchne*’ - uma prática ou atividade sustentada por um saber específico? Ou seria um apanhado de práticas aleatórias que não formariam um conjunto coerente?

Platão entretanto pensa que o mundo tem uma essência que independe completamente de nós. Todas as coisas com as quais nos relacionamos no mundo material seriam apenas cópias imperfeitas dessas essências. Se cedemos aos encantos das aparências, afastamo-nos das essências nas quais estão as perfeições verdadeiras, as coisas se aproximam de suas essências na medida em que desempenham aquilo que seria a função específica de sua natureza essencial.

O discurso funcionalista de Platão é muito próximo ao discurso da Bauhaus e da Escola de Ulm, apesar das ressalvas feitas pelo autor da visão de cada um acerca disso. *retórica* \neq *téchne*

Se cada um ocupa-se daquela *téchne* a qual se debruça, a descobrir as técnicas específicas daquilo que faz é por que está em busca da perfeição, da essência, da verdade do mundo. Se existe uma *téchne* é por que existe uma essência que faz a sua existência. Portanto, se tomarmos o Designer como um realizador de todas as formas e o Design como um criador de todas as formas, a área não possui uma *téchne* específica. Sendo assim, sem essência, o Design não existe.

“A qualidade, a beleza e a perfeição de cada utensílio, de cada animal ou ação não visam outra coisa que não seja a função para a qual cada um foi feito ou nasceu” (Platão)

O design passa a existir na medida em que escapa da prisão platônica e funcionalista. “Em uma perspectiva que enxerga o mundo como algo sem essência própria, o desinteresse pela verdade não transforma esse algo em engodo. Se o mundo ordenado em que vivemos só existe com base na relação entre sujeito e objeto, as atividades que se concentram nesta relação atuam no próprio cerne da **existência**.”

Primeiridade → Semiótica → tempo

Secundidade → Design → espaço

Terceiridade → Filosofia → aceleração

Primeiridade → Filosofia → tempo → análise do sensível, criação qualitativa de realidade, cobra que engole o próprio rabo

Secundidade → Design → espaço → o meio que sente, produz e pensa a si mesmo

Terceiridade → Comunicação → movimento → o dialogismo, a produção de sentido e a descoberta de qualidades a partir da virtualidade da língua e sua adição de camadas de **virtualização**

Prática Crítica por Bruno Augusto Lorenz

Comentado [92]: Para Portugal, as categorias são as Qualidades

Comentado [93]: Qual é então a função humana? A essência do homem

Comentado [94]: foi só aqui na leitura que relacionei o tempo de Peirce ao espaço de Levy. Novos espaços e novas velocidades como resultado do processo de virtualização sendo este o processo que origina o surgimento do design como algo real. Preciso de um filósofo não essencialista que tome o mundo como uma construção humana de linguagem e de virtualidade, por isso pensei em trazer o Flusser. Dessa forma, essa proposição triádica das áreas se transforma, explico no comentário abaixo.

Comentado [95]: A transformação disso aqui está no fato de que a semiótica está incluída na área da filosofia. E a filosofia em si, como conversado com a Liliu, não é o movimento. Fiquei pensando então qual seria esta terceira área e, claro, como que ela ficaria na classificação. Digo isso por que pensei em Arte mas não sei como relacioná-la ao tempo. Ao mesmo tempo pensei em trazer a filosofia a Primeiridade com essa noção de tempo só que a Filosofia é extremamente analítica e simbólica, não sei como eu faria pra torná-la um primeiro a não ser que eu a designe a criação de realidades. A análise do sensível, a cobra que engole o próprio rabo. Digo isso por que vejo a filosofia como o grande norte do trabalho a grande área. Sendo assim, a terceiridade seria a Comunicação, que foi a área que eu pensei para compor esta tríade e em vez de "aceleração" esta perspectiva tomaria o nome de "movimento".

Comentado [96]: Era assim que até então eu tinha posto a disposição da estrutura. Tinha um comentário enorme explicando o pq disso só que eu sem querer resolvi ele aaaaaa. Em resumo, a ideia agora é trocar comunicação e filosofia de posição o problema é que a Filosofia muito provavelmente não está ligada a movimento, a não ser que eu deixe claro que é o movimento de pensamento, de ideias. Enfim, mais pra baixo tem como eu penso que isso vai ficar...

A prática crítica se configura como uma metodologia de projeto que “dá atenção para as qualidades provocativas, narrativas e poéticas da atividade projetual e dos artefatos produtos de tais movimentos” (p.15)

Ela considera a atividade projetual e o artefato como meios de experienciar e compreender o mundo. Além disso, assimila a natureza dos artefatos como algo complexo e, logo, passível de apreciação e reflexão sobre suas dimensões.

“Rejeição de entendimento exclusivo do design como um meio de ganhos financeiros e tecnológicos e que se concentra na busca por perguntas de maneira anterior à busca por respostas (Mazé & Redstron, 2009) (p.45)

Gaver, 2012; Bardzell et al 2015; Cross, 2007; Stolterman & Wiberg, 2010

O que é chamado por Prática crítica por Lorenz é baseado na nomenclatura da metodologia proposta por Malpass e seus aspectos dizem respeito também aos seguintes âmbitos de pesquisa em Design:

Design crítico (Dunne, 2005)

Design especulativo (Dunne & Raby, 2013)

Design discursivo (Tharp & Tharp, 2013)

Design contraditório (Disalvo, 2013)

Design conceitual (Franzato, 2011)

Design reflexivo (Sengers et al, 2005)

Design lúdico (Gaver et al, 2004)

Design provocativo (Ozkaramanli, 2016)

Apesar de extremamente abrangente e conceitual, questiono o que e como posso me utilizar do conteúdo desta prática crítica e filosófica pois a Prática Crítica diz respeito ao desenvolvimento de um novo tipo de metodologia para um novo tipo de design, bem mais próximo ao campo da arte. Enquanto isso, eu estava desenvolvendo o tcc como um tipo de exercício para o profissional designer, suas competências e seu modo de pensar.

Essa perspectiva pode vir a ser uma metodologia um dia, eu acho. Porém, estou vendo o tcc mais como uma maneira de traçar perguntas. Além disso, quero levar em consideração a prática dialógica entre os meios de comunicação já que estes são o reflexo direto do que os meios em si nos comunicam (MCLUHAM). Não excluo as contribuições da Prática Crítica mas fico em dúvida em como diferenciá-la e encaixá-la naquilo que pretendo fazer. Seguem minhas sugestões a mim mesmo:

-Seguir na Prática Crítica como uma metodologia de Design reflexo daquilo que estou chamado de enésimo tempo e enésimo espaço (sabendo que isso já é um conteúdo pesquisado pela comunidade, ou seja, o tcc não traria um conteúdo novo a ser pensado);

-Pensar os processos enésimos como uma noção profissional e competência ao designer (me questiono se isso é válido, se posso fazer como um relato meu);

-Analisar a ausência de espaço e tempo por meio da prática dialógica dos meios de comunicação cibernéticos (diário). De volta à estaca inicial.

Acho que estou me vendo com um problema de definição de recorte de pesquisa.

Atual estrutura de conteúdos:

1.Primeiridade → Comunicação → tempo

1.1 A criação de uma língua/código;

1.2 A percepção de indivíduo(s);

1.3 O implementação de uma linguagem (processos dialógicos)

Comentado [97]: Artefato, é um termo compreendido na pesquisa [de Lorenz] a partir de Klaus Krippendorff (2005), que discute a importância da semântica dos produtos da atividade projetual humana. O autor não considera apenas as qualidades materiais do artefato - a forma, a função e sua estrutura - mas também o impacto que provém de seus aspectos intangíveis, tais como os significados que usuários dão aos objetos e o discurso que esses objetos comunicam. Dessa forma, o termo "artefato" pode designar tanto um produto físico /um garfo, por exemplo), a interface gráfica de um aplicativo de celular ou até mesmo um discurso político ou religioso. Ou seja: artefato é tudo aquilo projetado pelo ser humano (Krippendorff, 2005)

Comentado [98]: O texto também pode ser um meio de experienciar e compreender o mundo.

Comentado [99]: métodos de projeto que transcendem a materialidade e se voltam para dinâmicas discursivas, experimentais e generativas para alcançar seus objetivos" (Malpass, 2012) (p.45)

Comentado [100]: Para os que consideram tal ponto de vista acima, "o design deve dar conta de questionar suas próprias regras e atribuições, além de repensar as formas de expressões da ética e dos valores que estruturam a sociedade contemporânea em suas diversas esferas" (Lorenz) (p.45)

Comentado [101]: Defendem que o artefato pode incorporar o conhecimento do designer e de seus processos, o que abre possibilidades de identificar e interpretar escolhas feitas pelo designer ao longo do projeto

Comentado [102]: Bibliografias possivelmente úteis ao estado da arte do meu tema. Todos estes âmbitos consideram qualidades provocativas, retóricas e reflexivas na atividade projetual

Comentado [103]: Outra possibilidade a ser explorada. Esse seu texto tem hoje 22 páginas e 37 pontos de interrogação (?). Poderia ter uns 10 pontos de interrogação a cada página.

Comentado [104]: o recorte diário é algo diretamente ligado à metadisciplina, o que ao meu ver não faz mais muito sentido prosseguir já que a pesquisa está meio que se encerrando

Comentado [105]: Se você recorta, você cede à linearidade. Por que não explorar o potencial das três (ou mais) sugestões como se estivesse em uma encruzilhada de vários caminhos possíveis?

Comentado [106]: :0000 eu n tive reações pra esse comentário

Comentado [107]: A noção entre tempo linear x tempo das imagens do Flusser em que ele diz que o tempo linear só acontece devido à escrita linear. Apesar disso, a perspectiva de tempo como um único todo é do Peirce, acho que isso configura um problema conceitual

2. Secundidade → Design → espaço

2.1 A abertura à virtualização como prática inovadora e proposta sensória;

2.2 A existência de plataformas em hipertextos cujo um de seus intuitos é promover virtualizações;

2.3 A visualização holística de atualizações;

3. Terceiridade → Filosofia → movimento

3.1 A interpretação do sensível;

3.2 A criação de realidades;

3.3 A interpretação de sociedades

Toda essa estrutura está separada a título de classificação para a compreensão do leitor pois na verdade todos esses processos acontecem ao mesmo tempo, espaço e movimento. O princípio, o fim e o meio, todos permeiam a todos em um processo só de coexistência. Me veio como título para o trabalho: Inter-relações entre Comunicação, Design e Filosofia e seus entendimentos holísticos de mundo.

Design e complexidade

“Os problemas apontados por Papanek, de miséria e exploração, violência e degradação, são mais reais do que nunca. Aliás, se examinarmos os dados estatísticos, muitos deles estão piores do que quatro décadas atrás. Apenas foi acrescentada à realidade material uma camada a mais, que tudo envolve e tudo permeia.” (p.11) - Rafael Cardoso

“Diante do tamanho do esforço necessário para dimensionar um problema em toda sua complexidade, qualquer um pode se sentir pequeno. É bom que seja assim, pois os designers precisam se libertar do legado profissional que os estimula a trabalharem isoladamente, de modo autoral, como se um bom designer fosse capaz de resolver tudo sozinho.” (p.12)

“A complexidade vem se tornando tema cada vez mais estudado, principalmente nas áreas de informática e computação, teoria da informação e dos sistemas. As definições são muitas, mas a maioria concorda que a complexidade de um sistema está ligada ao grau de dificuldade de prever as inter-relações potenciais entre suas partes.” (p.13)

“Sem um sujeito capaz de atribuir significado, o objeto não quer dizer nada; ele apenas é. A apreensão de todos os fatores citados deriva da relação entre usuários e artefatos, numa troca de informações e atribuições que se processa de modo contínuo. Em última instância, é a comunidade que determina o que o artefato quer dizer.” (p.33)

Leitura interessante pra contribuir:

<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/1599>

http://www.comcult.cisc.org.br/wp-content/uploads/2019/05/GT2_Diogo_Andrade_Bornhausen_FAAP.pdf

1. O método científico para Peirce

2. A execução da perspectiva única de processo pelo Drive

3.

Comentado [108]: A teoria filosófica de Pierre Levy sobre novas perspectivas de espaços e velocidades. Nosso constante processo de sermos hipertextos e atravessados por hipertextos. As plataformas de comunicação cibernéticas como um meio que objetiva a virtualização

Comentado [109]: a tomada (escolha) de solução dentro do processo de virtualização. Uma prática projetual

Comentado [110]: o movimento do pensamento, a cobra que engole o próprio rápido, "o Signo genuíno"

Comentado [111]: aquilo que consideramos como "real" sendo um resultado do processo linguístico iniciado lá em Primeiridade. A língua como um resultado dos estímulos sob os quais são postas nossa memória, gostos, vivência etc. A perspectiva não essencialista de realidade tendo em vista que esta é muito funcionalista

Comentado [112]: Não substima o leitor. Deixe ele experimentar, por meio do próprio texto, que tudo acontece ao mesmo tempo.

Comentado [113]: Lembrei de um poema de Mariza Viana que, ao falar do processo de transformação de lagarta em borboleta, escreveu assim: la-bor-gar-bo-ta-le-ta. Como o holismo tem a ver com o entendimento integral, como você poderia escrever "Comunicação, Design e Filosofia" sem separá-los. Não falo necessariamente de criar uma palavra para isso, mas de expressá-los holisticamente e não apenas se referir a eles como participando de um mundo holístico.

Comentado [114]: não é, não foi e não será a maneira ideal de se pensar design. Pois as informações, as redes e as virtualizações sempre nos atravessam

Comentado [115]: Virtualização
Primeiridade
Sensível

A complexidade como aquilo que se cria, se forma e se pensa. Me questiono se poderia chamar essas várias camadas de abstração que entendo como o consciente e o inconsciente de mente. Além disso, seria a mente um metaprojeto do ato de pensar?

Comentado [116]: Sobre fatores condicionantes de significado. Cardoso faz uma relação de coexistência entre "ponto de vista", "discurso" e "experiência" como as três etapas de significação (no mesmo texto ele coloca que é necessário nos atermos a cada um individualmente a fins didáticos de entendimento, algo que eu também havia pensando em como expressar aquilo que penso. Pode parecer besteira mas deu uma acalmada no coração)

Estudos internos de poesia

“Quem duvida de tudo se chama cético. Como se chamam aqueles que acreditam em tudo? Aquellos que acreditam que tudo é possível? Que toda a fantasmagoria tem tanto direito a existir quanto a sólida certeza do gosto do pão e a indeterminada realidade da água que escorre no rosto dos sedentos quando chove?” (p.20) Paulo Leminski

“Ouvir e contar histórias pode ser a razão de uma vida. Essa vida, talvez, um dia, alguém a conte. E quem conta um conto, sempre acrescenta um ponto, um detalhe novo, uma articulação imprevista, uma aproximação com outras fábulas. [...] Conta-me uma anedota e dir-te-ei quem és. Tal homem, tal fábula.” (p.24)

“Se tudo pode ser metáfora de qualquer coisa e qualquer coisa pode ser metáfora pode ser traduzida numa coisa qualquer, não há centro, o centro pode estar em qualquer parte, ao mesmo tempo, ou nunca estar em lugar algum.” (p.26)

<https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/43951>

“Pensar e questionar o processo de projeto em suas dimensões. Onde começa? Onde termina? Qual a continuidade? Qual o meio? Quando ele está sendo produzido e quando deixa de se produzir?

É somente por um grupo de designers em um escritório que o Design começa? No design social, é quando a Universidade atua junto da comunidade ou quando essas duas entidades estão separadas?

Não é sobre achar essas fronteiras, e sim pensar: Elas existem? É sobre questionar esse processo de onde começa e onde termina, questionar os processos fabris e industriais de se fazer design cuja metodologia encerra-se em si mesma e, embora reconhecidamente atrasada, ainda é extremamente predominante no mercado.

Como objetivos específicos estão: Analisar essa necessidade de novos processos que surgem, que consideram o subjetivo, o sonho, o meta dentro da prática de projeto. Além disso, outro objetivo é tomar essa releitura de atualização do processo de projeto sempre como uma antropofagia da própria subjetividade dentro de um experimento no próprio TCC ao pensá-lo como um projeto de Design. Para isso, seria feito uso do diário no google Drive como uma ferramenta de atualização tanto quanto possível desse subjetivismo que se transforma. A metamorfose do processo de projeto em Design.”

Warburg e Benjamin: o inacabamento e a montagem como métodos de conhecimento - Gabriela e Osmar

“Para Warburg (2015) era importante documentar o processo, criar uma memória, enquanto o seu autor seguia tentando encontrar um layout definitivo.”

“[Benjamin e] Antonio Guerreiro (2002), ambos entendem que o papel do historiador é o de ler “o que nunca foi escrito”, mas que se deixa vislumbrar pelas possibilidades de reativação das imagens porque, se por um lado, a imagem dialética é abertura, ela é também sonho.”

“Para nós [Gabriela e Osmar], esse inacabamento está na medula de suas produções, como um convite aos seus leitores a interpretar, junto com eles, seus textos e os objetos de suas análises”

Montagens como nova via heurística → “Contemporâneos do cinema e das vanguardas históricas, ambos viam nessa técnica [montagem] moderna por excelência uma nova via heurística, uma “ferramenta” que permitia a criação de formas totalmente singulares de

Comentado [117]: Isso me lembrou algo que conversei recentemente sobre o meu processo com um amigo. Pois dentre alguns teóricos que estudo, o inacabamento é quase como uma característica de linguagem do trabalho deles. O Peirce morreu sem ter organizado e “finalizado” a semiótica. Sem publicar seu entendimento geral da mesma. Warburg também morreu antes de tirar as conclusões gerais acerca de seu Atlas Mnemosyne. Parece até que o inacabamento de seus trabalhos era então onde estes trabalhos acabavam...

“apresentar” e “expor” o pensamento filosófico, formas não lineares, não discursivas e que se caracterizavam por colocar o movimento no centro do processo de pesquisa e de escrita acadêmicas. É que a montagem não é apenas a técnica que proporciona a quebra da ideia de totalidade, de organicidade da obra de arte tradicional – tal como propunham o dadaísmo e o cubismo – mas é também uma escrita que opera por cortes e fragmentos, que aproxima e afasta, organiza e reorganiza.”

“[...] montar é pôr em relação, é combinar e recombinar, fugindo de uma lógica linear, sintática, discursiva. Em contraponto a um pensamento linguístico e causal, portanto, somos confrontados aqui com um saber essencialmente aberto e imprevisível, que joga com temporalidades anacrônicas e desconexas, com o rearranjo e a variação contínua dos seus termos.”

“inventar um saber-montagem era renunciar aos esquemas evolutivos – e teleológicos – em vigor desde Vasari” e “aceder a um mundo aberto de relações múltiplas, inéditas e até perigosas de se experimentar” (2013, p. 21) → Didi Huberman em *Aby Warburg e a imagem em movimento*

PAUSA PRO INSIGHT QUE EU TIVE

Acabei de mandar mensagem pro meu ex-para um amigo acerca do pensar o projeto não-linear de criação a partir de uma plataforma não-linear de pensamento/construção. Ele me pediu mais detalhes sobre pois existe uma diferença entre programar e fazer um site. Segue aí na tora tudo que mandei pra ele:

“eu to estudando estruturas holísticas de pensamento dentro da construção de projetos de Design e no que isso é transpassado pelo projetista como indivíduo, profissional e cidadão

então to analisando o processo de criação como algo não-linear e intrinsecamente ligado ao subjetivo

e esse processo não-linear é o que ta me pegando por que eu quero pensar o processo não-linear de maneira também não-linear. Quero trabalhar e pensar o processo de montagem ao fazer uma montagem deste mesmo pensamento

Victor Furtado

e esse processo não-linear é o que ta me pegando por que eu quero pensar o processo não-linear de maneira também não-linear. Que

só que isso foi só um insight que eu tive agora com um texto que eu to lendo, mesmo que isso diga respeito diretamente ao que eu to escrevendo como tcc

por que dentro do meu processo de análise eu to usando o google drive e os processos da linguagem semiótica que ele em si como meio de comunicação possui. Porém ele ainda se configura como uma maneira muito linear de leitura, de cima pra baixo, apesar de todos os recursos de hiperídia passíveis de utilização dentro dele

Comentado [118]: !!!!!

Comentado [119]: “ a montagem opera por relações de coexistências e múltiplas temporalidades”

Comentado [120]: Por isso as várias temáticas possíveis de temas podem “não ter” uma só como eleita, pois todas fazem parte de um campo de possibilidades/de movimento. Não é a eleição de uma delas que fará jus ao que estou procurando mas sim o fato da abertura de possibilidades das temáticas propriamente ser a minha escolha.

Comentado [121]: O diário virtual como a maneira de pensar o trabalho

Comentado [122]: Para Walter Benjamin “ [a montagem consistia em] edificar a partir de elementos mínimos, da atenção minuciosa aos cacos e resíduos da história, as grandes construções.”

Comentado [123]: Prefácio disponível em: <https://www.contrapontoeditora.com.br/arquivos/detalhes/Apresentacao%20site%20Michaud.pdf>

Comentado [124]: a visualização da poesia concreta que constitui meu pensamento

Comentado [125]: Na época do Labirinto (tese de doutorado), conseguimos fazer um site não-linear, que depois saiu do ar. Mas deu MUITO trabalho. Não apenas foi preciso contratar um programador, mas achar o programador que conseguiria fazer o serviço foi um percurso cheio de agonias. Aconselho você trabalhar com uma manifestação mais material (papel) da não-linearidade. É possível.

Comentado [126]: Pois é... realmente é um trabalho. Também acredito que essa manifestação material em papel possa ser interessantíssima por casar muito com algumas outras poesias que os objetos carregam. Mapas, atlas, fotografias e etc

em resumo, comecei a rascunhar como se daria visualmente uma plataforma não-linear de processo de projeto. A grosso modo seria uma constelação de googles drives dentro de um drive maior. A diferença seria a visualização desse sistema como um "todo", um painel, e não como pastas e subpastas"

ENCERRA AQUI O INSIGHT... POR ENQUANTO

Cultura das mídias

"A cultura é a totalidade dos sistemas de significação através dos quais o ser humano, ou um grupo humano particular, mantém a sua coesão (seus valores e identidade e sua interação com o mundo)." (p.28) Santaella *apud* Shukman

"Cada trabalho particular de atividade cultural é visto como um texto gerado por um ou mais sistemas" (p.28)

"Toda troca cultural envolve, portanto, algum ato de 'tradução', na medida em que o receptor interpreta a mensagem de um emissor através de seu(s) código(s) apenas parcialmente compartilhado(s)."

"Na cultura, toda entidade pode tornar-se um fenômeno semiótico. As leis da comunicação são as leis da cultura." (Eco, 1974) p.29

"[...] a semiótica percebe os processos comunicativos das mídias também como atividade e processos culturais que criam seus próprios sistemas modelares secundários, gerando códigos específicos e signos de estatutos semióticos peculiares, além de produzirem efeitos de percepção, processos de recepção e comportamentos sociais que também lhe são próprios." (p.29)

"se cultura já é inseparável de comunicação, no caso das mídias isto se torna ainda mais indissociável, uma vez que mídias são, antes de tudo, veículos de comunicação." (p.29)

cultura de massas \neq cultura de mídias

→ Não há comunicação sem informação (p.31) "[...] uma das características primordiais da cultura das mídias é a ênfase que se coloca na informação como elemento substancial de todo processo comunicativo." (p.31)

consideração do público como massa homogênea pela comunicação de massa **versus** o modo de transmissão desse processo de comunicação tende a aumentar a margem de imponderabilidade da informação que é transmitida e que escapa ao controle da intencionalidade do ato comunicativo

"Uma mesma mensagem é composta na sincronia de vários sistemas sógnicos, nas misturas do verbal e não-verbal" (p.34)

Comentado [127]: Ele me perguntou se seria uma ferramenta para funcionar como mapa-mental e eu disse que sim mas acrescentei: "mas não sei se só um mapa mental, queria que fosse possível adicionar camadas a ele como quem adiciona uma camada de pensamento à uma interpretação anterior algo que sobrepõe 'por cima' em vez de dar continuidade 'por baixo' como se fosse um texto linear"

Comentado [128]: [o termo] funciona como indicador da ênfase que a semiótica coloca na concepção da atividade cultural como linguagem (texto) que visa um efeito comunicativo

Comentado [129]: pensar a apropriação das mídias como uma metamídia

Comentado [130]: esse pensamento me ocorreu e lembrou bastante sobre o conceito de Artemídia

Comentado [131]: apresenta uma enorme e crescente diversidade de veículos de comunicação, tendo cada um deles uma função específica e diferencial, função esta que se engendra através da interação de uma multiplicidade de códigos e processos sógnicos que atuam dentro de cada mídia, produzindo no receptor efeitos perceptivos e comunicativos também diferenciais e específicos." (p.30)

Comentado [132]: "São mensagens aparentemente pobres no conteúdo, mas complexas semioticamente, isto é, ricas na mistura de códigos que concorrem para compor a mensagem" (p.34)

Comentado [133]: como pensar isso com a metadisciplina desmembrada? não compilada em um artigo só como no livro

Comentado [134]: "outra causa desse descontrole está no fato de que as mídias inauguraram a mistura de códigos e de processos sógnicos numa mesma mensagem" (p.34) --> simultaneidade semiótica das mensagens

Comentado [135]: profusão de sinais e códigos coexistentes...

Comentado [136]: me lembrou o quadrinho como uma adaptação do cerne espaço espaço-tempo, então qual(is) é(são) os cerne midiáticos?

O objetivo seria então Tomar a semiótica como forma de criação de significação e como essas estruturas funcionam e se categorizam. O saber-montagem seria o método e o como fazer. O design seria a maneira holística de ver a concatenação dos resultados e direcionar as investigações e sínteses.

16/05/20 Foi o dia que comecei a estudar o ‘The semantic turn’ do Klaus Krippendorff. Segue uma pequena explicação:

Tendo em vista que as relações sociais que estabelecemos com as coisas configuram um fator chave na prática do design, Klaus Krippendorff (2006) propõe um estudo de mudança de paradigmas no modo como o design deve conceber e propor projetos. A partir da proposta filosófica de ‘Volta pictórica²’ de W. J. Mitchell, Krippendorff entende o design como uma área de criação de significações.

“[...] humans do not respond to the physical properties of things - to their form, structure and function - but to their individual and cultural meanings.” (KRIPPENDORFF, 2006)

Partindo dessa atribuição de funcionamento à área do design é que o autor traça paralelos e diferenças entre o ambiente socio-econômico no qual o design surgiu e no qual este se encontra atualmente. Dentre as principais características observadas pelo autor com relação a Era pós-industrial no design estão: a atenção de projetos a grupos de nicho ou de comunidades; o acesso a novas tecnologias; a criação de heterarquia entre agentes; a construção transformativa de conhecimentos e a proposição de projetos centrados no ser humano.

É nesta rede complexa de transformações tecnológicas que o design atua. Sendo assim, as ideias promovidas por designers devem se relacionar a um nível conceitual e prático com a conjuntura do cenário atual para que inovações frutíferas sejam realmente implementadas.

Para que isso seja possível, somos apresentados à Trajetória da Artificialidade proposta por Krippendorff. A Trajetória da Artificialidade é uma proposição de visualização das grandes mudanças que ocorreram na maneira de se fazer design e no que tange a seus objetivos e seus resultados. Ela corresponde não só a uma evolução cronológica da área mas também a quais camadas são adicionadas e como estas rearticulam a maneira de se projetar artefatos. Este pensamento é também encontrado na fala de Flusser e sua Escalada da Abstração que discorre

² Pictorial Turn em tradução livre

sobre as transformações cognitivas que rondam os processos de comunicação; sobre a concepção de imagens técnicas e como estes movimentos influenciam nossas vivências estéticas.

As etapas que compõem a Trajetória da Artificialidade dentro do design são: Produtos; Bens e serviços; Interfaces; Sistemas de multiusuários; Projetos; e Discursos. No que diz respeito às proposições desenvolvidas para a empresa no decorrer do estágio, é empregado principalmente as premissas que funcionam por meio do Discurso. Primordialmente, a articulação de uma estratégia de discurso está em coordenar maneiras de falar, de escrever e de agir direcionando a atenção da comunidade tida como público. Desse modo, o discurso pré-estabelece o modo de pensar de um corpo social. Apesar disso, mantém suas concatenações abertas a serem modificadas ou reestruturadas baseado nas formas de pensamento e de identidade geradas pela população.

“Discourses reside in community, performing it, so to speak, and thereby creating everything that matters to the members of a community as members.” (KRIPPENDORFF, 2006)

Durante a análise de funcionamento do design, a Trajetória da Artificialidade investiga a linguagem como uma maneira política de se estabelecer no mundo. Apesar do aprofundamento em linguística dado pelo autor para exemplificar de modo universal a pulsão de significação que a noção de linguagem proporciona, deve-se levar em conta que Krippendorff considera todas as formas comunicativas possíveis como linguagens. O espaço da Estética e a interpretação desta é uma matriz fértil à criação de metáforas, de vocabulários e, conseqüentemente, de discursos. Sendo assim, o design se torna um articulador entre um universo intangível de possibilidades de significação, e um universo tangível de como estas significações são formuladas, apreendidas e exercidas no contexto material.

Termina aqui a explicação:.....

A visão do Krippendorff me instigou muito pois abarca um nível conceitual e discursivo que me chama muita atenção na prática do design. Fora isso, a capacidade que o design tem de tornar tangível, ou visível os discursos e as ideias que pretende promover.

Devido a isso, pensei em como esse olhar poderia analisar/pensar sobre um autor que muito me chama a atenção em sua metodologia: Aby Warburg. Seu processo já foi citado anteriormente, o 'saber-montagem'. O fato é que, este saber, este pensamento de Warburg se materializou e

ganhou forma por meio de seus painéis onde o autor então criava relações entre imagens e símbolos, principalmente traçando paralelos entre a cultura pagã e o Renascimento.

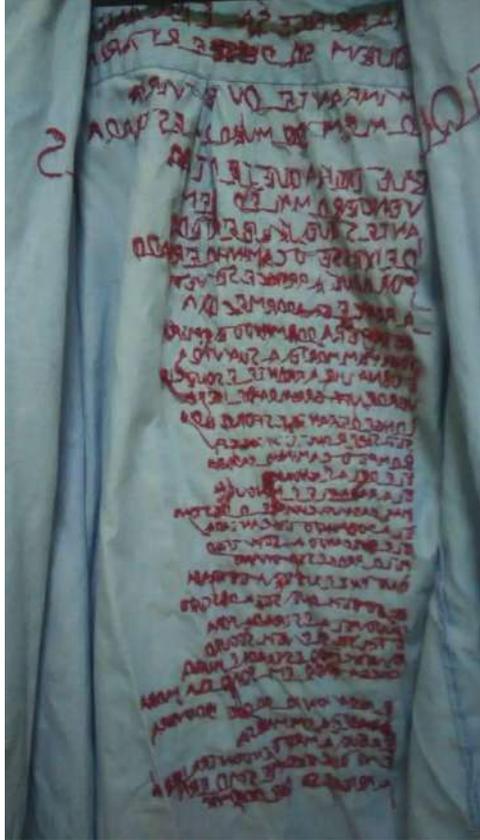
O pensamento de Warburg é pertinente por trabalhar lindamente o funcionamento de símbolos e como estes pulsam por significarem, e assim o fazem devido ao eterno retorno, a pós-vida (pathosformeln) das imagens. Para isso, ele se vale de seus painéis, cobertos por tecido preto, onde então usa pregadores para estabelecer suas relações.

Então me veio a ideia de tentar questionar qual linguagem é aquela que Warburg manuseava quando trabalhava em sua história da arte não cronológica. O que aqueles painéis negros diziam só por serem painéis negros? O preto, que absorve todas as cores, o preto do inconsciente, o preto do céu sob as estrelas. O que as fotografias diziam só por serem fotografias? A captura da alma, a captura do tempo, a captura da luz, as estrelas que brilhavam sobre aquele céu negro. O que os pregadores me diziam só por serem pregadores? A boca que abre e fecha, a boca que sorve e regurgita estrelas, o estabelecimento de constelações estelares, a Caosmofagia.

Me pareceu um campo extremamente rico de estudos a se ter para o design já que este se configura como um campo de produção de significação. Como o método do 'Atlas Mnemosyne' poderia ser tomado como uma metodologia para o design?

A abertura de possibilidades, o tempo como um *continuum* e como isso pode ser analisado e/ou produzido pelo design...

Comentado [137]: "O ensaio é uma atitude que repudia o autoritarismo e preza pelo livre pensar, pelo espírito crítico e o livre-exame." SALES, Márcio. 2014. p. 32.

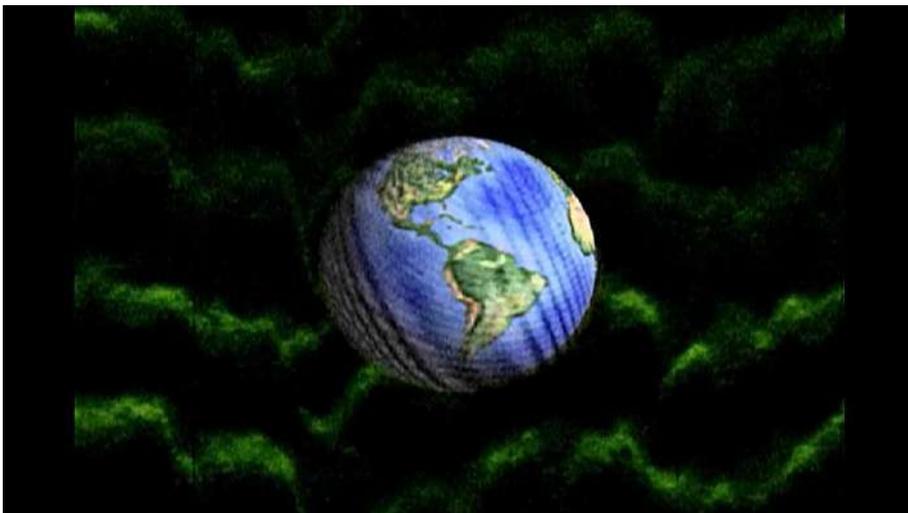
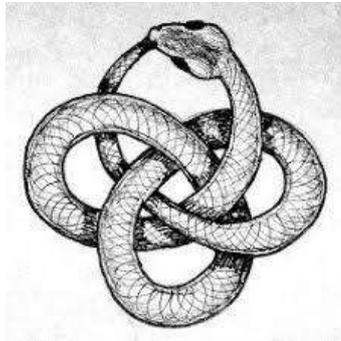
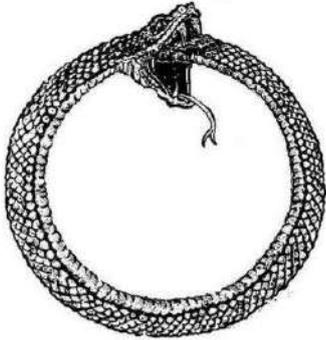


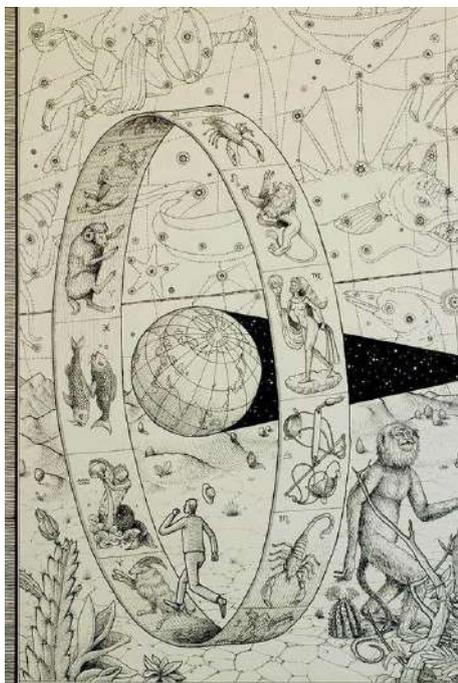
19/06/20

Estou retomando hoje estudos sobre poesias que meu trabalho pode ter. Quais imagens posso trazer? Como posso tornar este trabalho comunicável? Como o meu processo funciona nesse sentido?

Espero agora usar menos palavras, que nunca foram o meu forte em me fazer ser entendido. ~~Muito~~ embora eu me considere um bom leitor de códigos e de comunicações

Comecemos pela(s) imagem(ns) que mais marca(m) o(s) meu(s) mundo(s)





A princípio, tentei pensar qual seria a “anatomia” do meu pensamento. Lembrei da tríade sol, lua e Terra e seu funcionamento conjunto e acabei relacionando isso com a nossa maneira de entender/produzir significados e comunicações.

O sol seria a pulsação de significação. A vida própria que os signos tem de querer significar, eles emanam essa força.

A lua seria a lente. O binômio consciente e inconsciente, sendo estes a luz e a sombra respectivamente com suas nuances e transformações.

A Terra seria o campo fértil à vida, à criação e ao funcionamento e entendimento de toda essa cadeia.

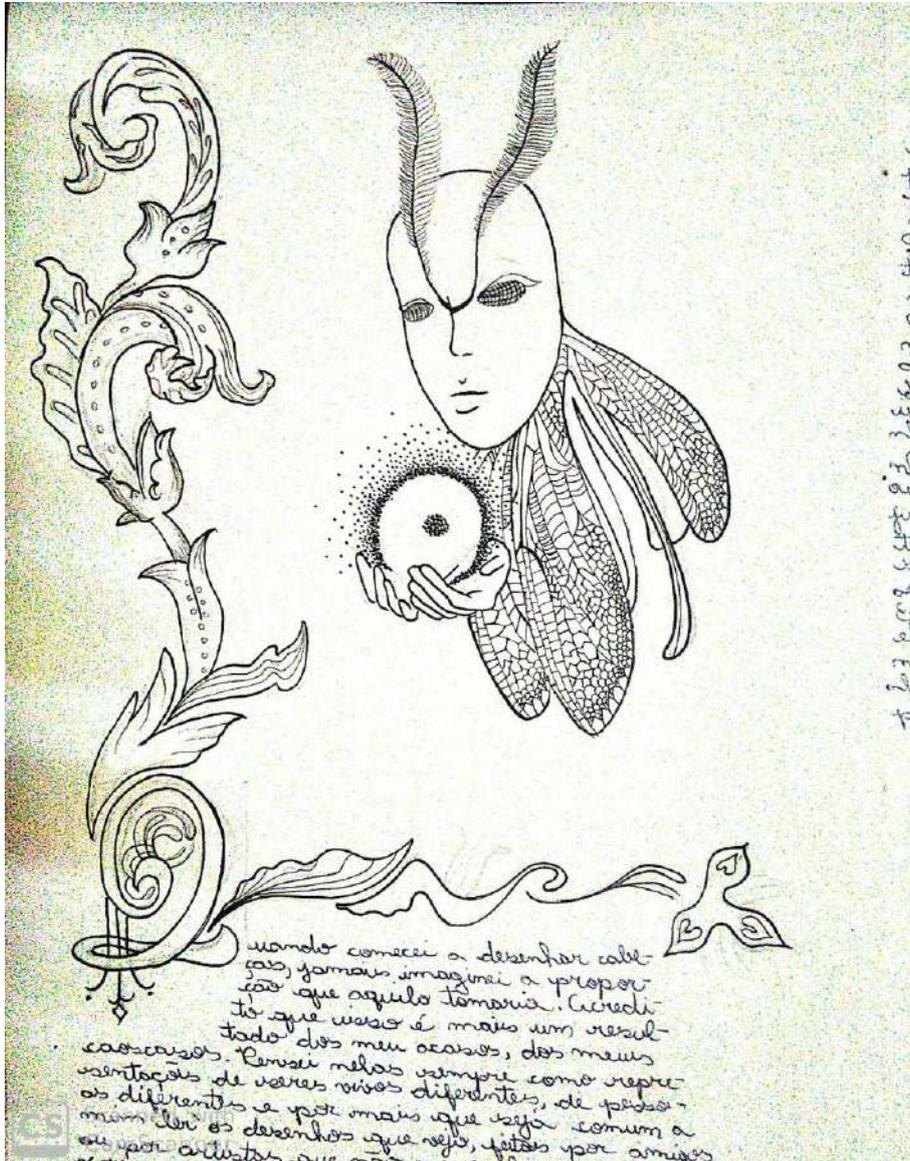
As estrelas seriam a ponte desse entendimento. Como o Julio Plaza toma a formação de nossa consciência, como constelações de estrelas. Memórias são lampejos, fragmentos daquilo que sabemos sobre si e assim vamos relacionando-as umas às outras, formando aquilo que chamamos de memória e consciência.

Foi a partir disso que comecei a observar meus desenhos como vidas próprias, mundos e criaturas próprias e fantásticas. Dotadas de realidade e significados próprios.

Comentado [138]: Acho que a chave de seu TCC não-linear está aqui!
Vou lhe dar uma sugestão quando terminar de ler tudo.

Comentado [139]: muito a ver com as subjetividades contraditórias mencionadas pelo Eduardo...

Comentado [140]: sobre a teoria do Big Bang tbm que falei mais acima



A seguir, o texto de análise que escrevi enquanto desenhava isso:

“Quando comecei a desenhar cabeças, jamais imaginei a proporção que aquilo tomaria. Acredito que isso é mais um resultado dos meus acasos, dos meus caoscasos. Pensei nelas sempre como representações de seres vivos diferentes, de pessoas diferentes e por mais que seja comum a mim ler os desenhos que vejo, feitos por amigos ou por outros artistas que não me conhecem, nunca me ocorreu de ler o que os meus desenhos diziam sobre mim.

Claro que sei que eles transmitem o meu estado de espírito quando os faço, ou transmitem o estado de espírito que os direciono a ter. Mas nunca me ocorreu expandi-las [as cabeças] tanto assim. Para mim elas estão vivas, talvez eu as ajude a criarem forma mas parece ser mais trabalho delas do que meu. A vida cria vida e pulsa sozinha por sua própria construção.

Por terem surgido quando eu estava produzindo e vendendo muitos fanzines, elas surgiram sempre preto no branco. Devido a isso, sempre foi bastante necessário explorar diferentes formas para torná-las diversificadas. Isso favoreceu bastante minha habilidade em desenhar e fazer diferentes texturas. Ajudou em vários aspectos da minha relação com o desenho, como se uma habilidade específica puxasse a mão da outra.

Só mais recentemente foi que testei fazê-las com cor, isso durante minhas primeiras impressões com o desenho digital. Comecei a pensá-las como histórias em quadrinhos, em me questionar se fariam ou qual idioma fariam, ou como se moveriam. Esta sequencialidade dos quadrinhos não julgo ser algo sem importância tendo em vista que os fanzines também possuem o mesmo tipo de sequencialidade em seu meio. Talvez isso possa ser útil a comunicar várias outras ideias que jamais imaginei ao desenhá-las de maneira estática.

Estou então neste processo de alimentá-las e perceber o que elas tem a dizer a mim. Estou deixando-as livres a se amalgamarem em minhas diversas inspirações. Deixarei por si só o desenho pensar, meu corpo será apenas ponte aos acasos que minhas poesias trarão."

Termina aqui o que eu escrevi.

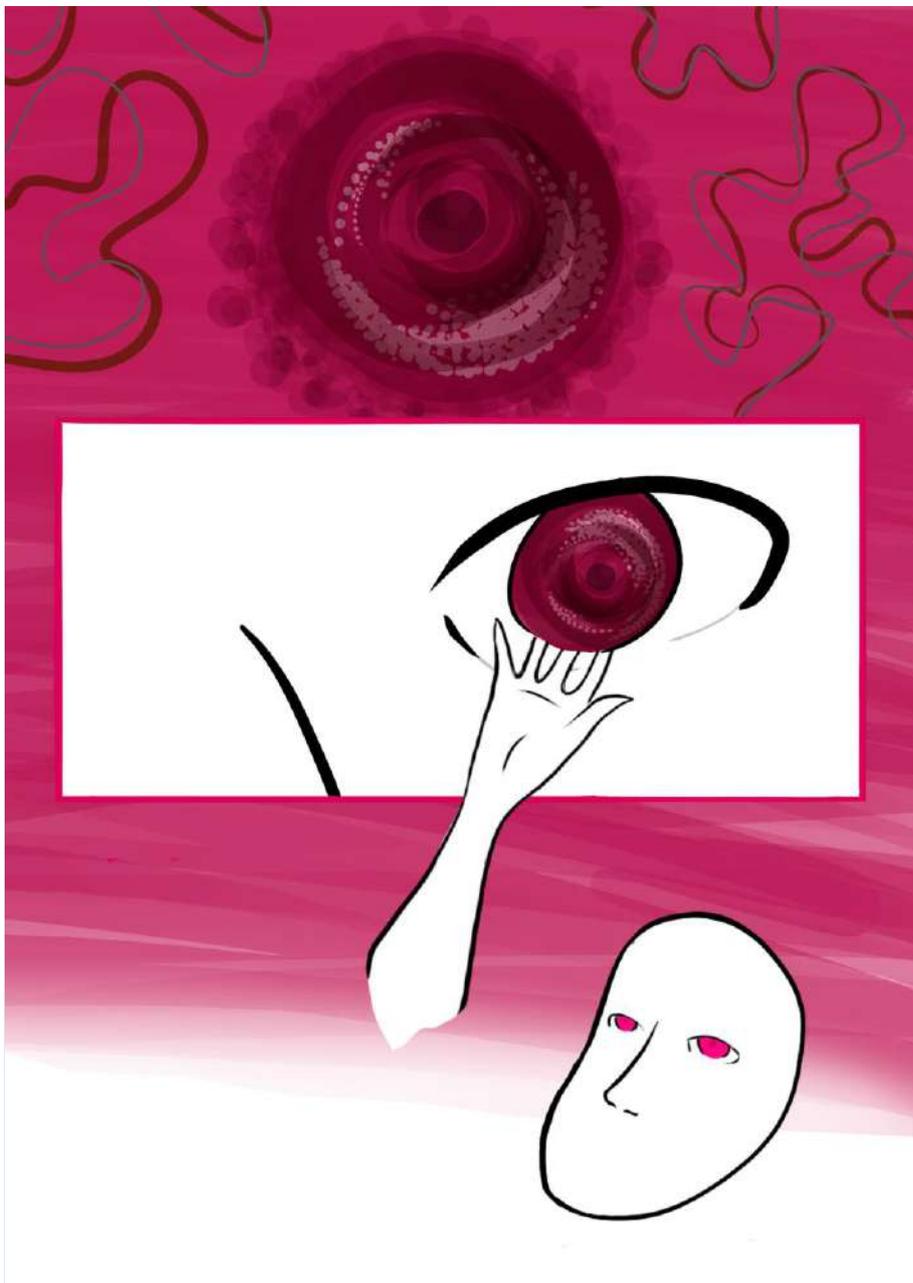
Estou imaginando essas representações únicas de vida interagindo com seres que temos aqui no nosso planeta. De um ponto de vista semiótico, seriam eles a semiose? Seriam signos vivos ou a forma de os signos tornarem-se físicos/corpóreos?

Ainda com a interação entre seres vivos, biologia e formas diferentes de vida: O evolucionismo de Darwin talvez possa ser uma interpretação possível. [Vidas possíveis de serem criadas. Realidades possíveis de existirem e que existem cada uma como seres diferentes, realidades diferentes, mundos diferentes.](#)

Para além da relação biológica, pensei em trazer alguns outros elementos que também me inspiram. Nesse desenho, adicionei alguns arabescos e uma letra capitular ao estilo medieval pois assim essas formas novas de vida ganhariam um teor mais mágico. Pensei em como seria bonita essa relação com a magia além da vida física. Extremos mas não necessariamente opostos.

Quando pus o desenho na tela do computador me vieram outros insights ao pensar na transformação de uma estética medieval dentro de novas tecnologias como o computador e este diário. Formas novas de composição de um aqui e agora que também é de séculos passados. Atlas, memória e comunicação. A deusa Mnemosine

Comentado [141]: Me lembrou também a perspectiva do Pierre Lévy quando textos virtuais misturam sua frente e seu avesso. Autor e leitor se misturam em uma coisa só.... Cada leitor se torna autor daquilo que retira de significados do que é lido



Comentado [142]: quadrinhos que fiz uns tempos atrás como forma de dar ações, movimento e cor às cabeças. Imaginei se seriam úteis/interessantes ao traduzirem conceitos. Muito embora os próprios quadrinhos tenham uma sequencialidade, talvez a sua relação imagética de tempo-espaço possa ser usada na comunicação do processo holístico não-linear



Victor,

Minha sugestão é que pense cada página do seu TCC como uma explosão. Não precisa haver uma sequência explícita, numérica entre as páginas. No centro da página, formato paisagem, estaria um trecho de diário: experiências que você teve durante seu curso em relação ao conteúdo, a si mesmo, às pessoas, etc. Desse centro explosivo emergem outras explosões, envolvendo Filosofia, Design, Comunicação ou outros campos que você julgue convenientes. Cada campo desse poderia ter uma definição de forma/cor que fosse coerente em todo o TCC. Assim, por exemplo, se o leitor quisesse ler só o que fosse relacionado a Filosofia, era só passar as páginas em busca das explosões com aquela mesma cor e formato. Além dessas explosões de campos de conhecimento principais, poderia haver outras explosões referentes a assuntos variados. Não haveria limite para o tipo de explosão que você poderia criar. Abaixo, fiz uma representação visual típica de quem não sabe desenhar.

Comentado [143]: Eis a minha sugestão... Agora é com você. :)

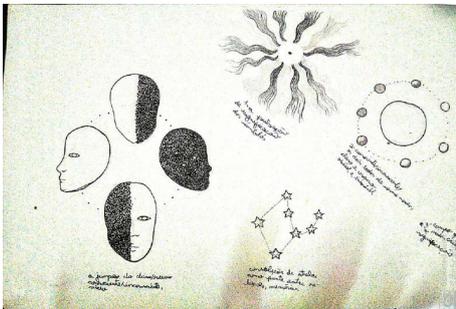
+victorsmfurtado@gmail.com
+lilu@daud.ufc.br

Comentado [144]: Eduuuu, mmeu deus, muito obrigado!! Essas ideias que você trouxe foram incríveis! Casa muito também com o que a lilu me falou na última orientação, sobre tornar visível aquilo que pretendo dizer...

Comentado [145]: Que bom, Victor. :) Que você consiga continuar e concluir o seu TCC com alegria.



Mas o que são quadrados e losangos acima pode ser qualquer coisa, formato, desenho no seu TCC. A imagem que você colocou mais acima e que cole aqui...



... pode ser um bom exemplo das possibilidades. Algo desse tipo expressaria uma percepção integral, holística, e também garantiria a não-linearidade. Você até poderia colocar pequenas explosões em branco, convidando o leitor a preenchê-las escrevendo ou desenhando. Enfim, cada página uma explosão de holismo, não-linearidade, criatividade, beleza, subjetividades, interatividade... tudo junto!

Essa é a minha contribuição para você. :)

16//07/20

Como um deserto no cérebro. A flor parecia olhar de volta e perguntar "por que não?"

No lago foi possível ver o céu refletido no chão. Tenho borboletas na boca. Por um momento a fenda que tinha dentro de si pareceu expandir e ocupar todo aquele cenário. Ali até o tempo pensava junto com ele. Os lados, acima, abaixo. A ausência de todo o espaço. Só há um centro.

Caminhava para não pensar e pensava no que pensar após caminhar. Observar tudo aquilo lhe vinha como a única forma de existir pois ver vem antes de qualquer palavra.

17/08/20 - Tentativa de fazer a atividade que a Camila passou para começarmos o escopo do TCC

1. Especificar o tópico: Estou estudando _____

2. Sugerir a motivação e gerar uma pergunta: Estou estudando _____ para compreender _____

3. Fundamentar objetivo(s): Estou estudando _____ para compreender _____, a fim de _____

1. Especificar o tópico: Estou estudando Design, Comunicação e Filosofia

2. Sugerir a motivação e gerar uma pergunta: Estou estudando _____ para compreender quais relações existem entre estas áreas

3. Fundamentar objetivo(s): Estou estudando _____ para compreender _____, a fim de relacioná-las à práticas de design mais críticas

Estou estudando Design, Comunicação e Filosofia para compreender quais relações existem entre essas áreas, a fim de relacioná-las à práticas de design mais críticas/criativas

Estou estudando o processo de documentação de percursos (no caso o TCC) para compreender quais relações não-lineares surgem no processo teórico-prático de projeto, a fim de relacioná-las à reflexões de design mais críticas/criativas

Comentado [146]: semiótica, arte e economia tbm

Comentado [147]: ou como?

Comentado [148]: ou podem existir

Comentado [149]: dentro da metodologia do projeto, dentro das intenções do projetista e seus ideais

Comentado [150]: "É necessário ter presente que o que vemos no objeto lido é resultado de uma operação singular entre o que efetivamente está no objeto e a memória das nossas informações e experiências emocionais e culturais, individuais e coletivas; logo, o resultado da leitura é sempre possível, mas jamais correto ou total. (Ferrara, 1986)"

Comentado [151]: essa perspectiva no caso tomaria o TCC como a fisicalidade do metaprojeto que eu queria escrever

Estou estudando *o Desenho como ferramenta para compreender como se dão relações entre Design, Comunicação e Filosofia a fim de investigar uma proposição estética de documentação de projeto.*

Estou estudando *o uso de diários para compreender quais aspectos enquanto objeto/linguagem eles possuem, a fim de propor uma ação/objeto estética(o) sobre o processo de escrever e sobre o Desenho de si*

Estou estudando *Manifestos artísticos para compreender quais aspectos enquanto objeto/linguagem eles possuem, a fim de investigar sua importância histórica, simbólica e estética para a Arte e para a sociedade.*

Estou estudando *Aby Warburg e seu Atlas Mnemosyne para compreender quais aspectos enquanto objeto/linguagem esta obra possui, a fim de propor uma incorporação de seu pensamento à práticas de design (ou às inter relações com metodologias de projeto)*

Autores que pretendo continuar lendo:

Vilém Flusser, Lúcia Santaella, Lucy Niemeyer, Julio Plaza, Walter Benjamin

Autores poéticos:

Clarice Lispector, Paulo Leminski, Carolina Maria de Jesus

Artistas visuais:

José Leonilson, Bispo do Rosário

20/08/2020

Tivemos nossa primeira orientação com a Claudia. Éramos eu, Alessandra e Marina. Andei pensando ultimamente sobre essas mudanças que ocorreram de orientações. Acho que encontrei de certa forma algo de bom no ato de gostar de tantas coisas: Existe uma adaptabilidade em mim. Ou talvez nem exista, talvez só exista uma mesma energia centrada em tudo aquilo que gosto, o que faz com que esses processos se reconheçam em diferentes aspectos uns sobre os outros.

Comentado [152]: em maiúsculo pois tomaria o desenho como área para proposições Estéticas, Técnicas e Filosóficas. Além disso, relacionaria às origens da área do Design

Comentado [153]: poesia confessional como um todo também

Por outro lado, chama-se atenção também aos defeitos e problemas, de certa forma eles também reconhecem uns aos outros... Mas no mais, acho que de alguma forma estou conseguindo entender melhor aquilo que estou me propondo ????? Ao menos já sei coisas que não quero fazer, projetos que não quero alimentar e discursos que não quero reproduzir. Mas sinto que o momento atual é de potencializar aquilo que gosto e quero dar visibilidade.

Nem sei por que estou escrevendo desse jeito. Eu ia só colocar minhas leituras mais direcionadas e objetivos mais práticos. No entanto acho que preenchimento de lacunas assim tem um objetivo e um sentimento que não era o que eu estava passando no momento. Neste momento que é agora. O agora vira passado quase que instantaneamente. O presente escorre pelas mãos e vai embora a cada letra digitada...

É meio paradoxal mas sempre parece que quando tento excluir algo com vontade de direcionar minhas ideias, meus pensamentos e minhas ações ainda assim consigo perceber relações entre aquilo o que era e aquilo que é. Isso aplicado a projetos e aplicados a mim. Não quero parecer muito determinista pois adoro a aparente escolha que tenho em seguir e fazer aquilo que gosto mas é isso, parece que as coisas são do jeito que já foram programadas para ser.

Acho que textos assim, meio diários mesmo, constituem um fio mais interessante e com mais conteúdos para se entender. Me faz lembrar que não sai completamente do caminho inicial que decidi percorrer. Espero não estar sendo muito romântico agora... Mas e se eu estiver sendo será que é muito ruim? Fico tentando encarar a realidade e entendê-la junto a todos os seus fatos a todo momento então por que não me permitir um pouco mais sonhar acordado não é mesmo?

Não sei se isso é só mais um momento de histeria também... Não lembro a última vez que começar a escrever me saiu tão fácil muito embora eu não esteja gostando do tom de um texto que ainda nem li. Mas está sendo feito, acho que isso é o que importa no momento. Não é??

--Leituras recomendadas a se pensar junto ao projeto:

Cecília Sales - O gesto inacabado

Arturo Escobar - (o texto do grupo, não lembro o nome agora)

Como o design pensa - Não peguei o autor

Quarto de despejo - Carolina Maria de Jesus

23/08/20

Estou estudando muita coisa por fora mas com plena relação com o que acontece aqui. Vim só pra jogar um acalento às minhas dores mais pessoais:

“A intenção do artista é pôr obras no mundo. Ele é, nesse sentido, portador de uma necessidade de conhecer algo, que não deixa de ser conhecimento de si mesmo, como

veremos, cujo alcance está na consonância do coração com o intelecto. Desejo que nunca é completamente satisfeito e que, assim, se renova na criação de cada obra.”

.Fui.

24/08/2020

“O indivíduo Carolina não é mais algo, ela é o que faz e, portanto, é considerada produto e produtora, autora e personagem, que se constrói através da atividade social, num determinado momento histórico.” - Lara Gabriella Alves dos Santos

[...] considerar a obra de Carolina apenas como documento é falha ao deixar escapar a sutileza de uma escritora que aliou a matéria histórica de sua experiência social à sua criação narrativa.” - Lara Gabriella Alves dos Santos

“Carolina se achava requintada, porque buscava imitar o estilo de literatura que faziam os grandes nomes literários da época. Mas, enquanto também personagem do diário, volta-se sobre si mesma e para sua condição de favelada também. (SOUZA, 2012, p. 23-28).”

“O livro é mais do que o retrato de uma favela. É a denúncia das condições de vida de uma comunidade marginalizada, para alguém que dispunha de

26/08/2020

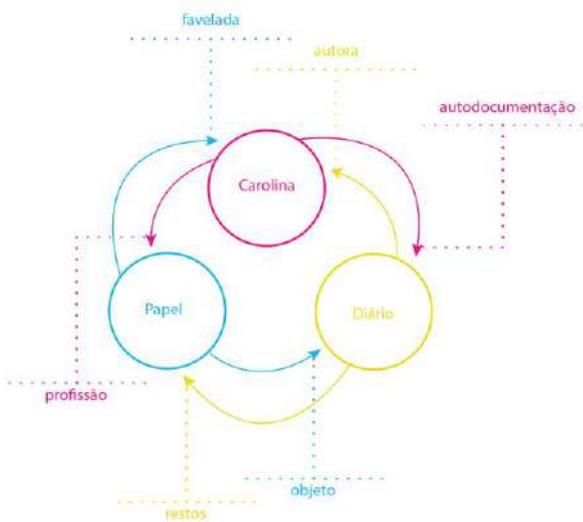
Entrando em contato com alguns trabalhos que analisam o trabalho de Carolina e o Quarto de Despejo, comecei a criar algumas relações que me vinham como estrutura e que se constituem baseando-se nos conteúdos que tenho interesse. Criei alguns esboços e vou colocar aqui a primeira relação visual que criei:

Comentado [154]: Boris Groys trabalha com a mesma discussão só que dentro do âmbito da arte e a 'produção pública do Eu' refletindo sobre uma autopoética do ser. Cecília Salles também abre uma questão metalinguística de autoconstrução em 'O gesto inacabado' ao mencionar a forma diário como armazenamento e experimentação. Além disso, até onde seria possível expandir a noção do surgimento da autora Carolina a uma prática de profissional designer? Pois, ao nos colocarmos como intermediadores entre o Estético e o Tecnológico por meio da materialidade, também somos propositores de atividade social...

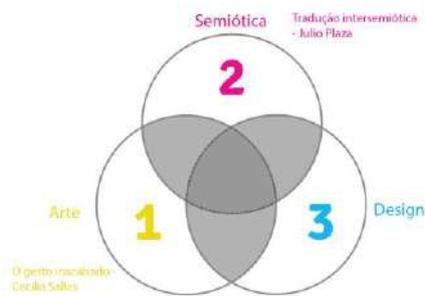
Comentado [155]: Historicamente, o espaço artístico e intelectual brasileiro passava também por uma efervescência crítica ao que seria uma arte brasileira genuína e também ao modelo econômico capitalista. A obra de Carolina se interpõe entre estes dois espaços que foram-lhes negados desde sempre devido à sua situação socio-econômica. Seu livro também nasce dos restos sociais daqueles que nunca puderam ter mais do que os restos do sistema.

Comentado [156]: Essa posição "entre" de Q.D. também se vê nas difíceis relações que o Design tem enquanto área e também enquanto praxis, em muitos casos o que lhe resta é trabalhar com perspectivas "resto" das áreas que decide se juntar.

Comentado [157]: Não sei bem ainda como isso se relaciona com o que quero dizer, mas vejo um paradoxo muito interessante desse ideal de vida da Carolina e sua volta para si mesma dentro do que seria fazer algo decolonial?



Após essa primeira estruturação, comecei a relacionar quais seriam as áreas do conhecimento que eu pretendia estudar para desenvolver o trabalho.



1.Arte

1.1

1.2. Diário

1.3.

2.Semiótica

2.1.Favelada

Comentado [158]: Importante lembrar que esta sessão é analisada sob o ponto de vista da Arte e do 'Gesto inacabado'. Então a palavra 'Diário' não diz respeito necessariamente ao livro ou aos manuscritos de Carolina, e sim sobre a entidade Diário.

2.2.Carolina

2.3.Autora

3.Design

3.1

3.2 Papel

3.3

2.2 - Carolina

Algo que vi de comum nos estudos da obra de Carolina foram seus questionamentos identitários. A condição de favelada não raras vezes é tida pela autora como uma condição de repulsa. Carolina descreveu em boa parte de sua obra que queria se ver livre daquele lugar devido à terrível condição social na qual se encontrava.

Apesar disso, a mesma se agarra na vontade de ser escritora para lutar contra a realidade em que vivia. Para Carolina, a arte de escrever era seu sonho e refúgio. Tomada como uma arte superior pela escritora, a escrita era onde mais se sentia dignificada.

Essa dualidade identitária comumente aparece nos próprios manuscritos de Carolina. Em alguns momentos ela sente a repulsa de se encontrar na situação de favelada, em outros ela coloca a favela e seus moradores como uma força social potente que entende como funciona a realidade dura da fome, do desemprego e da vulnerabilidade. Junto à repulsa, Carolina demonstra ter a noção da favela como força política.

Tais dualidades também se encontram quando Carolina é colocada, ou quando se coloca, como autora. A escritora abriu questionamentos entre todos aqueles que a rodeavam, desde os moradores da favela, passando pela imprensa e chegando até à comunidade de artistas consagrados dos anos 60. A editoração do material bruto de suas anotações que um dia se tornaram o conteúdo de 'Quarto de despejo' suprimiu boa parte de suas contradições como poeta, o que em muitas partes teve o teor dos pensamentos e contradições de Carolina apagados. Fora isso, Carolina demonstra em alguns trechos não ter vontade de continuar seus diários, pois seu encantamento estava na poesia e no romance.

Por se tratar da construção de uma obra artística, Carolina via-se dividida entre dois mundos, sejam eles de estereótipos, de sonhos, de miséria ou de riqueza. Em virtude disso, o ser Carolina era a fenda, a ponte, o portal entre estes dois mundos. Seus diários são a forma de vê-la engolida por estas contradições de si. Ao mesmo tempo que pertencia a todos estes mundos, de alguma forma não pertencia a nenhum também.

Será que seria possível Carolina fugir dessa estigmatização em se tratando do meio em que ela tinha como principal suporte? No caso, os diários.

27/08/2020

Tive uma orientação com a Camila ontem na aula de ATCD e fiquei com algumas respostas e dúvidas acerca daquilo que estou fazendo. Ainda não sei como o design vai entrar (kkk queria morre) no meu trabalho, e ainda creio ser precipitado para tomar os gráficos que fiz como resultado pois eu já estaria fazendo minha fundamentação teórica ao olhar para essas obras dessa maneira. O que devo fazer de pesquisa agora, cronologicamente falando, é o estado da arte. Preciso achar pesquisas já feitas que se aproximam do meu objeto e não procurar as grandes teorias que irão me guiar ao conceituar este mesmo objeto. Devido a isso, pensei em trazer essas relações aqui e deixá-las registradas de maneira mais organizada do que no meu caderno físico. Contudo, colocarei aqui também aqui o que já posso encaminhar mais para a minha fundamentação teórica pois intuitivamente sinto que é por este caminho que meu trabalho caminhará.

Fundamentação teórica (possível)

O gesto inacabado - Cecília Salles

Tradução intersemiótica - Julio Plaza

Semiótica em geral - Peirce, Santaella, Niemeyer

O livro como obra de arte - Julio Plaza

Mikhail Bakhtin - noção de gênero textual e comunicação

Estado da arte

Livro de artista

DERDYK, Edith. Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013

SILVEIRA, Paulo -A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista

_____. A definição do livro-objeto, 2013

Diário gráfico

SALAVISA, Eduardo. Diários de viagens, 2008

A possibilidade de utilização de Diário Gráfico como instrumento pedagógico - Márcio Pedro Serrado

Diário como gênero literário

Carmen Pimentel - A escrita íntima: do diário ao blog pessoal

Fernanda Coelho Liberali - O diário como ferramenta para a reflexão crítica

Daniele Ribeiro Fortuna - Do diário à internet, da internet ao livro: transformações da escrita de si

Comentado [159]: Coletânea de doze ensaios feitos por diversos profissionais (designers, artistas, teóricos, etc) dispostos a dialogarem sobre o tema Livro de artista e suas relações com os mesmos

Comentado [160]: Nele tem um ensaio do Paulo Silveira onde o mesmo traz uma reflexão acerca da definição de livro-objeto

Comentado [161]: Grande panorama histórico sobre a evolução de significados e formas de livros de artista, citando movimentos de arte postal, obras de ready-made, livros com formas escultóricas, catálogos de exposições, antigos cadernos de estudos e croquis. O foco do autor é investigar instituições e pesquisadores que procuraram elaborar definições sobre estes livros.

Comentado [162]: Aborda de maneira mais concreta e definidora a expressão o Diário gráfico e seus benefícios de uso a um projeto em escolas

Comentado [163]: Artigo bom para contextualização histórica do diário íntimo como gênero literário. Marcos que definiram o gênero por meio de autores consagrados. A autora também relaciona a escrita de diários a conceitos do filósofo da comunicação Mikhail Bakhtin (T-U-D-O)

LEJEUNE, Phillippe. **O pacto autobiográfico**: De Rousseau à Internet

Momento do diário e diários dos momentos - Remi Hess

<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/28368>

Coletivo I L H A S

livro-obra, obra-livro

Entre design e arte - dissertação do Henry

29/08/2020

Houveram muitas mudanças no meu pensamento e naquilo que quero propor para o TCC. Após ter um atendimento com a Camila, ela me informou que o que eu estava lendo e pesquisando não tinha a ver com o estado da arte e sim com a fundamentação teórica. Venho desde então revendo isso como já escrevi.

Devido a todas essas mudanças, achei melhor refazer o primeiro exercício visualizando correções que fiz do exercício 2 para assim poder pensar o exercício 3 de pergunta-problema. Segue abaixo como ficaria a estrutura do exercício 1 com os pensamentos que agora estão na minha cabeça:

Estou estudando o ato de escrever diários para compreender como se dá a documentação e criação poética por meio deste objeto a fim de pensá-los como objetos compostos pelo próprio autor.

Essa composição fica muuuuito voltada para uma pesquisa do curso de Letras. Isso provavelmente ocorre pelo fato de que muita pesquisa feita sobre isso só consigo encontrar em cursos da área de linguística. Outro fato interessante é a criação poética desse objeto onde estou linkando com a Arte. No entanto, como direcionar mais esse tipo de escopo ao Design?

Estou estudando o ato de escrever diários para compreender como se dá a autodocumentação e criação poética por meio deste objeto a fim de pensá-los enquanto objetos compostos apenas por seus próprios autores.

*"Na base deste trabalho se encontram também as questões que o motivaram e o estruturaram: existe uma **fronteira** capaz de delimitar arte e design e separá-las por completo? Qual o espaço existente entre essas duas áreas de conhecimento? Quais semelhanças e paridades? Onde residem as diferenças e separações?" - Henry Costa Jr.*

Arte x Design

espaço-tempo (Deleuze & Guatarri)

"Por isso é sempre possível desfazer os dualismos de dentro, traçando a linha de fuga que passa entre os dois termos ou os dois conjuntos, o estreito riacho que não pertence nem a um nem a outro, mas os leva, a ambos, em uma evolução paralela, em um devir heterocromo." (DELEUZE, PARNET, 1998 p.45)

Comentado [164]: Acho que aqui é onde posso me aproximar bastante do design. Quando penso no diário só se tornar um diário quando enfim o diarista se coloca e coloca a si naquele objeto. Pensando nisso é que me veio a reflexão que posso (ou não) usar como um mote para a pergunta-problema: A partir do cenário do capitalismo artista atual, seriam os diários objetos impossíveis de serem apropriados/produzidos pelo design?

Comentado [165]: Talvez uma forma de aproximar e expandir mais ainda esse portal seja por meio dos diários gráficos. No entanto, acho que estes funcionam de maneira um pouco diferente pois são destinados a isso. Possuem papel, gramatura e espessura próprias à área do desenho ou pelo menos ao tipo de técnica sobre a qual o seu autor se propõe a utilizar. O diário de palavras, de memórias escritas ao meu ver coloca-se em uma posição diferente... Ou talvez não, considerando que um diário só vira diário quando as memórias nele são postas, independente de ser através de desenhos ou palavras, aquele diário só passa a ser diário quando o autor se apropria do objeto

Comentado [166]: Vejo o diário muito nesse lugar quando o penso junto à Arte e ao Design. Acredito que fronteira não seja o melhor termo pois me traz uma conotação muito próxima à delimitação de espaços. O que eu acredito é que o diário, constituído enquanto objeto/obra, expande esses espaços em vez delimitá-los. O diário não é uma fronteira, é uma ponte, uma fenda, um portal entre estes mundos...

“Arte e design se sobrepõem na obra de Guto Lacaz e produzem novas sensações, novos devires que asseguram a desterritorialização de um dos termos e a reterritorialização do outro. “ - Henry

“Devir-arte, devir-design que indicam uma zona de vizinhança, aquilo que Deleuze e Guattari chamam de copresença de partículas. Arte não se torna design e tampouco design se torna arte, mas ambos entram em uma relação de movimento e repouso em uma zona de indiscernibilidade. Devires que não têm começo nem fim, saída ou chegada, origem ou destino, mas apenas um meio, uma média, uma relação entre arte e design. Um bloco de vizinhança, uma relação que arrasta dois pontos levando um para a vizinhança do outro. Devires sobre os quais Guto Lacaz arrisca uma estimulante aventura: função do artista plástico, de acordo com Deleuze e Guattari. ” p.12

Comentado [167]: Esse aqui é o portal. Devir...

Comentado [168]: Diário>obra
obra>livro
livro>objeto

31/08/2020

Estou organizando melhor visualmente o que já tenho pesquisado dentro do estado da arte e me surgiu uma dúvida forte: Será que não estou abrangendo demais o assunto mais uma vez? Pois ao procurar relações entre os assuntos e ver que não encontro pesquisas do design que se relacionem direta ou indiretamente com aquilo que quero investigar, acabo tendo que abrir e abranger mais os assuntos e acabo me deparando com um campo enorme de áreas e leituras.

Isso já é resultado da fuga que tive de não ter mais Quarto de despejo como objeto central de estudo. Essa mudança de objeto decorreu do fato de não encontrar pesquisas desta obra relacionadas ao design. Mas parando pra pensar talvez o que eu esteja fazendo não é excludente.

O que estou fazendo é reunindo bibliografia de cunho histórico para entender melhor como os diários íntimos se estabeleceram enquanto gênero literário. Essa parte tem um viés histórico e qualitativo, o objetivo deste tipo de análise é observar quais características são natas a esse gênero literário. Comumente encontro Mikhail Bakhtin como o autor da grande teoria da Comunicação para abarcar esse tipo de pensamento.

Definidos aspectos disso enquanto gênero literário seria possível analisá-lo sobre meus dois outros caminhos: 1-Quando este se aproxima enquanto objeto para arte e 2-Quando este se aproxima enquanto objeto para o design. Do ponto de vista artístico, o objetivo é investigar como o diário íntimo se coloca enquanto uma maneira do autor refletir sobre si mesmo de maneira filosófica e poética. Para além disso, o diário íntimo em alguns casos é também usado como método de criação para vários artistas.

Já do ponto de vista de design, o objetivo é analisá-lo como um objeto que possui sua linguagem própria. Aquém disso, como o diário se coloca enquanto um objeto que cria a si mesmo. Até o presente momento, para mim é impossível se projetar um diário. E isso se coloca como um contraponto interessante à metodologias e pensamentos de design diversos que se colocam como maneiras de proposições diversas baseadas no conhecimento íntimo para com seus usuários. O diário íntimo sob essa ótica se configura como a fonte e o meio perfeito para conquistar públicos e mercados. Porém, para minha felicidade, é um objeto que foge à isso pois não pode ser projetado.

*

Acabei de encontrar um artigo que fala sobre a tradução de uma obra literária para o mundo editorial e como os aspectos entre autor, editor e imprensa processos de extrema importância para a definição de um sucesso de publicação. Ainda não li na íntegra todo o conteúdo mas é uma fonte promissora de pensar a ponte entre o gênero literário (diário) para o design. O caso do artigo não tem uma relação com o mesmo gênero literário mas há discussão sobre o processo de publicação de um livro e as complexidades lógicas sobre esse tipo de movimento. Me acalma por ser uma leitura mais direcionada a um objeto mais concreto. Talvez eu volte a ter Carolina como objeto central, ainda não a excluí de maneira nenhuma. Como falei logo ali acima, a pesquisa literária vem como uma ajuda a definir o diário temporal e qualitativamente, não excluí as minhas duas possibilidades de caminho.

02/09/2020

Não sei como é que consegui ir a tantos extremos tão rapidamente. Hoje é noite de lua cheia. Mudei os móveis do meu quarto de posição e agora a cama fica sempre sob a luz do sol e da lua. Faz sentido agora que paro pra pensar. A lua crescente que culmina na lua cheia.

Entrei em crise.

Não acho que tenha feito nada certo nessa pesquisa. Vejo ela dentro de um paradoxo sem fim. Vejo o que eu digo agora dentro dela e vejo o que disse nas primeiras páginas dentro dela também. Um monte de nexos desconexos. Sem início e sem fim, só com meio.

Pra mim isso faz parte do processo de diário, do processo confessional. Sinto que ele não tem necessidade alguma de chegar a conclusões. É um estado imparável de completude e perdação. É quando me transformo numa fenda, num portal tão grande que caio dentro de mim mesmo. Acho que escrevi algo parecido no meu caderno tempos atrás.

Talvez eu nem seja uma fenda tão grande. Por que também sou aquele que está caindo dentro dela, dentro de si. Sou o minúsculo naquilo que me parece escuridão, mas é só por que é grande o bastante para que eu não consiga distinguir nada.

Pensei em voltar e analisar esse arquivo inteiro de novo. Como pode eu ter tudo para extrair dele e ainda assim não ter extraído nada? Nada, isso não me serviu de nada. Quando uma vez parei pra pensar sobre o Tudo das minhas filosofias eu nunca

sei lá

não sei nem como terminar essa frase. Por que não se termina. Não tenho conclusão em minhas confissões, em meus expurgos. Tenho um monte de vícios de linguagem. Eu me sinto entorpecido quando aprendo alguma coisa nova. Posso ficar nisso pra sempre e tenho certeza que já escrevi sobre isso nesse diário também. Isso é um diário? É o que? Isso não é o meu TCC, e também não é o meu diário. Ou é? Parece que não tenho orientador nenhum ao mesmo tempo que tenho todos. Parece que não estou mais conectado a mundo nenhum trancado em casa ao mesmo tempo que estou conectado a algumas artes tão fortemente. Eu não sei se eu to enlouquecendo ou sei lá.

As vezes acho que é um comportamento punitivo que aplico a mim mesmo. Como uma autoflagelação católica em busca de uma realidade pura, tendo a podridão da carne e da moléstia como a única certeza daquilo que me compõe. Eu não sei, não sei mesmo. To desencontrado

Quería beber um espelho, sentir aquele Outro dentro de mim. Depois queria ser consumido por Ele. Desaparecer e reconhecer qual é o outro lado, o avesso. Acho que o meu problema foi ter trazido todas as minhas indagações de vida pra isso. Não funciona, eu não to preparado pra isso. Serve de que?

“O tempo andou mexendo com a gente sim” Talvez eu só esteja ansioso. Talvez talvez talvez talvez talvez zevlat zevlat zevlat zevlaT. Não sei tocar nenhum instrumento. Não me sinto preparado pra nada. Na minha arte e no meu trabalho tento fugir de mim. Quería rasgar o meu peito pra ver o que tem dentro, mas na verdade nem isso adiantaria. Essa sina artística fica pra sempre.

Não é nem que fique, é que é. Nó na garganta. Parece um vômito. Não parece nem com um nó. Parece uma ampola, sabe? Aquelas ampolas médicas pra injeção. Quando vc puxa e ela se enche de ar ou quando vc empurra e ela expela aquele mesmo ar. É isso, é um puxarempurrar de si em si. Como se eu me forçasse e engolisse.

Não era nem isso que eu ia escrever de início. E se isso for o meu trabalho? Essa confissão poderia estar costurada em mim. Corpo.

Nem lembrava a última vez que ouvi Belchior. Filho da puta. Um escroto querendo ser poeta, que nem eu. No fim das contas, eu me mereço.

Eu estou sim interessado em muitas teorias, e em muitas fantasias. Eu não tenho nem coragem de reler as coisas que eu escrevo. Não sei se é coragem ou vergonha mesmo. Impotência de saber que meus textos já nascem mortos.

03/09/2020

Ironias do Universo ou não, estou um pouco melhor hoje. A lua está decrescendo agora então acho que meu choro e sofrimento nas últimas noites foram necessários para que agora eu entre num estado mais concentrado e reflexivo daquilo que já tenho.

Tive uma pequena orientação com a Claudia mas que foi muito elucidativa (para que eu soubesse que não estou ficando louco) e por incrível que pareça ela gostou daquilo que to pesquisando. Fico feliz com isso, ta sendo muito doido o processo mas legal ainda assim???? Vou refletir um pouco a seguir sobre pontos que ela trouxe e que já tive até alguns contatos sobre:

Claudia mencionou sobre a evolução do suporte dos diários íntimos. O quanto eles vieram desse lugar ao fundo da gaveta, algo só do autor para de repente uma página na internet. Existe uma escrita para publicizar os diários. Algo que se relaciona bastante com a forma de operação do design: a publicidade da subjetivação.

Isso se relaciona também com o capitalismo artista pois, para além de publicizar o subjetivo, o capitalismo artista torna a exposição do íntimo a própria experiência. Porém, vou me deter neste tópico só mais à frente.

Esquematizando rapidamente eu teria esses dois grandes tópicos para abordar:

1-Aos fundos da gaveta (Diário íntimo de maneira histórica; como surgiu, o que é? para quem? por que?) --> **O que é um diário íntimo?**

2-Gaveta vitrine (Quando e como o design opera nessa modalidade de publicizar a subjetividade. Ele é um regulador, o design desbasta as singularidades possíveis daquilo que se projeta, principalmente o design mais clássico moderno e capitalista pra crlh, nao que hoje em dia ainda não seja, mas só pra deixar mais claro mesmo pra mim.-->**Por que e como publicá-los?**

———Outras questões pertinentes à área para situar melhor aquilo que quero abordar:

*Como o design lida com as singularidades? (tanto do ponto de vista autoral quando do para com seu público/usuário).

**Como o(s) projeto(s) de design lida com as subjetividades.

3-O indivíduo enquanto vitrine para a gaveta (Entender e refletir sobre o capitalismo transtético e como essa visão se relaciona com as experiências publicizadas do íntimo. Existe dentro dele [capitalismo artista] uma protocolação de como aquela subjetivação é exposta, interpretada e monitorada; porém, as experiências são diversificadas. --> **Como essa relação se dá no contemporâneo?**

Fora isso, as minhas reflexões tomarão o 'Quarto de despejo' como objeto de estudo mesmo. Foi uma recomendação da Claudia eu continuar com ele como objeto e particularmente gosto da ideia também. Sempre que tento pesquisar ou definir meus pensamentos a partir desse objeto melhor delimitado eu sinto que o trabalho se configura melhor. Apesar de que existe essa relação entre fechar-se para uma temática e abrir-se totalmente ao explorá-la. (não é a toa que eu tava em pânico dois dias atrás).

Devido a isso, tenho que refazer os exercícios de ATCD sob essa ótica nova do trabalho, pelo que estou pensando após escrever tudo isso eu não terei que modificar coisas extremamente gigantes, como o meu estado da arte. Apenas terei que rever e reestruturar aquilo que já foi feito, acredito até que alguns questionamentos que a Claudia trouxe se encaixam bem na área meio difusa do livro enquanto objeto de arte, livro de artista etc. Porém, quero me focar mais no momento em literaturas sobre design e feita por designers pois acho que isso pode me dar mais assentamento sobre meu próprio trabalho e sobre a própria área mesmo. Quero conversar com outras áreas sem necessariamente me intrometer nelas...

Não pus os exercícios de ATCD aqui, vou colocá-los para que eu tenha melhor documentada essa transição e acredito que vou deixar as modificações feitas aqui por lá também pois acho que esse processo de transformação e maturação do trabalho é levado em conta para a avaliação. E quero demonstrar ser competente pois penso em chamar a Camila para minha banca. Aliás, se tem uma coisa que tenho definida neste trabalho é minha banca. Quero trabalhar só com

Comentado [169]: Esse questionamento me saiu agora, os outros dois vieram como provocações da Claudia. Ainda não acho que seja essa pergunta, está muito geral mas é como vejo por agora a situação do trabalho.
Deixando apenas claro que isso está passível de mudanças (como se o trabalho inteiro não estivesse kkk, laughs in gay panic)

professorxs foda que admiro o trabalho e que quero me espelhar um dia, então deixando aqui só como encorajamento pra mim mesmo segue o squad: Claudia, Lili, Camila e ela.....
Gabriela <3

~*~

Comentado [170]: Início de documentação do andamento dos exercícios de ATCD

Exercício 1

29/08/2020

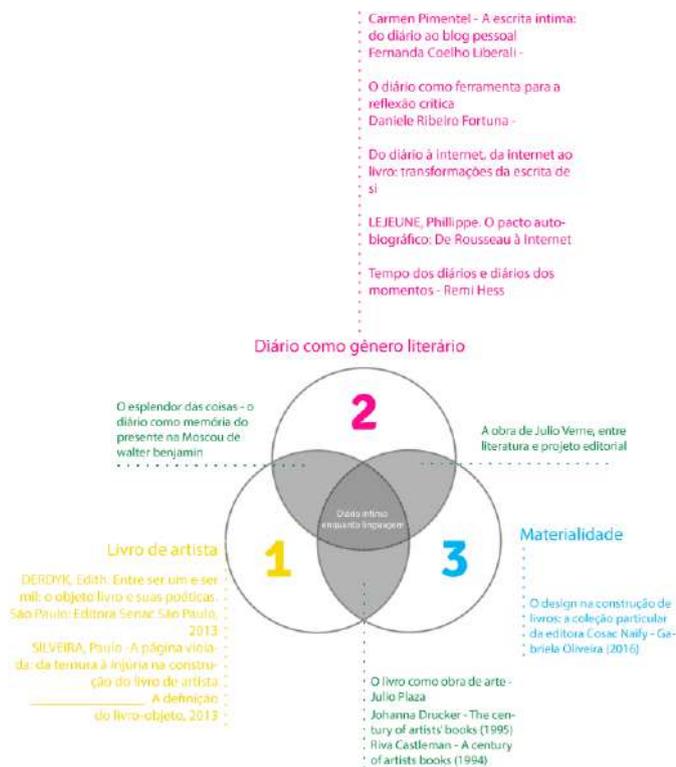
Estou estudando a escrita diarista e confessional **para compreender** como se dá a autodocumentação e criação poética por meio de diários íntimos **a fim de** investigar quais são suas possíveis aproximações ou distanciamentos entre Arte, Comunicação e Design por meio de seus aspectos enquanto linguagem.

03/09/2020

Estou estudando a escrita confessional de diários íntimos **para compreender** seu surgimento enquanto gênero literário; e como a autodocumentação e criação poética [subjetividade?] nesses objetos é vista dentro de projetos de design **a fim de** investigar as relações contemporâneas de publicização do íntimo.

Exercício 2 - Estado da arte

01/09/2020



A atualização dele

(03/09/2020) substitui apenas o nome do número 3 e do centro por: Subjetividade e design; Publicização do íntimo respectivamente.



Comentado [171]: Término de documentação do andamento dos exercícios de ATCD

Tentando obter uma pergunta-problema:

Fiquei meio na dúvida dentro de todos os critérios que o Gil (bibliografia sugerida pela Camila) coloca. E tenho certeza que ela se modificará no caminho então vou fazer por agora sabendo disso. Comecei tentando adaptar um exemplo dado pelo autor:

Que mecanismos psicológicos podem ser identificados no processo de memorização?

Que mecanismos de comunicação podem ser identificados no processo de publicação de diários íntimos?

Quais aspectos críticos podem ser identificados no processo de publicação de diários íntimos?

Que transformações podem ser identificadas na publicização histórica do íntimo em diferentes meios?

Estou estudando a escrita confessional de diários íntimos para compreender seu surgimento enquanto gênero literário; e como a autodocumentação e criação poética [subjetividade?] nesses objetos é vista dentro de projetos de design a fim de investigar as relações contemporâneas de publicização do íntimo.

Objetivo geral: Entender quais interferências ocorrem por parte editorial dentro do processo de publicação de diários íntimos.

Investigar de que maneiras o design captura múltiplas singularidades em seus projetos. Desde a publicação de diários íntimos à internet.

Investigar quais processos discursivos ocorrem das transformações de publicização íntima.

Investigar quais transformações de publicização do íntimo ocorreram dentro de projetos de design.

Desde a publicação de diários íntimos à blogs de internet.

Comentado [172]: desse aqui gosto um pouco...

Objetivos específicos: Traçar um panorama histórico da existência dos diários íntimos.

Identificar de que maneiras a subjetivação se transformou como agente em projetos de design.

Entender quais aspectos da comunicação e da arte são utilizados atualmente dentro destes processos de design.

09/09/20

Criei outros docs para colocar citações e fichamentos de maneira mais organizada e foquei neles nesse meio tempo. Não vou me deter muito agora às minhas indagações subjetivas, elas foram colocadas no meu caderno físico (e por falta de tempo mesmo). Vou agora rever o exercício de objetivos e pergunta-problema e tentar melhorá-los.

Que transformações podem ser identificadas na publicização do íntimo e das subjetividades em diferentes meios sob a ótica do Campo do Design?

Que transformações podem ser identificadas na publicização de subjetividades desde os diários íntimos às postagens virtuais sob a ótica do Campo do Design?

Objetivo geral: Investigar quais modificações discursivas ocorrem em projetos de Design tendo em vista as transformações de publicização íntima ao longo do tempo.

Objetivos específicos:

Buscar contextualizar o que é um diário íntimo, suas qualidades e características.

Buscar contextualizar qual conceito de íntimo e subjetivo é tomado pelo trabalho.

Analisar o processo de surgimento da importância do diário íntimo ao ramo editorial.

Comentado [173]: Mais voltado para o funcionamento da área ou do profissional individual? É possível abordar uma sem abordar a outra?

Buscar compreender de que forma as escritas íntimas se transformaram com o advento de novos meios de comunicação escrito, por exemplo os blogs.

Investigar como o Design se modificou em relação aos meios de comunicação e produtos que tratavam da publicização íntima.

Contribuir para o início de uma discussão acerca de modos mais críticos de se fazer projetos de design.

10/09/20

Estou bastante preocupado com o tempo e prazo pro final do semestre. Ainda tenho pouca coisa estruturada e a última orientação em que tive algumas dicas da professora Camila me deixaram meio :SSS das ideias. Minha pergunta ainda está muuuuito abrangente e talvez advenha disso o fato de eu achar que tenho tanta coisa assim para escrever. Apesar disso, quando falei com um pouco mais de detalhes sobre o que eu estava pensando ela conseguiu compreender melhor. Apesar disso, ela me deu sugestões que podem ser interessantes e que em alguns aspectos eu já vinha pensado.

Uma delas foi estudar o processo de tornar diários íntimos em publicações editoriais, como a materialidade da “matéria-prima bruta” é lapidada até o produto final. Dentro disso eu poderia trazer um exemplo de maneira bastante direcionada e focada, ou então trazer mais de um exemplo e abordá-los de maneira mais geral.

Uma outra sugestão dela foi que eu me detivesse a pensar justamente na transformação das maneiras de externalizar as subjetividades do indivíduo e como estas se formam quando sua intenção é ser publicizada. De início ela não havia entendido muito bem por que eu estava empregando o termo ‘publicizar’ e devo me atentar a isso pois essa palavra se relaciona bem apenas sob a ótica virtual que penso em incluir.

De maneira geral, esses foram os direcionamentos que a Camila me sugeriu. E acho que é uma ótima maneira de me organizar melhor pois, quando fecho mais o meu objeto de pesquisa, me sinto mais calmo e direcionado a fazer aquilo que me proponho.

No entanto, acredito que ainda há mais um viés que tenho muito interesse e que poderia ser uma forma de também abordar o assunto: O pensamento da subjetividade como um todo. (Importante que eu defina conceitualmente o que é subjetividade pra mim). Essa abordagem me parece ser bem legal também e encontrei com bibliografias que poderiam me ajudar. No entanto, a subjetividade quando vista sob a ótica do Design está muito ligada à usabilidade, Interação Homem Computador (IHC) e design de experiência. Este último é o que mais tenho repugnância pessoal, e a tese de doutorado que encontrei que poderia me ajudar é totalmente contra (AMEI). Esta abordagem me daria muito espaço para relacionar com aspectos socio-econômicos pois é também de meu interesse estudar mais a fundo o funcionamento do capitalismo. O problema é que a literatura que eu teria para desenvolver esse pensamento é bem voltado para uma perspectiva pós-industrial e que eu JAMAIS alimentaria...

Sendo assim, meu plano agora é organizar melhor essas três perspectivas, observar as modificações que ocorrem entre cada uma para definir de maneira mais objetiva qual será a minha abordagem nesse trabalho. Não sou uma pessoa que trabalha com cronogramas pois quando vejo o tamanho das tarefas todas me vem uma aflição gigante. Porém, defini para mim mesmo o prazo para que eu tenha todos os três caminhos melhor organizado até o dia 15/09. Até lá terei mais uma orientação com a Claudia que será bem útil para fechar minhas ideias (ou não). Tendo esta ideia fechada eu poderei aí sim começar a modificar meu docs com o "Definitivo" do trabalho.

Ando me questionando se a publicação do meu próprio trabalho poderia ter uma provocação a instigar melhor a temática. Já venho escrevendo tanta coisa aleatória aqui que de certa maneira poderiam integrar mais o objeto final 'TCC' já que a proposta discursiva é justamente sobre o que torna determinada subjetividade interessante a se publicar. A princípio eu penso nisso num intuito muito mais estético/poético mas agora que parei para pensar ele é de certa forma metodológico também.

CAMINHO POSSÍVEL 1

Estou estudando a escrita confessional de diários íntimos para compreender como a autodocumentação e criação poética [subjetividade?] destes objetos é vista dentro de projetos de design a fim de investigar os processos de transformação de diários íntimos em produtos editoriais.

Pergunta-problema:

Que transformações qualitativas, materiais e discursivas podem ser identificadas na constituição de diários íntimos como produtos editoriais a partir da obra 'Quarto de despejo'?

Objetivo geral: Investigar quais modificações qualitativas, materiais e discursivas ocorrem em projetos editoriais de publicações de diários íntimos e como elas se relacionam com projetos de design e à atuação do designer em sua produção.

Investigar como estas diferentes transformações se relacionam a projetos de design e à atuação do designer em projetos que tratem da produção deste tipo de publicação.

Investigar como estas diferentes transformações ocorrem quando a subjetividade e o íntimos dos diários tornam-se um produto mercadológico editorial.

Objetivos específicos:

Contextualizar qual entendimento de íntimo e subjetivo é tomado pelo trabalho;

Caracterizar o diário íntimo e elencar quais seriam suas qualidades natas;

Comentado [174]: acredito que essa especificação não entraria necessariamente na pergunta-problema mas ao colocá-la aqui e observar como ela se conforma com esta pergunta talvez seja mais interessante trazer mais de uma obra a ser analisada(???) Não sei, me ocorreu pela abrangência boa mas melhor delimitada da pergunta

Comentado [175]: Gosto mais dessa, sem mencionar a pergunta-problema indiretamente

Explicitar a importância dos diários íntimos tanto sob o viés artístico quanto sob o viés histórico;

Expor o processo de surgimento da importância do diário íntimo ao ramo editorial;

Explicar a importância do ramo editorial à execução de projetos de design e ao exercício profissional de designer;

Contribuir para o início de uma discussão acerca de modos mais críticos de se fazer projetos de design que lidam com a publicação de subjetividades.

CAMINHO POSSÍVEL 2

Estou estudando a escrita confessional de diários íntimos e de relatos de experiências **para compreender** como a autodocumentação e a subjetividade individual se conformam quando sua intenção é ser publicizada **a fim de** investigar as transformações nos modos de se fazer narrativas íntimas sob a ótica dos diferentes meios de comunicação em que estas são inseridas.

Comentado [176]: o recorte mais específico seria dos diários íntimos de papel até à comunicação via Internet

Pergunta-problema:

Que transformações qualitativas, materiais e discursivas podem ser identificadas na constituição de narrativas íntimas quando intencionalmente há a intenção destas serem publicizadas?

Objetivo geral: Investigar como essas diferentes modificações dão vazão à atuação do design em diversos projetos onde a subjetividade supostamente se torna mercadoria de valor.

Objetivos específicos:

Contextualizar qual entendimento de íntimo e subjetivo é tomado pelo trabalho;

Caracterizar o diário íntimo e elencar quais seriam suas qualidades natas;

Caracterizar os blogs virtuais e redes sociais elencando quais seriam suas qualidades natas;

Explicar modificações nos relatos íntimos e experiências individuais quando estes são produzidos para o ambiente virtual;

Expor o processo de surgimento de interesse ao subjetivo de forma mercadológica;

Explicar como o subjetivo se tornou um elemento aos projetos de design;

Contribuir para o início de uma discussão acerca de modos mais críticos de se fazer projetos de design que lidam com a subjetividade enquanto elemento de composição do processo de projeto.

CAMINHO POSSÍVEL 3

Estou estudando a escrita confessional de diários íntimos e de relatos de experiências para compreender como a autodocumentação e a subjetividade individual se conformam contemporaneamente quando sua intenção é ser publicizada a fim de investigar os diferentes modos em que esta subjetividade se torna um elemento no processo de projetos de design

Pergunta-problema:

Que transformações podem ser identificadas no papel da subjetividade enquanto elemento de projeto de design?

Comentado [177]: Acho que essa pergunta ainda deixa em aberto sob qual ótica é tomada essa subjetividade no projeto (dos designers ou dos usuários/clientes/consumidores/etc)

Objetivo geral: Investigar de quais formas a subjetividade é tida como elemento de projeto de design sob uma perspectiva histórica, social e econômica de funcionamento da área.

Objetivos específicos:

Contextualizar qual entendimento de íntimo e subjetivo é tomado pelo trabalho;

Caracterizar o diário íntimo, a escrita confessional e elencar quais seriam suas qualidades natas;

Caracterizar os blogs virtuais e redes sociais elencando quais seriam suas qualidades natas;

Explicar modificações nos relatos íntimos e experiências individuais quando estes são produzidos para o ambiente virtual e publicizado;

Explicar como o subjetivo se tornou um elemento aos projetos de design e quais foram suas diferentes conotações;

Relacionar as diferentes conotações da subjetividade como elemento de composição de projetos de design ao funcionamento sócio-econômico sob o qual o design atua;

Contribuir para o início de uma discussão acerca de modos mais críticos de se fazer projetos de design que lidam com a subjetividade enquanto elemento de composição do processo de projeto.

13/09/20

Acabei não colocando data mas a título de registro gostaria de informar que a definição dos caminhos possíveis foram feitas durante dias 11 e 12. Colocar data em tudo que estou fazendo me ajuda a ter confiança de que estou produzindo ou pelo menos tentando produzir algo um pouquinho a cada dia. Enviei os caminhos para a professora Camila e ainda não obtive resposta. Acho então que vou continuar desenvolvendo-os até propriamente me reunir em orientação com a Claudia.

No entanto, foquei tanto em desenvolver os caminhos possíveis que acabei por nem refletir criticamente comigo mesmo sobre o que quero fazer. As propostas se cruzam e se complementam em vários aspectos e sendo bem sincero eu gostaria de estudar todos eles. Porém, isso não é possível agora... As minhas dúvidas sobre qual caminho seguir não encontram o maior obstáculo nesse aspecto. Eu poderia desenvolver os três e adoraria ver quais outras coisas iria estudar e aprender no processo. A maior dúvida no entanto está em como encaixar meu trabalho com a visão e pesquisa da minha orientadora e também se conseguirei usá-lo como meu "cartão de visita" ao meu sonho de fazer um mestrado.

Acho que a Claudia vai ter muito a acrescentar em todas as três propostas só que me questiono se não acabei podando muito o trabalho a ponto de perder todo o lado mais artístico que acho legal de estudar e que é uma área vastamente estudada pela minha orientadora. Nesse sentido, tenho medo de ter reduzido muito meu trabalho a algo que não é tão importante ou legal para chamar algum orientador de fora, no caso a professora Gabriela... São esses questionamentos que estão me rondando tanto no momento.

Por um lado eu tenho que ver também que ao ter um trabalho mais costurado e bem delimitado dá uma maturidade maior àquilo que estou pesquisando. Não preciso escrever uma tese gigante, não agora. Sei lá, só quero que fique um trabalho bom no final. E isso é muito interessante parando pra pensar por que ele ta sempre se modificando... sempre que alguém me dá um ponto de vista é algo novo e que se transforma junto com ele. Acabei de lembrar que tenho aula da prática profissional amanhã :DD que morte horrível.

Enfim, acho que esses são os questionamentos por agora... Ansioso pra ter mais uma orientação e ver como irei continuar. Estou ainda dentro do meu mini cronograma, conseguir aprimorar até o exercício 3 todos os caminhos possíveis e hoje começarei o exercício 4 do caminho possível 1. Andei me questionando se isso de fazer todos os exercícios para todos os caminhos não é apenas desperdício de tempo e energia. Porém sinto que isso pode me ajudar a colocar mais delimitações e entender melhor os níveis do que quero... Além disso, em se tratando de diários e escritas, não seria isso uma espécie de "pista" ou "caminho" que estou traçando? Digo isso por que a temática não está excluída daquilo que escrevo aqui. Acho que misturar minhas perspectivas mais pessoais e entender aquilo que "não entra" ou "entra" dentro do produto final é também uma maneira de estudá-lo. A imitação para Aristóteles. Então estipulei para mim ter até quarta o sumário hipotético dos três caminhos. Acho que é uma maneira de dar continuidade ao processo mesmo que em todos os lados.

Outra coisa, estou sentindo falta de imagens e hiperlinks nesse arquivo... Ando só escrevendo, escrevendo, escrevendo. Não sei se é por que minha cabeça entra em parafuso muito comumente mas dá um pouco de agonia as vezes. Tenho desenhado umas besteirinhas aqui e

outras ali no meu caderno físico mesmo. Acho que esse é o problema, ficar trancado em casa e só ter o computador como o local em que socializo e faço meus afazeres já é o bastante. Quando quero em divertir/distrair procuro pelo papel mesmo e desenhar algo que não seja digital... Ando ouvindo as mesmas músicas de sempre. Sou uma doida da cabeça.

<https://www.youtube.com/watch?v=9Mdztx1ZBQ4>

Exercício 4 do CAMINHO POSSÍVEL 1 - Sumário hipotético

Estou estudando a escrita confessional de diários íntimos para compreender como a autodocumentação e criação poética [subjetividade?] destes objetos é vista dentro de projetos de design a fim de investigar os processos de transformação de diários íntimos em produtos editoriais.

Pergunta-problema:

Que transformações qualitativas, materiais e discursivas podem ser identificadas na constituição de diários íntimos como produtos editoriais [aqui fico na dúvida se menciono 'Quarto de despejo' como meu objeto para exemplificações ou se devo ter outros diários como exemplos tbm]?

1. Contextualização

1.1. Conceitos acerca da subjetividade tomados pelo trabalho e sua importância

1.1.1. Poética

1.1.2. Registro

1.1.3. Memória

1.2. Diários íntimos como artefatos poéticos, históricos e investigativos

1.1.1. Autores que estudam este tipo de objeto de maneira poética (SALLES,

Cecília)

1.1.2. Principais autores que estudam este tipo de objeto como artefato histórico e literário (LEJEUNE, CHARTIER)

1.1.3. As demandas e esforços de pesquisadores ao iniciarem projetos de publicação de livros cujo conteúdo sejam os diários íntimos

1.3. Projetos editoriais e sua importância à área do design

1.2.1. Ascensão da imprensa e do mercado editorial

1.2.2. A atuação de designers em projetos editoriais

1.2.3. Consequências da comunicação editorial e de massas

Comentado [178]: Falar um pouco sobre o tema, introduzir este, explicar sua importância e contextualizar ele e sua delimitação.

Comentado [179]: Apontar o contexto em que a pesquisa se insere a partir da perspectiva interessada à resolução da pergunta de pesquisa. Traga também o contexto acadêmico (estado da arte) da pesquisa.

Comentado [180]: Ela não estuda somente os diários mas sim todo tipo de "rastros de si" deixados pela produção poética. Em 'O gesto inacabado' é mencionado até que diários íntimos são uma forma metalinguística de pensar os conceitos da autora.

Comentado [181]: Os autores trazem também muitos questionamentos e hipóteses que rondam o objeto diário. Por exemplo: Escrevemos para alguém ler? Qual a intenção de quem faz um diário íntimo? etc

Comentado [182]: mais voltado para a atuação dos designers em massificar experiências e singularidades

2. Objetivo geral e objetivos específicos

Objetivo geral: Investigar como estas diferentes transformações [qualitativas, materiais e discursivas] ocorrem quando a subjetividade e o intimidade dos diários tornam-se um produto mercadológico editorial.

Objetivos específicos:

Contextualizar qual entendimento de íntimo e subjetivo é tomado pelo trabalho;

Caracterizar o diário íntimo e elencar quais seriam suas qualidades natas;

Explicitar a importância dos diários íntimos tanto sob o viés artístico quanto sob o viés histórico;

Expor o processo de surgimento da importância do diário íntimo ao ramo editorial;

Explicar a importância do ramo editorial à execução de projetos de design e ao exercício profissional de designer;

Contribuir para o início de uma discussão acerca de modos mais críticos de se fazer projetos de design que lidam com a publicação de subjetividades.

3. Justificativa de Projeto

4. Fundamentação teórica

4.1.1. Como a escrita íntima se relaciona à poética

4.1.2.1. Aspectos qualitativos dos diários íntimos

4.1.2.2. Aspectos materiais dos diários íntimos

4.1.2.3. Aspectos discursivos dos diários íntimos

4.1.2. Livros como objetos artísticos e poéticos

4.1.3.1. Aspectos qualitativos dos livros

4.1.3.2. Aspectos materiais dos livros

4.1.3.3. Aspectos discursivos dos livros

4.1.3. Publicações editoriais de diários íntimos

4.1.3.1. Aspectos qualitativos dos diários publicados

4.1.3.2. Aspectos materiais dos diários publicados

4.1.3.3. Aspectos discursivos dos diários publicados

5. Metodologia de pesquisa

Comentado [183]: Serve para dar embasamento teórico aos trabalhos científicos, desde o projeto de pesquisa até a redação final da sua monografia. A literatura deve ser direcionada ao que se trata o seu problema de pesquisa, histórico, metodologias, resultados. Mostra as opiniões nas quais você se baseou para formar o seu ponto de vista.

6.Considerações finais

7.Cronograma

8.Referências bibliográficas

14/09/20

Exercício 4 do CAMINHO POSSÍVEL 2 - Sumário hipotético

Estou estudando a escrita confessional de diários íntimos para compreender como a autodocumentação e a subjetividade individual se conformam quando sua intenção é ser publicizada a fim de investigar as transformações nos modos de se fazer narrativas íntimas sob a ótica dos diferentes meios de comunicação em que estas são inseridas.

Comentado [184]: o recorte mais específico seria dos diários íntimos de papel até à comunicação via Internet

Pergunta-problema:

Que transformações qualitativas, materiais e discursivas podem ser identificadas na constituição de narrativas íntimas quando intencionalmente há a intenção destas serem publicizadas?

1.Contextualização

1.1.Conceitos abstratos tomados pelo trabalho e suas respectivas importâncias

1.1.1.Narrativa íntima

1.1.2.Registro

1.1.3.Publicização

1.2.Diários íntimos como locais poéticos, históricos e investigativos de narrativas íntimas

1.2.1.Autores que estudam este tipo de objeto de maneira poética (SALLES,

Cecília)

1.2.2.Principais autores que estudam este tipo de objeto como artefato histórico e

literário (LEJEUNE, CHARTIER)

1.2.3.Principais aspectos filosóficos das narrativas íntimas que rondam os diários

íntimos

1.2.3.1.Por que escrevê-las?

1.2.3.2.O que escrevê-las?

1.2.3.3.Para quem escrevê-las?

1.3.Blogs e espaços virtuais como novos locais de narrativas íntimas

Comentado [185]: Falar um pouco sobre o tema, introduzir este, explicar sua importância e contextualizar ele e sua delimitação.

Comentado [186]: Apontar o contexto em que a pesquisa se insere a partir da perspectiva interessada à resolução da pergunta de pesquisa. Traga também o contexto acadêmico (estado da arte) da pesquisa.

Comentado [187]: Ela não estuda somente os diários mas sim todo tipo de "rastro de si" deixados pela produção poética. Em 'O gesto inacabado' é mencionado até que diários íntimos são uma forma metalinguística de pensar os conceitos da autora.

Comentado [188]: Os autores trazem também muitos questionamentos e hipóteses que rondam o objeto diário. Por exemplo: Escrevemos para alguém ler? Qual a intenção de quem faz um diário íntimo? etc

1.3.1. Ascensão da Internet e de diferentes meios de comunicação

1.3.2. A conexão com novas pessoas

1.3.3. Principais aspectos filosóficos das narrativas íntimas que rondam a comunicação virtual

1.3.3.1. Por que escrevê-las?

1.3.3.2. O que escrevê-las?

1.3.3.3. Para quem escrevê-las?

2. Objetivo geral e objetivos específicos

Objetivo geral: Investigar como essas diferentes modificações dão vazão à atuação do design em diversos projetos onde a subjetividade supostamente se torna mercadoria de valor.

Objetivos específicos:

Contextualizar qual entendimento de íntimo e subjetivo é tomado pelo trabalho;

Caracterizar o diário íntimo e elencar quais seriam suas qualidades natas;

Caracterizar os blogs virtuais e redes sociais elencando quais seriam suas qualidades natas;

Explicar modificações nos relatos íntimos e experiências individuais quando estes são produzidos para o ambiente virtual;

Expor o processo de surgimento de interesse ao subjetivo de forma mercadológica;

Explicar como o subjetivo se tornou um elemento aos projetos de design;

Contribuir para o início de uma discussão acerca de modos mais críticos de se fazer projetos de design que lidam com a subjetividade enquanto elemento de composição do processo de projeto.

3. Justificativa de Projeto

4. Fundamentação teórica

4.1.1. Como a escrita íntima se constitui quando não há a intenção de sua publicação em diários íntimos

4.1.2.1. Aspectos qualitativos

4.1.2.2. Aspectos materiais

4.1.2.3. Aspectos discursivos

4.1.2. Como a escrita íntima se constitui quando há a intenção de sua publicação

Comentado [189]: Serve para dar embasamento teórico aos trabalhos científicos, desde o projeto de pesquisa até a redação final da sua monografia. A literatura deve ser direcionada ao que se trata o seu problema de pesquisa, histórico, metodologias, resultados. Mostra as opiniões nas quais você se baseou para formar o seu ponto de vista.

4.1.3.1.Aspectos qualitativos

4.1.3.2.Aspectos materiais

4.1.3.3.Aspectos discursivos

4.1.3.Como a escrita íntima é tomada como elemento de projetos de design

4.1.3.1.Quais aspectos das narrativas íntimas são utilizados pelo design historicamente e contemporaneamente

4.1.3.2.Como a criação de valor e o funcionamento mercadológico contemporâneo se utilizam das narrativas íntimas

4.1.3.3.Tendências do design e do mercado à exploração dessa forma de projeto

5. Metodologia de pesquisa

6. Considerações finais

7. Cronograma

8. Referências bibliográficas

15/09/20

Exercício 4 do CAMINHO POSSÍVEL 3 - Sumário hipotético

Estou estudando a escrita confessional de diários íntimos para compreender como a autodocumentação e a subjetividade individual se conformam contemporaneamente quando sua intenção é ser publicizada a fim de investigar os diferentes modos em que esta subjetividade se torna um elemento no processo de projetos de design

Pergunta-problema:

Que transformações podem ser identificadas no papel da subjetividade enquanto elemento de projeto de design?

Comentado [190]: Acho que essa pergunta ainda deixa em aberto sob qual ótica é tomada essa subjetividade no projeto (dos designers ou dos usuários/clientes/consumidores/etc)

1. Contextualização

1.1. Conceitos abstratos tomados pelo trabalho e suas respectivas importâncias

1.1.1. Íntimo e subjetivo

1.2. Diários íntimos como locais poéticos, históricos e investigativos de narrativas íntimas

- 1.2.1. Autores que estudam este tipo de objeto de maneira poética (SALLES, Cecília)
- 1.2.2. Principais autores que estudam este tipo de objeto como artefato histórico e literário (LEJEUNE, CHARTIER)
- 1.2.3. Principais aspectos filosóficos que rondam os diários íntimos do ponto de vista subjetivo
- 1.2.3.1. Por que escrevê-los?
 - 1.2.3.2. O que escrevê-los?
 - 1.2.3.3. Para quem escrevê-los?
- 1.3. O design como área de massificação das experiências individuais
- 1.3.1. Quais aspectos da subjetividade eram levados em conta pelo design clássico
 - 1.3.2. A conexão com novas pessoas
 - 1.3.3. Principais aspectos filosóficos das narrativas íntimas que rondam a comunicação virtual
 - 1.3.3.1. Por que escrevê-las?
 - 1.3.3.2. O que escrevê-las?
 - 1.3.3.3. Para quem escrevê-las?

Comentado [191]: Ela não estuda somente os diários mas sim todo tipo de "rastros de si" deixados pela produção poética. Em 'O gesto inacabado' é mencionado até que diários íntimos são uma forma metalinguística de pensar os conceitos da autora.

Comentado [192]: Os autores trazem também muitos questionamentos e hipóteses que rondam o objeto diário. Por exemplo: Escrevemos para alguém ler? Qual a intenção de quem faz um diário íntimo? etc

2. Objetivo geral e objetivos específicos

Objetivo geral: Investigar de quais formas a subjetividade é tida como elemento de projeto de design sob uma perspectiva histórica, social e econômica de funcionamento da área do design.

Objetivos específicos:

Contextualizar qual entendimento de íntimo e subjetivo é tomado pelo trabalho;

Caracterizar o diário íntimo, a escrita confessional e elencar quais seriam suas qualidades natas;

Caracterizar os blogs virtuais e redes sociais elencando quais seriam suas qualidades natas;

Explicar modificações nos relatos íntimos e experiências individuais quando estes são produzidos para o ambiente virtual e publicizado;

Explicar como o subjetivo se tornou um elemento aos projetos de design e quais foram suas diferentes conotações;

Relacionar as diferentes conotações da subjetividade como elemento de composição de projetos de design ao funcionamento sócio-econômico sob o qual o design atua;

Contribuir para o início de uma discussão acerca de modos mais críticos de se fazer projetos de design que lidam com a subjetividade enquanto elemento de composição do processo de projeto.

3. Justificativa de projeto

4. Fundamentação teórica

5. Metodologia

6. Considerações finais

7. Cronograma

8. Referências bibliográficas

16/09/2020

Não obtive resposta das professoras... Estou com tantas dúvidas. Ando desenvolvendo mais o caminho possível 1 pois acho que ele é o que está melhor ajustado e mais organizado. Mas já há um tempo que venho me questionando se é isso mesmo que devo fazer.

Apesar de achar a temática interessante não sei se é algo bom o bastante. Acho que cai numa pesquisa muito comum e nada inovadora. Além disso, não sei como casar isso com a parte mais da Comunicação. Andei usando semiótica na estrutura dos tópicos mas acho que isso é superficial. Talvez na parte de falar em imprensa eu use Walter Benjamin e na caracterização dos livros trarei Julio Plaza também.

Sei lá, to com saudade da Lilu... de poder desabafar real com a minha orientadora. Acho que essa insegurança é intensificada por que tudo agora é virtualmente. Sempre é um caos, muitas vezes elas não tem tempo ou nem sequer veem... Vou pra aula de ATCD hoje e queria falar dessas minhas dúvidas. Espero poder ouvir a Claudia também.

Conversei com a Alline e andei pensando na decisão dela de ter um pouco mais de tempo para fazer o tcc. Assim ela teria como abordar os assuntos que ela tanto gosta com mais propriedade. Andei pensando nessa possibilidade e me questionando muito mesmo se devo fazer isso. Por um lado acho que a pressa em entregar isso vai só me causar mais pressão e mais dor só que por outro lado estamos vivendo um momento tão incerto. Não sei nem como vai ficar a situação da universidade no futuro... To muito apreensivo com tudo pra falar a verdade.

E não posso nem ir pra um bar desabafar com meus amigos... Pelo menos consegui fazer os exercícios até aqui de ATCD. Estou sempre um exercício "atrasado" então até agora tudo sob controle kkk. Abri o computador agora pra fazer algo do tcc mas lembrei que tenho reunião a tarde

e aula à noite e preciso lavar a louça... Juro que isso não foi de propósito. Eu ia lavar tudo depois da reunião mas não lembrava da aula.

Não quero me sentir culpado por parar agora. Bom, de qualquer forma eu tenho o tempo após a aula, durante a noite. Oh vontade de ver um filme e ler mangáaaaa. Quero desenhar, ler meus livros de romance....

Tem isso também, acho que meu trabalho começou movido por isso então talvez fosse nisso que eu devesse focar. Trazer poesia pro trabalho.

Dia 31 de maio era assim que estava o meu docs "definitivo" (colocando aqui só a título de registro mesmo):

1. Contextualização

1.1- O método científico

1.2- O(s) método(s) em Design

1.3- O método científico para Peirce

2. Objetivo geral e objetivos específicos

O objetivo geral do trabalho é pensar e questionar o processo de projeto em Design no que diz respeito às suas dimensões tendo em vista os grandes campos de atuação desta área e seu funcionamento conjunto às vastas metodologias de projeto que já existem. Onde começa a prática de projeto? Onde termina? Quando um projetista, no caso designer, deixa de fazer projeto? Existe uma separação, uma dualidade excludente no que diz respeito à objetividade projetual e ao subjetivo autoral?

O trabalho não consiste em estabelecer as fronteiras questionadas logo acima e sim pensar: Elas existem? É sobre questionar processos lineares de produção fabris e industriais de se fazer design cuja metodologia encerra-se em si mesma e, embora reconhecidamente atrasada, ainda é extremamente predominante no mercado.

Dentre um dos objetivos específicos está a tomada do próprio processo de projeto do Trabalho de Conclusão de Curso como uma maneira de ensaiar e questionar o ato de projetar tido como uma estrutura linear e rígida de pensamento. Será levado em conta os aspectos metalinguísticos de funcionamento não só da prática de criação em Design como também os metaprocessos do 'eu' enquanto perspectiva humana, profissional e social.

3. Justificativa de Projeto

4. Fundamentação teórica

5. Metodologia de pesquisa

5.1- Saber-montagem

5.2- Diário virtual como tradução

5.3- Síntese de projeto no TCC

6. Considerações finais

7. Cronograma

Comentado [193]: A forma como passado, presente e futuro se influenciam ao mesmo tempo e isso se reflete no processo de método científico. Uma grande semiose aplicada à ciência que chamamos de método.

8. Referências bibliográficas

Nossa, parece que faz anos que não entro aqui... Esse é o docs que preciso deixar o mais organizado possível então sem muitas intromissões a partir de agora.

18/09/20

Estou estudando a escrita confessional de diários íntimos para compreender o projeto de design como experimentação poética formal para o desenvolvimento de produtos editoriais.

1. Estratégias de projeto = editorial
2. Livros objeto livro de artista – poética em suporte editorial intersubjetividades (designer autor)
3. Objeto- Carolina quarto de despejo'

.Contextualização

o que são diários íntimos

Certo, tive uma orientação com a Claudia que me deixou bastante apreensivo kkkk. Foi sugerido por ela um caminho mais projetual do que eu deveria fazer. Fiquei meio sem reação pois não sei se era bem isso que eu esperava pro trabalho. Por um lado faz sentido pois ela coloca que como o que nós fazemos no curso é projeto então o normal é que os TCCs também sejam um projeto...

Eu to meio cansado de fazer projeto sabe? Não acredito que meu tcc vai ser um PG5 mesmo... acho isso bem pouco instigante. Apesar disso, algumas ideias dela foram bem legais também. Ao que parece, eu e Marina detalhamos muito nossas propostas, e para que possamos fazer a discussão de uma maneira melhor e mais rápida nós devemos encapsular nossos questionamentos em conceitos. Isto é, devemos encontrar autores que articulem aquilo que nós queremos de uma maneira mais próxima com nossa abordagem.

Dentre as sugestões de conteúdo está em discutir sobre como o designer funciona como autor também dentro da publicação de um livro. A ideia do trabalho então seria inventar uma estratégia de projeto junto ao autor, como designer e como indivíduo. Por isso é que chega-se à forma: **Estou estudando a escrita confessional de diários íntimos para compreender o projeto de design como experimentação poética formal para o desenvolvimento de produtos editoriais.**

A ideia então seria um projeto que é uma poética/escrita de conversar junto à Carolina.

20/09/20

Parece que finalmente chegou o momento em que este docs sejam menos visitado já que provavelmente vou focar mais no "definitivo". Isso talvez não seja um problema, talvez me ajude a dividir melhor as coisas pois assim posso ter o espaço do lado "de cá" mais voltado pro meu diário pessoal mesmo. Andei pensando sobre a proposta da Claudia e acho que isso não está mais tão aterrorizante quanto estava no primeiro momento. Ao escrever e pensar os conteúdos na escrita do tcc em si as ideias vão tomando um corpo diferente mais que até ao meu ver estão encaixados. Ainda posso unir mais as partes do trabalho mas essa continuidade posso articular de maneira simples mais futuramente, sinto que agora é melhor preencher os conteúdos de uma maneira mais objetiva.

Não quero limitar a mim mesmo e definir o que e como será o projeto no futuro. Ainda não sei como estabelecer os diálogos a serem feitos com a Carolina e nem sei se sou a melhor pessoa pra fazer isso. Sinto que sou imaturo pra estabelecer esse tipo de diálogo e quais problemas isso poderia causar, sob um ponto de vista de lugar de fala mesmo. Algo que eu havia pensado era trazer talvez outros escritores onde seus diários não necessariamente seriam trabalhos com o objetivo de serem publicados mas não sei até onde seria um problema já que estou com 'Quarto de despejo' me rondando a tanto tempo. Fora isso, é bom ter um objeto brasileiro, sinto que isso também é importante para o trabalho.

Em um momento também cogitei a ter como objeto de projeto o meu próprio diário. Talvez fosse interessante o tipo de estudos que isso possibilitaria. Ao mesmo tempo fico com o mesmo questionamento, sou muito imaturo pra ter esse tipo de discussão? Fora isso, o fato de imaginar professores meus lendo o que escrevo me aterroriza bastante pois minhas crises existenciais não dizem respeito algum a eles kkkkk Fora o fato de eu mesmo não ver sentido algum em ver meus textos publicados, ainda mais por mim mesmo!! Talvez seja só meu lado narcisista atacando, e também não sei se isso causaria podas àquilo que escrevo simplesmente por escrever. Não sei de onde tanta raiva vem de mim.

Coincidência ou não, estamos em lua crescente agora... Talvez isso energize de uma maneira positiva esse meu foco em escrever o arquivo definitivo. Está indo de maneira fluida ao meu ver. Nossa, outra coincidência OU NÃO é que amanhã começa o minicurso que farei de escrita de si e identidades online. O curso surgiu de maneira aleatória quando conversei com a Fernanda Meireles e caiu simplesmente como uma luva no momento em que estou! Aliás, esse diário já me serviu de maneira bem objetiva pois para me inscrever tive que mandar algum texto meu. Enviei não o texto mais feliz que tenho, mas acho que um verdadeiro o bastante a não parecer que estou mentindo pra mim mesmo. Retirei umas três frases só para não ser polêmico, ou para não compactuar pelo momento de impulsão na hora que escrevi. Não sei nem se isso foi usado de alguma maneira avaliativa, talvez tenha sido apenas para eles terem mais noção de como funciona o estilo de cada participante. De qualquer forma, ele saiu daqui.

Não estou me pressionando tanto assim pra conseguir escrever 5 páginas por dia. Se eu for me sufocar de coisas pra fazer agora aí sim eu tenho um burnout fudido e não saio mais do

lugar. Tenho que reconhecer o progresso que venho fazendo de migalha em migalha já faz um tempo. Eu não parei ou abandonei meu trabalho de uma vez, todos os dias dedico minhas horas a ele. Hoje estou me sentindo um pouco mais leve com relação a isso, fico feliz de ver cada parágrafo escrito e observar aquele esqueleto estrutural ganhando mais corpo... Por um instante lembrei até que gosto de design gráfico ontem, fazia muito tempo que não tinha essa sensação de pensar na comunicação visual do jeito que eu gosto.

24/09/2020

Desde que começou a quarentena, tento focar naquilo que posso produzir artisticamente como uma forma de fugir de tudo que está acontecendo no mundo, mesmo sabendo que isso é impossível. O desenho é a linguagem que mais me identifico como expressão mas dificilmente consigo gostar daquilo que desenho. Isso comumente se mistura com o medo da frustração e acarreta dias, semanas e até meses sem pegar em lápis e em papel.

Nesse período não estou diferente, arrisco dizer que talvez essa sensação esteja até pior. O que antes eu poderia ter como uma opção de escape desprezioso virou algo que posso validar minhas habilidades, minha sanidade e meu tempo. O tempo que passo desenhando se tornou um meio de fazer valer aquele esforço que estou pondo no ato já que, trancado dentro de casa, é isso que posso fazer. No entanto, é sempre uma derrota quando vejo que todo o tempo que gastei resulta em algo que não me agradou em nada. Nada. Em nenhum aspecto.

E isso é o que vem acontecendo. Comecei a pegar um asco pelo desenho por saber que tudo não vai sair do jeito que eu quero, coisa que antes não me causava problema. Devido a isso, passei a me dedicar em qualquer outra possibilidade artística que não fosse me exigir desenhar ou que me exigisse o mínimo do desenho. Coincidentemente ou não, estou escrevendo mais que o normal, por isso que em partes decidi publicar algo aqui.

Ontem mais uma vez decidi desenhar algo e mais uma vez tive que me encontrar no lugar da frustração ao desenhar. Sendo o infantil que sou, decidi riscar a página só por estar com raiva. Forcei até o papel rasgar e quebrei minha caneta.

A caneta quebrada fez logo subir aquele cheiro de tinta. O cheiro forte da tinta de caneta Bic que por alguma razão eu gosto. Passei a caneta quebrada pela página só pra poder cheirar o papel depois. Fechei o caderno pra deixar de lado mais um dia de desenho frustrado.

Hoje abri o caderno de novo pra fazer algumas anotações e vi o resultado da exaltação de ontem. Nem me toquei que a tinta ia passar de uma folha pra outra, que uma página ia manchar a outra, que as marcas fortes da caneta antes de ser quebrada passariam para outras páginas.

Fiquei olhando para o resultado e por alguma razão gostei de como ficou ????? Tive vontade de compartilhar a história pois o fato me fez lembrar de como eu gosto de fazer as coisas sem rumo.

Viver dentro da minha cabeça e comigo mesmo não é algo que eu não goste. No entanto, parece que fico esquecendo no prazer que é sair de dentro de mim também, de fazer tudo em troca do nada e de fazer nada em troca do tudo. Não sei nem se isso faz muito sentido. Quando dei por mim o desenho estava feito e, apesar do resultado tosco, foi o mais legal que tive nos últimos meses.

25/09/2020

obs: queria pedir desculpas pelos erros, eu não queria reler o texto agora. Desculpe, leitor.

Demorei muito pra conseguir fazer esse segundo exercício. Diferente do primeiro, não vi imediatamente sobre algo específico a escrever. Desde que eu me lembre tenho uma dificuldade imensa em me encaixar em qualquer grupo. Na infância eu percebo que não tinha tanta dificuldade assim, conseguia ver que eu era bem vindo em alguns grupos e em outros não mas era só isso. Acho que meu problema foi ter ingenuidade demais. Eu falo como se fosse a pessoa mais experiente do mundo. No entanto, posso dizer que hoje sou mais experiente do que aquele que eu era.

Essa minha separação do todo onde quer que eu estivesse foi agravada em partes pela escola, acredito eu. Quando fui me tocando que nada do que eu fazia ou vivia se parecia com o das pessoas ao meu redor. No início era bem horrível mas com o passar do tempo eu fui me acostumando tanto a estar em um local deslocado que fui me mascarando das dores que essa posição me causava.

Eu tinha amigos, principalmente amigas. Poucas eram realmente próximas de mim mas as que consegui me aproximar sempre me fizeram me sentir acolhido. É estranho até hoje quando penso nas minhas amigas que se foram e quem compartilhei tanta coisa. Lembro que a primeira amiga próxima mesmo que tive na escola foi a Melissa. Estudamos por uns 7 anos juntos e foi uma ligação incrível. Incrível e ingênua sabe? Vivi muita coisa boba e importante com a Melissa. Nós brincávamos juntos no recreio e ela foi provavelmente a primeira amiga que eu trouxe pra casa algumas vezes depois da escola. Lembro de passar tanto tempo rindo junto dela, de tudo. Nós ríamos de algum filme, de alguma piada boba interna, de alguma gafe cometida pelos dois desajeitados que nós éramos. Lembro do caos que foi quando a Melissa teve que mudar de escola. Lembro que chorei no banho e na cama até dormir de tanto chorar. É bem bobinho agora que paro pra pensar, ela ia continuar morando na mesma cidade que eu então podíamos nos ver com frequência ainda. Mas pra mim aquilo foi como se ela mudasse de país.

E assim foi, Melissa meio que se foi da minha vida. Tempos depois quando surgiu facebook e nós migramos do orkut pra lá eu pude adicioná-la e algumas poucas vezes nos falamos por lá, sobre tentar nos reencontrar ou só pra mandar alguma mensagem de aniversário. Até hoje ela está lá.

Quando Melissa foi embora se não me engano no ano seguinte passei a estudar com minha prima Alice. O nome dela é Verônica Alice e eu sempre a chamei de Verônica mas passei a chamar de Alice pois eu era o único que a chamava de Verônica. Parecia errado não chamá-la de Alice. A Alice tinha o grupo de amigas dela que era relativamente próxima mas nessa época íamos pra escola a pé e meu caminho coincidentemente passava pela casa dela então todo dia nós íamos juntos e voltávamos juntos pra aula. Só agora parei pra pensar, do sexto ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio eu fiz essa rota com a Alice. Até hoje nós nos falamos muito, somos bem próximos. É lindo ver a pessoa maravilhosa que ela é. Alice é muito fofa, as pessoas acham que ela é muito na dela mas é só por que acho que ela é filha única e não teve ninguém muito próximo pra conversar. Sei lá, adoro a Alice até hoje. Me faz lembrar de quando eu era mais jovem. Acho engraçado por que ela sempre recorda que fui eu quem a apresentou à Lady Gaga. Acho isso engraçado também. Já saímos pra bares os dois com blusa de banda, eu com black sabbath e ela com avenged sevenfold mas nossa conversa era sobre Lady Gaga.

No meio tempo que passei próximo somente da Alice, Glenda entrou na escola. Com a Glenda foi uma conexão um pouco diferente. As minhas amigas anteriores vinham de uma época muito infantil. Foi incrível conhecer a Glenda só no ensino médio por que todo mundo estava passando pela puberdade, a fase mais ingrata que tive o prazer de passar (até chegar ao momento que estou agora). Era muito bom ver que a Glenda não se encaixava no perfil de quase todas as meninas e meninos que eu conhecia, e ela se orgulhava disso. Ela não precisava ter todos os amigos da escola pois só ficava do lado de quem a fazia bem, até hoje ela é assim. Só estudamos juntos por um único ano mas passamos a compartilhar nossas vidas um pro outro, a rir o tempo inteiro quando nos encontrávamos e de repente vimos um incrustado na vida do outro. Já passei tanta viagem com a Glenda e tanto perrengue também. É a minha melhor amiga até hoje, e a conexão só aumenta. Nós crescemos mas é com ela que até hoje tenho meus pensamentos de criança. É sempre uma aula estar com a Glenda, uma aula de filosofia, de gastronomia, de arte, de tudo.

Foram com essas três meninas que pude me agarrar e me sentir mais confortável por não me conformar naquilo que eu deveria fazer na época da escola. Eu sempre fui viado,. Sempre. E eu sempre soube, eu sempre sempre sempre soube. E era isso que eu sabia. Eu não ia conhecer ninguém interessante na escola, eu não ia ter o primeiro beijo na escola, eu não ia namorar nunca. E isso me fez criar uma casca grossa demais em mim. Tão grossa que viver no meu mundo era a única coisa que eu podia fazer e até quem eu via que era como eu também não era passível de ser meu amigo. Eu já tinha que me fazer sobreviver naquele lugar então que fosse longe de qualquer pessoas que me associasse com aquilo que eu era. E foi isso. Tem vários outros detalhes mas acho que o panorama é esse.

Entrar na faculdade foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida. Eu não fazia ideia de nada da vida, até hoje não faço. Estudar em outra cidade era algo fora de cogitação pra mim, ainda mais em Fortaleza onde tudo acontecia! A universidade explodiu tudo na minha existência. Desde o modo como eu estudava até o modo que eu lido hoje com a minha espiritualidade. Sempre que

escrevo sobre a universidade eu penso sobre o tempo que passei dentro dela. Não sei se estou romantizando isso, mas se eu estiver que seja também, não ligo pra isso nesse caso. Eu morei naquele lugar. Eu chegava 5h30 da manhã na UFC pra sair 10 da noite. Eu dormia no chão do ICA, eu dormia no Centro Acadêmico do design. Eu almoçava naquele lugar, eu merendava naquele lugar, eu jantava naquele lugar. Eu festejava naquele lugar, eu estudava naquele lugar, eu chorava naquele lugar. A melhor coisa do mundo é andar sem rumo pela UFC, é a melhor coisa que se pode fazer.

E foi lá que eu me senti acolhido. Não foi a primeira vez que me senti acolhido, eu tive amizades. Mas ao mesmo tempo não sei, foi uma ligação tão diferente. Eu tinha mudado de mundo. E passei a fazer isso por seis anos seguidos. Seis anos viajando entre mundos. Por que quem eu sou na minha cidade não é quem eu sou na universidade. E eu acho que nunca vou conseguir ser quem eu sou fora daquele lugar. É o único lugar possível. É o único lugar que eu posso ser eu.

E eu não faço nada sabe? Eu não sou eu gritando, eu não sou eu berrando. É só a minha existência naquele lugar. Eu penso diferente sentado nos bancos da universidade. Eu amo ver as pessoas circulando, as pessoas indo pra aula, as pessoas lendo, as pessoas cantando, fumando, rindo e fazendo o que quer que elas estejam fazendo. Experimentei muita liberdade naquele lugar. Foi tudo. Ainda é tudo, acho que é tudo que tenho por que acho que tenho medo do mundo. Depois de um tempo com meu grupo de amigos mais comum fui me afastando. Virei a dupla dinâmica com a Gabriela que eu havia mencionado anteriormente e depois que ela se foi era só eu.

Me isolei de tudo também na universidade e quando me toquei, estava como se fosse uma criança de novo. Não tinha mais aquela pessoa próxima, meus amigos estavam fazendo outras coisas e, mesmo que não estivessem, meu estado de espírito era outro e a revolta que eu sentia de mim mesmo dentro do meu corpo era algo que nem eu queria ter que lidar. Voltei a ser desacolhido. Em partes isso me fez sair mais sem rumo ainda, a ir para aquele lugar só pela curiosidade do que eu iria descobrir, com quem iria me esbarrar. Por outro, era isso, eu era um desacolhido, de dentro do meu próprio corpo.

E assim foi. Todos os dias. Passei a ficar tão triste, fingi pra todo mundo que eu estava normal. A qualquer um que me perguntasse. E até hoje eu me sinto assim, em partes menores e em partes maiores. Acho que vai ser pra sempre assim. Coisa aconteceram, coisas maravilhosas. Eu fui salvo, fui salvo várias vezes. A Alice me salvou, a Glenda me salvou, as duas ainda salvam. Minha professora me salvou e nem sabe.

Na pior fase da minha vida na universidade me encontrei coincidentemente com a Lilu em um evento que eu estava na organização. Agora que me toco como aquele dia foi horrível e foi tudo. Acho que fazia um ano ou um semestre que eu não a via. Lembro a roupa dela inteira. Com os cabelos soltos, uma blusa preta de mangas também pretas esvoaçantes, a blusa tinha umas flores verdes. Ela tava de calça preta também e um batom roxo incrivelmente escuro. Falou comigo tão normal e eu respondi, no mais normal que eu poderia fingir na época. Nem sei se ela lembra disso, muito provavelmente não. Falamos brevemente sobre o evento e tal, consigo lembrar tudo na

Comentado [194]: QUE

Comentado [195]: preciso reler isso, n sei nem do q se trata

conversa mas não acho que seja necessário relembrar aqui. Foi só um encontro simples, ela me convidou a conhecer o Varal e o que eles faziam. Eu disse que sim, por mim tudo bem.

Fui embora pra casa nesse dia só à noite. Havia chegado 5 e meia de novo na universidade e estava exausto. Eu não suportava mais viver, de verdade. A minha mochila estava numa salinha trancada, onde estava a bolsa de toda a equipe do evento. Lembro que fui até lá todo me tremendo, não dava mais. Lembro que destranquei a porta e nunca vou esquecer da cena. Aquela sala minúscula abarrotada de mochila, completamente abarrotada. Abarrotada de um jeito que eu não conseguia ver o chão do cubículo, coberto de bolsas.

“A minha bolsa não está mais aqui” Foi a primeira coisa que eu pensei. Comecei a procurar e não achava, comecei a relembrar minha vida inteira, minha vida inteira inteira inteira inteira. Comecei a jogar bolsa pra cima, pra trás, pros lados e repetindo comigo mesmo “A minha bolsa não está aqui. Alguém levou minha bolsa, ela não está aqui” sinto que tudo isso durou uns 40 segundos mas na minha cabeça foram horas.

Eu achei minha bolsa, finalmente. Estava lá o tempo todo. Caí em desespero e me desatei a chorar. Fiquei encolhido no meio do cubículo chorando sem ligar pra quem quer que entrasse e visse a cena. E chorei e chorei e chorei e chorei. E fui embora.

Peguei o primeiro ônibus que ia na direção certa e fui chorando. No meio do caminho tive um estalo. Desci do ônibus e não fui pegar a Cotralp de volta pra casa. Desci e fui correndo pro único lugar que eu poderia ir no momento: Pra perto da Glenda. Por sorte nessa época ela trabalhava em um local próximo da Aguanambi e apareci lá de surpresa. E chorei. Chorei no trabalho da minha amiga. E fui pra casa. E chorei na casa dela.

Passou um tempo, vários dias e tal. Conheci o Varal. Conheci a Meta. Conheci mais coisas sobre tantas coisas. Quando me toquei foi isso. Eu estava acolhido de novo. O grupo de trabalho em que eu estava era com pessoas novas. Pessoas que eu já conhecia mas nunca havia me aproximado. Fiz novos amigos quase sem perceber. E me senti útil. Acho que isso é algo que acho tão legal quanto fazer amigos, eu conseguir me sentir útil. Acho que isso faz parte de se sentir acolhido. Ser útil é algo muito volátil.

Consegui achar outros propósitos. Consegui achar outras coisas que me encantassem na vida. Hoje parece tudo tão distante. Parece que envelheci uns 7 anos de janeiro pra cá. To tão incerto. To incerto por que to me sentindo desacolhido de novo. To me sentindo desacolhido dentro de mim de novo. Eu to todo errado sabe? E eu sempre estive, só que to lembrando disso com mais frequência. To com saudade de coisas que eu não sei nem o nome. To com vontade de largar tudo, de ficar pra sempre sentindo o sol e a lua na minha pele. To com vontade de aprender a tocar todos os instrumentos do mundo e com vontade de quebrar todos eles. To com vontade de ficar em silêncio e com vontade de gritar até minhas cordas vocais partirem. To com vontade de engolir fogo e mergulhar em gelo. To com vontade de tudo e com vontade de nada. To com vontade de quebrar um espelho e com vontade de nascer de novo. Eu to, eu to, eu to, eu to, eu to

Talvez eu tenha fugido do tema do exercício, nem sei mais. Acho que é o que é, ou não é o que não é. Ou será só quando saber que não foi. Só foi. Eu fui. Nós fomos e vamos. São 1:45 da manhã.

30/09/2020

Passei 24 horas longe de casa. Tive que me aventurar sozinho e fui fazer minha tatuagem. Foi interessante pois coincidentemente ou não, tive que ir sozinho, contrário aos planos originais. Desde o início da pandemia eu ainda não havia pegado uma topic. Pensei sobre o quanto eu ainda lembrava daquele caminho que ela fazia e me surpreendendo com coisas que mudaram ou que eu não tinha reparado antes nos locais por onde eu passava. Pensei em todas as impressões que a situação de ir pra Fortaleza de topic me proporcionam.

Não por acaso eu ia me tatuar. A estrada da BR me marcou de um jeito engraçado. Se antes eu havia falado que me sinto atravessando mundos, vivendo em diferentes planetas, a estrada é o portal que me leva até estes diferentes mundos. São as coordenadas espaço-temporais em que mudei de universos. Isso sem considerar que o próprio portal tem seu próprio mundo. E diferentes portais possuem diferentes mundos.

Sinto como se não só o meu corpo se modificasse mas minha mente também. Estar parado só faz restar o que posso pensar. Posso me movimentar enquanto estou pensando. E acho que existe alguns pensamentos característicos de quando estou nesse caminho. Fiquei pensando nas impressões que eles causam em mim, em como aquilo me modifica. É difícil colocar em palavras agora o que me veio na hora, nem lembro direito o que foi. Mas marcas, é sobre isso. Acho ingenuidade achar que só nós é que causamos impressões na cidade, ela causa impressão em nós também, muitas impressões. A cidade está tatuada em nós e nós estamos tatuados na cidade. É uma troca, de pele pra pele, eterna.

A tatuagem tem esse tom ritualístico. Aposto que existem culturas indígenas que a tomam como um rito entre jovens que agora se tornam guerreiros. A pintura corporal como preparação para a guerra, para as festividades, para celebrar a passagem do tempo, para transmitir a memória. Tudo isso está na tatuagem da cidade. Eu ainda quero me tatuar na cidade, literalmente. Me fundir às árvores e ao asfalto. Às poças de água e aos fios do poste. Aos encanamentos e às plantas que crescem rompendo o concreto. Quero me fundir a todas essas coisas. Abandonar o meu corpo para entrar em outro, ou constituir um outro.

Me peguei pensando esses dias, o que seria um corpo? Eu teria um corpo? Não acho que eu termine na ponta dos meus dedos nem nas pontas dos cabelos. Aquilo que tenho debaixo do pescoço, aquilo que tenho acima do pescoço. É estranho pensar que isso é um isso, que é um 'eu'. Quando na verdade não estão nem juntas nem separadas. Ou estão? Não sei. Olhos e mamilos, pés e orelhas, boca e ânus, nariz e uretra, sobrancelhas e axilas, cabelo e pelos. Cabelo e pelos. As fronteiras dos locais do corpo é aquilo que diz o que aquilo é. Onde está a fronteira do próprio corpo então? Me perguntei sobre isso esses dias.

Passei pela Avenida da Universidade e foi uma sensação horrível. Tava tudo vazio. Sem ninguém. Duas pessoas na parada de ônibus, um segurança do CH I e eu. E só. Um vazio tamanho que o ar parecia mais seco, um vácuo. As vezes sinto como esse tipo de vácuo espacial deixasse espaço mais pesado, como se a gravidade fosse uma força que vem de dentro de mim. Sinto como se meu corpo encolhesse por todas as direções. A UFC estava aberta, isso me deixou surpreso. Porém não entrei, sei lá. Talvez fizesse com que eu me sentisse mais vazio ainda. Passei reto e olhando para tudo. Enquanto ia para Fortaleza me peguei pensando que era como se fosse a primeira vez que estivesse fazendo aquele caminho, só não era por que eu já sabia onde estava e para onde ia. Mas aquela situação na Av. da Universidade... Foi a primeira vez que estive naquele lugar

Voltei pra casa com muita fome e uma vontade imensa de tomar um banho, vestir minha roupa e deitar na minha cama. Ainda tirei um cochilo por umas duas horinhas, só pelo luxo mesmo. Foi bom. Tentei escrever algo do tcc hoje a noite e escrevi mais meia página. Penso em mudar tanta coisa, vou levar minhas perguntas para a orientação de amanhã. CLaudia falou que era bom levar proposições à banca, então estou me organizando para isso. Estou escrevendo por agora coisas que eu sei que deverão entrar independente do caminho que eu tomar. Está indo de maneira lenta e até agora ainda não revisei nada que escrevi, mas estou fazendo. E é isto. Não há nada que posso acrescentar nisso. Talvez eu devesse escrever aqui minhas dúvidas para me organizar melhor mas sei lá, to gostando da nova faceta que este docs ganhou. Parece que não desabafo aqui tem anos quando na verdade tem apenas cinco dias. Mas foram anos mesmo assim. As vezes acho que sou descritivo demais de um jeito que nem eu entendo aquilo que estou falando. Nunca estive escrevendo tanto na vida, seja coisas do tcc e sejam coisas ordinárias tipo isto agora. Ainda sinto falta de mais imagens. Talvez eu devesse colocar em cada entrada uma imagem? Será que isso traria mais dinamismo? Ou só mais beleza mesmo... Estranho. Estranho por que estou aqui na internet escrevendo isso, posso usar hipperlinks para tudo e mesmo assim não os faço. Reparei agora que as notas na lateral sumiram também, talvez por que não estou relendo aquilo que estou escrevendo. Mas também por que o fluxo agora é outro, eu estou mais estruturado e menos desesperado do que no início. E é isso sabe?

Acho que vou pra Fortaleza essa semana de novo... Alessandra me convenceu a participar de uma exposição, vou colocar minha blusa bordada. Poderia adicionar algo mas em tão pouco tempo, e além disso: adicionar o que? Vou bordar o nome do Fernando Pessoa nela, isso ainda falta. Pensei em algo saindo pelas mangas ou pela gola. Queria poder expô-la pendurada por um cabide de maneira que pudessem vê-las em 360 graus. Ver o os dois lados do bordado. Talvez isso seja possível em um espaço forrado, só precisaria de um prego no teto. Eu nem estarei lá pra ver a reação das pessoas, mas pode ser legal, me instigou. E vai ser algo rápido e simples, a maior parte do trabalho já ta feita kkkk. Me deu mais vontade de prosseguir no bordado do lençol que está progredindo muito lentamente. Pode ser que amanhã ou hoje eu pegue nele de novo. Se eu dedicar sempre um pouquinho do dia a ele logo verei bons avanços.

Nisso que dá nascer doida.

03/10/20

Felizmente o trabalho está redondo o bastante para o crivo da Cláudia. Tenho só que reorganizar algumas partes para que ele melhore ainda mais. Tenho que resolver ainda a questão do meu objeto mas sinto que isso vou deixar em “stand by” o que não é bem verdade já que estarei lendo sobre outros autores pra ver se decido algo no meu coração sobre como prosseguir. No mais é isso, hoje está muito quente e não tenho muito a escrever. Limpei a casa hoje e penso em escrever hoje de noite o início da metodologia do trabalho.

Cara Profª Drª Gabriela Reinaldo,

Me chamo Victor Furtado, sou aluno do curso de Design da Universidade Federal do Ceará (UFC). Venho por meio deste e-mail lhe perguntar se seria possível tê-la como integrante da banca de qualificação, e futuramente de defesa, do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A orientação do trabalho é feita pela Profª Drª Cláudia Teixeira Marinho, professora do curso de Design, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Design da UFC e do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFC.

Segue um pequeno resumo para contextualizá-la melhor acerca do trabalho:

A pesquisa em questão intitula-se “Diários, Design e Materialidade: O projeto editorial como estratégia poética de publicação de diários íntimos.” O trabalho parte da definição conceitual de diferenciação da obra textual e da obra livro. Dessa forma, a materialidade do livro é entendida como um projeto em que o designer se configura enquanto autor, diferente da obra textual que toma o escritor para sua autoria. De maneira similar, a bibliografia escolhida configura os diários íntimos como um local de apropriação de diversas materialidades em sua composição física e autoral. Para além de serem constituídos pela escrita, estes artefatos carregam recortes, colagens, fotografias, post-its, desenhos, entre outras intervenções. À vista disso, e tomando o projeto editorial como um local experimental de poética do próprio designer, o trabalho se dispõe a refletir sobre as diferentes autorias e subjetividades que cruzam os diários íntimos quando estes passam pelo processo de editoração e publicação. Sob uma abordagem qualitativa e exploratória, a pesquisa se utiliza de uma bibliografia que traça caminhos entre Arte, Design e Literatura. Tomando como objeto de pesquisa o livro ‘Quarto de despejo: diário de uma favelada’ de Carolina Maria de Jesus, investiga-se maneiras de pensar esta obra literária enquanto corpo a um projeto editorial tendo em vista o campo do Design como um ambiente experimental e poético à prática de projeto.

Acredito que sua atuação como professora e pesquisadora tem muito a acrescentar ao trabalho haja vista sua familiaridade com o campo da Semiótica e da Literatura brasileira. Seria uma imensa felicidade tê-la como contribuinte à pesquisa, tendo em vista sua posição como docente que muito

me inspira a partir de experiências passadas em sua turma de Comunicação e cultura (2018.2) e Estética e comunicação de massas (2019.2).

Caso seja possível e de seu interesse, por favor, envie-me uma resposta constando suas datas e horários disponíveis na semana do dia 26 ao dia 30 de outubro.

Atenciosamente,

Victor.

09/10/20

Estou com muita dúvida sobre como fazer minha metodologia. O problema está no fato de que a metodologia pressupõe um projeto. Até agora eu tenho o início de um projeto teórico porém estou trabalhando com projeto também e por isso é necessário que eu pense projetualmente. Outro problema diz respeito ao fato de que eu não planejo NADA do que eu faço kkkk (rindo de nervoso). Olhei aqui alguns trabalhos para me referenciar e as únicas coisas que encontrei de interessante foram o Metaprojeto e essa técnica multimétodos.

O Metaprojeto por se articular como uma maneira de trabalhar diferentes áreas de conhecimento e por conter uma "plataforma". Fico pensando se a minha plataforma não seria o próprio design gráfico ou a materialidade dos diários íntimos como uma maneira de articular diferentes áreas do conhecimento. Isso pode ser interessante a se pensar...

O multimétodos me chamou a atenção por se tratar de uma amálgama de diferentes métodos porém se estou com dificuldade em encontrar pelo menos um imagine dois kkk. Preciso organizar bibliograficamente a própria técnica de bibliografia... Enfim, essa parte está bem nebulosa mas já tenho noção na minha cabeça do que precisa ter. Falta só a leitura de conceitos bem formulados para que eu os use no texto. Estou meio com sono sem querer dormir. A professora Gabriela ainda não respondeu a confirmação dos horários, estou bem nervoso com isso pois o prazo praticamente encerrou... O que posso fazer é aguardar, o email já foi enviado..

Estou pensando no que será este projeto. Como é possível que eu tenha noção de COMO o farei mas não tenho noção de O QUE farei? Isso é um problema conceitual gigante... Utilizei a linguagem do bordado como uma maneira de me colocar no trabalho mas não sei ainda como interpretá-la ou traduzi-la para um resultado do trabalho. Talvez a tradução intersemiótica me auxilie nesse sentido, em pensar uma linguagem para a outra. Fico pensando também em quais tipos de materialidades o bordado pode abarcar. Se o diário surge enquanto fragmentos materiais e cognitivos o bordado seria a melhor maneira de retratá-lo? Consigo imaginar isso quando pensa-se a linha, as tramas e o tecido.

A linha já carrega em si uma significação mística. É o fio de Ariadne, é o fio das moiras. O enlace dos fios resultando em uma trama, a mudança de dimensões entre um e outro. Existe um *metatecer* no bordado. A linha costura-se ao plano e cria uma nova camada para aquele lugar. A

formação de uma mancha, de uma imagem como preenchimento daquele espaço já permeado de linhas. O bordado que chama pela textura, pelo toque, pelo seu material. Os pontos e pontos e pontos e pontos como os dias necessários à construção de um diário.

Os pontos como dias, as linhas como histórias, o tecido como a mente. Agulha, bastidor, tesoura: bordado. Páginas, encadernação, leitura: livro.

Penso nos fragmentos que usarei de 'Quarto de despejo'. Quero focar e trazer a Carolina poetisa e filósofa. Trarei seus pensamentos que mais descrevem a situação de todos nós dentro da sociedade. É preciso reconhecer que Carolina Maria de Jesus não foi a única herdeira dos restos do sistema moderno, nós também somos herdeiros desses restos. Acho que isso é uma maneira de pensar melhor o debate com o trabalho dela. Me sinto mais seguro agora que penso mais para o lado da forma que do conteúdo (pelo menos conteúdo escrito) já que, em se tratando de bordado, essa forma não separaria autor algum.

Que loucura... As vezes penso nesse arquivo que to fazendo, queria quantificar o quanto ele me serviu para entendimento disso que eu to fazendo. Tenho vontade de reler mas não sei se isso ajudaria no momento. As vezes eu penso que o momento ideal de lê-lo é daqui a 3 anos, que nem meu diário antigo. Fico me perguntando o que se passará na minha mente ao reencontrar isso e o diário de pp4, tenho até medo...

O modo experimental e intuitivo de realizar projetos sempre foi a maneira com a qual mais estive familiarizado. Quando feitas desse modo, as descobertas e conhecimentos funcionam como tesouros, como joias, como achados. Como encontrar o livro que tanto se procura numa ida despreocupada a um sebo. Como encontrar uma companhia ao ir sozinho ao bar. Como descobrir uma cidade nova ao mudar a rota do caminho rotineiro. É assim que este trabalho inicia. Sua feitura dá-se diariamente, sem saber qual será o resultado. Aquilo que podemos fazer é investigar, anotar e relacionar aquilo que foi visto e seguir investigando. Fazendo isso, é possível tornar o acaso como elementos de linguagem ao que se cria. Apesar do nascimento deste trabalho estar relacionado com muitos dos acasos, o ponto de partida das temáticas aqui tratadas se dão por interesses e vivências pessoais de certa forma bem sedimentadas aos meus interesses. Como maneira de guiar o que será tratado, propomos a pergunta-problema concernente à pesquisa: Que compreensões no campo do Design são possíveis ao adotarmos o projeto gráfico como experimentação poética formal para o desenvolvimento de produtos editoriais de diários íntimos?

05/11/20

Leituras recomendadas no colóquio

FARBIARZ, Jackeline. Ilustração e autoria: o encontro com a responsabilidade social. In: FARBIARZ, Jackeline;

FARBIARZ, Alexandre; COELHO, Luiz A. L. (orgs). Os lugares do design na leitura. Rio de Janeiro: Novas Ideias, 2008.

Maira Lacerda - Design na literatura

17/12/20

Só hoje retomei mesmo os andamentos do TCC. Ando procurando materialidades e resultados físicos que contribuam para aquilo que desejo propôr (que ainda não sei o que é). O que sei é que a materialidade dos resíduos e dos restos são o que me chamam a atenção. Na última orientação foi-me sugerido pensar para quais direções o projeto aponta.

Como desenvolver a potência do meu trabalho? Onde está a potência do trabalho? Recomendou-se a nutrição a partir dessas imagens.

Logo me veio pensar projetos artísticos que venham do lixo, ou que tomem parte do resto, do lixo enquanto sua feitura. Me veio logo a imagem das editoras cartoneras, há toda uma ressignificação na materialidade daqueles objetos.

A imagem desses livros ficou por muito tempo na minha cabeça como uma solução perfeita. Porém, não acho que a ideia de que eu faça só um desses acabe por resolver todo o meu projeto. Talvez sim, agora que penso. Mas julgo que não é justo ao meio cartonero em si já que essas editoras partem de uma proposta coletiva, de catadores e catadoras de lixo. Há todo um sistema de complexidade projetual e econômico na maneira em que essas editoras funcionam e que seria totalmente ignorado se eu apenas raptasse esses objetos enquanto resultado visual e

estético mesmo que eles combinem perfeitamente àquilo que é documentado em 'Quarto de despejo'.

Fora isso, o mergulho que estou fazendo no livro me indicou outros caminhos de como tratar a obra textual. A Carolina escreve em frases curtas, de maneira muito crua sem deixar de ser extremamente poético. Os trechos que seleciono são os que contém suas reflexões mais introspectivas ao meu ver, já que não tratam-se necessariamente das descrições objetivas da vida da autora, como sua jornada de trabalho, as ações feitas no dia, etc. Estou procurando escolher reflexões que nos valem como seres organizados socialmente de maneira geral.

Devido à forma que a autora escreve, os pequenos trechos selecionados que de maneira simples e genial "fecham-se em si" constituem um conjunto de pequenos agrupamentos de frases, algumas vezes apenas uma frase, que funcionam de maneira semelhante a haikais/provérbios.

Muitas das reflexões dizem respeito à dificuldades financeiras, à situação social urbana e também ao estado de humor da autora. Boa parte dos pensamentos que passavam pela mente de Carolina estavam ligados ao meio urbano.

Penso que é aí onde a autora e seu livro deveriam estar. Como tatuar/ilustrar a cidade com o conteúdo que a autora tem?

02/01/20

Algumas coisas aparentemente foram decididas nos rumos que preciso tomar. As vezes me bate uma insegurança sobre esse trabalho. Não acho que eu seja a pessoa mais adequada e por vezes tenho vontade de voltar ao semestre anterior para modificar tudo aquilo que julgo necessário com base nos conhecimentos que tenho hoje. Infelizmente (ou felizmente) tudo que posso fazer é continuar.

Parece que as ideias vão se encaixando melhor na minha cabeça tanto quanto vou desbravando as coisas que estudo. Não sei, minha intuição diz que estou fazendo sentido e, sinceramente, é nela que estou colocando todas as minhas fichas. Fazendo com calma e seguindo todos os protocolos de segurança contra covid e com a ABNT rs, mas fazendo intuitivamente. Ainda nem sei o que vai ser.

Penso muito nesse amontoado de texto daqui. Por que em teoria isso aqui são os restos do meu trabalho ao mesmo tempo em que boa parte das minhas ideias e dos meus pensamentos nascem e germinam aqui... Tentei semiotizar um pouco.

O trabalho seria terceiridade, o projeto secundidade e isto aqui primeiridade. Claro que cada um tendo suas próprias tríades e sendo em si mesmos suas próprias tríades. Então até que ponto esse volume de páginas é resto? Talvez seja uma parte em vez de um resto. Penso que como tal, deveria ser publicado também... Provavelmente como uma proposição artística.

É legal escrever aqui, retomar as coisas. Parece que meus pensamentos se moldam à superfície onde serão inscritos.

12/02/2021

Algumas coisas aconteceram. Entrei num processo meio nervoso e paranóico de não ter tempo para nada, conseqüentemente travado no TCC. O que me foi sugerido duas semanas atrás era trazer materializações daquilo que estou pensando. Como traduzir minhas ideias de maneira visual.

O papel logicamente foi a escolha sugerida, tendo em vista que irei desenvolver um artefato gráfico, mas também por toda a relação que a Carolina tem com o papel. Já fiquei nervosíssimo a partir daí, pois por onde começar?? Olhando ao meu redor acabei só por pensar nas possibilidades de papéis que tenho aqui em Pacajus. Então de quais lugares eu poderia partir? Boa parte do que posso encontrar aqui é papel comum, sulfite ou papéis usados e lixo...

Decidi por seguir o lixo. Havia me questionado sobre isso um tempão atrás. Na minha cabeça eu me descaracterizo ou de alguma forma descaracterizo o trabalho da Carolina ao me colocar nessa posição. É como se eu tratasse a atuação do catador como uma alegoria ou personagem para conseguir cumprir meus objetivos, quando o catador é toda uma realidade social. Enfim... isso era o que me travava.

Fui à reciclagem do mesmo jeito no fim das contas, pensando nas categorias que separei dos trechos de Quarto de despejo. Mentalizei comigo mesmo ir àquele lugar como quando vou a um sebo, muitas vezes sem saber o que vou encontrar, mas sabendo que, quando me esbarrar com aquilo que quero, saberei na hora que sempre foi aquilo que quis. E assim foi... em partes

Não tive tantas opções assim quando cheguei lá, achei que teria muito mais coisas para revirar, e outros tipos de papéis também, mas esbarrei com muitas faturas de cartão, livros técnicos xerocados e muitos cadernos escolares. Algumas contas eu peguei pois acho que serão úteis na categoria "fome" ou "preços" ou "miséria". Ainda não defini nomes.

Achei um caderno lindo que só fui procurar algum indício de data hoje de madrugada, caderno escolar do Jardim II de 2004 de uma criança chamada Ariane. Tem várias daquelas tarefinhas bobas que nos fazem questionar quais aprendizados são ali repassados. Porém, tem um monte de desenhos também, e rabiscos. Alguns desenhos são claramente de uma criança que assistia muito Dragon Ball Z (consigo identificar isso pelos personagens desenhados. ALIÁS, deveria pôr aqui né?? falta imagem nesse google docs). Mas o que mais me chamou atenção foram os rabiscos e manchas de tinta, tem vários. Parece que a criança gostava muito de desenhar já que as tintas estão em várias páginas e não mancham as páginas anteriores, o que dá a entender que as folhas foram usadas devidamente como telas cujas quais o artista deixou secar antes de fechar o caderno, fora que as experiências se repetem. Penso que posso me utilizar dessas formas e desenhos para o "Devaneios".

Achei algumas receitas também e só vi a data de uma delas hoje também. Achei uma receita de pizza de 1994!! Uma receita de pizza mais velha que eu.

16/02/21

De modo a entender mais profundamente as relações internas entre os trechos selecionados, bem como qualificá-los melhor enquanto agrupamento e material de projeto, delineamos categorias conceituais que abarcassem os assuntos sob os quais estes mesmos trechos tratam. Para além da classificação, tomam-se as categorias como uma maneira desta pesquisa refletir e exercitar conjunta e intuitivamente os pensamentos sob os quais nos fundamentamos até o presente momento. Por se tratar de uma estratégia também criativa, propõe-se que, por meio de categorias qualitativas destinadas a sistematizar nosso olhar sob o objeto de estudo, poderemos entender melhor as potencialidades temáticas e poéticas que 'Quarto de despejo' instiga à discussão proposta por este trabalho.

A quantidade de categorias e suas diferenciações deu-se de maneira livre objetivando abarcar todo o conteúdo previamente selecionado, são elas:

-Vida

-Morte

-Deleite

-Despejo

-Revolução

Elencou-se o papel como meio de intervenção às experimentações não só por tratarmos aqui do projeto de um artefato gráfico, mas também pela relação simbólica que este material tem com Carolina de Jesus. Faz-se necessário mais uma vez mencionar a situação social pandêmica que vivemos no momento em que esta pesquisa é escrita. Objetivando um desenvolvimento satisfatório e seguro do projeto prático, optou-se pela procura de material de trabalho que estivesse ao alcance da cidade natal do autor de modo a evitar grandes deslocamentos à capital, e possíveis contatos de risco à contaminação do vírus da Covid-19. Embora este contexto tenha reduzido as possibilidades de aquisição de diferentes tipos de papéis específicos, este mesmo contexto deu vazão a um caminho que se aproximou de maneira conceitual e também concreta aos temas estudados.

De maneira geral, os papéis mais comuns possíveis de serem encontrados eram os do tipo sulfite brancos ou coloridos; papéis usados; e papéis já descartados no lixo. Preferiu-se o caminho que partia dos papéis descartados tendo em vista que, por se tratar de um volume considerável de descarte, seria possível encontrar um leque maior de variedade material.

Além disso, ao elencarmos o material descartado como matéria-prima do projeto, colocamos as lentes que os catadores usam para enxergar a cidade de modo a encontrar e ressignificar aquilo onde julgou-se não haver mais nada de significado: no lixo. Acontecem algumas

Comentado [196]: isso aqui vai ser feito por meio da materialização do projeto, utilizando a projeção da comunicação urbana por meio de artifícios de design

Comentado [197]: Por entendermos que os obstáculos de Carolina fugiam da sua possibilidade de escolher ou não enfrentá-los. Essas mesmas necessidades eram aspectos de sua existência que punham em risco a sua própria vida. Apesar disso, é onde podemos observar um desejo intenso de justamente se ter o direito a viver.

Comentado [198]: Como complementar à vida, reside aqui os momentos de encontro com o fim do fio da existência. Carolina entende que, nas situações em que se encontrava, a morte e, por vezes o desejo pela mesma, se colocava como uma opção de saída aos problemas da vida da autora.

Comentado [199]: Em Deleite encontram-se os registros de Carolina onde a poeta coloca sua descrição de seus sonhos e de seus devaneios. É onde podemos observar os momentos em que a autora alimenta a si própria ao suprir suas necessidades por meio das imagens de sua literatura.

Comentado [200]: Em Despejo há espaço para o espaço. É onde residem as reflexões da autora sobre sua existência para com o espaço urbano e como os diferentes "cômodos", seguindo a metáfora do título da obra, se relacionam ao formar a casa-metrópole.

Comentado [201]: Em Revolução encontram-se os gritos que clamam por olhares transformadores de realidades. É onde observamos o olhar de Carolina sobre as injustiças sociais da sociedade brasileira como um todo, no que termina com seu poder aquisitivo e começa na cor de sua pele.

diferenciações nesse processo, já que o lixo onde buscamos nosso material não foi apenas do que espalhava-se sobre a cidade. Partimos principalmente de uma locação onde fica uma empresa de reciclagem cuja qual já concentrava parte daquilo que foi utilizado para as experimentações gráficas, mas deve-se dizer que, mesmo ao estarem em uma locação, o processo de ressignificação sob o olhar do catador permanece o mesmo. De todo modo, a postura do designer enquanto conformador do projeto se aproxima e se mescla à postura de Carolina.

A busca por materiais no decorrer de nosso processo de experimentação se vale do acaso como produção de sentido, tendo em vista que não sabíamos quais papéis seriam selecionados nem como este material seria utilizado até então. Outrossim, o acaso como produção de sentido exige um tempo-espaço específico, neste caso, aquele onde o conformador/trapeiro se encontra com a matéria e com os objetos. Sendo assim, o momentâneo é tomado como ponto-chave da possibilidade de criação, do encontro para com o meio de comunicação e das possíveis interpretações obtidas por essa proposta.

No que diz respeito aos conceitos articulados pela feitura de diários, a escolha de diferentes papéis para a produção gráfica proposta incorpora a 'forma-significante' diarística que extrapola a própria forma escrita como meio de escritura do artefato. Utilizando fragmentos de papéis, colocamos um desprendimento de rigidez formal sobre aquilo que será conformado em nossa publicação, o que dá vazão a mais interpretações e reações subjetivas ao contato do leitor para com uma publicação de diário íntimo. Sendo assim, incorporamos a 'meta-materialidade' dos diários íntimos dentro de nossa proposta de publicação de um diário íntimo.

De modo a conformar os papéis fracionados, nos valem da técnica de colagem pois esta também permite uma abertura a elementos gráficos fragmentados em sua composição, resultando em uma união dos mesmos em um trabalho artístico ressignificado para com a matéria-prima utilizada. Em outras palavras, a ordem e somatória dos papéis utilizados, neste caso, alteram o resultado, tendo em vista a proposição de recontextualização da materialidade quando esta é utilizada dentro do processo de colagem.

Por fim, como um outro elemento de linguagem suporte ao projeto, utilizamos reproduções tipográficas baseadas na caligrafia de Carolina de Jesus por meio do contato com fotografias de seus manuscritos. Apesar de se tratar de um elemento de tipografia, é importante pontuar que a produção deste componente não seguiu à risca a série de regras que diferentes projetos tipográficos tendem a adotar em sua composição. Dessa forma, nosso processo se aproxima mais da ilustração do que da tipografia clássica em si, tendo em vista a maneira consideravelmente livre de obtenção destes resultados de texto-imagem bem como seu objetivo de mimetizar de maneira pontual a escrita de Carolina, e não projetar uma família tipográfica completa. A intenção do uso dessas ilustrações é mais uma vez evocar a autoria de Carolina sobre a 'obra-texto' por meio de aspectos qualitativos que concernem ao campo do Design dentro da 'obra-livro'.

Ok, acabei de olhar pro cronograma e estou assustado. Tenho cinco semanas até o prazo de entrega de tudo. Estou muito receoso, acho que não vai dar tempo pois tenho pouquíssima coisa definida e experimentada. Enfim, não vai adiantar reclamar aqui sobre isso. Mas ao mesmo tempo fiquei perturbado com o tanto de coisa que ainda falta fazer.

Comecei a escrever ontem o que eu poderia colocar na parte mais prática do projeto, explicando as categorias, por que as escolhi etc. Só que acabei percebendo que estava apenas tentando moldar o que eu havia escrito no dia anterior em formato de relato pessoal. Me questionei se isso era eficiente a julgar pelo tempo disponível e pela quantidade de trabalho. Achei mais uma vez que poderia ser interessante trazer este docs do Processo como um resultado de projeto e até como parte integrante do trabalho escrito, mas agora já nem acho mais isso uma boa ideia. Minhas ideias aqui não parecem ficar claras nem pra mim mesmo, imagine então colocar a banca pra ler. Mas fiquei bem estagnado agora que parei pra olhar o tempo. Estou me programando pra fazer mais experimentações amanhã, se tudo ocorrer bem consigo fechar ainda essa semana três “aberturas” de capítulo. Ainda estou com muita dúvida em como vou integrar isso que estou fazendo aos trechos. Por que até então eu estava pensando em uma espécie de publicação ou livro mesmo onde as experimentações gráficas seriam as aberturas de capítulo.

17/02/21

Colocar os escritos de Carolina em formato de lambes dentro do espaço urbano faz parte do processo de entender parte da existência momentânea da autora como consequência do seu modelo de vida tão adverso. A ideia é evocar a escrita diarística dos momentos de Carolina e proporcionar que a leitura dos mesmos também seja momentânea. O contato com a publicação se dá em espaços-tempos diferentes da cidade, onde é preciso passar, cruzar, esperar, enfim. A leitura do projeto exige uma existência na cidade. E, assim como a sedução momentânea dos conteúdos escritos, a leitura vai-se embora junto com o momento que a trouxe.

Absorver o momentâneo na leitura. Evocar uma leitura que ocorra quando ainda vem a ser, e que já tenha ido quando estiver por chegar.

As sobreposições de lambes é uma forma de integrar de certa forma a colagem mais uma vez. Misturando as diferentes datas fazendo-as fugir de uma composição temporal linear é uma maneira de tensionar uma lembrança a um momento passado dentro da leitura momentânea atual que será feita. A ideia é, paradoxalmente, criar um momento anacrônico.

Anônimo ou não? A falta de aspas e do nome explícito de Carolina pode ser um fator prejudicial a divulgar o trabalho da autora e ao do que se trata o projeto em si. Por outro lado, o não uso de aspas, a ocorrência de mudanças na grafia, a supressão da maior parte do livro em si podem ser tomados como a mistura de autoria e editoração. Além disso, deixa em aberto de quem no final das contas é o autor daquele trabalho. Quem escreveu? Quem colou? Quem desenhou?

Talvez um não-autor seja a maneira de falar a todos os autores que se sobreuseram ao resultado final.

13/03/21

Então... muitas coisas aconteceram. Como a Claudia havia me pedido para trazer imagens, trazer uma forma que materializasse visualmente os conceitos que eu estava articulando, comecei a fazer as colagens. Eu já havia montado-as mas não tinha colado tudo. Quando finalmente coleí as peças bateu uma agonia pois não tinham ficado do jeito que eu queria. De alguma forma faltava algo, uma pulsão, algo que me fizesse crer que era aquilo mesmo.

Em partes achei que era por que eu não havia gostado esteticamente dos resultados e, em partes também, era por que eu ainda não havia scaneado e nem xerocado nada. Sempre sinto isso, as colagens precisam passar por algum tipo de reprodução da própria imagem, quando as peças estão todas coladas há uma construção, porém só quando a peça é impressa é que podemos visualizar a potência da própria colagem. Não sei como nem porquê isso acontece, talvez seja por que dessa forma a colagem toma o processo de impressão como seu, o que se relaciona de maneira próxima com os fragmentos que foram usados em sua montagem pois, de maneira geral, eles também são impressos.

Quando pude vê-las em sua forma final aí sim percebi que elas eram realmente interessantes. Elas faziam sentido quando vistas lado a lado, algumas se aproximam mais que outras mas de maneira geral funciona. Comecei então a sobrepôr os trechos respectivos de cada categoria para integrá-los ao trabalho. A composição criada pelos lambes dão forma a uma espécie de cortiço literário entre os trechos, traz à tona que as partes do diário são de fato fragmentos de um algo maior.

As datas ao se misturarem reforçam a mistura de momentos como eu havia dito.



De maneira geral, a Claudia achou coerente. Porém, alguns ajustes precisam ser levados em conta:

1-Tenho que pensar em como vou adicionar a Carolina como autora, preciso informar às pessoas do que o mural se trata e de quem são aqueles trechos. Ela me recomendou não ser algo tão gigante, não precisa ser algo que engula o mural, mas que precisa ser informado;

2-Devo explorar melhor a gramática da forma de como os murais são feitos, não é necessário que todos usem das categorias como uma peça central. Diferentes formas de composição podem reforçar ou modificar os significados das próprias categorias. O local destinado à aplicação dos murais também pode ser um indicativo de estratégia para a montagem;

3-Foi sugerida a criação de uma comunicação para com outras pessoas acerca do que eu estou fazendo. Nas palavras da Claudia “criar um auê” em torno do trabalho, perguntar aos outros o que eles acham, tentar conhecer gente nova. Enfim, pensar numa publicização do processo como maneira a pensar esse diário d'O processo como resultado de projeto e também um exercício meio metamorfo de publicar mais um diário, o meu.

Já tenho alguns encaminhamentos aos três pontos, vou começar primeiro com o ponto número 2 (dois) já que em relação aos pontos 1 (um) e 3 (três) há uma proposição integrada. Vou começar a exercitar diferentes formas de compor os murais, inclusive relacionando uns aos outros

entendendo o que eles podem proporcionar. Junto a isso, vou começar a pesquisar lugares no google street view que possam ser interessantes à aplicação. O meu objetivo é executar pelo menos um dos murais.

Com relação aos outros dois pontos, penso que ao publicizar aquilo que estou fazendo/pesquisando, estarei também com uma porta mais aberta a falar da autoria da Carolina. Com o blog posso falar de maneira mais aberta sobre as minhas impressões do trabalho ao mesmo tempo em que estarei propondo uma "editoração" ao que deve ser publicado com base no meu diário. Posso adicionar nos murais o endereço eletrônico do blog e/ou colocar um QR code. Acabei pensando agora que, adicionando o ano dos escritos que fazem parte dos murais e colocando-os entre aspas eu posso misturar o que foi escrito por Carolina e o que foi escrito por mim. Posso fazer disso uma maneira de conversar minhas reflexões às da autora. Além disso, o uso ou não de aspas misturado ao não uso das mesmas dentro de um mesmo texto pode ser uma maneira interessante de usar marcações da própria literatura que indiquem ou não a fala de outrem, como uma forma a mesclar mais uma vez as autorias. O blog poderia somar ao mural como um resultado de projeto.

Fico meio inseguro de ter que pôr tantas impressões minhas para o mundo, mas ao mesmo tempo acho que o mundo nem liga tanto assim sabe? O mundo vai continuar sendo o mesmo se eu jogar ou não meus pensamentos pra fora. Talvez eu é que não seja mais o mesmo, mas o mundo é e sempre foi o que ele continua sendo.

Criei o blog rs

Demorou a procura pra achar um nome, plataforma e tema que fosse interessante e adequado, mas acho que consegui um quebra galho bom. Elenquei quais eram as plataformas mais conhecidas que poderiam me servir: Wordpress, Blogspot, Medium e Tumblr. Duas coisas foram os pontos-chave pra decidir o que eu.

Momentonia é o estado variável dos momentos. Espaços-tempo que já foram antes de terem sido, que serão quando já foram, que se transformam sempre que são revisitados neste estado de foi, é e será. Na irregularidade do verbo e nas leituras possíveis de cada situação.

Esse portal se configura como parte do trabalho intitulado "Diários, Design e Materialidades: O design gráfico como estratégia poético-formal de publicação de diários íntimos". O ambiente virtual foi um caminho por onde se viu uma possibilidade de me expressar por meio do estudo da mesma temática pesquisada.

Este é um jeito de pensar o que é publicável ou não em um diário, de questionar o que é pertinente ou não. Não pretendo aqui fazer muito sentido ou seguir abnts formais e subjetivas. Quero traçar de maneira mais intuitiva os caminhos que me trouxeram ao presente momento. Quero reler momentos passados, atualizá-los e jogá-los pro mundo mais uma vez. É isso que chamo de momentonia. Uma quebra ao entendimento do tempo linear, mas não uma negação de que o mesmo exista. Talvez não como linha, talvez não como círculo. Talvez como um momento.

14/03/21

Descartando por hora isso aqui:

em sua forma, é necessário levarmos em conta

e tomando sua obra escrita como materialidade, associamos nossa matéria-prima selecionada com um outro modo de escrever poesias que lida de maneira semelhante com estes aspectos para com os devaneios e o passar do tempo: a poesia de haicais.

Nossa discussão chega então à percepção da escrita de haicais pela língua portuguesa.

A partir da análise de Franchetti, os poetas brasileiros que começaram a estudar e escrever haicais acabaram por inaugurar duas modalidades de produção deste tipo de poesia:

1. Seguindo de maneira mais rígida a métrica tradicional, e 2. Seguindo os aspectos mais livres em relação à forma mas mantendo partes da influência tradicional em seu conteúdo. Dentre os principais autores analisados por Franchetti estão: Guilherme de Almeida e Haroldo de Campos como adeptos da primeira modalidade, onde havia um interesse em manter as dezessete sílabas como forma e a distribuição das palavras em tópicos frasais; e Paulo Leminski e Millôr Fernandes como adeptos da segunda modalidade, onde era possível encontrarmos grande influência de um modo de vida zen e de aspectos da filosofia japonesa, bem como tons mais humorísticos. Apesar das diferentes propostas de escrita, todos os autores tinham interesse comum em explorar o aspecto momentâneo proporcionado pela escrita de haicais. Desde a temática elencada até a escolha minuciosa de palavras e construção de pequenas frases, a expressão rápida do haikai é evocada pela sua forma e conteúdo.

Um dos debates também levantados dentro da mesma análise de grande importância para a discussão aqui apresentada está nos poemas brasileiros que, nas palavras de Franchetti, “fracassam como haicais”. O exemplo dado é o seguinte poema de Guilherme de Almeida:

“Infância

Um gosto de amora

Comida com sol. A vida

Chamava-se: “Agora”.

Para Franchetti, este exemplo foge à poesia de haicais pois seu título remete a um tempo passado em vez de remeter ao tempo presente e à descrição momentânea típica dos haicais japoneses. Dessa forma, tentamos ir adiante em sua linha de raciocínio: Se a escrita

acima mencionada tenta capturar o tempo por meio do título, se nela predominam a descrição de sensações internas passadas, e se as ideias se dão de maneira fragmentada pela forma do poema em tópicos frasais; podemos então chamá-la de uma escrita diarística?

A tensão entre os gêneros literários se dá por meio das características que sua materialidade escrita possui. Aplicamos então o mesmo raciocínio ao nosso objeto de estudo: Se entendemos que ‘Quarto de despejo’ não é um diário pois seu conteúdo foi manipulado a se tornar um livro; se não é um livro pois foi fragmentado apenas aos trechos que partem do efêmero enquanto forma e conteúdo; e se estes não são haicais pois seus “títulos”, as datas, reforçam um tempo passado, resta-nos questionar então: A qual gênero literário nosso projeto pertence?

De acordo com Blyth (1963), o haikai surge como uma modalidade de poesia advinda de outras formas poéticas japonesas: 1.Chôka, 2.Sedôka, 3.Tanka. As três modalidades diferenciam-se basicamente pela quantidade de versos que comportam, bem como pela quantidade de sílabas.

Dentre as modalidades de poemas mencionadas, nos ateremos de maneira resumida ao tanka e como esta influenciou o haikai atualmente. A relação do tanka para com o haikai está inicialmente em sua métrica, comumente dividida em duas estrofes onde a primeira tinha tradicionalmente três versos e a segunda, dois. A popularidade deste tipo de poesia foi bastante alta entre a aristocracia japonesa por volta do período Kamakura (1186-1339) (MACHADO, 2012, p.16). Em decorrência das estrofes possuem autores diferentes, as duas partes de um mesmo poema acabavam por serem independentes entre si. Como observado, a primeira estrofe do tanka possui a mesma quantidade de versos do haikai.

Com o interesse crescente da aristocracia para com este tipo de poesia, surgiram diferentes regras à composição do tanka que acabaram por transformá-lo em um outro tipo de poesia: a renga. De acordo com Franchetti(1991), dentre as regras da renga estão: 1.Ser uma estrofe longa de dezessete sílabas; 2.Conter sempre uma referência à estação do ano; e 3.Ser sintaticamente completo, independente da estrofe seguinte. Em contrapartida à forma aristocrática de escrever o renga, surgiu um outro tipo de poema coletivo mais livre. Neste, eliminaram-se a maioria das regras do renga tradicional, admitiram-se o uso de palavras de origem chinesa e utilizavam-se trocadilhos. Esses poemas mais livres e mundanos, por vezes carregados de um tom humorístico, foram chamados de haikai-renga. Ao atingirem as camadas mais populares, o renga passou a carregar diferentes aspectos em sua composição,

por vezes demonstrado em seu tom às vezes humorístico, às vezes cômico, irreverente e até mesmo erótico.

Segundo Machado (2011), somente no século XVII temas mais sérios são introduzidos nessa forma mais livre de poesia pela autoria de Matsuo Bashô. Bashô e seus discípulos se baseavam no zen budismo para escreverem seus versos e, com a popularidade que esta forma de escrita ganhou, Bashô tornou-se um dos maiores representantes do haikai tradicional.

A partir disso e, dando um considerável salto temporal, a abertura japonesa para com o Ocidente na segunda metade do século XIX permitiu que pudéssemos entrar em contato mais diretamente sobre os costumes culturais que o Japão possuía, dentre estes contatos está a sua literatura. De acordo com Franchetti (2008), a despeito daqueles que viam na literatura japonesa um exotismo e uma pobreza lírica, estavam aqueles que viam mais especificamente na literatura de haicais um campo rico de expressão de sensações diversas. Sendo assim, seria então por meio do Modernismo brasileiro que o haikai seria introduzido de maneira significativa à nossa literatura.

FRANCHETTI, Paulo; DOI, Elza; DANTAS, Luis. **Haikai**: antologia e história. 2ª edição, editora UNICAMP. Campinas, Brasil, 1991.

BLYTH, R. H. **A History of Haiku Volume One**, *The Haiku Foundation Digital Library*, accessed January 25, 2021, <https://www.thehaikufoundation.org/omeka/items/show/215>.

MACHADO, Daniel dos Santos. **Haikai**: uma análise da produção em língua portuguesa: tema, forma e conteúdo, 2011. Dissertação (Mestrado em Literatura), Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/10992>> Acesso em: Janeiro de 2021.

FRANCHETTI, Paulo. **O Haikai no Brasil**. Alea, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 256-269, Dec. 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2008000200007&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Jan. 2021.

A obra de arte, ao nos tocar, produziria um efeito de captura desse sujeito, que está escondido de si pelo discurso do eu (da consciência), podendo advir a partir de seu descentramento. Estamos distantes de um sujeito assegurado por sua representação (Vorstellung): Carmela não representa a carne, Elilson não representa o gado. Trata-se antes da apresentação (Darstellung) do traumático que a coisificação do corpo-carne e do corpo-gado evoca.

Retomo as palavras de Musa Michele Mattiuzzi que versam sobre o corpo em performance, ao comentar *Merci, Beaucoup, Blanco!* (2013), performance em que cobre seu corpo negro de tinta branca: “Eu tô fugindo muito da representação de um alguém. Eu não tô representando algo, eu tô me apresentando. Então esse lugar da representação da Dança e do Teatro pra mim já não cola mais...”¹⁰.

-Retirado do VI Congresso Nacional de Psicanálise, Direito e Literatura

Comentado [202]: adicionar isso aqui quando for falar de evocar a Carolina por meio da arte urbana

27/03/21

Deixando isso aqui em stand-by também:

2.1. Pesquisa de (não)similares

A pesquisa de similares é uma etapa comum a projetos de design, já que sua utilização é importante pois fornece informações sobre o que já foi produzido acerca de uma mesma temática. Apesar de termos visto que Q.D. não é um objeto de estudo comum ao campo do Design, de maneira paradoxal, a obra é comumente objeto de trabalho de designers. Em razão de seu sucesso comercial até hoje, diferentes edições de ‘Quarto de desejo’ já foram publicadas e estas passam naturalmente pelo crivo e pelas decisões de diferentes conformadores, sejam eles pesquisadores, editores, jornalistas e designers.

De maneira a entendermos melhor como essas diversas conformações de uma mesma obra foi feita, veremos a seguir como foram tomadas as resoluções de editoração de Quarto de desejo ao longo do tempo. Iremos listar quais técnicas foram utilizadas em capas anteriores e quais foram os elementos paratextuais a complementar as respectivas edições.

31/03/21 - Reescrevendo aqui as sugestões da Claudia antes dela terminar de ler o texto completamente:

10.1. As diferentes efemeridades carolínicas

O estado vagante de Carolina coloca-se como parte integrante do nascimento, da manifestação e da impressão de seus escritos, o que remete à poética do Flâneur segundo Walter Benjamin e sua inspiração na poesia de Baudelaire, onde é estabelecida uma relação de troca mútua, sendo a existência do vagante alimentada pela existência do espaço urbano e vice-versa (BESSA, 2006, p.5). Dessa forma, assim como para o flâneur, a cidade se desdobra diante de Carolina e coloca-se para a escritora como paisagem. Por ser colocada como um espaço de poética dentro do meio urbano, a *flânerie* permeia este cenário em diferentes níveis, chegando a um âmbito estético. No que concerne à escrita de Carolina, boa

parte de suas impressões foram obtidas por meio de suas reflexões ao vagar pela cidade, e o seu ato de vagar era uma consequência da estrutura social do sistema urbano. O próprio trabalho de catadora corrobora tal afirmação. Colocada como resultado das matérias e dos corpos despejados, a necessidade de indivíduos que vagam e/ou catam pela cidade é consequência do funcionamento urbano.

O termo advém do substantivo francês *flâneur* e significa “errante”, “vadio”, “caminhante”, “observador”.

03/04/21

Com a maturação de uma forma de comunicação gráfica do projeto, era fundamental desenvolver a integração desta ao volume textual selecionado. Para tal, partiu-se da máxima de que o suporte ao texto deveria compartilhar o mesmo suporte às imagens do trabalho.

Dessa forma, os trechos selecionados de cada categoria foram dispostos nas mesmas folhas pautadas que tomamos como suporte gráfico às colagens centrais. Além disso, a datação dos diários foi escrita por meio das reproduções tipográficas produzidas a partir da caligrafia da poeta, fazendo uso mais uma vez do texto-imagem como artifício de comunicabilidade entre os diferentes fragmentos do mesmo projeto.

Por esse motivo, experimentando formas de composição visual a partir da sobreposição de diferentes lambes, a forma geral do projeto ganhou força, pois o aumento gradativo da dimensão do que seria a intervenção urbana acabou adquirindo um aspecto de mural quando imaginada sua aplicação no espaço urbano (Figura 28).

TEXTO DAS DISPOSIÇÕES FINAIS NOVAS EXPLICANDO O MOTIVO DE CADA UMA

Vida (i): O mural de Vida relaciona-se à realidade de possibilidades momentâneas sob as quais a poeta vivia. Seus trechos partem do canto superior direito onde possuem certa proximidade, e seguem um trajeto de dispersão entre si ao longo da dimensão do mural. Essa disposição busca evocar os caminhos tortuosos, possíveis e livres que Carolina podia tomar em sua vida vagante pelo espaço urbano.

Morte (ii): O mural de Morte se coloca como contraponto ao seu lado oposto-complementar. Se no mural de Vida os trechos são dispostos a remeter à abertura de possibilidades dos momentos da autora na cidade, o mural de Morte assume uma forma elíptica fechada, de modo a evocar as ideias por vezes mórbidas da autora de pensar em sua morte precoce como solução extremamente passível à resolução de sua vida. Morte coloca-se

Comentado [203]: Adicionar figura de todos os fragmentos a comporem um mural separadamente

textualmente como o fechamento de um ciclo para Carolina, e aqui é reproduzida de maneira imagética da mesma forma. O mural assume um aspecto de portal ao outro lado da vida.

Deleite (iii): O mural de Deleite busca uma conformação não figurativa sobre aquilo que representa. Por se tratar do âmbito de ‘Quarto de despejo’ que trata do devaneio, do sonho e da imaginação, seus fragmentos são dispostos de maneira dispersa, sem que haja uma explícita relação de forma entre os elementos da composição. A disposição espaçada funciona como evocação a um estado flutuante sob o qual Carolina se encontrava ao dispor suas ideias em textos.

Despejo (iv): O mural de Despejo funciona também como um contraponto, desta vez em relação à Deleite. Sua disposição apertada coloca-se como evocação a tudo e todos que eram e são despejados dentro do espaço urbano. Os elementos amontoam-se da maneira mais estreita possível, remetendo aos objetos dos quartos de despejo da cidade. Espremidos em cortiços, os pensamentos de despejo da autora se mostram da forma mais aglomerada possível, como os amontoados daquilo que é descartado.

Revolução (v): O mural de Revolução coloca a categoria ao centro e todos os seus trechos dispostos ao redor. Remetendo ao formato de alvo, a peça firma o entendimento geral da atualidade sobre a obra da poeta. Nesta peça, coloca-se como centro o ponto-chave de todo o trabalho de Carolina Maria de Jesus, o desejo por uma sociedade transformada e transformadora, a prática das lutas feministas e antirracistas. O mural surge como atestado a todos os aspectos sociais importantíssimos que ‘Quarto de despejo’ traz consigo.

05/04/21

Não queria que esse diário “acabasse” tão no ar, mas ao mesmo tempo eu não sabia como fazer uma despedida. Esse processo foi muito louco e muito interessante ao mesmo tempo. Tenho medo de revisitar esse arquivo porque posso acabar achando coisas que não devia. Independente de querer ou não, elas fazem parte.

É isso? acho que é isso, por agora. Fiquei pensando esses dias nas dúvidas que eu tive/tenho com esse trabalho. As vezes tenho a impressão de que esse diário só me fez escrever o dobro, o triplo de coisas que eu precisava. Ao mesmo tempo, não consigo enxergar o trabalho tendo as mesmas relações e descobertas se não fosse por ele.

Aí acabei de cair na mesma armadilha de novo, tenho que escrever mais uma conclusão? Mais um referencial teórico? Mais um, mais um, mais um...

Estranho pensar que isso aqui é um ‘fim’ de um ‘algo’. Se eu escrever mais três linhas nasce uma página nova, isso não tem fim, tem? Fiquei pensando nisso antes de escrever, os diários tem um fim? Eles acabam? Por que os dias não acabam. A gente acaba, mas os diários acabam? ê ê, o que dizer <https://www.youtube.com/watch?v=Se9XYKHQI3Y>

Anexo B - Citações categorizadas de Quarto de despejo: 'Diário de uma favelada'

1. Morte

28 de julho p.25

"Não estou ressentida. Já estou habituada com a maldade humana."

17 de maio p.29

"Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil?"

18 de maio p.29

"Dizem que os vivos devem perdoar os mortos. Porque todos nós temos os nossos momentos de fraquesa."

19 de maio

"...Eu estou começando a perder o interesse pela existencia. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa."

14 de junho p.55

"Quero ver como é que vou morrer. Ninguém deve alimentar a ideia de suicidio. Mas hoje em dia os que vivem até chegar a hora da morte, é um heroi. Porque quem não é forte desanima."

9 de julho p.79

"Estou sem ação com a vida. Começo a achar a minha vida insipida e longa demais. Hoje o sol não saiu. O dia está triste igual minha alma."

11 de julho p.81

"A minha enfermidade é física e moral."

12 de outubro p.110

"...Já faz tanto tempo que estou no mundo que eu estou enjoado de viver. Tambem, com a fome que eu passo quem é que pode viver contente?"

17 de novembro p.120

"...Hoje eu estou triste. Deus devia dar uma alma alegre para o poeta."

7 de maio p.145

"não há coisa pior na vida do que a propria vida"

26 de agosto p.167

“A pior coisa do mundo é a fome!”

1. Vida

15 de julho de 1955 p.9

“Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida.”

2 de maio de 1958 p.25

“...Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amavel as crianças e aos operarios.”

13 de maio p.27

“E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual - a fome!”

23 de maio p.39

“Há várias coisas belas no mundo que não é possível descrever-se. Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existe.”

27 de maio p.39

“A tontura da fome é pior do que a do alcool. A tontura do alcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estomago.”

16 de julho de 1955

“Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanço.”

16 de maio

“...Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que é só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro?”

20 de agosto p.102

“Agora eu estou disposta. Parece que trocaram as peças do meu corpo. Só a minha alma está triste.”

27 de agosto p.105

“Depois que eu trabalho e ganho dinheiro para os meus filhos, vou descançar. É um descanço justo.”

18 de setembro p.108

“Hoje eu estou alegre. Eu estou procurando aprender viver com o espírito calmo. Acho que é porque estes dias eu tenho tido o que comer.”

31 de outubro p.114

“Eu estou triste porque não tenho nada para comer.
Não sei como havemos de fazer. Se a gente trabalha passa fome, se não trabalha passa fome.”

5 de novembro p.117

“Despertei. Não adormeci mais.
Comecei sentir fome. E quem está com fome não dorme.”

4 de maio p.142

“Sempre ouvi dizer que o rico não tem tranquilidade de espírito. Mas o pobre também não tem, porque luta para arranjar dinheiro para comer.”

1. Revolução

6 de maio p.26

“...O que eu aviso aos pretendentes a política, é que o povo não tolera a fome. É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la.”

10 de maio p.26

“O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil a patria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os políticos? O Senhor Janio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades.”

“...O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora.

Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças.”

29 de maio p.41

“...Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais.

...O que eu revolto é contra a ganancia dos homens espremem uns aos outros como se espremesse uma laranja.”

1 de junho p.43

“Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatrizáveis.”

16 de junho p.58

“O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém.”

20 de maio

“A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso país tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia.

...Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido.”

21 de maio p.35

“...Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o país dos políticos açambarcadores.”

20 de setembro p.108

“Fico pensando: os norte-americanos são considerados os mais civilizados do mundo e ainda não convenceram que preterir o preto é o mesmo que preterir o sol. O homem não pode lutar com os produtos da Natureza. Deus criou todas as raças na mesma época. Se criasse os negros depois dos brancos, aí os brancos podia revoltar-se.”

1. Deleite

16 de julho de 1955

“O nervoso interior que eu sentia ausentou-se. Aproveitei a minha calma interior para eu ler.”

21 de julho p.20

“Hoje eu estou cantando. Estou alegre e já pedi aos vizinhos para não me aborrecer. Todos nós temos nosso dia de alegria. Hoje é o meu!”

“Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem.”

22 de julho

“Eu sou muito alegre. Todas manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço.”

15 de maio

“...A noite está tepida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido.”

19 de maio p.30

“Deixei o leito as 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina a amizade e igualdade.”

19 de maio

“Eu gosto da noite só para contemplar as estrelas sintilantes, ler e escrever. Durante a noite há mais silencio.”

20 de maio p.33

“Amanheceu garoando. O Sol está elevando-se. Mas o seu calor não dissipa o frio. Eu fico pensando: Tem época que é Sol que predomina. Tem época que é a chuva. Tem época que é o vento. Agora é a vez do frio. E entre eles não deve haver rivalidades. Cada um por sua vez.”

12 de junho p.52

“As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginarios.”

2 de setembro p.107

“...Eu durmi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso. Quando despertei pensei: eu sou tão pobre. Não posso ir num espetáculo, por isso Deus envia-me estes sonhos deslumbrantes para minh'alma dolorida. Ao Deus que me proteje, envio os meus agradecimentos.”

17 de outubro p.111

“...Depois que eu jantei fiquei indisposta e fui deitar. Sonhei. No sonho eu estava alegre.”

28 de maio p.147

“...A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra.”

1. Despejo

16 de julho p.9

“Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta.”

15 de maio p.28

“...Eu classifico São Paulo assim: O Palacio, é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.”

19 de maio

“Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.”

20 de maio

“Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo.”

7 de junho p.48

“Eu tenho a mania de observar tudo, contar tudo, marcar os fatos.”

p.49

“...Tem pessoas que aos sabados vão dançar. Eu não danço. Acho bobagem ficar rodando pra aqui, pra ali. Eu já rodo tanto para arranjar dinheiro para comer.”

21 de junho p.60

“Todos os dias é a mesma luta. Andar igual um judeu errante atraz de dinheiro, e o dinheiro que se ganha não dá pra nada.”

7 de julho p.76

“Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraizo. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da America do Sul está enferma. Com suas ulceras. As favelas.”

25 de julho p.90

“...Achei o dia bonito e alegre. Fui catando papel.”

24 de dezembro p.128

“Passou um senhor, parou e nos olhou. E disse perceptível:

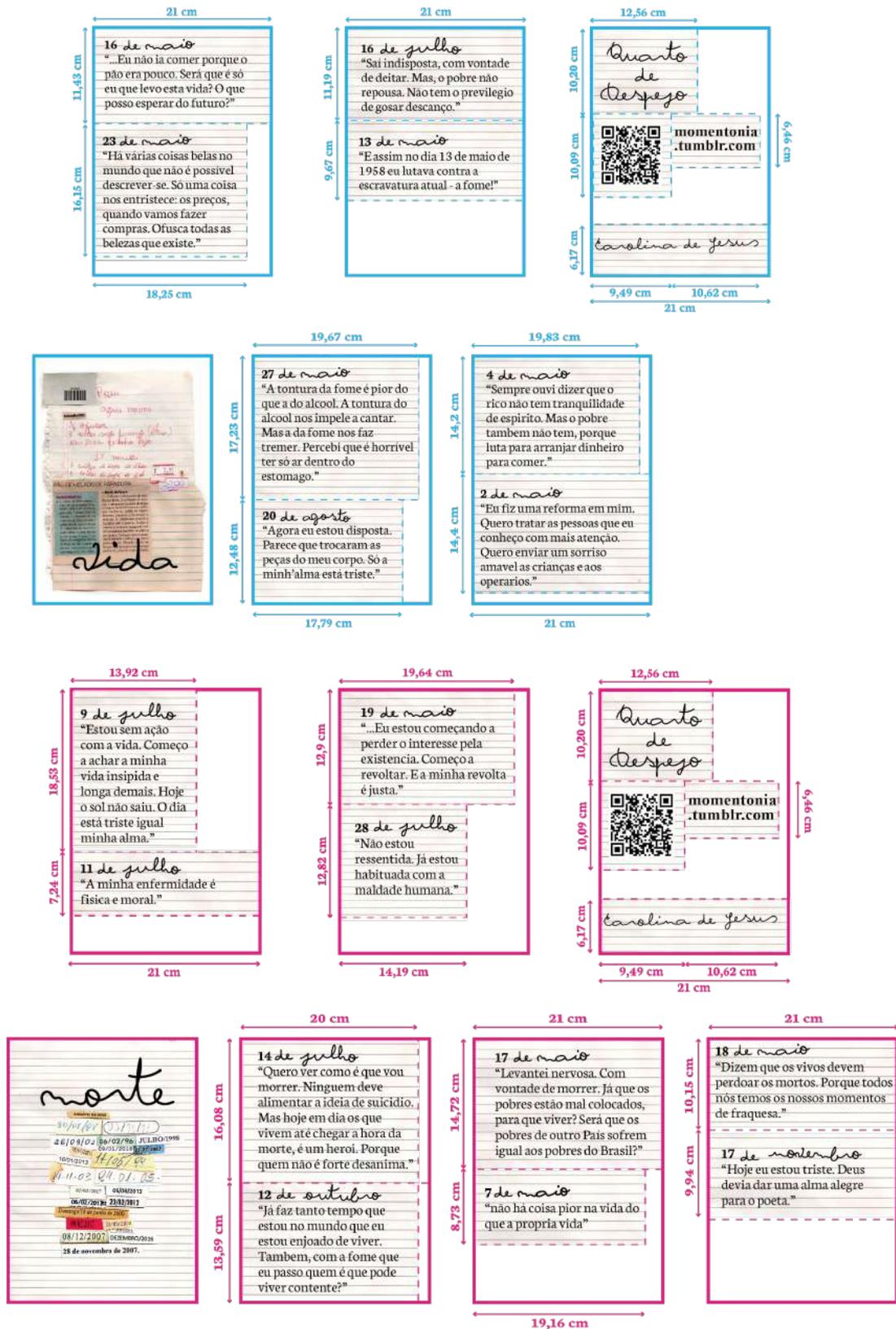
-Será que este povo é deste mundo?

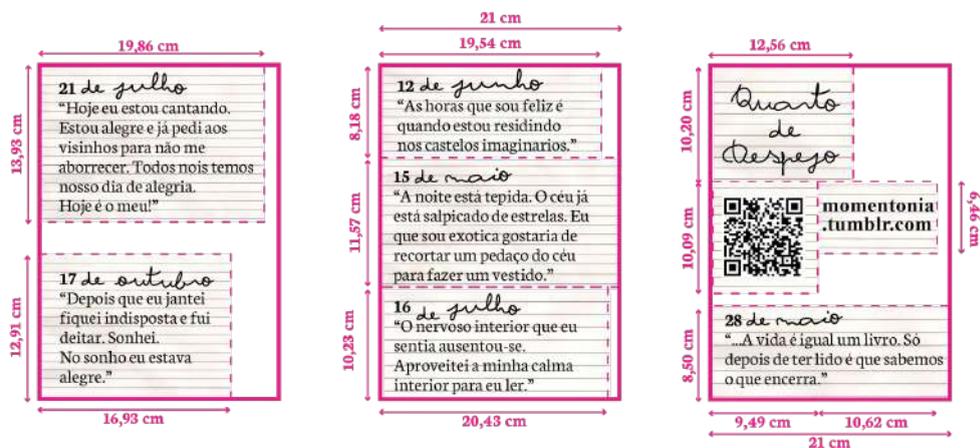
Eu achei graça e respondi:

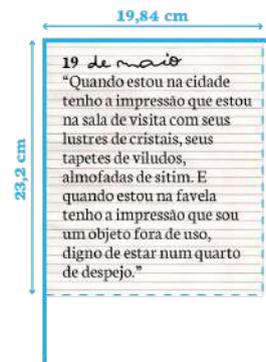
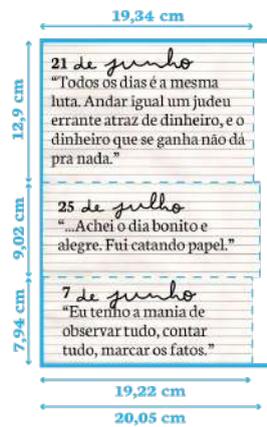
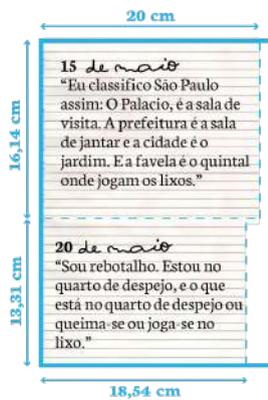
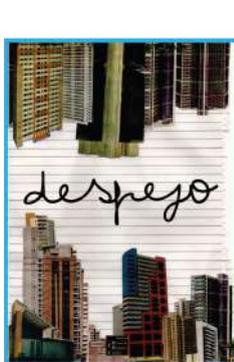
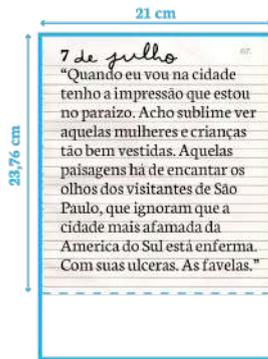
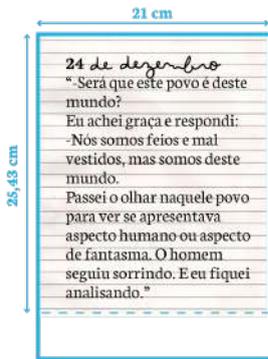
-Nós somos feios e mal vestidos, mas somos deste mundo.

Passei o olhar naquele povo para ver se apresentava aspecto humano ou aspecto de fantasma. O homem seguiu sorrindo. E eu fiquei analisando.”

Anexo C - Dimensões dos componentes das proposições de mural







Anexo D - Compilado de fotos da aplicação do mural



